

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE

UM ESTUDO CULTURAL DO CACAU COM PERSPECTIVA PARA O TURISMO

**ILHÉUS – BA
2004**

MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE

UM ESTUDO CULTURAL DO CACAU COM PERSPECTIVA PARA O TURISMO

Dissertação apresentada, para obtenção do título de Mestre em Cultura & Turismo, à Universidade Estadual de Santa Cruz e à Universidade Federal da Bahia

Área de concentração: Memória, identidade e expressões regionais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Netto Simões

**ILHÉUS – BA
2004**

Andrade, Maria Luiza Nora de
Um estudo cultural do cacau com perspectiva para o turismo./
Maria Luiza Nora de Andrade. – Ilhéus (BA): UESC, 2004.
243p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz
Bibliografia.

1. Cacau. 2. Cultura. 3. Trabalhador rural. 4. Turismo
I. Título

MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE

UM ESTUDO CULTURAL DO CACAU COM PERSPECTIVA PARA O TURISMO

Dissertação apresentada, para obtenção do título de Mestre em Cultura & Turismo, à Universidade Estadual de Santa Cruz e à Universidade Federal da Bahia

Área de concentração: Memória, identidade e expressões regionais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Netto Simões

Ilhéus/BA 12/08/2004

Maria de Lourdes Netto Simões – Dr^a
UESC
Orientadora

Hélio Estrela Barroco – Dr.
UESC
Co-Orientador

Ana Maria de Carvalho Bulhões – Dr^a.

DEDICATÓRIA

*A meu pai,
que mesmo tão distante
continua a me orientar.*

*À minha mãe,
que sempre soube
amar libertando.*

*À professora doutora Maria de Lourdes Netto Simões
e ao professor doutor Hélio Estrela Barroco,
Orientadora e Co-Orientador, pela competência,
dedicação, exigências, e por saberem partilhar
os sofrimentos próprios dessa época.*

*A meus irmãos,
Jonga, Dado, Dinho, Beto e Sílvio,
que não me deixam esquecer
o sabor da infância.*

*À Pat, Dudu, Mila e Matheus,
os filhos que Deus me deu
para que eu soubesse o que é amar sem se.*

*Aos filhos que a vida me trouxe,
Patrícia, Pretto, Alexandre e Jamile,
para que eu aprendesse novas gestações.*

*A meus netos,
André e João Paulo,
que me ensinando a alegria
ensinam a recomeçar.*

*À Luiz Henrique,
dedico.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que tanto tem me abençoado.

À Universidade Estadual de Santa Cruz, Instituição à qual tenho a felicidade e a honra de servir e que tem ajudado na minha “construção”.

À ex-reitora, profa. Renée Albagli Nogueira, ao reitor da Universidade Estadual de Santa Cruz, professor Antonio Joaquim Bastos da Silva, que tive como reitores no percurso desse trabalho e que tudo facilitaram para que ele fosse concluído.

À professora doutora Maria de Lourdes Netto Simões e ao professor doutor Hélio Estrela Barroco.

Aos professores, que souberam ser mestres.

Aos trabalhadores rurais entrevistados porque depois deles tenho a obrigação de ser uma pessoa melhor.

Ao professor e amigo Dorival de Freitas pelo tanto que me ajudou e que me ouviu.

A minha grande família.

Aos amigos, nem tão poucos, todos bons. Wanda e Lúcia das melhores.

Ao colega e amigo, doutor Elias Lins Guimarães, pela ajuda preciosa.

À Aline e Malu, pelo socorro sempre que necessário.

Aos amigos e colegas Luiz Freire, Ubaldo Santos, Vergara, Evani Pedreira, Raimunda d’Alencar, Teresa Moreno, Norma Vídero e Patrícia Argolo cada um por diferentes razões todas muito boas.

Aos colegas de turma – Aracelis, Vinicius, Reinaldo, Juliana, Isabel, Polliana, Renata, Thiana e Sérgio – por termos sido tão unidos e tão felizes.

Aos colegas da Editus – Editora da UESC – Jorge, Maria e Adriano pelo tanto que me ajudaram.

E a Alencar um agradecimento especial

À Marcus Chéquer, meu digitador, que foi um irmão dos mais dedicados.

Ao Instituto Nossa Senhora da Piedade, onde me eduquei e aprendi a trabalhar e onde tenho tantas amigas.

UM ESTUDO CULTURAL DO CACAU COM PERSPECTIVA PARA O TURISMO

Autora: MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE

Orientadora: Prof^a Dr^a MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado pretendeu fazer *Um estudo cultural do cacau com perspectiva para o turismo*, tomando como objeto de estudo o trabalhador rural em sua percepção sobre aspectos da cultura do cacau, buscando conhecer um pouco de sua vida e de sua mundividência e, partindo do que disseram, fazer um contraponto com alguns trabalhos feitos por intelectuais que estudaram o cacau e o trabalhador rural numa abordagem técnico-científica. As razões que levaram ao aprofundamento deste tema, tomando por base as falas dos trabalhadores rurais, estão justificadas pelo fato de se considerar estas apreensões da subjetividade uma fonte inexplorada da memória coletiva que permitirão sugerir um melhor aproveitamento dos aspectos culturais do cacau, no roteiro turístico da cidade de Ilhéus, objetivando a inclusão social desse trabalhador através da exibição do seu trabalho no campo e da comercialização de artigos derivados do cacau. Para isso, utilizou-se de um estudo exploratório-descritivo, com auxílio do método comparativo, da história oral e numa perspectiva qualitativa. Foi possível perceber, no percurso do trabalho, um perfil do trabalhador rural, com suas características, curiosidades, seus conhecimentos e angústias. Em virtude desses resultados, sugeriu-se um aproveitamento dessa cultura e dos trabalhos feitos por esses trabalhadores para serem comercializados visando, principalmente à melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

Palavras-chave: cacau, cultura, trabalhador rural, turismo, Ilhéus.

A CULTURAL STUDY OF THE COCOA WITH PERSPECTIVE FOR THE TOURISM

Author: MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE

Adviser: Prof^a Dr^a MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES

ABSTRACT

This Master paper intended to make A cultural study of the cocoa with perspective for the tourism, taking as study object the agricultural worker in his perception on aspects of the culture of the cocoa, searching to know a little of his life and his world point of view and, from what he had said, to make a counterpoint with some works made for intellectuals who had studied the cocoa and the agricultural worker in a technician-scientific approach. The reasons that had taken to the deepening of this subject, taking for base the agricultural workers' speech, are justified by the fact of considering the apprehensions of the subjectivity an unexplored source of the collective memory, that will allow to suggest a better exploitation of the cultural aspects of the cocoa in the tourist script of the city of Ilhéus, objectifying the social inclusion of these workers through the exhibition of their work in the field and of the commercialization of derivatives of cocoa. For this, it was used an exploration and descriptive study, with aid of the comparative method, verbal history and in a qualitative perspective. It was possible to perceive, during the work, a profile of the agricultural worker, with its characteristics, curiosities, its knowledge and anguishes. In virtue of these results, an exploitation of this culture and the works made for these workers was suggested to be commercialized aiming at, mainly, to the improvement of the quality of life of these people.

Keywords: cocoa, culture, agricultural worker, tourism, Ilhéus.

SUMÁRIO

Resumos -----	vii
Abstract-----	viii
1 INTRODUÇÃO -----	02
2 ILHÉUS E A CULTURA DO CACAU 15	
2.1 A história de Ilhéus nos seus primórdios -----	15
2.2 As histórias de Ilhéus e do cacau se confundem -----	19
2.3 Comparando as percepções da visão de mundo do trabalhador rural -----	25
2.4 Relações de trabalho envolvendo os fazendeiros e os trabalhadores rurais 33	
2.5 Relações sociais atinentes ao comportamento social e familiar do trabalhador rural 39	
3 AS PERGUNTAS QUE NÃO HAVIAM SIDO FEITAS 47	
3.1 O trabalhador rural por si mesmo -----	49
3.2 O cacau na ótica dos trabalhadores rurais -----	61
3.3 O foco no sujeito dessa história -----	66
4 UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO SOCIAL DO TRABALHADOR RURAL NO TURISMO DE ILHÉUS -----	75
4.1 As políticas públicas do Governo do Estado da Bahia em relação ao turismo 75	
4.2 A importância do turismo para Ilhéus -----	78
4.3 Conversando sobre turismo com o trabalhador rural -----	89
4.4 Do que o turismo de Ilhéus precisa cuidar e o que tem sido feito em outros lugares para promover a inclusão social 94	
4.5 Algumas dificuldades para promover a inclusão social no turismo 100	
4.6 Como o turismo em Ilhéus poderia incluir o trabalhador rural 106	
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	114
REFERÊNCIAS -----	119
APÊNDICE -----	126

Cacau, o fruto da sombra.

Chris Bright

1 INTRODUÇÃO

Quem te garante que a tua verdade é verdadeira? Quem te garante que a tua verdade, se verdadeira, é a única? E se em verdade a aparência é uma verdade aparente?

Geir Campos

Esta dissertação de Mestrado, abordando a cultura do cacau, objetivou alternativas de inclusão social através de possibilidades de ações voltadas para o turismo no Município de Ilhéus.

Ilhéus, uma das Capitânicas Hereditárias do Brasil Colônia, já explorou economicamente o pau-brasil, a ibirapitanga dos Tupinambás, ou pau de tinta, outras madeiras várias, a cana de açúcar e as pedras preciosas. O plantio do cacau foi iniciado em 1746, mas somente teve importância comercial e começou a ser sustentáculo dessa região a partir de 1890. Com ele, vieram o progresso, o desenvolvimento, até que, em 1989, surge a *Crinipellis perniciosa*, doença popularmente conhecida como vassoura de bruxa, que desestabiliza completamente a economia regional, até então baseada na monocultura do cacau. Para se ter uma idéia do poder avassalador da praga que surgia, a produção foi reduzida de 400.000 toneladas para as atuais 105.000 toneladas, (BRIGHT; s. d., p.18), sendo que,

algumas propriedades, situadas em regiões mais atacadas pela doença, tiveram sua produção reduzida em até noventa por cento.

Hoje, luta-se pela recuperação desse cultivo, mas investe-se também em outras alternativas econômicas, e uma delas é o turismo. Daí a justificativa do tema desta pesquisa, que visa contribuir para a reflexão sobre alternativas para o desenvolvimento sustentado do Município de Ilhéus.

A pesquisa abordou a cultura do cacau, tomando-o como objeto de estudo. Assim procedeu, visando a conhecer tal cultura pela ótica dos trabalhadores rurais, embora fazendo um contraponto, em alguns assuntos, com estudos críticos de intelectuais; dessa forma, elegendo o tema do cacau, em relação à sua historicidade, a abordagem priorizou, portanto, a voz do trabalhador em relação à da oficialidade. Para a discussão sobre o imaginário do cacau de uma ótica não oficial, a pesquisa buscou refletir sobre algumas lacunas da história da cultura cacauzeira, identificadas nas falas dos ruralistas entrevistados. No entanto, ao eleger a versão daqueles que, embora excluídos, contribuem para o desenvolvimento sul-baiano não objetivou preencher as lacunas da história da região, mas antes, vindo por sua ótica, buscar alternativas de inclusão social através do turismo.

Definiu-se como *corpus* da pesquisa as entrevistas concedidas pelos trabalhadores rurais, entendendo-as como a fala não-oficial, e fazendo contraponto com a produção sócio-histórica sobre o cacau, considerada como advinda da versão oficial. O foco voltado ao não oficial faz referência àqueles que estão fora do centro, que foram marginalizados, não foram contemplados, ou estão nas bordas, deslocados; aquela fala, considerada por Linda Hutcheon (1991), como ex-cêntrica.

Nessa perspectiva, foi escolhida a primeira epígrafe – cacau, o fruto da sombra – porque foi nessa condição que ficaram os trabalhadores rurais do cacau – sem luz que os focasse, sem foco que os mostrasse, sem oportunidade de se apresentarem como sujeitos da história. Ser o fruto da sombra ultrapassa, aqui, o sentido de que o cacauzeiro é uma árvore que exige sombreamento. O que ocorreu foi uma condição de pouca visibilidade, de um certo obscurecimento dos trabalhadores rurais do cacau.

A fim de dar visibilidade ao que foi silenciado, a abordagem, no entanto, não descarta a voz oficial, até mesmo como forma de contraponto. Da história oficial, a pesquisa se ocupa dos estudos feitos por Asmar (1983), Gasparetto (1986), Heller Silva (1986), Sauer (1981) e Silva (1975).

Essa postura teórica fundamenta-se nos Estudos Culturais, que foram priorizados por erguerem o paradigma da inclusão social (CORIOLANO, 2003); por quebrarem o contínuo da história, com sua predileção pelos “heróis”, pelo primeiro mundo e pelos vencedores, e passarem a produzir história e cultura à luz da existência do povo pós-colonizado, abraçando a descontinuidade, o contingente, o tempo, o agora. Pela condição de recontar a história a partir da própria experiência da pessoa comum, com a valorização das histórias populares e das pessoas simples (BURKE, 1997). De uma certa forma a história está sendo humanizada com a inscrição dos nomes populares, com a reinterpretação do passado a partir de novas percepções, de novas chaves, pela relativização das antigas hierarquias (LE GOFF, 1990); porque percebem, esses estudos, que a seleção do que se vai narrar, de um fato histórico, é ideológica (HALL, 2003); porque a construção simbólica é representação da realidade e trabalha com o *entre-lugar*, as bordas, o deslizamento dos sentidos e

não mais o essencialismo; porque respeitam as diferenças culturais (BHABHA, 1998); enfim, porque a dicotomia, a oposição dão lugar ao encontro e à valorização das diversas histórias e das diferentes culturas, pois a micro história e a história da vida cotidiana apresentam-se como reações contra o estudo de grandes tendências sociais, a sociedade sem uma face humana, e considera que cabe ao estudioso não apenas o relato dos grandes feitos ou dos feitos dos grandes, mas também o relato do cotidiano e da história das pessoas comuns, que sempre participaram, mas não foram consideradas. Enfim, evitou-se, da grande história, da história oficial,

a relativa pobreza das análises, em que situações históricas complexas se viam reduzidas a um simples jogo de poder entre grandes homens ou países ignorando que, aquém e além dele, deste jogo, se situavam campos de força estruturais, coletivos e individuais, que lhe conferiam densidade e profundidade incompatíveis com o que parecia ser a frivolidade dos eventos (BURKE, 1997, p. 7).

Era dessa maneira que se excluía o homem da narrativa da história e do próprio exercício da cidadania. A pesquisa priorizou

o que está guardado nos arquivos, tanto oficiais quanto da memória coletiva, a recuperação das histórias da vida cotidiana, a compreensão dos nexos entre os grandes feitos e a *petite histoire*, tudo isso como condição para trabalhar bem o recurso cultural do ponto de vista de sua aplicação ao turismo (BARRETO, 2000, p. 77).

Isso também justifica a opção do trabalho: o fato de considerar que a história pode ser contada a partir de diferentes olhares, e valorizar o foco não-oficial. Tal comportamento esteve atento à mesma preocupação que teve Ladurie quando, em defesa de sua obra, *Montaillou*, argumentou: “Embora haja muitos estudos

históricos relacionados às comunidades camponesas, há muito pouco material disponível que possa ser considerado o testemunho direto dos próprios camponeses” (*apud*: BURKE, 1992, p. 47). E tem ainda a preocupação de não querer, simplesmente, ser porta voz dos que haviam sido calados. Entende que está chegando o tempo de uma certa humildade por parte da Academia e da Ciência; já não são bem vindos os donos da verdade, e cada escrevinhador sabe, ou deveria saber, que é apenas mais um a contar uma história, sob um ponto de vista, influenciado por seu olhar e por sua própria história. Sendo assim, está certo de que, sempre que possível, o intelectual deve passar a palavra ao outro, para que esse possa falar do que sabe e de si mesmo. Como alerta SARLO (1997, p. 159 *et seq*), é preciso ultrapassar o tempo em que os intelectuais

pensaram que estavam na vanguarda da sociedade, que eram a voz dos que não tinham voz. [...] Acharam que podiam representar os que viviam oprimidos pela pobreza e pela ignorância, sem saber quais eram seus verdadeiros interesses ou o caminho para alcançá-los. [...] Sentiram-se heróis, guias, legisladores. [...] Fundaram seu poder no saber.

A pesquisa seguiu acreditando que, quando se ouve o povo, se encontra uma riqueza de idéias até certo ponto inesperada, vez que comumente relaciona-se conhecimento com educação formal e desvaloriza-se aquele conhecimento que a vida, a experiência e o pensar menos influenciado lhes proporcionam.

A escuta do trabalhador rural, como um resgate importante de aspectos dessa cultura e de registro dessas falas, quer afirmar que ele tem “o direito de se expressar”, ainda que “a partir da periferia do poder e do privilégio autorizado”

(BHABHA, 1998, p. 21). E essa expressão “proporciona um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história” (BURKE, 1992, p. 59). Nessa direção , eles foram ouvidos, “aqueles que sofreram o sentenciamento da história — subjugação, dominação, diáspora, deslocamento”, para com eles serem aprendidas as lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que “a experiência afetiva da marginalidade social — como ela emerge em formas culturais não canônicas — transforma nossas estratégias críticas” (BHABHA, 1998, p. 240).

Com base nos pressupostos explicitados, os objetivos deste trabalho foram, prioritariamente, analisar a cultura do cacau através da fala das minorias a fim de dar visibilidade a uma mundivivência “ex-cêntrica”, valorizadora da cultura local e provocadora de interesse turístico. Depois, pontuar a visão não-oficial da cultura do cacau em relação à visão oficial, contribuindo com o processo de historicização desses atores sociais e com o conhecimento de uma outra realidade. E, por fim, identificar alternativas do fazer ex-cêntrico como forma de contribuir com a sustentabilidade cultural através do turismo, sugerindo alternativas de inclusão social.

Cultura foi percebida num sentido amplo, como uma teia de significados que os homens tecem e a eles estão presos e dentro deles agem (BOURDIEU, 1989); como a maneira de ser, fazer, sentir, pensar e expressar de um povo e toda a sua produção intelectual, material; enfim, como “a soma das descrições disponíveis

pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns” (WILLIAMS *apud* HALL, 2003, p. 135).

Considerou-se o turismo

a atividade voltada para atrair, transportar e alojar visitantes, a fim de satisfazer suas necessidades e seus desejos [e como] o movimento temporário de pessoas para locais de destinos distintos de seus lugares de trabalho e de morada, incluindo também as atividades exercidas durante a permanência desses viajantes nos locais de destino e as facilidades para prover suas necessidades (MATHIESON; WALL, 1995, *apud* LAGE; MILONE, 2000, p. 26).

No entanto, mais que isso, a pesquisa entende que o turismo deva ser operado, considerando o respeito à cultura local, e em favor da inclusão social enquanto uma ação política voltada para “uma organização ética e com responsabilidade social, comprometida com a qualidade de vida do cidadão” (LEITÃO, 2003, p. 255).

Este turismo estaria atrelado a uma ética da cultura que, por sua vez, teria duas dimensões: “afirmaria os direitos e deveres dos indivíduos face à sua cultura e às demais culturas; determinaria os direitos e deveres de uma comunidade cultural frente a outras comunidades” (*Ibid*, p. 256). E a autora chama a atenção para o fato de que os princípios capazes de fazer florescer uma cultura estão absolutamente imbricados aos da cidadania.

O turismo que não se preocupa com a inclusão social corre o risco de explorar as pessoas e concentrar a renda. Daí, a necessidade de uma boa política social, sempre necessária, e no Brasil, onde, segundo Coriolano (2003, p. 22), “a pobreza e a desigualdade existentes são incompatíveis com o Produto Nacional Bruto e com a capacidade produtiva que a sociedade já adquiriu”, políticas sociais seriam extremamente necessárias e justas.

Considerando o foco da pesquisa voltado para os atores sociais rurais, logicamente, o turismo cultural e o cultural rural irão interessar particularmente a esse estudo. Daí ser ainda necessário focar o turismo rural que, segundo Moletta (1999, p. 9),

é uma atividade de lazer que o homem urbano procura junto às propriedades rurais produtivas, buscando resgatar suas origens culturais, o contato com a natureza e a valorização da cultural local. Já para o homem do campo significa um meio para aumentar a sua renda mensal, de forma harmônica, valorizando sua propriedade e o seu estilo de vida.

Acrescenta-se que, nesse sentido, o objetivo de ações através do turismo deverá se configurar como uma oportunidade de o trabalhador rural apresentar o seu trabalho, a cultura do produto agrícola com o qual trabalha, e a arte, inclusive culinária, derivada desse mesmo produto. Com isso, poderia sentir-se integrado, valorizado, possuidor de uma renda extra advinda do seu labor e tendo a oportunidade de praticar, e ver praticado pelo outro, o turista, o interesse e o respeito pelas singularidades de cada um e de cada cultura.

Turismo cultural é entendido como fenômeno de viajantes em busca de encontros excitantes e educativos com as pessoas, as tradições, a história e a arte dos povos. Para Cairo (2003, p. 32), o turismo cultural rural é uma outra modalidade de turismo rural na qual o turista obtém uma interação com a natureza a partir da convivência do dia-a-dia das propriedades, conhecendo sua atividade agropecuária produtiva, bem como as riquezas culturais existentes, através do patrimônio arquitetônico rural, histórias regionais, saberes, lendas, cantigas, objetos, entre outros, pertinentes à realidade local.

Metodologicamente, optou-se pela ótica dos estudos exploratórios que, “por sua natureza, não produzem descobertas passíveis de generalizações, mas

aumentam a percepção de problemas, ajudam a esclarecer conceitos e estimulam pensar sobre fenômeno de interesse” (TRIPODI *et all*, 1975, p. 152); nesse caso, ao focar a cultura do cacau pela ótica ex-cêntrica, a intenção foi, também, analisar como aproveitar essa cultura num roteiro turístico da cidade de Ilhéus.

Assim, utilizar-se-á do estudo exploratório-descritivo, com utilização do método comparativo e da abordagem qualitativa. Foi exploratório-descritivo porque utilizou a descrição e a crítica analítica em relação ao material selecionado (entrevistas realizadas com os trabalhadores rurais) e em relação, embora com menor ênfase, aos estudos da visão oficial, produção publicada por intelectuais. O método comparativo foi utilizado para buscar o que pôde aparecer como semelhança e diferença entre as duas percepções, a “popular” e a “acadêmica”, ou seja, respectivamente, a não-oficial e a oficial, e as analogias que puderam ser feitas com o material selecionado. Inclusive, foi possível, em determinadas questões, comparar o que se disse a respeito do trabalhador, em relação a seus hábitos, crenças, superstições, com o que diz sobre isso o próprio trabalhador. Na formulação das entrevistas, houve abordagens buscando saber sobre questões que não haviam sido tratadas oficialmente. E sobre eles mesmos, suas vidas, seus sentimentos, pois foi interesse da autora saber tanto de seu mundo, de sua subjetividade, da vida familiar, quanto de sua consciência de classe, sua percepção das relações de trabalho, da política; e, também, saber como se vêem, que qualidades se atribuem, quais são os seus valores.

A abordagem qualitativa pretendeu a verticalidade, trabalhando de maneira mais aprofundada um número representativo de entrevistados, para analisar

“o que foi dito, quem disse o quê e observar quem representou quem” (BHABHA, 1992, p. 22).

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas para saber como vêm a cultura do cacau (num sentido amplo), como percebem essa economia, e como trabalham produtos derivados do cacau. Depois, perspectivando a fala oficial, foram selecionados alguns estudos que abordam o cacau, em revisão da problemática proposta.

As entrevistas, embora abertas, seguiram um conjunto relativamente padronizado de perguntas, com flexibilidade para as respostas. Foram observadas algumas recomendações feitas por Easterby-Smith, Thorde e Love (1989) quanto às entrevistas, e por Goode e Hat (1979) quanto aos questionários. Quanto às entrevistas, observou-se: o tipo que mais se coadunava com a proposta do trabalho, e como conduzi-la, como evitar a troca superficial de informações, a estrutura a partir da qual começa-se a esboçar os temas que seriam abordados, a interação com o entrevistado, a conquista da confiança, o cuidado quanto a evitar, como entrevistador, impor seu próprio quadro de referências, tanto para as perguntas; quanto para a interpretação das respostas, a relevância que a entrevista poderia ter para os entrevistados, o interesse e o empenho mostrados pelo entrevistador, as questões éticas que envolveriam, inclusive, o respeito pelo que o outro estava dizendo. As entrevistas foram transcritas respeitando as falas, inclusive na sua forma de expressão coloquial.

Quanto aos questionários, foram observados o roteiro, a ordem, o tempo de duração e a linguagem, se o significado das questões era compreensível para os entrevistados, como usar o gravador, utilizar uma ficha para anotar alguns dados

como o nome completo do entrevistado, dados pessoais e a data em que a entrevista foi realizada. As perguntas foram simples, de início, tornando-se mais complexas do meio para o fim, procurando evitar ambigüidades, distorções.

A amostragem escolhida deveu-se à possibilidade de escolher um determinado elemento do universo de forma aleatória e não especificada (DENCKER, 1998; OLIVEIRA, 1999). Assim, o tipo de amostragem adotada foi a não probabilística por exaustão, cujos critérios estabelecidos foram: durante seis domingos consecutivos, exceto o 12 de outubro (por ser o dia de Nossa Senhora Aparecida, feriado), no Mercado de Abastecimento do Malhado, durante o período de 14 de setembro a 26 de outubro de 2003, das 6:30h às 15h, foram procuradas pessoas que fossem trabalhadores rurais do município, que por ventura estivessem naquele espaço. Apesar da dificuldade de encontrá-los, conseguiu-se, nesse período informado, 28 entrevistas com trabalhadores rurais que estavam comercializando alguma mercadoria e/ou fazendo sua feira semanal, e quatro com trabalhadores rurais que, por estarem no período do “paradeiro”, comercializavam produtos derivados do cacau ou artesanato que tinha o cacau por tema.

O questionário utilizado para as entrevistas encontra-se no apêndice. Todas as entrevistas foram transcritas por esta pesquisadora e estão apresentadas ao final desse texto dissertativo.

Duas hipóteses moveram este trabalho: a de que existe uma percepção da história do cacau pouco conhecida e que pode ser contada a partir da ótica do trabalhador rural, e a de que o turismo em Ilhéus pode ser enriquecido divulgando a cultura do cacau e trabalhando a inclusão social do trabalhador rural.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos: O primeiro, **Ilhéus e a cultura do cacau**, sinaliza a história do município desde os seus primórdios até os dias atuais, em relação à ultrapassagem da sua condição de monocultura agrícola, para a recente busca de outras alternativas, onde se inclui o turismo e faz a análise das duas percepções propostas. O segundo capítulo, **As perguntas que não haviam sido feitas**, ocupa-se da revisão da história pela perspectiva do ex-cêntrico, visando a preencher (sem pretensão de esgotar) algumas lacunas do discurso intelectual e de conhecer um pouco da própria história de cada um desses trabalhadores, sabendo, inclusive, que cada um deles representa muitos outros, com seus semelhantes problemas. O terceiro capítulo, **Uma proposta de inclusão social do trabalhador rural do cacau no turismo de Ilhéus**, aborda o que está proposto no título e visa preencher um espaço cultural que está em aberto e pode ser aproveitado turisticamente.

Antes de uma proposta acabada, o trabalho pretende ser provocador de uma discussão e chamar a atenção para um tema necessário e capaz de contribuir para a qualidade de vida de um segmento social, como um processo de desenvolvimento articulador da qualidade de vida de cidadãos.

Quando a visibilidade histórica já se apagou, quando o presente do indicativo do testemunho perde o poder de capturar, aí os deslocamentos da memória e as indireções da arte nos oferecem a imagem de nossa sobrevivência psíquica.

Homi K. Bhabha

2 ILHÉUS E A CULTURA DO CACAU

2.1 A história de Ilhéus nos seus primórdios

*De que forma o mundo humano pode viver sua
diferença? De que forma o ser humano pode viver
Outra-mente?*

Homi K. Bhabha

A história de Ilhéus é sinalizada por um processo civilizatório singular, gradual e crescente, desde os seus primórdios, tendo a implementação da cultura do cacau como marco divisor do seu desenvolvimento sócio-econômico-cultural.

Sobre os primórdios, a história oficial registra a colonização portuguesa, os embates com os indígenas, habitantes da terra, e a chegada dos negros como escravos. Aqui pode-se perceber a situação diaspórica dos portugueses, que chegaram como “proprietários” da colônia; a dos índios, aqui encontrados, mas considerados “inferiores”; e a dos negros, vindos em condição subumana. Pode-se imaginar as singularidades de cada uma dessas etnias e os processos de tradução e de hibridização ocorrendo. O português ocupou todos os espaços de intervenção em relação às minorias que foram sendo destituídas dos seus direitos, inclusive do direito de significar.

Com 468 anos de fundação e 123 de emancipação política, completados em 2004, Ilhéus ocupa uma área de 1.712 km², sendo 93 km de litoral, situando-se a 430 km de Salvador.

A capitania que viria a ser chamada de São Jorge dos Ilhéus foi doada a Jorge de Figueiredo Correa através de Carta Régia, assinada por D. João III, em Évora, no dia 25 de abril de 1534 e ocupava uma área situada “quase no meio do continente brasílico, [com] cinquenta léguas de terra da dita costa do Brasil” (PÓLVORA; PADILHA, 1978, p. 6). Ficcionalmente, o sul da Bahia, onde fica a Região Cacaueira, viria a ser denominado por Adonias Filho e Jorge Amado (1965) de Nação Grapiúna, onde teria se constituído a civilização do cacau, denominação que só se justificaria a partir do final do século XIX.

Segundo Barros (1981), como se pode perceber, Ilhéus faz parte da História primeva, dos primórdios dos acontecimentos que irão apresentar este país ao mundo, tendo sido fundado seu primeiro núcleo habitacional, a vila, em 1535 ou 1536, e elevada à freguesia, em 1556, pelo Bispo D. Pero Fernandes Sardinha e passou à categoria de cidade, em 1881. Ela deve o seu nome ao Rio dos Ilhéus (teria essa denominação pelo fato de existirem três ilhas na sua foz, mais tarde batizadas de Ilhéus, Itaipim e Itapitanga); o São Jorge deve ao santo guerreiro e ao donatário.

A Capitania ficou aos cuidados de Francisco Romero, sucedido por Jerônimo Alarcão, filho do primeiro donatário, que a vendeu a Lucas Giraldes. Um dos sucessores de Giraldes passou a Capitania para Dona Helena de Castro. Anos depois, em 1761, Dom José I, rei de Portugal, a incorporou aos bens da Coroa, comprando-a em mãos de Antônio de Castro.

Com Francisco Romero teve início o surgimento das primeiras habitações, extremamente simples, feitas com o material aqui encontrado: taipa (parede feita de barro ou de cal e areia com enxaiméis e fasquias de madeira; tabique, estuque, taipal, pau-a-pique), palha, madeira. Hoje, encontra-se um pouco da arquitetura colonial e do barroco e muito de sua época rica e poderosa. A economia ilheense

esteve pautada no pau-brasil — *Caesalpinia echinata* —, na exploração de minérios e pedras preciosas, na cana de açúcar, na pecuária e, principalmente, no cacau.

Ilhéus teve sua Casa de Misericórdia em 1564, a quarta do Brasil, depois de Santos, Vitória e Olinda. Outro sinal de sua importância é o alvará de 25 de março de 1557 que dá conta de produção de açúcar, em 1547.

De Ilhéus e Porto Seguro partiram as primeiras expedições mandadas por Tomé de Souza para o território do, hoje, Estado de Minas Gerais, em busca de pedras preciosas e de minas metálicas. Durante muitos anos saiu-se de Ilhéus em expedições que buscavam pedras preciosas e ouro.

Outra fonte de exploração foram as madeiras, quando Ilhéus já era então província, tanto assim que o Príncipe Regente (Príncipe com Guarda Conde de Aguiar) assina um Alvará, (de 1810), tirando do Ouvidor da Comarca a inspeção do corte das madeiras, pelo que ficaria responsável o Juiz Conservador das Matas. As madeiras mais comuns em tais matas eram jacarandá, potumuju, vinhático, cedro vermelho, sapucaia, pau d'arco, peroba etc.

O cacau começa a ser cultivado em Ilhéus em 1746, com sementes trazidas pelo colono francês Luis Frederico Warneaux e inicialmente plantadas por Antonio Dias Ribeiro. Essa cultura só passa a ter importância comercial a partir de 1890. Com o cacau, a história de Ilhéus começa a mudar.

Com o fortalecimento da lavoura cacaeira, a cidade teve fases de grande crescimento, como o acontecido entre 1892 e 1920, quando foi registrado um crescimento médio de 7% ao ano, sendo de 2% no conjunto do Estado (FALCON, 1995) e a economia cacaeira foi sustentáculo econômico do Estado durante muitos anos. Em 1979, as exportações de cacau em amêndoas e derivados alcançaram a cifra de US\$1 bilhão, chegando a representar 35% da pauta de exportações do Nordeste e 70% da Bahia (NASCIMENTO, 1998). A importância da cacauicultura é

tal que, segundo Fontes (2001), o Secretário Geral da Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômico-Rural da Lavoura Cacaueira - CEPLAC, criada em 1957, teria poder e prestígio correspondentes aos de um governador do Estado. Por isso mesmo, o cacaucultor não sentia necessidade de articulações e cooperações, criando uma cultura individualista e fechada, desarticulada de práticas associativas.

Hoje, a cacaucultura passa por sua mais grave crise, com o aparecimento, em 1989, da *Crinipellis pernicioso*, a “vassoura de bruxa”, praga que empobreceu a região. Tudo isso gerou grande dificuldade econômica, que está a exigir sua superação por três razões: primeiro, porque esse produto agrícola foi um dos pilares de sustentação econômico-social do Estado; segundo, porque ele contribui para a preservação da Mata Atlântica pelo fato de o cacau ser cultivado à sombra de outras árvores (BRIGHT; MATTOON, 2000, p. 8) e, ainda do ponto de vista preservacionista, ser a região cacaueira o espaço onde a Mata Atlântica possui os mais significativos remanescentes. Finalmente, devido ao argumento usado pelo Pacto do Cacau (Programa de Recuperação da Lavoura Cacaueira) uma iniciativa da Associação Brasileira de Cacaucultores — ABC, da Central Nacional dos Produtores de Cacau — CNPC, e da Cooperativa Central do Cacau — Coopercacau de que

diferentemente de outras culturas, se o cacau desaparecer fará ruir não apenas uma atividade econômica, mas toda uma forma de vida, a chamada civilização do cacau. Por isso, a cacaucultura, entendida com essa dimensão, é mais importante do que o próprio cacaucultor (PACTO DO CACAU, 2001, p. 4).

Talvez somente os homens e as mulheres da região do cacau possam compreender esse superdimensionamento do produto, e essa aparente desvalorização do produtor.

Hoje, com a crise do cacau, e procurando-se evitar a monocultura, buscam-se alternativas econômicas na diversificação não somente através de produtos agrícolas (café, coco, pupunha e frutas diversas), mas na criação de gado (bovino, caprino e asinino) e, especialmente, em relação a ações de turismo. Investe-se também no comércio e na indústria, havendo, hoje, em Ilhéus, um Distrito Industrial e um Pólo de Informática.

2.2 As histórias de Ilhéus e do cacau se confundem

Precisaremos repensar os termos através dos quais concebemos a comunidade, a cidadania, a nacionalidade e a ética da afiliação social.

Homi K. Bhabha

As histórias se confundem porque, a partir do final do século XIX, início do século XX, fica difícil fazer referência a Ilhéus sem falar no cacau. A identidade cultural dessa terra passa pelo cacau, produto agrícola que interfere na economia, nas relações de poder, no estilo de vida, nos tipos humanos. A narrativa da cultura ilheense fica atrelada à narrativa do cacau. A forma como as identidades dos cidadãos desta terra são localizadas e representadas está ancorada no cacau e no que ele representa.

Com a riqueza gerada pelo cacau, a partir de 1890, ainda de forma tímida a cidade começa a se desenvolver. Sinalizando a nova fase ilheense, em 1905 foi instalado o Banco de Crédito Hipotecário na cidade, vindo depois o Banco do Brasil,

em 1924, e o Banco Econômico, em 1925 (FALCON, 1995); em 1911, a *The State of Bahia South Western Railway Company Limited* inaugurou 59 km de linha férrea que ligavam Ilhéus a Itabuna e a outras zonas produtoras de cacau (BARROS, 1981, p. 88).

Jornais surgiram por volta de 1901, sendo o primeiro *Gazeta de Ilhéus* (1901), seguido por *A Voz do Povo* (1902), *A Lucta* (1903), *O Santelmo* (1903), *A Nova Região* (1903), *Cidade de Ilhéus* (1907), *A Cidade* (1912), *Jornal de Ilhéus* (1912) e *Diário da Manhã* (1915), sendo, conforme Barros (1981, p. 93-94), neles veiculadas as notícias da lavoura cacauzeira.

Ilhéus torna-se Comarca de segunda entrância pela Lei nº839, de 20 de agosto de 1910. A partir daí é intensificada a sua modernização. Segundo informa Barros (1981), para sua iluminação foi contratada a Companhia Luz e Força em 1911; em 1912, foram instalados serviços de água e esgotos, no governo de João Mangabeira e, no mesmo ano, foi fundada a Associação Comercial; em 1913, foi ainda inaugurado o novo cemitério, no governo de Antônio Pessoa. Tal importância da região resulta numa receita, para 1915, orçada em 276:475\$000, sendo mais da metade do valor proveniente do cacau.

No final do século XIX, início do XX, com a ascensão do cacau, Ilhéus passou a ter Companhias de Navegação (Navegação Bahiana, Lóide Brasileiro, Navegação Costeira, Comércio e Navegação), fato esse que veio a contribuir significativamente para o seu crescimento econômico. A sociedade passou a ter outras exigências como, por exemplo: companhias de seguros Amazônia e Equitativa, hotéis Fernandes e Coelho, e a Pensão Comercial, uma tipografia, a Ilheópolis, espaços de lazer, dentre os quais merece destaque o Vesúvio, bar e restaurante. Esse último é merecedor de destaque por ter se tornado ponto de

referência para o turismo de Ilhéus, principalmente devido à repercussão da obra de Jorge Amado no Brasil e no mundo.

A partir de 1915, o município passou a dispor de estradas e contava com lanchas e barcaças fazendo o percurso para Salvador. Como fica claro, é o cacau a mola propulsora do progresso de São Jorge dos Ilhéus, produto então sustentáculo econômico do Estado. Segundo Asmar (1983), em 1974 o cacau era o quinto produto em valor na pauta de exportações. Em 1981, a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias — ICM — foi da ordem de 5 bilhões, 618 milhões de cruzeiros.

Como se sabe, esta cultura do cacau floresceu num país habitado inicialmente apenas pelos indígenas, até final do século XV. Conforme já foi aqui sinalizado, a partir de 1500, esses nativos precisaram conviver com o colonizador português, povo de cultura muito diferente, em seus hábitos e em sua visão de mundo, cujo processo colonizador (notadamente as apropriações) tem sido questionado, principalmente no que diz respeito às questões culturais e identitárias.

Algumas grandes lições ficaram deste período — inclusive relativas à preservação cultural — como, por exemplo, o que os negros fizeram, no seu processo de tradução, com o sincretismo religioso, fazendo a adoração, a reverência aparente aos santos católicos que, na verdade, simbolizavam orixás e entidades da cultura negra.

E esse sincretismo foi necessário até o século XX, época em que se pôde fazer a transição para a cultura de origem, quando puderam cultuar seus símbolos religiosos, cada um na sua verdadeira identidade; não mais, numa linguagem do candomblé, cada símbolo montado no seu cavalo. Não mais, por exemplo, lansã em Santa Bárbara.

O sincretismo é das mais belas lições de preservação cultural de que se tem conhecimento, devido ao fato de, sem violência, numa atitude de aparente assimilação cultural, manter intacta a herança espiritual.

Como explicado, houve em Ilhéus uma formação cultural indicativa de diáspora, com a vinda destes povos distantes para aqui permanecer, e como é próprio do movimento diaspórico, foi construída uma fronteira de exclusão.

“O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença [...] e depende da construção de um “outro”, de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p. 33).

No caso particular de Ilhéus, ocorreu, ainda, a vinda dos alemães, em 1818 que, liderados por Pedro Weyll e Saneraker, aqui chegaram com 161 colonos alemães (BARROS, 1981, p. 68). Além dos alemães, houve também a imigração de um razoável contingente de árabes.

Do próprio país, a contribuição foi a forte presença dos sergipanos, que aqui chegaram por volta de 1850. “Em 1860, os moradores do povoado do local onde hoje é Itabuna, segundo o *Almanack Itabunense*, eram quase todos sergipanos” (VINHAES, 2001, p. 204). Muitos desses sergipanos foram trazidos por conterrâneos que hoje fazem parte da história regional, como Firmino Alves e Félix Severino de Oliveira.

A identidade cultural e regional de Ilhéus passou por um processo étnico muito rico, em que o hibrismo esteve a exigir sempre

um processo de tradução cultural, sempre apoiado em uma constante revisão dos sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou inerentes de transformação (BHABHA, 1997, *apud*: HALL, 2003, p. 75).

Todo esse enriquecimento étnico faz lembrar Hall (2003, p. 62), quando alerta que não há “qualquer nação que seja composta de um único povo, uma única

cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridas culturais”. Já não é sem tempo que o homem e a mulher da atualidade começam a valorizar tudo isto. Lastimável é que, como próprio da época, faltou respeito à alteridade, à diferença cultural nos primeiros encontros culturais. O trabalhador rural, elemento tão presente nessa formação cultural, foi, na verdade, tão pouco citado, tão pouco valorizado pela história oficial. E trabalha com um produto agrícola cujo trato cultural é algo peculiar, tem sua singularidade e, certamente, seria capaz de atrair o turista. Fato peculiar e importante, nesse contexto, é que proporcionaria a inclusão social, cultural e econômica através da apresentação do seu trabalho, da venda de produtos derivados do cacau, auferindo uma receita financeira extra, capaz de proporcionar melhores condições de existência.

Hoje, Ilhéus vive outra realidade e conta com o Aeroporto Jorge Amado, com o Porto Internacional do Malhado (sub-utilizado devido à queda na produção do cacau), a Estação Rodoviária, o Terminal Rodoviário Urbano, o Serviço de Informações Turísticas, a Secretaria de Turismo de Ilhéus, os Correios e Telégrafos, 9 agências bancárias, 5 emissoras de rádio, sendo 2 FM e 3 AM, 5 jornais, sendo dois institucionais, 4 áreas livres para eventos artístico-culturais, 2 arquivos, o Centro de Convenções Luiz Eduardo Magalhães, vários auditórios de instituições públicas e privadas, 4 bibliotecas, 6 casas de cultura, 2 galerias, 4 museus, 2 teatros, 1 cinema, 5 clubes, equipamentos turísticos de boa qualidade como restaurantes, pousadas e hotéis. Tem ainda, como forte apelo cultural, o bar Vesúvio, antigo bar Maron, a Capela Sant’Ana, a Catedral de São Sebastião e as igrejas São Jorge e de Nossa Senhora da Piedade e um patrimônio natural do qual podem ser citados: a Área de Proteção Ambiental da Lagoa Encantada, o Parque Estadual da Serra do Conduru (CAIRO, 2003), enquanto Fontes (2001) cita como alguns dos principais recursos naturais: a Estância Hidromineral de Olivença, o Rio do Engenho, o Centro de

Recuperação do Bicho Preguiça, a Estrada Parque Ilhéus-Itacaré, a Mata da Esperança e as praias. Chegou-se ao século XXI e o povo de Ilhéus tem uma responsabilidade muito grande no sentido de preservar toda essa história e de melhor distribuir sua renda.

2.3 Comparando as percepções da visão de mundo do trabalhador rural

Que tensões e ambivalências marcam esse lugar enigmático de onde fala a teoria?

Homi K. Bhabha

Segundo Perrot (1988, p. 81), “não existe consciência de classe sem visão do mundo ou cultura sem elaboração de uma simbologia”.

Propõe-se, assim, analisar a mundividência dos trabalhadores rurais quanto às relações de trabalho, à cultura, à simbologia utilizada, para, enfim, poder ter uma noção da sua ideologia.

Procurou-se conhecer suas crenças e costumes; o fato dessa região poder ser denominada de pobre região rica; e não se dar preferência, durante as eleições, aos filhos da terra, o que traz como conseqüência a não representação, e a conseqüente ausência de líderes que reivindicuem pela região. Para isso, a pesquisa utilizou as referências de Asmar (1983) como contraponto oficial à visão ex-cêntrica.

Dessa forma, selecionou-se, dentre os itens que o autor considerou como crenças e costumes, os seguintes:

1. colher cacau na sexta-feira dá azar;
2. o macaco jupará, ao defecar as amêndoas do cacau por ele utilizadas como alimento, se tornaria um “agricultor natural”, plantando cacau;
3. a lua nova é importante e interfere no plantio;
4. bater no feto (samambaia), planta invasora dos cacauais, que resiste ao fogo e ao corte com facão, faz com que ela seja eliminada se, durante três sextas-feiras seguidas, lhe for aplicada uma “surra de pau”.

Mais da metade (53,55%) dos entrevistados não ouvira falar do afirmado no item 1, o que pode significar um enfraquecimento da crença, da tradição ou um afastamento de uma visão mais ingênua e a busca de explicações lógicas, de formas de racionalização do trabalho, pois foi encontrada como razão para este fato a necessidade de secar o cacau na sexta-feira, vez que a proximidade do fim de semana, período em que as atividades serão suspensas, exige que se cuide do cacau “tirado”, para que não venha a mofar.

Mesmo entre os que não acreditam, muitos ouviram isto dos mais velhos, o que mostra que houve uma mudança, neste aspecto, entre 1983, época da pesquisa de Asmar, e 2003, época desta pesquisa. A cultura é dinâmica e as concepções mudam. Os meios de comunicação de massa têm influência, às vezes, nessas mudanças. As identidades estão em processo, os seres são plurais. O fato de os mais velhos terem falado isto e hoje os filhos e netos não confirmarem, indica que as tradições às vezes se perdem pelos caminhos.

Isso vem demonstrar discernimento, bom senso, e o bom senso é o núcleo duro do senso comum. O bom senso muda certas concepções, substituindo-as

por explicações mais plausíveis. Quando nada, mais plausíveis para uma outra época; nesse sentido, eles fizeram estas substituições, e mudaram suas explicações a respeito de uma concepção. Num universo de 28 trabalhadores rurais, apenas um afirmou acreditar no azar trazido pelo cacau colhido às sextas-feiras.

A pergunta sobre o jupará gerou uma preocupação inesperada. Sete dos trabalhadores rurais não conhecem o jupará, nunca o viram, o que induz à triste certeza do processo de extinção desse animal. Essa “crença”, no entanto, continua forte, pois 19 trabalhadores rurais entrevistados acreditam e dizem conhecer o “cacau do jupará”. Essa certeza, no entanto, não seria considerada crença se se tomar a palavra no sentido que afirma ter a crença resíduos de dúvida, e não se basear, aquela afirmação, em evidência objetiva (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 280). Os agrônomos da CEPLAC afirmam haver evidências quanto a essa forma de plantio.

Quanto à lua nova, apenas um trabalhador rural disse não acreditar, mas todos os outros disseram ter certeza dessa influência. Como não foi pesquisado apenas em relação à lua nova, constatou-se a predileção pelo plantio nessa ordem: lua nova, crescente e cheia. A minguante só foi citada negativamente; não é considerada boa, por isso não é aconselhável plantar “nessa lua”.

Muitos são os estudos, desde Aristóteles, sobre a influência da lua; e sabe-se que muitos conhecimentos atribuídos às crenças e tradições poderão, um dia, ser estudados à luz da ciência. Por isso, em relação ao jupará plantador de cacau e à lua influenciando no plantio, Maia (1991, p. 20) afirma algo que se aplica a este caso: “A ciência acrescenta critério metodológico, rigor e maior capacidade preditiva ao conhecimento vulgar, ainda que este, de modo trivial e assistemático, também descubra fatos, formule explicações e desenvolva teorias”.

Quanto ao item 4, como no item 1, a pesquisa encontrou aqueles que não acreditam e alguns arriscaram uma explicação lógica à qual Asmar já havia se referido: a surra de pau “mata o feto porque adoece a raiz”, “porque azeda a raiz”. Neste item também busca-se a explicação lógica. Ainda segundo Maia (*idem*, p. 23) “há um fluxo inegável da ciência para o conhecimento vulgar”.

Sobre a denominação dada por Asmar (1983, p. 69-71), de “pobre região rica” — muito conhecida e muito utilizada pelos habitantes locais, ela seria rica (fazendo uma síntese das considerações desse autor) pelas razões de:

relativa abundância de recursos naturais: mata, minérios e rios; pelo cacau; seus artistas, poetas e romancistas, alguns internacionalmente conhecidos; Universidade Estadual de Santa Cruz; número de habitantes que possui; organizações como o Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau, CEPLAC, Instituto de Cacau da Bahia, SUDHEVEA; por ter o verde durante todo o ano; pelos produtos de subsistência plantados com o cacau; seus rios, que lavam e alimentam as camadas marginalizadas; mar, praias, frutos tropicais; sua gente alegre e pelo manejo das tarefas do cacau, tão exótico, sendo tudo isso bom para o turismo; porque sua população é, predominantemente, jovem e por seus médicos e hospitais aparelhados.

E essa mesma região é pobre porque:

seus recursos são mal aproveitados (o desmatamento é um crime, o potencial piscoso e energético dos rios é desperdiçado e os minérios continuam sob a terra); quase toda a riqueza sai da região; porque a arte aqui produzida não sensibiliza os homens que têm poder para uma melhor distribuição da renda e da riqueza, tão altamente concentradas; porque a UESC não é reconhecida e não impede os jovens da região de irem estudar em Salvador; porque não conseguimos eleger deputados e, quando o fazemos, eles não nos representam e também pelo fato de não termos os filhos da terra escolhidos para ocupar postos no alto escalão do governo estadual; porque CCPC, CEPLAC, ICB, SUDHEVEA não superam o nosso subdesenvolvimento; porque quinze dias sem chuva significam seca; porque a população consome o que é produzido em outras terras e o que aqui se produz não é consumido pelos filhos da terra; pobre por não haver proteção para as cidades e as populações contra as enchentes dos rios, pelo fato de os turistas retornarem a suas terras falando mal da sujeira e dos preços abusivos; porque seus jovens estão com dificuldade de se inserir no mercado de trabalho; porque não tem hospitais no interior, e tem uma média alta de mortalidade infantil (*ibidem*, p. 70-71).

Os trabalhadores rurais analisaram as razões dessa situação singular, e consideraram que seria rica, principalmente, pelo cacau ou por algo ligado ao cacau. Como o universo deles é muito afeito ao cacau, acredita-se que isso pode ter influenciado nas respostas. Mas seria rica também pela chuva, pelo café, especialmente o conilon, largamente plantado na região, porque oferece trabalho na safra, pelos terrenos etc. E é pobre pelo salário, porque o cacau decaiu, por causa da vassoura de bruxa, porque os outros produtos, como coco, mandioca, não têm valor, pela falta de união e de diversificação, pela falta de documentação das propriedades, porque tem que produzir com recursos próprios, porque muitos foram embora da região, porque depois de o cacau seco perde-se o contato com ele, pois o contato daí em diante é com os exportadores; por causa do preço do cacau; porque precisava de incentivo do governo e não se tem.

Esse assunto mostrou que os trabalhadores rurais têm percepção da desigualdade social, da enorme distância entre empregadores e empregados, do descaso do governo, do prejuízo em não industrializar o chocolate etc.

A resposta de Sr. Walmir, trabalhador rural entrevistado, fala da exclusão social, da injustiça ocorrida na época de ouro do cacau, e da crise atual:

Ela já foi rica, em produção, e pobre em salário, porque, na verdade, produzia bastante e o salário era muito pequeno. Hoje eu já não diria, porque, hoje, o salário tá compatível com a região, a região não oferece certas condições de trabalho, então, a gente vê mesmo que, hoje, o fazendeiro aqui, nessa região, ele não pode pagar mais do que o salário mínimo.

Três outras respostas dos trabalhadores rurais fizeram referência às desigualdades sociais: “é rica para os grandes, para os latifundiários”; “porque ela dá mais para quem tem”; “porque os fazendeiros são ricos”.

Ainda baseados em estudos de Asmar, interessou, nesta pesquisa, saber porque não existe representação política, porque não se vota nas pessoas da região, e se a responsabilidade por esta situação seria do povo ou do político.

Dentre os 16 trabalhadores rurais que consideraram o político o grande responsável, as razões foram: só vêm à região para se eleger; prometem e não cumprem; só querem tirar vantagem; nada fazem pelo pobre.

Dos 9 que atribuíram a culpa ao próprio eleitor foi por não se conseguir votar corretamente, seja na urna comum, seja na eletrônica; por se vender o voto; se fragmentar o voto entre muitos candidatos; votar nos mais conhecidos e mais ricos; por não se analisar o passado do candidato; pela influência da “boca de urna”.

Três trabalhadores rurais responsabilizaram tanto os políticos quanto os eleitores. Considera-se, desse modo, toda esta uma análise bem feita, vez que as principais razões aí estão elencadas. Os entrevistados analisaram e souberam analisar.

Segundo Bhabha (1998, p. 43), “existe uma pressuposição prejudicial e autodestrutiva de que a teoria é necessariamente a linguagem de elite dos que são privilegiados social e culturalmente”. Contudo, segundo as respostas, pôde-se perceber que o povo analisa corretamente assuntos que se julga serem acessíveis apenas aos acadêmicos e literatos. E o que acontece é que o discurso dos trabalhadores rurais entrevistados é consistente e até coincidente, em muitos aspectos, com o discurso da academia.

Observou-se que os entrevistados expressaram sua percepção de que, embora já tenha sido maior, a distribuição de renda nesta região é perversa.

Roberto Mangabeira Unger, um brasileiro que mora nos Estados Unidos, vem apresentando estudos sobre teoria social de estruturas profundas, teoria social construtiva, projeto democrático radical, teoria da mudança social e o programa de reconstrução social, e movimento transformador. Embora, evidentemente, não caiba, neste trabalho, um aprofundamento sobre estas idéias, pode-se afirmar que ele “reconhece que nossa liberdade de resistir, reimaginar e reconstruir os mundos sociais que habitamos é, ela própria, uma variável acessível na história” e “representa uma dupla rebelião: contra uma teoria social clássica, com sua herança funcionalista e determinista, bem como contra as ciências sociais positivistas” (UNGER, 2001, p.11). Entretanto, algumas das suas idéias interessam para uma análise das opiniões expressas:

As pessoas entendem as diferenças entre padrões de vida material, interessam-se por elas e as aceitam ou rejeitam, em grande parte pelo que essas diferenças revelam acerca do ordenamento das relações humanas e do lugar que cada pessoa nele ocupa (*idem*, p. 269).

Tal proposição vem corroborar as queixas dos trabalhadores rurais entrevistados: “é rica porque os grandes latifundiário enricaram”; “o trabalhador simples ficou à margem”; “é pobre devido ao salário do trabalhador”; “o salário não dá, às vezes, para sobreviver”.

Ainda segundo Unger,

o primeiro grande problema da política transformadora está ligado à relação entre o esforço de reconstrução das disposições sociais e a tentativa de mudar o caráter dos acordos práticos ou pessoais diretos entre indivíduos (*idem*, p. 268).

Esta foi uma das queixas dos trabalhadores rurais estudados, ou seja, o não cumprimento dos acordos práticos, como ficou claro nas observações referentes aos

políticos: “só querem tirar vantagem”; “não fazem nada pelo pobre”; “prometem e não cumprem”; “depois não aparecem mais”; “não dá ligação à pobreza”; ou não cumprimento dos acordos pessoais: “depois que pegam o voto deixa a gente de escanteio”; “não liga mais pra gente”; “mais tarde quer passá até o carro por riba (de nós)”.

Espera-se um benefício, uma retribuição que não vem, pois “homens e mulheres mostram como esperam atingir uma medida de redenção por meio de suas transações mútuas” (ibidem, p. 269). Observa-se, de modo geral, que a política não tem dado ao povo a contrapartida. Não é uma transação — é um jogo com cartas marcadas e já se sabe quem será beneficiado. Por isso, a redenção não acontece.

Na apresentação do livro de Unger, Perry Anderson o considera uma “mente filosófica saída do Terceiro Mundo, que inverte posições para se tornar o sintetizador e o profeta do Primeiro”, e Richard Rorty diz:

apesar dos muitos anos de trabalho árduo aqui na América do Norte, alterando os currículos de muitas de nossas faculdades de direito e a própria auto-imagem de muitos de nossos advogados, é um homem cuja mente não está aqui. Para ele nenhuma das ricas democracias do Atlântico Norte é um lar. Elas são os lugares onde ele foi buscar lições, advertências e incentivo (*idem*, 2001, p. 21-22).

Logo, assim como Bhabha e Hall, Unger é um homem traduzido, no sentido que Hall (2003, p. 415) dá à palavra, “longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada”, e também enquanto aquele que transita por dois mundos, duas culturas, ou seja, aquele que vive a experiência de estar dentro e fora, o “estrangeiro familiar” (*idem*, p. 416). Talvez por isso tenha sido importante ir buscá-lo para fazer a comparação analítica das respostas dos trabalhadores rurais entrevistados no que se refere às desigualdades sociais e econômicas, e à política. Porque, na sua origem o povo brasileiro foi formado,

principalmente, por homens e mulheres traduzidos. Exceto o índio, os outros povos que formaram este povo viveram seu processo de tradução.

2.4 Relações de trabalho envolvendo os fazendeiros e os trabalhadores rurais

Não haverá distinção relativa à espécie de emprego ou à condição de trabalho, seja intelectual, manual ou técnica (Da Consolidação das Leis do Trabalho).

Antes de falar das relações de trabalho, vale lembrar que “a sociedade capitalista fundou-se sobre formas de exploração que são ao mesmo tempo econômicas, morais e culturais” (HALL, 2003, p. 141). Logo, envolvem não apenas distribuição de renda, mas exploração do homem pelo homem, questões éticas, regulamentações e hábitos e costumes nos quais se está tão envolvido que fica difícil, às vezes, uma crítica mais perspicaz e mais isenta. Isso ocorre pelo simples fato de que é mais difícil “ler” sua própria cultura, vez que a familiaridade com ela e o fato de ter sido absorvida desde antes da idade da razão contribuem para considerá-la natural e correta.

Para saber sobre as relações de trabalho, algumas perguntas foram feitas aos trabalhadores rurais, com base nos teóricos, envolvendo salário (SILVA, 1975); empreitada (HELLER SILVA, 1986); sindicato e cooperativa (SAUER, 1981); e sobre as qualidades que caracterizam o bom administrador e o bom trabalhador rural (SILVA, 1975).

Surpreendentemente, quase 50% dos entrevistados consideraram que os salários já foram piores. Mas alguns deles responderam que eram melhores. Talvez essa resposta tenha a ver com o que disse Sr. Walmir, um dos

trabalhadores rurais entrevistados que — “hoje é o que se pode pagar”. Será que esta afirmativa foi considerada como mais justa pela crise e pelo conseqüente empobrecimento do cacauicultor? Ou realmente consideraram melhor?

Quanto ao trabalho “por empreita”, que Heller Silva (1986, p. 104) aponta como uma “primária” forma de extração de mais valia, não só do “empreiteiro, mas, via de regra, da mulher e dos filhos que compõem a turma da “empreitada”, pode-se afirmar que a região está tão mais pobre que a empreitada deixou boas lembranças. E isso fica expresso na fala dos trabalhadores rurais entrevistados:

— “Era melhor. Ganhava um pouquinho mais” (Manoel).

— “Melhor, melhor demais. Eu ganhei muito dinheiro com empreita. Trabalha mais, né, mas o lucro é mais” (José).

Embora as vantagens da empreitada em tempos passados tenham sido muito citadas, há vozes discordantes, entre os entrevistados, quanto a ela na atualidade, como coloca Antônio: “Hoje em dia, depois de medir a roça com topógrafo, nunca que dá lucro, a empreitada. Eu não sei qual é a medição deles”.

Heller (1986, p. 104) já percebia “uma queda bastante acentuada nas empreitadas, notadamente em Ilhéus/Itabuna”. Hoje essa queda é de tal forma que se fala na empreitada como coisa do passado, “no tempo da empreitada”, como se este tempo já houvesse passado.

Quanto à participação em cooperativas e sindicatos e ao papel de cada instituição destas, estudados por Sauer em 1981, percebeu-se um desconhecimento deles em relação às cooperativas (57,12%), encontrando-se apenas um trabalhador rural com experiência cooperativista. Quanto ao sindicato, a participação é pequena, mas há o reconhecimento de que ele tem uma função importante.

Diante destas colocações, a pesquisa supõe que o desemprego e a sazonalidade provavelmente inibiram a associação do trabalhador rural ao sindicato. Tal pressuposição decorre da resposta de um dos informantes, que foi emblemática:

Sindicato... não faz parte. Quem faz o fazendeiro é o trabalhador e quem faz o trabalhador é o fazendeiro. Eu acho que não precisa de sindicato na hora de acertar a conta, resolve por aqui mesmo. Mais tarde, o trabalhador volta, as porta tá aberta, ele torna a trabalhar e assim por diante.

A sazonalidade foi algo muito citado, é algo que os preocupa. Alguns fazendeiros contratam um número de trabalhadores maior entre junho/julho e novembro/dezembro e na época do “paradeiro” os dispensa. No “paradeiro”, eles fazem “bicos” — são ajudantes de pedreiro, de sapateiro, trabalham na feira, **numa** horta, fazem tablete de chocolate, bombons, artesanatos — procurando sempre deixar a porta aberta para retornar ao emprego rural nos seis meses em que o serviço aumenta e é possível absorvê-los.

Outros questionamentos da pesquisa referiam-se às qualidades do bom administrador e do bom trabalhador rural com a pretensão de saber sobre seus valores e as relações patrão-empregado. Por isso foi perguntado ao próprio trabalhador rural quais seriam as qualidades que uma pessoa devia ter para ser escolhida como administrador de uma fazenda. Obtiveram-se as seguintes respostas: respeitar o trabalhador; conhecer a prática do serviço; ser honesto; ter boa conduta; ser atencioso, educado; saber mandar; ser competente; manter o respeito; não ser bom demais (com o “peão”).

Essa questão mostra uma hierarquia de valores segundo o trabalhador rural. As três qualidades mais citadas — respeitar o trabalhador, conhecer a prática do serviço (experiência) e ser honesto — atingiram 67,28% das opiniões.

Por curiosidade, e para observar até que ponto os valores poderiam mudar quando seus interesses financeiros, particulares, estivessem em jogo, questionou-se: “se você, um dia, vier a ter sua roça, que qualidades deveria ter o seu administrador?”

“As principais respostas foram: conhecer a prática, o serviço”; “ser honesto”; “respeitar o trabalhador”; “eu mesmo ia ser o administrador”; “ser trabalhador”; “não deixar a roça à toa”; “ter curso”; “ser meu amigo”; “saber plantar”; “se comunicar bem com o patrão”; “ser uma pessoa boa, ser calmo”. As três qualidades mais citadas foram as mesmas, atingindo, 58,64%. Respeitar o trabalhador com 27,84%, agora passa para 17,20%, conhecer a prática, o serviço, de 23,20% passa para 20,64% e ser honesto, de 16,24% vai para 20,64%. Como fica constatado, os valores persistem. Os trabalhadores rurais demonstraram perceber a propriedade alheia com as mesmas exigências que teriam com a sua.

Ao se perguntar a eles próprios pelas qualidades de um bom trabalhador rural, os entrevistados responderam: “o que cumpre com suas obrigações”; “o bem mandado”; “pontual nos horários”; “que gosta de trabalhar”; “direito”; “não seja preguiçoso”; “não seja de briga”; “faça o trabalho satisfeito”; “não beba”; “não coloque o patrão em dificuldades”. Contudo, houve quem observou ser difícil o reconhecimento das qualidades de cada trabalhador por causa da rotatividade, na atualidade.

As quatro primeiras qualidades mais citadas corresponderam a 76% das respostas dadas. Ser obediente é algo muito citado. Percebe-se que, no mundo rural, uns ordenam e outros obedecem, sem questionamento. Talvez pela

ausência das decisões mais participativas seja tão importante o “saber tratar, respeitar o trabalhador”, a opção mais citada nas qualidades do administrador. Unger (2001, p. 273) fala na prática transformadora de baixo para cima, como arma de reconstrução da vida social, definindo como deveria ser a sociedade, a partir das concepções populares, em que grandes grupos de homens e mulheres “ampliam o senso de pertencer a um grupo e as possibilidades de experimentação social. A mobilização coletiva oferece às pessoas uma experiência de reinvenção dos termos de sua existência social”. E Hall (2003, p. 14) “entende os Estudos Culturais como projeto que implica o envolvimento com — e a constituição teórica de — forças de mudança econômica e social”. Seria por essas razões — pela possibilidade de reconstrução da vida social, pelo envolvimento com as forças de mudança econômica e social que, ao fazer um estudo deste tipo, sente-se angústia por perceber como necessária alguma forma de intervenção na realidade? Como inserir socialmente os trabalhadores rurais? Como conseguir apoio estatal para mudar um pouco esta realidade? Um estudo desse tipo, por si só, tem valor, ou ele precisa contribuir com a inserção para adquirir o valor buscado?

Foi possível perceber que esses questionamentos seriam esperados, vez que Hall (2003, p. 213) já manifesta angústia semelhante: “qualquer pessoa que se envolva seriamente nos estudos culturais como prática intelectual deve sentir, na pele, sua transitoriedade, sua insubstancialidade, o pouco que consegue registrar, o pouco que alcançamos mudar ou incentivar à ação”.

Talvez haja um fenômeno mundial referente às mudanças no mundo do trabalho e nas suas relações, mas nessa região sul baiana a sombra do desemprego, e como ela se reflete nas pessoas, tornou o trabalhador rural muito inseguro, considerando que “o salário, hoje, é o que se pode pagar”, que “não

conhece o sindicato, nunca procurou” (45% dos entrevistados), assim como mais da metade (57%) “não conhece, nunca participou de uma cooperativa”, e considera que as grandes qualidades do trabalhador rural é “ser bem mandado, cumpridor de suas obrigações”, citadas por quase 85% deles (24 em 28 dos trabalhadores rurais analisados).

Isso parece demonstrar que estes trabalhadores sabem fazer a leitura da realidade, mas tudo indica que, no momento, a sobrevivência ameaçada exige que sejam muito discretos e, até, que legitimem um recuo, como é o caso de aceitar trabalhar 6 meses, parar 6 e voltar para trabalhar mais 6 meses. Isto há uns anos atrás era impensável. Mas hoje, na ótica deles, é o “menos mal”.

Hall (2003) fala em uma certa poética da “invisibilidade, da “elipse”, do mau olho e da pessoa desaparecida – todos instâncias do “subalterno” no sentido derridiano, e próximos o suficiente do sentido que Gramsci (*apud*: Bhabha, 1998, p. 97) dá ao conceito: não simplesmente um grupo oprimido, mas sem autonomia, sujeito à influência ou hegemonia de outro grupo social, não possuindo sua própria posição hegemônica. Não estará havendo tudo isso pela grande ameaça do desemprego?

Talvez seja o caso de se questionar, até que ponto, vindo a situação do cacau a melhorar, o trabalhador rural será reconhecido como aquele que fez poucas exigências na época da crise e, por isso, deveria ser reconhecido e recompensado. “A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (*idem*, p. 20-21).

Nesse momento de transformação, esses trabalhadores rurais têm se mostrado tolerantes, compreensivos, solidários. Quando o momento for outro e a crise tiver sido superada, receberão eles o reconhecimento devido?

2.5 As relações sociais atinentes ao comportamento social e familiar do trabalhador rural

O próprio lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo, é um espaço de cisão.

Homi K. Bhabha

Buscando conhecer um pouco deste universo, a fim de uma melhor contextualização, procurou-se saber sobre:

Casamento, família e número de filhos;

Moradia — do burareiro e do trabalhador rural;

Meios de comunicação de massa (rádio e tv);

O meio de transporte utilizado pelo trabalhador rural para ir à cidade ou ao distrito.

No capítulo *Situação e condição do trabalhador rural na região*, no tópico “Como anda o casamento?” Gasparetto (1986, p. 55) revelou que 45,4% estavam informal ou não legalmente casados, 31,4% estavam solteiros, 20,9% declararam-se casados e 2,3%, separados. Encontrou-se, num universo de 28 trabalhadores rurais, em 2003: 11 casados, 6 “juntados”, 4 solteiros, 1 viúvo e 6 separados.

O autor chama atenção para o fato de que “o estado civil é indicador do alcance da assistência religiosa no meio rural e também do prestígio da instituição casamento no seio da classe dos trabalhadores assalariados dessa região”. Entende, ainda, “que o estado civil reflete o nível de organização do trabalhador rural, ou, visto de outro ângulo, o seu nível de abandono” (*Ibidem*).

Em 2003, pelo que a pesquisa mensurou a partir do trabalho de campo, os percentuais comparativos com o trabalho citado ficaram assim: casados passaram de 20,9% para 38,5% e os não legalmente casados ou “juntados” de 45,4% caíram para 21%. Pode-se supor que aumentou o alcance da assistência religiosa e também o prestígio do casamento em si, o valor dado atualmente a essa instituição. Possivelmente, o fator religioso, a expansão da religiosidade também tenham aumentado o número de casados. É perceptível que eles se sentem mais a vontade quando podem responder que são casados, e constrangidos ao revelar que estão juntos, mas não são casados. Possivelmente, se houvesse um melhor nível de organização e mais assistência religiosa e jurídica, o número de casados, entre eles, seria bem superior ao encontrado.

No tópico família e filhos, Gasparetto (1986) encontrou como tamanho médio da família do trabalhador rural da região em torno de cinco indivíduos, ele, sua companheira e três filhos. Encontrou-se nesta pesquisa a família com 7,6 indivíduos, logo, em lugar de 3 filhos, encontrou-se 5,6. No caso dos solteiros entrevistados, foi considerada sua família de origem. Esse aumento do tamanho da família vai no sentido contrário à tendência mundial, que é a de redução da taxa de natalidade.

Sobre a moradia e o fascínio que o meio urbano exerce sobre o pequeno produtor, estudados por Gasparetto, isto não foi confirmado nesta pesquisa, nem em relação ao burareiro, nem em relação ao trabalhador rural.

Morar na “rua”, no lugarejo, na cidade foi considerado mais dispendioso, dificultando a vida de cada um. As razões para não morar na roça, consideradas por esses trabalhadores rurais, foram:

“A fazenda já não oferece casas em condições de se morar”;

“Por causa da escola dos filhos”;

“Por causa do paradeiro, a maioria, quando recebe um dinheirinho, vai logo empregar numa casa. Pra ter onde morar e, no paradeiro, sair arranjando um dinheirinho pra passar”;

“Se ele larga a roça (o burareiro) e vem pra cidade, ele está com medo de algumas coisas; a situação está muito difícil, um bocado de bandido por aí”;

“Porque os fazendeiros poucos tá querendo pra manter assim direto na fazenda. Pega, assim, depois solta”.

Estas razões, bastante recentes, eram impensáveis por ocasião do estudo feito por Gasparetto: a situação de abandono das casas dos trabalhadores nas fazendas, por causa da falta de recursos do fazendeiro; a sazonalidade (como muitos ficam 6 meses trabalhando e são dispensados nos seis meses seguintes, fica difícil mantê-los na fazenda); a violência no meio rural. Esses motivos justificam um estudo posterior.

Sobre os meios de comunicação de massa (rádio e tv), em 1981, 30,7% dos trabalhadores rurais não possuíam rádio, segundo Sauer. Hoje, todos os entrevistados possuem. A facilidade do sistema de crediário e o barateamento desses produtos provavelmente permitiram essa mudança.

As questões relativas à televisão foram feitas no intuito de saber se assistem a TV e quais os programas a que mais gostam de assistir. Dos entrevistados, 75,27% assistem, 17,85% assistem de vez em quando, e 7,14% não assistem.

Quanto ao que mais gostam de assistir, responderam, nessa ordem:

jornalismo, programas de auditório, novela, esporte, filmes, programas educativos, documentários, programas humorísticos. Um dado interessante foi que mais de 50% dos entrevistados preferem o jornalismo entre os programas da TV, 16 entre os 28 pesquisados.

Por algumas respostas, pode-se deduzir que os meios de comunicação de massa ajudam aos trabalhadores rurais entrevistados a fazer a leitura do mundo: “sempre gosto de ouvir as notícias que passam pelo mundo” (Edmundo).

“Ouço rádio. Pra ficar bem informado, saber o que tá passando lá fora. O jornal na televisão é fundamental. Não tem que assistir porque gosta, mas por obrigação. Eu entendo assim” (Walmir).

“É bom, a pessoa sabe de alguma coisa” (Florisvaldo).

“Às vezes ouço rádio. É um meio de comunicação muito útil” (Silvan).

“Você fica sabendo das notícias que tá correndo na região” (Paulo).

“Por incrível que pareça, (prefiro) o programa que tem mais crítica. Crítica de política, crítica de empresários, dos latifundiários. Ouço muito a Voz do Brasil” (Miranei).

“Gosto do educativo, com informação, que traga algum benefício” (Martinho).

“Eu gosto da Rádio Globo, daqui de Itabuna eu ouço muito a Jornal. Gosto mais de notícia, tanto que eu não ouço muito FM. FM é mais música. Eu gosto mais de notícia” (José).

Dessa forma, fica claro também que, na zona rural, atribui-se ao rádio uma importância maior que à TV. A sintonia com o mundo, a difusão das notícias são

provenientes do rádio, mais até que da televisão. Mesmo porque os rádios portáteis vão com eles ao seu local de trabalho.

Em relação aos meios de transporte utilizados pelo trabalhador rural para ir à cidade ou ao distrito, Sauer (1981) apresenta um estudo *Participação social na região cacauzeira da Bahia — uma análise regional e uma investigação empírica com produtores de cacau em dois municípios* que, entre outros itens estudados, levar-se-á em consideração os meios de transporte.

O autor, em 1981, sobre os meios de transporte mais comumente utilizados pelos trabalhadores rurais para se deslocarem à sede municipal, afirma que: uns iam a pé; outros, utilizavam ônibus, carro de outrem, burro, canoa, carro próprio.

O resultado encontrado nesta pesquisa foi que algumas pessoas vão a pé outras utilizam meios de transportes como ônibus, carro de outrem, burro, carro próprio, moto táxi, bicicleta.

Como se pode observar, não houve referência à canoa e entraram a moto e a bicicleta como opções de transporte. O transporte pesa no orçamento do trabalhador rural. Por isso, eles se deslocam a pé no dia a dia, ficando os transportes motorizados para ocasiões como feira, compras, passeios. O serviço de moto táxi é utilizado, revelando um fato novo, o que vem mostrar as mudanças nos hábitos, em função da evolução da tecnologia, e nas mentalidades das pessoas.

O serviço de moto táxi é utilizado também por jovens senhoras e senhoras de meia idade para se deslocarem até as fazendas, o que pode ser considerado como uma mudança de mentalidade. São detalhes a serem observados e que estão a revelar mais do que, a princípio, sugerem. Afinal, a moto que leva a mulher por uma estrada quase deserta, numa sociedade, antes, tão machista, é

um padrão novo, ao redor do qual estão se organizando novas formas de vida e de existência. Falam em confiança, em respeito, em alteridade e outridade, e é desta forma que acontece a reelaboração das identidades culturais.

As perguntas referentes aos entrevistados e às suas vidas deram à pesquisadora uma proximidade, advinda de uma sensação de acolhimento, que se refletiu num sentimento de pertença, e aos entrevistados a confirmação de que eles têm algo a dizer, uma contribuição a dar. Ou ainda que se acanham por não poder contribuir mais do que desejariam. Tais constatações foram observadas pelas falas de alguns, como: “Eu estou aqui a seu dispor”. “Eu fico agradecido. Porque é a primeira vez que a gente faz uma entrevista. Eu fico muito agradecido porque a gente dá algumas palavras que muita vez vai servir até pra alguém lá fora, né?”.

“Desculpa eu não falar alguma coisa mais, porque eu não tenho leitura”.

“Desculpa eu não saber explicar”.

“Algum erro que tiver aí, desculpe”.

“Eu nunca fui entrevistada. É a primeira vez”.

Na pesquisa feita, a autora atribui ter encontrado um trabalhador rural mais politizado, mais bem informado do que suas condições de existência fariam supor. Ou que uma visão, até certo ponto ideologizada, permite imaginar. Foi possível, inclusive, perceber pontos em comum entre eles e os teóricos estudados e pontos em que há divergência. Como as pesquisas foram realizadas em épocas diferentes, e por diferentes pessoas, isto já justificaria as divergências encontradas. Mas também pôde-se perceber opiniões não esperadas, e que foram, anteriormente, interpretadas de uma forma menos complexa, mais simples, como a explicação dada para o cacau não colhido às sextas-feiras. Para o

sociólogo, ficaria por conta das crenças; para os trabalhadores rurais entrevistados as respostas são muito razoáveis, como: “eu sabia que não era para colher nesse dia, mas achei que era por ser o dia de cuidar dele pra secar já que o sábado e o domingo vêm aí. Se não cuidar, ele mofa”. Fica demonstrada a preocupação com o serviço a ser feito.

Unger (2001) fala nos direitos de solidariedade, que permitem às pessoas representar uma versão mais aceitável do ideal comunitário, que reconhece uma zona de vulnerabilidade mútua, estimula a autonomia, tudo isso em favor da subversão dos mecanismos de dominação e dependência. A partir daí haverá uma interdependência confiante, pois cada um tem obrigações implícitas, que são importantes pela qualidade de subproduto do esforço de defesa de uma textura delicada de interdependências e representações.

Quão necessitado está este grupo social de algo assim, que facilite o exercício da cidadania, condições dignas de sobrevivência e, conseqüentemente, uma existência melhor. Será preciso consentir que fiquem insuportáveis as condições denunciadas por Geir Campos (2003, p.): “e quando em muitos a noção pulsar do amargo, do injusto e do falso por mudar então contar ao povo exausto o plano de um mundo novo e muito mais humano?”

Sem dúvida alguma é preciso repensar a cidadania, a comunidade, as relações políticas, morais e a ética da afiliação social.

Quem irá legislar sobre quem pode ou não falar sobre o assunto, ou, ainda, policiar as fronteiras entre “nós” e “eles”?

Homi K. Bhabha

3 AS PERGUNTAS QUE NÃO HAVIAM SIDO FEITAS

Quero me situar nas margens deslizantes do deslocamento cultural.

Homi K. Bhabha

Neste capítulo assume-se que a palavra será passada ao ex-cêntrico, sem fazer paralelos, sem o balizamento da oficialidade. Falará o trabalhador rural, pois é sobre ele que a pesquisa se debruça, para que possa dizer de si e do mundo.

Para Geertz (*apud*: Burke, 1992, p. 58), o problema básico seria estar apto a “compreender as pessoas culturalmente diferentes de nós [e saber] quanto estamos aptos a traduzir uma realidade cultural para as idealizações eruditas de livros, artigos ou conferências”. Ou, poder-se-ia, num movimento inverso, buscar saber se as idealizações eruditas traduzem uma determinada realidade cultural. E se não o fazem, se essa realidade cultural não foi apresentada, facilitar a apresentação.

A história das pessoas comuns “não pode ser dissociada das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social” (*idem*, p. 54). O que sugere que, ao dizerem deles mesmos e da vida, eles estão dizendo, também, de uma estrutura social na qual estão inseridos. E que, falando da estrutura social, eles podem se dar o direito de significar, de ser, de estar e de narrar. E podem revelar sua identidade, a qual, segundo Hall (2003, p. 15-16) “é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”.

É fato que a história da região cacauzeira tem sido alvo dos relatos e estudos de vozes intelectuais — sejam historiadores ou críticos sociais; também a terra grapiúna tem sido largamente ficcionalizada por escritores da envergadura de Jorge Amado, Adonias Filho, Euclides Neto, Jorge Medauar, Cyro de Mattos, dentre outros tantos da pujante literatura sul-baiana. Mas pouco têm sido ouvidas as vozes ex-cêntricas.

Aqui vale ressaltar o afirmado na introdução: a versão daqueles que, embora excluídos, contribuem para o desenvolvimento da economia, da cultura sul-baianas não visa a preencher as lacunas da história da região (embora de certa forma preencha algumas), mas antes, percebendo por sua ótica, conhecendo melhor sua visão de mundo, oferecer subsídios para que sejam buscadas alternativas de inclusão social dos ex-cêntricos através do turismo.

Ao entrevistar os trabalhadores rurais, a pesquisa procurou abordar assuntos que, pelo que se tem conhecimento, não haviam sido abordados, até então, buscando saber sobre eles, suas relações afetivas, particulares, com a família, religião, trabalho e um pouco de sua visão de mundo.

Segundo Milton Moura, em aula dada no Mestrado de Cultura e Turismo, na UESC, no ano de 2002, “todo texto é tecimento, tecido, tessitura, e toda narrativa é identidade. [...] É preciso que o mundo do outro tenha estatuto de existência própria, para que se possa falar em diálogo, autenticidade, alteridade e noções deste tipo”. A partir do que aqueles trabalhadores rurais foram dizendo, foi sendo tecido um retrato que mostra uma identidade com características marcantes, pelo que estas características têm de originais e de humanistas; e foi percebido que, uma vez podendo assumir o seu discurso, eles encontraram os caminhos que levam ao direito de significar.

Na sua forma de expressão, os entrevistados apresentaram uma reserva de dignidade, de bom senso que, até certo ponto, preserva sua auto-imagem, seu auto-conceito, como será possível comprovar por algumas de suas afirmações. Entrar em contato com esse aspecto identitário, de integridade do ser no seu sentido mais amplo, conforme objeto deste capítulo, faz com que se pergunte se Burke (1992, p. 21) não está absolutamente correto ao questionar: “as pessoas comuns são ignorantes ou simplesmente têm uma educação diferente da das elites?”

Pelo que a história do ser humano tem revelado, o que tem balizado as concepções de culto, ignorante, sábio, rude, no mundo ocidental, é, até certo ponto, o que vem da ideologia da classe mais favorecida, aquela privilegiada sócio-economicamente. Conseqüentemente, as experiências e os discursos valorizados são aqueles afeitos a essa classe social. Ela dá os parâmetros, e nisto, sua própria valorização acontece e quem está fora daqueles padrões é visto como inferior. E a proposta da pesquisa, em consonância com Burke, é repensar as diferenças percebendo-as apenas diferentes, mas não superiores ou inferiores.

3.1 O trabalhador rural por si mesmo

Um vazío pode não estar preenchido, mas não é um vácuo.

Homi K. Bhabha

Para conhecer um pouco da mundividência dos trabalhadores rurais abordados, foram estabelecidas algumas questões: O que seria um homem direito e uma mulher direita? O que é certo e o que é errado? Quem é sabido e quem é tolo? Você reza? Tem religião? O que significa Deus em sua vida? O que é valentia?

A percepção deles quanto ao que é um homem direito demonstra a visualização do homem em relação à vida, ao trabalho, à ética, à família. É o homem no mundo. Já a percepção da mulher direita está muito relacionada ao marido, aos filhos, à casa e ao comportamento sexual. É a mulher no lar. E ainda muito dependente economicamente. Isso se expressa em suas declarações: “Ser um homem direito é ser honesto, cumprir com seus deveres”; “o que trata as pessoas bem”; “o respeitador”; “o homem trabalhador”; “o que paga o que deve”; “o que não toma boca com os familiares de ninguém”; “educado”; “o que anda certo com seu patrão”; “o que não rouba”; “o que tem responsabilidade”; “o que vive bem com sua família”; “o que tem caráter”; “o que não bebe e não fuma”; “o que está sempre dentro da lei”; “o que vai em busca do seu direito”; “tudo de bom na vida de um homem, menos o amor”.

Os valores que perpassam tais respostas sinalizam comportamentos, cultura e atitudes éticas. Consideradas as incidências das respostas, percebe-se que aquilo que define um homem direito para estes trabalhadores rurais da região do cacau é “o cumprimento do dever, a honestidade e o respeito”. Já sobre o que seria uma mulher direita: “a que trata do marido direito”; “respeita o marido”; “cuida da casa”; “faz tudo o que o marido quer”; “a menos ‘rodada’”; “a que anda na linha”; “a que não é uma vagabunda”; “a bem comportada”; “a que se dedica muito aos filhos”; “a parte melhor na vida de um homem”, percebe-se uma visão machista. No entanto, também é valorizado o respeito ao próximo, ao outro: “a que trata as pessoas direito, a vizinhança direito”; “a que cumpre com as suas obrigações”; “a trabalhadora”; “a que não se mete com a vida dos outros, não fala da vida dos outros”; “que tem caráter”; “a que respeita os filhos”; “a honesta”. Quase sempre, no universo masculino, aparece o homem como referencial da mulher. A percepção do que pode ser considerado uma mulher direita, segundo os entrevistados, está muito associado

às suas funções de esposa, mãe, dona de casa, como fica evidenciado em respostas que abrangem 47,6% da amostra estudada. Algumas das respostas aqui registradas permitem o debruçar-se sobre elas e captar uma realidade que parecia longínqua. Estará?

Certas paisagens culturais facilitam que as pessoas se localizem como indivíduos sociais. As respostas obtidas levam a perceber que a mulher da zona rural do cacau não sente desconforto em relação a essas percepções sobre ela própria. Talvez isso aconteça devido ao bem-estar advindo de uma paisagem cultural que lhe é familiar, embora, em certos aspectos, adversa. Queira-se ou não, a tradição, a sensação de continuidade oferecem segurança, e muitas vezes impedem um avanço que poderia ser altamente positivo, mas que amedronta, justamente por ser novo, desconhecido.

Quando se fala, nos estudos culturais, em relação à cultura dos colonizados, pode-se, infelizmente, transferir essa hegemonia, ou tentativa de hegemonia, para outras situações em que há um desequilíbrio de forças. De certa forma, em certos aspectos, a mulher no meio rural é o “colonizado”, e esta situação revela uma geometria do poder. Quando um dos trabalhadores rurais afirmou que “o marido tem que mandar, porque a pessoa dá a comida, né, a mulher tem que saber isso. O serviço dela não é igual ao de nós, home, nós enfrenta qualquer coisa”, ele está balizando o porquê do seu domínio.

Um outro aspecto explorado na pesquisa e que tentou compreender esse universo ético, moral, comportamental diz respeito às questões sobre o que é certo, o que é errado, quem é sabido e quem é tolo, que exigiram outras reflexões. De modo geral, os entrevistados pensavam um pouco antes de responder. Algumas respostas são antológicas, ou poderão ser. Quanto ao que é certo, informaram: “é andar direito”; “que existe Deus no céu/ amar a Deus”; “trabalhar, o tipo de trabalho

que se faz”; “ser amigo, ter amizade com todo mundo”; “não mentir”; “a palavra certa”; “não roubar”; “amar minha mãe, meus filhos, meu marido”; “o que a própria pessoa acha que deve fazer”; “é fazer aquilo que é preciso”.

Para melhor embasar tais respostas, transcrever-se-ão três delas que denotam diferença de percepção e sabedoria. Disse o entrevistado Miranei: “O certo é amar a Deus. Aprendendo a amar a Deus você aprende o certo da vida”. O outro entrevistado, Raimundo, afirma: “É o que a própria pessoa acha que deve fazer”. E ainda outro, Girlan: “É fazer aquilo que é preciso”.

A primeira resposta mostra a espiritualidade do trabalhador rural; a segunda, a busca da individualidade e a fuga da massificação; e a terceira sinaliza o senso de responsabilidade quando expressa que certo é fazer o que é preciso — mostra o limite da independência e o tamanho da responsabilidade. Afinal, como eles mesmos afirmam: “A gente faz o que deve, quem faz o que quer é doido”.

Quanta concisão neste “certo é fazer o que é preciso”! Durante esta pesquisa houve a oportunidade de, entre bons filósofos, discutir exatamente essa afirmação, o que levou a uma excelente oportunidade de pensar. Mas esta frase, de certa forma, resume o que foi dito. Será que se poderia ter sido mais objetivo? Como anda a capacidade de síntese dos que filosofaram? Até que ponto o trabalhador rural Girlan exercita mais que o grupo de filósofos as propostas de Calvino, feitas para este milênio em relação à linguagem?

Ainda continuando nessa análise, perguntou-se sobre o que eles pensam ser errado; e responderam: “é agir mal”; “é não acreditar, não amar a Deus”; “é ser desonesto”; “é roubar”; “é o erro”; “é beber”; “é usar droga”; “é mentir”; “é inimizade”; “é negar que faz errado”; “é desrespeitar a lei”; “muitas coisas”; “é procurar briga”.

Por sua carga poética e por ser uma frase digna de ser proferida por um dos personagens criados por Guimarães Rosa, vale chamar a atenção para a resposta do entrevistado Manoel: “Errado é não saber andar em riba do mundo”.

Segundo Williams (*apud* por HALL 2003, p. 135), “a maneira de vermos as coisas determinará a nossa maneira de viver. Logo, essa visão do que é certo e do que é errado revela um retrato desse trabalhador rural quanto a sua ética, seus princípios morais e, conseqüentemente, permite deduzir sua maneira de viver. Revela também sua hierarquia de valores, hierarquia essa que constrói o ser humano. Lembrando Hall (2003, p. 44): “a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. Essa afirmação lembra que se está sendo, tornando-se, logo, mudando um pouco a maneira de ver, alternando a posição dos valores em sua hierarquia pessoal, seguramente muda cada ser que está sempre em processo. Conforme o mesmo autor, o sujeito pós-moderno é percebido

como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2001, p. 13).

Outra proposição analisada referiu-se a quem é sabido.

Embora correndo o risco da repetitividade, transcreve-se algumas das respostas, para não incorrer em traição do processo enunciativo. Sobre a questão, diz o entrevistado Martins: “Sabido é a pessoa que entra no colégio, aprende ler, faz qualquer serviço sem precisar dor de cabeça na pessoa”. E Miranei: “Eu descrevo a sabedoria de uma maneira muito diferente de muita gente [...] tem vez que existe a sabedoria em uma pessoa tão simples. E um super bem dotado, que estudou em

uma universidade e tudo e muitas vezes ele acaba se passando como, digamos que tenha um pouco de falta de inteligência. [...] Eu conheço um cidadão aqui mesmo que eu acho que ele é uma pessoa super dotada. Não sabe nem escrever o nome, mas ele vê fazer uma coisa, ele vai e faz. E tem o outro tipo de sabedoria que é a parte da ignorância. Para mim, a sabedoria e a inteligência andam juntas, juntamente com a educação”. E Raimundo: “Eu acho que existe aquelas pessoas que não tem a leitura, mas tem aquele saber, aquele controle sobre o que fala, e aquelas pessoas que se dá bem com as palavra, consegue se expressar bem”. E ainda Adelson: “É aquele que trabalha e cuida das obrigação certa, e não é de cachaça, não é de briga. Sabe aproveitar seu dinheirinho, pega, faz sua feira certinha, pra comer em casa durante a semana com seus filho. Pra mim esse é que é o sabido” (risada).

Vale salientar que duas respostas foram dadas por vinte dos entrevistados. Foram elas: “sabido é Deus”; “sabido é quem estuda, tem conhecimento”. Nessa questão, percebe-se que eles valorizam o conhecimento, o doutor, a professora, mas também valorizam “quem não é estudado”, a experiência, a sabedoria. E a resposta de Miranei — “tem vez que existe a sabedoria em uma pessoa tão simples” — mostra que o povo tem as suas defesas, conseguindo se preservar, preservar sua auto-imagem, seu auto-conceito. As respostas mais significativas a essa pergunta insinuam crenças e concepções do social: “tem quem não é estudado e é sabido”; “são os homens”; “não tem sabido”; “é quem procura ser mais sabido ainda”; “é quem não quer perder”; “o médico”; “os professores”; “aquele que sabe administrar seu direito”; “é quem tem a sabedoria da experiência”; “é quem tem a sabedoria dada por Deus”; “a sabedoria e a inteligência andam juntas”.

Com relação às opiniões a respeito da pergunta “E quem é tolo?”, as respostas foram: “Semo nós que somo tolo. Eu mesmo pelejo pra ficar sabido, mas

não consigo”, diz Leolino. “Não existe o sabido completo nem o tolo também. Muita vez o tolo dá no sabido”, afirma Paulo. “Tem o analfabeto inteligente”, opina João. “Quem vive bestando pelo mundo”, pensa Raimundo. “[Tem gente que] não tá se fazendo de tolo, as vez é tolo mesmo”, conclui Carlos José. E a resposta que é um primor, pelo que encerra de sabedoria, capacidade de síntese e evocação poética: “Tolo é aquele que não tem a sua medição”, diz Miranei.

Aqui observa-se o contraponto entre Leolino e João, onde o primeiro considera tolo o trabalhador rural e o segundo fala no analfabeto inteligente. Mas como existem muitas leituras possíveis, talvez Leolino perceba sua categoria como excluída dos benefícios sociais. Talvez sinta-se realmente tolo por permitir passivamente tal situação. E Miranei? Não conhece Sócrates, mas sabe da importância do “conhece-te a ti mesmo”.

Além das respostas apresentadas, outras, referentes à mesma pergunta podem ser sintetizadas: “é quem não sabe nada”; “ninguém é tolo”; “é quem não sabe fazer nada”; “mal do sabido se não fosse os bestas”; “é aquele que se faz de tolo”; “quem tem conversa tola”; “do tolo todo mundo quer se apoderar”; “nós”; “o analfabeto”; “a criança”; “quem não sabe nada sobre alguma profissão”; “o valente”; “quem não sabe o que faz”; “aquele que só leva prejuízo”; “quem não procura ver o que é ruim”; “quem se conforma com tudo”.

Ficou claro que houve cuidado, nessas respostas, para não ofender quem quer que fosse. Era como se percebessem o risco de pisar “aquele lugar perigoso onde a identidade e a agressividade se enlaçam” (BHABHA, 1998, p. 100). Alguns consideraram tolos eles mesmos, como transcrito, mas a grande maioria evitou citar alguém, alguma categoria social como tal. A impressão que ficou é que eles sabem habitar um espaço onde as diferenças são respeitadas e que não têm necessidade de arranhar a imagem do outro para ter a sua valorizada, situação tão diferente

daquela gerada pela competição existente no mercado de trabalho, das grandes e médias cidades. Para eles, a alteridade, o respeito à diferença são naturais.

Ao questionamento sobre a crença, Deus, e a importância dele na vida, a totalidade das respostas deixa clara a espiritualidade dos entrevistados. Há uma relação de reverência extrema entre eles e Deus, como pode ser observado nas respostas transcritas: “sem Ele ninguém sobrevive”; “é tudo”; “é o Pai; é o caminho”. Mas há respostas mais críticas, em relação ao adepto, ao fiel: “O católico, ele praticamente pode tudo; o cristão não, ele tem que viver dentro do regime da igreja, [...] no regime da religião”, observa Miranei.

Como dito, o trabalhador rural é um ser espiritualizado. Sua relação é de respeito, temor, reconhecimento, gratidão. Pode-se afirmar que ele tem o senso do sagrado, o respeito e a veneração por algo superior.

Observe-se essas respostas: “A gente não tem o poder de ver Deus”; “para pedir, só no pensamento”; “a gente chama muito por ele, mas não vê ele”, que foram proferidas por Walmir, José e Martins, respectivamente.

Faz-se conveniente abrir um parêntese para salientar os limites do próprio entrevistador. Só depois de algumas entrevistas com respostas abertas e perguntas específicas para cada assunto, mas flexíveis, pôde-se constatar que, em algumas situações, em lugar de se perguntar algo como: Você acredita em Deus? Qual a importância de Deus em sua vida? erradamente perguntou-se: Como você vê Deus em sua vida? Daí as respostas referentes à impossibilidade de vê-lo. Que a linguagem figurada realmente não é a indicada nos estudos científicos, foi a grande lição que ficou.

Sobre a questão: você tem religião? Qual é ela? A resposta foi afirmativa no caso da maioria dos entrevistados. A minoria não tem religião, mas acredita em Deus; outros responderam que são católicos, cristãos ou crentes. Um entrevistado

refere a igreja Cristã do Brasil. Outro, que sua religião é fé em Deus. De modo geral, embora sinalizado o hibridismo religioso, as respostas apontam para a certeza da imprescindibilidade da crença num ser superior. No entanto, não há unanimidade quanto às percepções e isso é o que sinaliza a resposta do entrevistado José: “Eu ando, freqüento a Igreja Católica, mas eu não sou muito ligado, não. Eu vejo coisa errada lá também”. A observação é indicativa de uma crítica ao clero ou à própria Igreja.

Ao serem perguntados se faziam oração, constatou-se que todos responderam afirmativamente, sendo que oito pessoas afirmaram orar e não rezar; a resposta de Silvan é reveladora da diferença que consideram existir entre as duas situações: “Uma reza é uma repetição de palavras, a oração é falar o necessário para chegar até Deus. Como se fosse uma intimidade”.

Atualmente, um fenômeno que está sendo percebido e estudado é o crescimento do número de pessoas que se dizem religiosas e praticantes dos ritos de sua Igreja. A Igreja Evangélica tem crescido bastante, havendo, especialmente nas Câmaras, inclusive na Federal, a bancada evangélica. Entre os jogadores de futebol o fenômeno da religiosidade também pode ser observado. Isto muda algumas atitudes e, nessas mudanças, há a apropriação e reelaboração das identidades culturais. Valores como o casamento, a fidelidade, a honradez e uma certa expectativa em relação ao que virá de Deus, mesmo no plano material, pela adesão àquela religião, passam a ser mais consideradas, mais respeitadas. Parece que ser religioso, hoje, é um bom negócio, é rentável.

Após saber sobre a espiritualidade dos entrevistados, questionou-se sobre algo que pode ser considerado como do plano do sobrenatural, embora haja quem categorize o assunto no plano das crenças, das superstições, até mesmo no da alucinação. Inquiriu-se: assombração existe? Essa foi uma das questões que

averiguaram sua mundividência. As opiniões se dividiram e a resposta de José Dórea é sintetizadora:

“Existe. Mas não pra quem tem fé em Deus. Agora, pra quem chama pelo que não presta ... só vai pra quem chamá pelo que não presta, mas pra quem tiver fé em Deus, não. Assombração é pra quem não tem fé. Eu já vi. A vez andando na estrada, tarde da noite, as vez vem outras pessoa conversando, já vi jogá pedra, areia e não é ... gente. Só dá mais também em lugar de bambu, de cruziada. Esses negócio, né? A vez ouve uma voz chamando, mas sabe que não pode respondê, tem que deixá chamá duas ou três vez, não pode chamar uma vez, primeiro, e a pessoa respondê. Se chama duas ou três vez... você responde, mas não é bom respondê”.

Mais de 50% destes trabalhadores rurais (16) ou acredita ou acha que talvez exista assombração.

O que habita e o que contribui para que o imaginário do povo da zona rural em relação a essa crença seja forte? A sozinhez, a escuridão à noite, os casos narrados, que passam de geração para geração, que acabam se constituindo num legado de memórias, numa vontade de perpetuar a herança que se recebeu? Ou será o fato de que o medo é que faz ver, como responderam dois deles?

Quando aqui se faz referência a imaginário, está-se considerando

não imagem de, mas criação incessante e essencialmente indeterminada (social, histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’. Aquilo que é denominado ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos (CASTORIADIS, 1982, p. 13).

No que se refere à questão sobre valentia, pede-se licença para abrir parênteses a fim de expressar surpresa diante das respostas a esse assunto. Por causa dos rodeios e dos filmes de faroeste, esperava-se uma certa admiração por essa característica tão cara a algumas pessoas. Algumas respostas demonstram entender a questão pela negativa: “é bebida, maconha”; “tem o valente de briga”; “não é uma coisa boa, bom é ser humilde”; “pra mim é ruim”; “o valente vai andar corrido”; “é levar outro, que não quer, a brigar”; “é vingança”; “é violência”; “é falta de cultura”; “é agressividade”; “é maluquice”. Outras expressam valores: “só existe o valente no trabalho”; “não existe, só é valente na dignidade”.

Talvez essa seja uma das questões cujas respostas melhor mostram a percepção, o perfil do trabalhador rural. O caso contado por João Morais de Almeida é um caso para estudo, de tão bem narrado e pela psicologia que vem a tona com essa narração:

Eu acho que valentia parte da ignorância porque, antigamente, eu vou dizer à senhora, existia mais gente ignorante do que está existindo hoje. Eu trabalhei numa região, aí de Ubatã, eu morava em Ubatã, mas eu tangia tropa, nesse tempo não ia carro para Ibirapitanga, que antigamente era Cachoeira do Pau, essa mata era uma coisa séria. A senhora só via aqueles homens com cada um facãozão, naquelas porta de venda, com uma pistola daquelas dois canos. Aquilo era uma ignorância que eu vou dizer à senhora... tinha um cara mesmo dessa região aí de Ibirapitanga, hoje é Ibirapitanga, que antigamente era Cachoeira do Pau. Então tinha um cara aí nessa região que era falado, eu morava aqui embaixo, em Banco Central, e não conhecia esse cara. Aí eu fui pra Ubatã, né, foi quando eu fui pra Ubatã que apareceu esse cara, num lugarzinho chamado Cristal, num comércinho que tinha lá, no município de Ibirapitanga mesmo, município de Ibirapitanga não, era Camamu (Ibirapitanga era do município de Camamu, agora tá emancipada, não

é?), então, tinha um lugar por nome Cristal, esse lugar hoje tá debaixo da represa da barragem, quer dizer que ficou debaixo da água esse lugar, e então chegou esse cara, chamava João Canguçu. Era falado esse homem. Diz que batia facão, furtava, mas não tinha negócio de furtar não, o negócio dele é que ele era veloz, ele era veloz. Então ele foi pro Cristal, ficou lá no Cristal, um pretinho baixo do bigodão, camaradeiro, né, muito camaradeiro, e tinha um guarda do município de Ubaitaba, por nome Zé Mendes, que ficava lá na cabeça da ponte pra fazer cobrança de carga que passava, esse negócio. O Zé Mendes veio pro Cristal, aí teve uma discussão com ele. Ele deu um talho em Zé Mendes que o talho pegou daqui da orelha, aqui dentro da boca, ainda arrancou dois dentes de Zé Mendes... O Zé Mendes tava com um revólver 38 na cintura, mas correu... correu e ele enrabou Zé Mendes. Chegou numa ponte que tinha na passagem de uma perna de uma lagoa que tinha pra sair na cabeça da ponte onde Zé Mendes morava, quando Zé Mendes olhou, que viu ele, ele já vinha perto, Zé Mendes rancou o revólver, atirou nele. Ele voltou e voltou e caiu na porta de uma mulher por nome Maria, que o povo chamava Maria Peitão. Aí pegaram ele, botaram numa Rural, levaram pra Ipiaú. Morreu na estrada. A fama de João Canguçu acabou. Chamava João Canguçu. Ele era muito facãozeiro e deles lá nessa região tinha demais, demais, na região de Ibirapitanga. Hoje tá um lugar muito, como é que diz? Menos violento, não é? Menos violento. Donde que eu digo que a valentia parte mais da ignorância.

Ficou patente que valentia, para o trabalhador rural, é algo muito negativo. Só se abre exceção para considerar a valentia positivamente no trabalho, na defesa de bens que são entregues a alguém. E o que foi pensado, depois de muita análise, foi que nas relações de poder, o trabalhador rural está quase sempre numa situação de desvantagem. Valente é o outro. Ele atura o valente. Muitas vezes é humilhado e raramente pode revidar. Há um desequilíbrio de forças nas relações

de poder que envolvem o trabalhador rural, seja com o patrão, seja com o gerente, com o dono da venda, do armazém, que faz com que ele se retraia diante da valentia, e tenha aversão a ela.

Conscientemente, houve, nesse trabalho, uma opção por apresentar certos aspectos culturais desse grupo sem fechar as interpretações numa única interpretação que seria sempre reducionista, a da visão da autora da pesquisa. Certas respostas foram tão ricas que valem por si mesmas. E houve esse cuidado pela compreensão advinda dos estudos culturais e pela concordância com Hall (2003, p. 211-212) quanto à concepção de que

a metáfora do discurso, da textualidade, representa um adiamento necessário, um deslocamento, que acredito estar sempre implícito no conceito de cultura. Se vocês pesquisam sobre a cultura [...] têm de reconhecer que irão sempre trabalhar numa área de deslocamento. Há sempre algo descentrado no meio cultural, na linguagem, na textualidade, na significação; há algo que constantemente escapa e foge à tentativa de ligação, direta e imediata, com outras estruturas.

Por isso, a palavra foi passada ao trabalhador e as interpretações do que eles disseram são, um pouco, da autora dessa dissertação, e muito de cada pessoa que se dispuser a fazê-las, porque, como sempre, muitas são as interpretações possíveis.

3.2 O cacau na ótica dos trabalhadores rurais

*O que deve ser deixado em aberto é como
haveremos de nos repensar.*

Homi K. Bhabha

Como já foi dito e acontece em tantos outros lugares, na Região Cacaueira, a história do cacau é conhecida através da versão oficial. Somente alguma ficção trata o tema da perspectiva do ex-cêntrico, como em *Tocaia Grande* (Jorge Amado, 1984).

Analisar o cacau a partir da ótica dos trabalhadores rurais é, de certa forma, fazer uma ruptura significativa, aquela em que, segundo Hall (2003, p. 131), “velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas”. Sair da análise do cacau feita por mestres, doutores, agrônomos, economistas, sociólogos e entregá-la aos trabalhadores rurais é tentar tal ruptura significativa.

Essa parte da pesquisa focou o cacau ontem e hoje. A intenção inicial foi que o trabalhador rural fizesse uma comparação entre a situação do cacau nos tempos dos “frutos de ouro” e nos tempos da “vassoura de bruxa” e analisasse a clonagem.

Nessa comparação, a maioria dos trabalhadores rurais entrevistados considerou que ainda está difícil, mas já esteve pior. A questão da capacidade de oferta de emprego, diretamente atrelada às pragas, fez evidenciar o pensamento quase unânime de que os tempos mais antigos eram excelentes, gerando inclusive muitos empregos e que hoje está bem difícil. José Dórea da Silva Filho, num outro tipo de raciocínio, considerou estar mais fácil ser fazendeiro depois da baixa do valor das roças. Essa resposta conduz à mobilidade social ocorrida. Como afirma quem vive na região, o dinheiro mudou de mãos. Em alguns casos pode-se perceber comerciantes, profissionais liberais que conseguiram comprar propriedades com as quais nunca ousaram sonhar. É interessante a motivação que leva alguém a comprar uma fazenda que está dando prejuízo, cuja despesa é maior que a receita. Um desses novos proprietários justificou: vale a pena, primeiro porque ser o dono

dessa fazenda dá prestígio. Depois, porque existe a esperança do controle da vassoura de bruxa e dos resultados da clonagem.

Na sua percepção sobre a situação do cacau ontem e hoje, estes trabalhadores rurais assinalam: a vassoura de bruxa como vilã; como isso se refletiu no “lado da parte mais fraca” com o desemprego; a queda vertiginosa da produção; a dificuldade de combater a praga; a produção do cacau clonado como menor que a do fruteiro; a preocupação constante, do fazendeiro, com a “folha de pagamento”, com o salário do trabalhador. E foi considerado também que a clonagem está dando bons resultados; o cacau está começando a se recuperar.

Isso se torna expressivo na fala de Silvan, um trabalhador rural que faz sua análise: “Há 40 anos, o proprietário da roça onde trabalho estaria em Miami, telefonava para o administrador e dizia: eu quero tantas arrobas de cacau – e vendia até mesmo o cacau no pé, em flor. Hoje é diferente, hoje ele tá dentro, mete a mão no arado, ele sua a camisa pra manter o padrão que ele está”.

Como se pode perceber, houve uma grande mudança quanto à situação do fazendeiro e ao valor do cacau.

Segundo dados técnicos publicados na revista *World Watch*, (s. d. p. 10), “Na esfera da invasão fúngica, a colheita despencou do seu pico de quase 400.000 toneladas, no final dos anos 80, para 105.000 toneladas, hoje. [...] O valor da exportação de alguns daqueles anos de pico atingiu US\$ 900 milhões. Em 1999, conforme a Organização para Alimentos e Agricultura das Nações Unidas (FAO), chegaram a apenas US\$ 4,9 milhões (ambos os valores são em dólares de 2000). De acordo com a CEPLAC, atualmente, cerca de 90.000 trabalhadores rurais perderam seus empregos. A área de produção também encolheu, de aproximadamente 600.000 hectares, para, talvez, 450.000 hectares”.

O Brasil atualmente produz apenas 4% do cacau mundial contra 24% em 1983, segundo Bright, que afirma ainda:

A fim de superar a vassoura de bruxa, muitas roças de cacau terão que ser substituídas por árvores mais resistentes. A CEPLAC lançou, em 1997, sua primeira geração de cultivares resistentes de cacau. Essas árvores estão começando a produzir e os resultados são encorajadores (p. 24).

Em editorial do jornal Agora, de 28 a 30 de junho de 2003, lê-se que Ilhéus quer a recuperação da lavoura cacaeira:

O secretário – executivo do Comitê do Programa de Recuperação da Lavoura Cacaeira, Fernando Florence, acredita que já foram recuperados até agora, na região produtora da Bahia, mais de 130 mil hectares com variedades resistentes à vassoura de bruxa, isto em áreas financiadas, sem levar em conta fazendeiros que vêm fazendo a renovação das plantações com recursos próprios, o que pode representar um adicional de 20% em relação ao estimado, o que considera um resultado positivo para os produtores (p. 4).

Como fica claro, o trabalhador rural tem uma percepção da queda da produção, do desemprego e do início da recuperação com a clonagem. Eles têm a vivência, sabem do cacau. Vale transcrever a opinião do Sr. Walmir sobre o conhecimento do cacau por parte do trabalhador rural e do agrônomo ou técnico agrícola da CEPLAC (foi citado o pessoal da CEPLAC, mas refere-se aos que têm apenas a teoria).

Porque... tem muitos que se formou através de livro, mas na prática ele não sabe quase nada. Eu conheço muitos deles aí que praticamente... tem pessoas hoje da CEPLAC que ele é especializado através do próprio trabalhador. Porque aí ele deu pra ir pro campo lidar dia a dia com o trabalhador. Aí ele aprendeu. Se ele ficar só na teoria, ensinando por livro, eu acho que ele não aprendeu. Aquele que tem que ensinar é aquele que vive no campo, dia a dia. Ele tem alguma coisa pra traçar pra outras pessoas que não sabe.

Tal postura é indicativa do valor que tem a prática em relação à teoria e sobre esse assunto Hall (2003, p. 143) observa quando trata da formação das identidades:

São reunidos dois elementos – consciência e condições – em torno do conceito de experiência, supondo condições de vida, domínio do vivenciado e é atribuído papel central ao papel da experiência. Daí se conferir à experiência posição autenticadora da própria cultura.

Em relação à dinâmica das identidades atrelada às condições de trabalho nas roças de cacau, cabem aqui duas abordagens: uma sobre o desemprego gerado pela crise do cacau, em que alguns trabalhadores rurais verbalizam sua preocupação com aqueles que foram para outras cidades, e que vivem até debaixo de viaduto, dos pais de família que deixaram mulher e filhos e querem voltar. Embora dentro de um mesmo país, de dimensões continentais, diga-se de passagem, há um sentimento de desterritorialização causado pelo deslocamento, pelo afastamento da “terra natal”, como a ela se referem. A segunda abordagem é sobre a grande preocupação com a época do “paradeiro”, assunto recorrente — é a descontinuidade no tempo do trabalho, é a contingência, é a fragilização do poder de barganha do trabalhador rural. Ele está muito mais assujeitado e percebe que, em relação ao trabalho, mudaram alguns paradigmas, alguns quadros de referência. Direitos cobrados há alguns anos atrás, já não são mais. O discurso é o da concordância. Há muita compreensão em relação às dificuldades

econômicas por que passa o fazendeiro, mas há também muito medo. Eles percebem a necessidade de reelaborar as relações de trabalho.

Foi acrescentada ao estudo a questão da clonagem, pois é um assunto sempre presente quando se fala sobre cacau, atualmente. Ao se perguntar sobre o assunto, eles observaram: “é bom clonar, dá resultado”, foi a resposta de 18 dos trabalhadores rurais; mas também há aqueles que não acreditam na clonagem; aconselham que não vale a pena cortar o cacau velho; que é melhor plantar o parazinho, o nativo. Disseram eles: “a clonagem exige muito zelo, muitos cuidados, por isso é cara”; “lasca muito, o clonado”; “vai se ver daqui a 8, 10, 20 anos”; “é bom o clonado e o parazinho”; “é melhor zelar do cacau, que clonar”; “é mais resistente, mas produz menos”; “não tenho certeza (sobre a clonagem); tem que saber fazer”. Alguma desconfiança em relação aos resultados positivos da clonagem é compreensível e justificável, devido ao fato de a experiência ainda ser muito recente e sem uma análise científica do seu resultado:

Programa de Recuperação da Lavoura Cacaueira Baiana foi implementado em 1995, sem o suficiente apoio tecnológico, fazendo com que as duas etapas iniciais se constituíssem num tiro no escuro: os recursos liberados foram dispersados em práticas agrícolas que se mostraram insuficientes para debelar a vassoura-de-bruxa. Só na terceira etapa, em andamento, a CEPLAC teve condições mais objetivas de oferecer aos produtores a tecnologia compatível, que justificasse, como justifica, a continuidade dessa política de crédito (PACTO DO CACAU, 2001, p. 10).

No que se refere ao custo da clonagem, “os técnicos calcularam o valor médio por hectare em R\$4.300,00” (*idem*, p. 12) no que a percepção do trabalhador rural está correta. E sobre as afirmações de que a clonagem exige muitos cuidados e que tem que saber fazer são perfeitamente compreensíveis para quem já assistiu a uma enxertia da haste na planta mãe, cujo sistema radicular irá servir ao novo cacaueiro. É uma verdadeira pequena cirurgia.

3.3 O foco no sujeito dessa história

Talvez não seja este o lugar de terminar, mas pode ser o lugar de começar.

Homi K. Bhabha

A pesquisa considerou esse um momento dos mais importantes: o de focar seu personagem principal, tentando conhecê-lo melhor. Se todo espaço cedido é um espaço ocupado, como afirma a Física, a proposta era que o trabalhador rural ocupasse plenamente seu lugar de direito e dali pudesse falar.

Quem mora nessa região e convive com eles sabe que são reservados e que, por isso, é preciso chegar aos poucos, ir conquistando sua confiança, deixando-os à vontade para que possam dizer de si e dizer do mundo. E foi o que aconteceu.

Falar de si!

O processo de comunicação, de fato é o processo de comunhão: o compartilhamento de significados comuns e, daí, os propósitos e atividades comuns; a oferta, recepção e comparação de novos significados que levam a tensões, ao crescimento e à mudança (HALL, 2003, p. 135).

Não foi possível avaliar se tudo isso ocorreu no momento das entrevistas, no processo de comunhão, mas com certeza muita coisa boa aconteceu, para a pesquisadora e, espera-se, para eles, os entrevistados. Para a pesquisadora houve muito a aprender. Para eles algumas das frases ditas como despedida ou agradecimento dão idéia de que também foram tocados.

Seu Walmir – “Eu fico até agradecido, porque é a primeira vez também que a gente faz uma entrevista. Eu fico muito agradecido porque a gente diz algumas palavras que, muita vez pode servir até pra alguém lá fora”.

Nelci – “Algum erro que tiver aí desculpe. Nunca fui entrevistada. É a primeira vez. Sim, senhor, entrevistada”.

Percebeu-se que seria preciso conhecer melhor estes trabalhadores analisados. Não apenas saber suas opiniões, pedir suas análises, mas saber deles, de suas vidas. Assim, perguntou-se:

Como é sua mulher (seu marido)? Descreva. E descreva também você mesmo. Como estão seus filhos, como são eles? Como você gosta de se distrair? Ir à feira é bom? Ajuda na convivência, é uma oportunidade de encontrar amigos? A escola é importante?

Ao se pedir a cada um dos entrevistados que fizesse uma descrição de seu/sua companheiro(a), percebeu-se que, para muitos deles, algumas características seriam próprias das mulheres voltadas apenas para o lar, como: boa companheira; mulher direita; cuida da casa; boa mãe, me respeita; não é ciumenta; não bebe nem fuma; não é agressiva; não é de fofoca; caseira. Outros(as) já percebem a pessoa em si e não em função de, e na sua descrição entra: uma pessoa boa; educada; gosta de trabalhar; gosta de fazer amizade; não é calma; prestativa; simples; participativa; rígida; trata as pessoas bem; legal.

As grandes qualidades da companheira, segundo 48% dos entrevistados, seriam: ser boa companheira, ser uma mulher direita, ser cuidadosa com a casa e uma pessoa boa. Logicamente, essa questão tem muita proximidade com a que aborda a questão da mulher direita. O que pesa mesmo é ser direita, cuidar da casa, ser uma pessoa boa, e educada, pois 25 trabalhadores rurais assim consideraram. As outras respostas são pontuais. Burke (1992, p. 136) comenta sobre

definir as margens — por mais estreitas que possam ser — da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que o governam. Em outras palavras, uma investigação da extensão e da natureza da vontade livre dentro da estrutura geral da sociedade humana.

Na zona rural, não se sabe se por uma reserva natural ou se porque, lá, certas idéias libertadoras ainda não encontram eco, a impressão que se tem é que homens e mulheres estão confortáveis nos seus papéis.

Foi pedido que se descrevessem, que citassem suas características. No levantamento das respostas, as mais recorrentes foram: “sou trabalhador”; “acho que sou uma pessoa boa”; “convivo bem, faço amizade, sou amigo de todo mundo”; “sou honesto”; “não sou de briga”; “converso com as pessoas”; “sou calmo, tranqüilo”; “não me meto com ninguém”; “gostam de mim”; “não gosto de mentiras”; “eu bebo”; “sou educado”; “cuido do que é meu”; “sou inteligente”; “já fui violento”; “sou muito tímida”; “gosto de ajudar”; “sou cismado”; “sei prestar atenção no que meus amigos estão falando comigo”; “sou de médio pra bom”; “sou feliz”; “não prejudico ninguém”; “sou uma pessoa ótima, já num digo boa, ótima”.

Transcreve-se algumas das respostas para melhor entendimento do exposto:

“Eu acho que não existe uma lei melhor do que a gente mesmo se concordar com a gente. A gente mesmo se concordar, o que já fez, o que já participou, pensar isso”, João Morais de Almeida.

“O que eu não gosto em mim é eu não saber ler, nem fazer meu nome eu sei. Isso aí... eu não gosto, desse lado, mas... daí eu gosto tudo de mim. Saber ler é importante, né? A pessoa que sabe a leitura [...] sabe explicar as coisas que eu não sei”, Maria Anita dos Santos.

“Trabalho há muito tempo. Não tive nada porque é a sorte. Ninguém nasceu sem sorte. Mas a vez eu não pude arranjá nada, por enquanto. Comecei a trabalhar com a idade de 7 anos, larguei pai e mãe com 13 anos. Vim sozinho com um companheiro. O companheiro foi embora, fiquei aqui, Barro Preto. Depois passei 8 anos em Itajuípe”.

Como complemento, perguntou-se:

— E nunca voltou pra ver seu pai e sua mãe?

“Não. Depois eu escrevi pra lá. Aí meu irmão veio. Aí nós foi lá, fui mais ele. Passei 8 dias no norte. Eles já num tavam mais lá. Tavam em Umbaúba. Já moram lá em Umbaúba, hoje. A véia faltou, só tem o véio hoje”, José Raimundo dos Santos (por ocasião da entrevista, em 2003, esse homem estava com 66 anos).

Dois comentários podem ser feitos e referem-se a duas descrições. Uma diz: “tenho o meu ritmo, sempre proso, todo mundo gosta de mim” (Manoel).

Apesar de todas as desvantagens, do afastamento dos benefícios sociais, percebe-se uma elaboração positiva de sua identidade.

A outra, “eu sou inteligente”, demonstra uma capacidade de reelaborar a própria identidade na contra-mão da ideologia. Ele sabe distinguir escolaridade de inteligência. Ele percebe que é inteligente.

Essas questões revelam valores e angústias dessas pessoas. Como valores sobressaem — ser trabalhador, ser uma boa pessoa, ter facilidade de convivência, de fazer amizade, enfim, a inteligência emocional; ser honesto e não ser de briga foram características muito citadas e que revelam o que é apreciado. Já as angústias passam pelas questões do analfabetismo e da pobreza.

Vale ressaltar que

o povo não é nem o principio nem o fim da narrativa nacional; ele representa o tênue limite entre os poderes totalizadores do social como comunidade homogênea, consensual, e as formas que significam a interpretação mais

específica a interesses e identidades contenciosos, desiguais, no interior de uma população (BHABHA, 1998, p. 207).

Outro assunto da pesquisa foi sobre os filhos; responderam:

“Gosto muito deles”, foi a resposta geral; “está indo bem”; “são ótimos”; “peça fundamental na minha vida, a coisa mais linda do mundo”; “duas dádivas”; “maravilha”; “adoro meus filhos”; “são honestos”; “têm respeito”; “são calmos, não gosta de briga”; “são estudiosos, são bons”; “não me dão trabalho”; “nunca mais vi”; “não estão numa situação boa”; “é uma preocupação e uma alegria”.

Sobre como gostam de se distrair, divertir, como é o lazer, eles responderam: “ficar com a família ou sair com ela”; “sair com os amigos”; “ver televisão”; “ouvir rádio”; “tocar violão”; “ir à praia”; “ir à igreja”; “ir à cidade”; “passear”; “pescar”; “plantar”; “queimar uma carnezinha”; “prosar”; “jogar bola”; “cuidar da casa”.

Somente um entrevistado, Carlos José, respondeu que, por trabalhar no secador de cacau, fica pouco voltado para o lazer, pois essa função não permite folgar no domingo ou feriado se tem cacau para secar.

Cinquenta por cento dos pesquisados gostam de se distrair ficando ou saindo com a família, vendo televisão e jogando bola.

Fica claro que esses trabalhadores rurais não dispõem de muitas opções de lazer ou distração, devido a vários fatores: distância dos centros onde existem formas diferenciadas de lazer, seus hábitos pessoais, ausência ou custo do transporte ou dificuldade de pagar outros tipos de divertimento, falta de oportunidade. Isso, apesar de o lazer, hoje, ser reconhecido como necessário à saúde mental.

Em geral, o sábado ou domingo é um dia reservado, para o homem que vive no campo, ir à feira, ver coisas novas, passear pela cidade, mesmo que seja uma vila. Sobre este fato perguntou-se: a feira é importante? Por quê?

De modo geral, foi considerado que a feira é uma atividade importante, mas quanto ao porquê dessa importância, as respostas variaram muito: “para ver amigos, comprar, vender, conversar, alimentar-se, porque é novidade, faz o dinheiro girar, é um meio de sobrevivência, é área de lazer”. Sobre a importância da feira como possibilitadora de convivência, oportunidade de ver amigos, apenas duas pessoas falaram sem serem perguntadas, espontaneamente.

Transcrevendo uma das respostas, tem-se:

“A feira é importante e alguns anos atrás era uma feira melhor, corria mais dinheiro. Hoje... no caso da vassoura-de-bruxa, de uns 7 anos pra cá, 8, a maioria do povo tá trabalhando fora. [...] Matava 15 reses no distrito onde moro, hoje mata 3, 4 reses. Hoje, só a criançada. Os homens, que é os pai das criança, tão tudo fora, São Paulo, Porto Seguro, Itamaraju, e aí vai acabando tudo. A feira hoje começa às 6 hora, às 9 hora já acabou. Antigamente rolava direto. Hoje está 70% a menos, a feira” (Antonio Menezes).

A feira serve de medida para a crise. É um parâmetro confiável e Tonhão faz sua análise. E essa análise faz um retrato da crise na medida em que compara duas épocas diferentes com suas diferentes feiras. E para as pessoas que moram nessa região, e freqüentam a feira das cidades menores, dos distritos, isto é muito claro.

E sobre a escola, se é importante, todos concordaram que sim: “com certeza é muito importante, responderam todos”; “escola é educação, sem a escola é difícil até para viver”; “ela dá o saber e o trabalho”; “é sabedoria, instrução”; “se não tiver o estudo não tem nada na vida”; “é o centro”; “a computação invadiu, quem não sabe computação hoje em dia é burro”; “a pessoa estudado, sabido tem uma ciência dada por Deus”; “sem escola é difícil a vida dele pra ele romper”.

A valorização da escola fica clara também no que se lastima: “eu acho que eu não aprendo mais nada” (Florisval).

“Eu não sei porque meu pai achou que eu tinha de ficar burro mesmo, aí eu não aprendi nada” (Gilson).

“Eu acho que um dia eu fui tolo. Deixei de estudar para vir trabalhar no campo” (Silvan), (respondendo sobre quem é tolo).

“O que eu não gosto em mim é eu não saber ler, nem fazer meu nome eu sei. Isso aí... eu não gosto desse lado, mas... daí eu gosto tudo de mim. Saber ler é importante, né, a pessoa que sabe a leitura [...] ele sabe explicar as coisas que eu não sei” (Maria Anita, se descrevendo).

A resposta de Gilson, responsabilizando o pai por não ter freqüentado a escola e, por isso ter ficado “burro”, faz com que se questione um espaço para o livre arbítrio, proposto por Burke (1992, p. 135) “toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretação e liberdade pessoais” *versus* um certo determinismo proposto por Marx ao afirmar que não é a consciência que determina as condições de existência, mas as condições de existência determinariam a consciência.

Esses dois pensamentos, até certo ponto antagônicos, e que podem causar polêmica, são aqui colocados propositadamente. Burke, trazendo um ser humano agente de sua história, com suas possibilidades de liberdade é a confirmação das idéias que a pesquisa abraça. A grande preocupação, agora já olhando a realidade à volta, é considerar como provável uma força e uma determinação que são de alguns, não de todos.

Até que ponto uma criança que não foi mandada à escola, mais tarde, por si mesma, irá recuperar o que estava perdido? Não é cômodo considerar que o

espaço de liberdade está colocado? Embora exagerado, radicalizando em alguns aspectos, o pensamento de Marx não desestabilizaria mais e faria com que se buscassem melhores condições de existência para todos? Fica a provocação.

A autora dessa dissertação quer deixar registrado que foi possível aprender muito com os entrevistados, inclusive a respeitar e a valorizar sua vida, sua maneira de ser, sua sabedoria e sua percepção. Descobre-se que eles têm muito a dizer e sabem como fazê-lo, por isso é preciso dar início ao exercício da escuta. Daquela escuta respeitosa, que eles dominam com maestria.

O que um homem não pode fazer, as gerações podem.

Jorge Luis Borges

4 UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO SOCIAL DO TRABALHADOR RURAL NO TURISMO DE ILHÉUS

4.1 As políticas públicas do Governo do Estado da Bahia com relação ao turismo

*Escrevo para o povo, mesmo que ainda não possa
ler minha poesia com seus olhos rurais.*

Pablo Neruda

A Bahia, como um todo, é um estado a ser aproveitado turisticamente, e Salvador é uma cidade peculiar, onde o antigo e o moderno convivem em harmonia. Ha muita história e muita beleza nesse estado.

Esta parte do texto toma por fundamentação o trabalho de Queiroz (2002) que afirma que o turismo teve sua inserção inicial no planejamento estadual com a criação da Comissão de Planejamento Econômico – CPE, decreto nº16.261, de 1955, por Rômulo Almeida (ex-deputado federal e ex-Ministro do governo Vargas), quando foi nomeado Secretário da Fazenda do governo estadual de Antônio Balbino. Esse mesmo decreto criou também o Conselho de Desenvolvimento Econômico da Bahia – CONDEB. A CPE teve como objetivo primeiro o Programa de Recuperação Econômica da Bahia, apresentado em 1959. Com esse planejamento, o turismo no estado ampliou consideravelmente seu raio de inserção, principalmente quando em 1966 foi criado o Departamento de Turismo, pela Secretaria dos

Assuntos Municipais e de Serviços Urbanos, através da Lei 2321, publicada em 26.04.1966 que se responsabilizava pela execução da política governamental de assistência aos municípios, e foi estruturado em Divisão de Fomento ao Turismo e Divisão de Estâncias Hidrominerais (*idem*).

A partir de 1971, foram criados pela Lei nº2930, de 15.05.71, na estrutura da Secretaria de Indústria e Comércio — SIC, o Conselho Estadual de Turismo — CETUR e a Coordenação de Fomento ao Turismo — CFT. Esses órgãos passaram a atuar em parceria com a Bahiatursa, também vinculada à SIC.

Em 1995 foi criada, pelo Governo do Estado, a Secretaria de Cultura e Turismo — SCT. Nesse mesmo ano foi implantado o Programa de Desenvolvimento do Turismo — PRODETUR, com objetivo de planejar ações de infra-estrutura básica capazes de alavancar o turismo, especialmente obras públicas, *marketing* e educação para o turismo. Inicialmente essas ações eram executadas pela Coordenação de Turismo — CODETUR, depois transformada em Superintendência de Desenvolvimento do Turismo – SUDETUR, a quem coube articular órgãos para parcerias visando ao planejamento e execução de obras necessárias para que o turismo realmente deslanchasse. Entre eles estavam a Empresa de Turismo da Bahia — Bahiatursa, a Empresa Bahiana de Águas e Saneamento S.A. — EMBASA, o Departamento de Infra-Estrutura de Transportes do Estado da Bahia — DERBA, a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia — CONDER, o Instituto de Patrimônio Artístico Cultural — IPAC, o Centro de Recursos Ambientais — CRA e a Diretoria de Desenvolvimento Florestal — DDF.

Para uma melhor gestão dos investimentos turísticos no Estado, elaborou-se subdivisões geográficas com suas respectivas áreas regionais específicas denominadas de zonas turísticas, ou seja: Baía de Todos os Santos, Costa dos

Coqueiros, Costa do Descobrimento, Chapada Diamantina, Costa do Dendê, Costa do Cacau e Costa das Baleias. Hoje novas áreas estão incorporadas: Caminhos do Oeste, Chapada Norte e São Francisco. O Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID liberou empréstimo para investimentos turísticos no Nordeste (US\$-1,5 bilhão de dólares) com ênfase de utilização na Costa do Descobrimento, posicionando-se contra o que chamou de “possível pulverização” dos recursos a serem aplicados no turismo. Dos investimentos públicos no turismo baiano concluídos e em execução entre 1991 e 1994, observou-se que a Costa do Cacau não esteve entre as zonas turísticas mais beneficiadas.

A Costa do Cacau é formada pelos municípios de Itacaré, Uruçuca, Ilhéus, Itabuna (anexada recentemente), Una, Santa Luzia e Canavieiras e tem vários circuitos turísticos, entre eles Ilhéus-Itacaré, Ilhéus-Itabuna e ou Canavieiras, tendo como destino âncora a cidade de Ilhéus, por seus equipamentos turísticos, especialmente no que se refere aos meios de hospedagem. Essa zona turística foi a segunda menos beneficiada com recursos financeiros capazes de incrementar o turismo, entre os anos de 1991 e 1994.

Por ter percebido, o Estado da Bahia, a necessidade de tornar o turismo mais competitivo, o governo baiano contratou, recentemente, a assessoria da Monitor Group (serviço de consultoria internacional), que foi financiada por várias organizações, inclusive da iniciativa privada, visando formar um novo *cluster* de entretenimento principalmente para a sua capital, Salvador, objetivando, em 5 anos, tornar este estado o principal destino turístico do país. Para isto, seriam priorizadas a integração entre cultura e turismo, a interiorização, a integração do público com o privado, a qualificação dos serviços e dos turistas.

4.2 A importância do turismo para Ilhéus

Meu propósito aqui é definir o espaço da inscrição ou da escrita da identidade.

Homi K. Bhabha

O turismo, na atualidade, vem tendo um grande incremento econômico em todos os países, movimentando 10% do Produto Interno Bruto mundial, segundo dados da Embratur (2001). Além disso, segundo estudo do Conselho Mundial de Viagens e Turismo — WTTC — citado por Fontes (2001), o turismo movimentou, em 2001, em nível mundial, US\$4,5 trilhões por ano, devendo, em 2010, movimentar US\$8,4 trilhões.

A situação do Brasil, no que se refere à atividade turística, é problemática, pois a grande maioria das cidades brasileiras tem uma estrutura urbana precária, ou então tem problemas sérios, entre eles o da violência urbana, o que dificulta que o país se torne um destino deveras atraente. Para que o turismo esteja bem e possa ser melhor explorado, muitas áreas precisam estar eficientemente preparadas e cuidadas, com os serviços públicos, segurança, limpeza, infra-estrutura, saúde, transporte coletivo, telefonia, estradas e a gastronomia mais eficientes, para poder oferecer uma melhor qualidade de vida para os residentes locais e, conseqüentemente, melhor bem estar para os turistas. Como explicou *François Ascher*, “não é o turismo que permite o desenvolvimento, mas é o desenvolvimento geral do país que torna o turismo aproveitável” (*apud* YÁZIGI, 1999, p. 11).

Existem vários tipos de turismo, segundo autores e organizações diversos: para a Organização Mundial do Turismo, turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu

entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.

Na subdivisão do turismo, logicamente existem os tipos que podem ser melhor explorados pelo município de Ilhéus, pois têm uma adequação melhor à sua história, sua cultura, seu clima, relevo e outros, precisando, a cidade, no entanto, possuir uma série de equipamentos que possam fazer frente às necessidades do turista.

Serão vistos alguns conceitos referentes às modalidades de turismo que se adequam a Ilhéus: para Lucas (s.d.), o turismo cultural é aquele que combina autenticidade, promoção, serviços de atendimento ao visitante e desenvolvimento econômico local e regional, quando profissionais e proprietários ou administradores de bens culturais trabalham juntos para desenvolver uma indústria. Significa viajar por lugares que têm atrativos históricos, culturais e naturais, para aprender sobre o passado de maneira viva, diversificada e agradável. O casamento entre cultura e desenvolvimento econômico é mutuamente benéfico, desde que os valores, as vozes e os interesses da comunidade sejam representados (Idem). Mais do que um simples instrumento econômico, o turismo cultural desempenha um importante papel na revitalização do tecido social, trazendo para os cidadãos o sentido de participação num empreendimento global (Ibid, p. 21).

Turismo cultural, ainda para Lucas (2000, p.12), é o “fenômeno de viajantes em busca de encontros excitantes, educativos, com as pessoas, as tradições, a história e a arte dos povos [e seria ,também,] a união da autenticidade, da promoção de serviços de atendimento ao visitante e do desenvolvimento econômico local e regional, em que profissionais e proprietários ou administradores de bens culturais trabalham juntos para desenvolver uma indústria”.

Talvez o maior benefício da preservação buscada pelo turismo cultural seja o aumento de oportunidades de desenvolvimento para economias locais em moldes sustentáveis, permitindo a prosperidade econômica ao mesmo tempo em que mantêm suas características próprias, sua identidade e autenticidade (*Idem*).

Cairo (2003) chama a atenção para o turismo cultural rural e para a dificuldade de delimitar o significado de Turismo Rural ante as variáveis abordadas atualmente, como agroturismo, turismo no meio rural, turismo sustentável, turismo verde, turismo cultural no meio rural, turismo ecorural, turismo ecológico, turismo alternativo, turismo da natureza etc. Como se pode perceber, é um assunto rico e, ao mesmo tempo, relativamente novo. Turismo rural, segundo a Associação Brasileira de Turismo Rural (ABRATURR), seria “o conjunto de atividades turísticas praticadas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

Além disso, para Cairo (2003), o Turismo Cultural Rural é outra modalidade de turismo que deve ser explorado no Município de Ilhéus na qual o turista obtém uma interação com a natureza a partir da convivência do dia-a-dia das propriedades, conhecendo sua atividade agropecuária produtiva, bem como as riquezas culturais existentes, através do patrimônio arquitetônico rural, histórias regionais, saberes, lendas, cantigas, objetos, entre outros, pertinentes à realidade local. As fazendas de cacau em Ilhéus são excelentes lugares para o incremento desse tipo de turismo.

Desse modo, turismo cultural rural tem como *locus* o ambiente rural e como objetivo conhecer a ambientação, os costumes, hábitos, estilo de vida, os

tratos dos produtos agrícolas, os cuidados com a pecuária, a culinária, o artesanato, os casos e a hospitalidade do povo que habita a zona rural.

Segundo Fontes (2001), Ilhéus tem perfil para explorar melhor o chamado turismo “de sol e praia”, mas este, ainda que o município conte com belíssimas praias de águas tépidas, não tem sido utilizado como deveria, deixando a desejar no que se refere à poluição do mar e das praias e aos serviços prestados pelas barracas que funcionam como bares e restaurantes. Na avaliação feita pela autora, o item degradação-poluição foi considerado por 69,2% dos entrevistados como regular e, por 30,8%, como ruim demonstrando, assim, a falta de cuidado com a principal atração local. Ilhéus tem recursos naturais e culturais que podem ser aproveitados para melhorar a performance do turismo no município, como o turismo náutico, ecológico, histórico etc.

A proposta seria que o turismo cultural rural ou o turismo rural, entre outros, poderia ser utilizado e formatado, pois, além de desenvolver uma área turística procurada pelos visitantes, complementaria a renda dos proprietários e dos trabalhadores no momento em que pudessem fazer parte desse processo.

No presente capítulo, propõe-se uma forma de turismo enquanto possibilidade de inclusão social do trabalhador rural do cacau. Essa preocupação é justificada pelas disparidades existentes entre a renda do município e as condições de vida de sua população, principalmente a população rural e aquelas populações que vivem às margens da cidade. Sobre este assunto, a Agenda 21-Ilhéus (2001) classificou essa cidade em 3º lugar em índice de renda municipal e 4º lugar em índice de desenvolvimento econômico. Paradoxalmente, o desenvolvimento humano aparece pessimamente classificado, pois dos 415 municípios baianos, a cidade em questão ocupou o 272º lugar em índice de qualificação de mão de obra e índice de

nível educacional; 144º lugar em índice do nível de saúde; 86º lugar em matéria de consumo de água tratada e 54º em matéria de oferta de serviços básicos.

Além desses índices, outros dados preocupantes trazidos pela Agenda 21-Ilhéus (2001) referem-se à população rural que, entre 1991 e 1996 decresceu muito, passando de 79.518 habitantes para 69.818, decréscimo esse significativo, em torno de 10.000 habitantes; e ao fato de 58% dos chefes de família de Ilhéus ganharem até 1 salário mínimo, com um contingente de 20 mil famílias vivendo, em 1994, em estado de indigência. Esses dados foram trazidos, embora desatualizados do ponto de vista temporal, por ter sido essa época citada a do auge da crise do desemprego, a situação mais difícil da lavoura do cacau.

Por isso, de um modo geral e, em especial, para uma cidade que enfrenta as dificuldades por que passa Ilhéus, o turismo pode

elevar o padrão de vida e o bem estar das populações dos núcleos receptores, haja vista ser um poderoso instrumento na formação e desenvolvimento educacional, bem como na função de estimular melhorias na sociedade em geral (FONTES, 2001, p. 2).

Estudando a pesquisa feita por essa autora, pode-se perceber as razões pelas quais Ilhéus não conseguiu se impor como um grande pólo receptivo para o turismo e porque não foi considerada competitiva. Nessa avaliação, muitas variáveis foram analisadas. No conceito qualidade sobre os atrativos naturais do município, monumentos e patrimônios culturais, sua avaliação ficou entre boa e regular, prevalecendo, contudo, o regular; as manifestações, os usos e tradições populares foram avaliados como ruins, principalmente o carnaval antecipado, (69,2% das respostas); os atrativos oferecidos pelas empresas e instituições aos turistas foram também considerados como ruins, sendo que a qualidade das fazendas de cacau

ficou com 46,2% das respostas, as fazendas de coco com 53,8%, a Mata da Esperança com 46,2% e o Porto do Malhado com 53,8%; os acontecimentos programados apresentaram uma avaliação mediana, contudo, em geral são organizados por grupos carnavalescos ou particulares visando lucro. As instituições e serviços oferecidos pelos equipamentos turísticos do município foram melhor avaliados, tendendo para uma boa avaliação, mas a mão de obra disponível ficou entre regular e ruim, bem como os recursos humanos; a criatividade e conscientização da população em relação à qualidade, exigência e sofisticação dos empreendedores foi considerada entre regular e ruim; a qualidade da infra-estrutura básica ficou razoavelmente avaliada; e a infra-estrutura administrativa, entre regular e ruim.

Além disso, uma das mais severas críticas que se faz, resultado de diversas pesquisas, como as de Nascimento (1998); Fontes (2001) e Dória (2002), entre outros, é a necessidade de planejamento turístico para a cidade e, conseqüentemente, a necessária formatação de produtos e serviços turísticos, que é um dos pontos nevrálgicos dos problemas do município de Ilhéus no que se refere à atividade turística. Considerado como o terceiro pólo de turismo receptivo do Estado, com um número elevado de meios de hospedagem, hospitalidade, transporte e outros, não apresenta competitividade para captar e manter por muito tempo os turistas, quando essa situação é comparada com outros lugares.

É preciso, no momento de planejar o turismo, envolver a comunidade para que a mesma possa contribuir, indicando, inclusive, o tipo de turismo que deseja para Ilhéus. Como cidade antiga, que foi Capitania Hereditária, Ilhéus possui um belíssimo acervo histórico-patrimonial e cultural, além de estar inserida na Mata Atlântica e ser considerada cidade âncora da Costa do Cacau.

Devido à exuberância da Mata Atlântica e, conseqüentemente, à salvaguarda da produção cacaueteira, com sua história, suas lendas e cantigas, suas fazendas seculares (cantadas em verso e em prosa) e que têm sido palco de várias novelas de sucesso, muitos turistas que aqui aportam, com o imaginário habitado por tudo o que leram, ouviram ou assistiram, em geral decepcionam-se. Onde estão os produtos formatados, principalmente aqueles que envolvem as histórias e lendas referentes à produção do cacau, seus habitantes (antigos coronéis, trabalhadores rurais), seus documentos seculares, sua arquitetura, hábitos, costumes, gastronomia?

O potencial turístico que existe está mal explorado, mal conservado, mal formatado. Há que se preocupar, principalmente com o planejamento turístico, com ênfase em desenvolvimento sustentável, pois, somente assim pode-se pensar em inclusão social dos trabalhadores rurais nesse processo em que passariam então a ser beneficiários dessa ação.

Faz-se necessário esclarecer que a inclusão referida nesta pesquisa está relacionada à inclusão econômica, que possibilitaria uma mais justa distribuição de renda e uma melhor qualidade de vida e, conseqüentemente, acesso à educação e maior poder de compra. Logo, a inclusão de que se está tratando preocupar-se-á com ocupação, renda, melhor capacitação da mão de obra e poderá ser advinda de diversas atividades turísticas que valorizem a divulgação do dia a dia, da faina ou da labuta dos trabalhadores rurais do cacau e dos produtos feitos por eles e/ou pelos desempregados que precisam ser inclusos no processo turístico.

Os diversos tipos de turismo que vêm sendo oferecidos pelas principais cidades da região cacaueteira, além da ausência de planejamento e de formatação de produtos, não têm contemplado a inclusão social nem a divulgação do cacau

enquanto cultura, com seus tratos, seus cuidados, seus hábitos, só o fazendo na percepção do cacau enquanto recurso econômico e cultura agrônômica. De certa forma, o Estado e os Municípios têm investido em ações turísticas, contudo pela ausência de planejamento, gestão e qualificação da mão-de-obra, persistem sérios problemas de fluxo receptivo, principalmente em épocas de baixa temporada.

Os primeiros investimentos visando ao turismo em Ilhéus, de forma planejada, aconteceram na década de 1970, com a chegada de um grupo de suíços à cidade. Antes dessa época, apenas na área de hotelaria houve investimentos através de alguns pioneiros, citando-se, por exemplo, o Ilhéus Hotel, construído por Misael Tavares, considerado o “rei do cacau”, e alguns outros empreendedores.

A atual estrutura organizacional do turismo de Ilhéus conta, institucionalmente, com: a Associação de Turismo de Ilhéus — ATIL, o Conselho Ilheense de Turismo — CITUR e a Empresa Municipal de Turismo de Ilhéus — ILHEUSTUR, está última, criada em 1984 e transformada em Secretaria de Turismo — SETUR, em janeiro de 2003. Entretanto, segundo pesquisas feitas, suas participações têm sido modestas.

Ilhéus conta, desde o ano de 2000, com seu Plano Estratégico de Turismo — PET — feito pelos empresários Afonso Maria Zeni, João Batista Vissirini e Marcel Leal, que propõe, através de uma listagem, ações turísticas em conjunto com cidades circunvizinhas da Costa do Cacau. E em 2001 a SETUR contratou a Zorthea Consultoria e Treinamento que, com base em propostas anteriores, elencaram nova listagem de ações, a fim de que se incrementasse o turismo local. Este documento foi discutido no Fórum de *Marketing* de Turismo de Ilhéus, realizado em fevereiro de 2000, e recebeu críticas e sugestões por parte dos presentes,

ficando, contudo, como o original, estacionado, por omissão ou falta de vontade política dos autores públicos e privados (FONTES 2001).

Como se pode perceber, a história do turismo em Ilhéus é recente e o governo do Estado tem priorizado as localidades de Salvador e Porto Seguro, o que, de certa forma, é justificável pelo fato de que Ilhéus, com suas belezas naturais, sua história, cultura e divulgação, seja através da mídia, seja através da literatura de grandes escritores, ainda não encontrou seu caminho enquanto pólo turístico, pois faltam planejamento e produtos formatados. Outras razões para o turismo em Ilhéus não estar mais fortalecido, segundo várias pesquisas, seria a monocultura do cacau, que, até certa época, era muito lucrativa e, por isso mesmo inibia investimentos, seja em outras áreas ou no turismo, por parte do governo municipal e da iniciativa privada.

A cidade de Ilhéus apresenta grandes vantagens comparativas para se fortalecer em relação ao turismo. Além de ter seu nome motivado pelas ilhas localizadas no seu litoral e dos três grandes rios que a banham — Cachoeira, Almada e do Engenho —, possui morros de onde se pode apreciar belas paisagens, a Lagoa Encantada, cachoeiras, a Estância Hidromineral de Olivença, a estrada Ilhéus – Itacaré, de onde se descortinam belas praias, a estrada Ilhéus – Itabuna, com sua biodiversidade vegetal, a Mata da Esperança etc. Além desses atrativos físicos, possui uma rica história (porque foi capitania hereditária) até então não utilizada como atração, tem belo patrimônio arquitetônico, festas populares e folclore, entre outros. Sua grande divulgação, entretanto, pode ser atribuída à obra de Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais lidos e traduzidos, e seis delas formam o ciclo do cacau e tratam da cidade de Ilhéus ou são aqui ambientadas. São elas: *Cacau* (1933), *Terras do Sem Fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944),

Gabriela, cravo e canela (1958), *O menino grapiúna* (1981) e *Tocaia Grande* (1984) (O GLOBO, 1992). Ilhéus tem tudo isso, mas seus dirigentes e seu povo precisam se preocupar e mobilizar para a alavancagem do turismo que pode dar uma grande contribuição em relação ao desenvolvimento local e também ajudando na inclusão social daquelas pessoas objeto desse estudo.

Para Ilhéus se preparar melhor e conseguir um desenvolvimento turístico sustentável, seria conveniente saber dos residentes e visitantes o que pensam, que tipo de turismo querem e o que fazer para que isto ocorra. Segundo Fontes (2001, p. 73-110), é preciso melhorar a limpeza pública, a situação das praias poluídas, a degradação, acessibilidade, equipamentos e serviços e roteiros comercializados, sua divulgação, capacitação dos recursos humanos, suas vias urbanas, os serviços de saúde, de segurança e de informações. Por outro lado, os aspectos positivos existentes, segundo a autora, são: a Estrada Parque Ilhéus – Itacaré, as praias do litoral norte, os conjuntos arquitetônicos da Piedade e do Palácio Paranaguá, algumas festas populares, como a Puxada do Mastro, em Olivença, os atrativos científicos oferecidos pela CEPLAC e UESC, os meios de hospedagem e o agenciamento.

Na Revista Ilhéus (2000, p. 6), o atual prefeito de Ilhéus, Jabes Ribeiro, numa entrevista, afirma:

No primeiro ano de governo realizamos um diagnóstico da cidade. Administramos Ilhéus em torno de um programa que discutimos anualmente no Fórum Compromisso com Ilhéus, democraticamente, traçando metas e cumprindo objetivos [...] O Fórum é uma espécie de Bíblia do governo, que dá as linhas básicas de orientação e uma idéia clara e objetiva de planejamento estratégico.

Ainda que não esteja acontecendo uma gestão democrática, os cidadãos podem se organizar, participar e cobrar, através do Fórum citado, da Agenda-21, do

Conselho Municipal de Turismo e das diversas associações turísticas existentes e pelo acompanhamento das ações governamentais.

Por outro lado, o governo do Estado tem feito um discurso sensível ao aproveitamento dos aspectos culturais. Paulo Gaudenzi, Secretário de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, falou da relevância alcançada pelos aspectos culturais nos planos do governo e no interesse, por parte do turista, de entrar em contato com elementos culturais (QUEIROZ, 2002). Sobre esse assunto, Avighi (2000, p. 104) diz:

A nova concepção de turismo instala uma aliança entre o planejamento econômico-financeiro e de infra-estrutura e a concepção mais ampla, digamos assim, interessada por bens culturais e estilos de vida e que provoque a imaginação.

Sobre a nova concepção de desenvolvimento, Coriolano (2003, p. 26) recomenda que

não basta crescer a economia, a produção de riqueza ou o Produto Interno Bruto – PIB – pois se faz necessário, sobretudo, que essa riqueza seja para todos, elevando o poder aquisitivo e a qualidade de vida do global da sociedade, dentro dos princípios dos direitos humanos.

Daí, a preocupação com um turismo que promova e que respeite o homem. Não o turismo a serviço da economia, ou, o que é pior, o homem a serviço da economia, mas a economia e o turismo a serviço do homem.

4.3 Conversando sobre turismo com o trabalhador rural

A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.

Homi K. Bhabha

Nas entrevistas realizadas buscando alternativas de inclusão social, foi perguntado ao trabalhador rural que medidas governamentais poderiam ser tomadas visando a melhorar sua própria vida, quais produtos derivados do cacau ele poderia produzir e comercializar, e o que, da cultura do cacau, poderia atrair e interessar ao turista.

A contribuição dos trabalhadores rurais nas sugestões das medidas governamentais que pudessem beneficiá-los, foram: formar cooperativa; juntar governo federal e estadual para gerar emprego; melhorar a situação do cacau, para que a deles pudesse melhorar; e um mercado em que o trabalhador pudesse comprar mais barato.

Os produtos derivados do cacau e sugeridos para serem produzidos por eles foram: cacau em pó, tablete e chocolate tradicional, geléia e polpa. Citaram ainda o artesanato, o próprio fruto, e todo o processo de colheita, secagem e ensacamento do produto. Entretanto, apesar das sugestões, quatro deles não acreditam que daria certo e que pudesse ser rentável; há quem considere que só é viável se o trabalhador tiver parceria, for “meeiro” e, conseqüentemente, não precisar comprar o cacau para transformá-lo em produtos; e há quem reconheça que falta dinheiro para qualquer iniciativa desse tipo.

Como antes citado, muitos desses trabalhadores rurais estão encontrando trabalho somente durante 6 meses, precisando, nos outros 6 meses conseguir outros serviços que proporcionem renda. Talvez, por essa razão, encontram-se

trabalhadores rurais trabalhando e comercializando produtos derivados do cacau ou com artesanato inspirado no tema cacau.

Além dos vinte e oito trabalhadores rurais, foram entrevistados alguns desempregados que estavam produzindo e comercializando chaveiros, enfeites para as garrafas de licor de cacau, de chocolate, entalhes, e diferentes produtos representativos do cacau, como o tablezinho de chocolate. Um dos entrevistados do sexo feminino, faz uma série de produtos alimentícios, como chocolates finos com pimenta, cupuaçu, jaca, gotas de licor, chocolates eróticos, licores vários, tabletes, cocada com coco e amêndoa do cacau triturada. Houve até um produto do qual essa pesquisadora nunca vira nem ouvira falar, o doce cristalizado da imbira, que é uma ramificação fina que segura as amêndoas do cacau. Esse doce, ela explicou que cozinha na calda, escorre na peneira, depois põe para secar.

Para caracterizar e verificar informações sobre esse grupo de entrevistados, foram feitas as perguntas que são apresentadas a seguir, sendo que serão comentadas algumas delas:

- O que produz;
- Como aprendeu a fazer, com quem;
- Se tem parentes negros, índios, portugueses, ou até sergipanos, que influenciaram no trabalho que ele faz;
- O que sente ao produzir aquilo a que se dedica;
- Se nota que o fato de ser um produto regional tem mais procura por parte do turista;
- Se é fácil colocar o produto no mercado, vendê-lo;
- Se uma cooperativa ou um trabalho mais integrado aumentaria sua renda;

- Se dá para viver com o que faz;
- Se tem consciência de que está divulgando, com o seu produto, essa terra, essa cultura;
- Como consegue comprar o cacau (no caso de quem produz tablete, licor, geléia etc. de cacau);
- Onde consegue suas receitas;
- O número de horas que trabalha por dia;
- Quanto vende, margem de lucro etc.

Em geral, fazem seus produtos através de receita originária da família, especialmente dos avós, mas houve quem retirou receita da Internet. Essa pessoa, cujas receitas foram conseguidas de formas tão díspares, tem consciência de estar transitando em dois mundos — que se poderia chamar de local e global, de tradicional e traduzido. Os dois mundos, para ela, são o antigo e o moderno. Houve quem aprendeu com o irmão, com a esposa do amigo e procurou inovar acrescentando outros produtos como coco e amendoim ao tablete, ou seja, inovaram por sua conta e criatividade. Outros aprenderam sozinhos, pela necessidade de fazer. Um dos trabalhadores viu um garoto vendendo peças de cerâmica. Ao ser perguntado sobre como eram preparadas aquelas peças, respondeu o menino que misturava o barro com cimento. O trabalhador tentou, mas chegou à conclusão de que deveria usar somente o barro e queimar seus objetos num forninho de lenha. Houve ainda quem aprendeu com alguém que foi padre e acabou *hippie*, e aquela que aprendeu com sua mãe e que, por outro lado, já ensinou a suas filhas.

Todos esses trabalhadores, de certa forma, reconfiguram a história local, revelam questões identitárias, são quadros de referência. E eles sabem disso e

verbalizam: “É uma arte, é o cacau, que é regional. Então eu me sinto alegre. É coisa nativa, importante pra nós. [...] Eu acho que a gente tá divulgando nossa cultura pelo nosso produto”. “O turista quer a novidade, o artesanato, fabricação caseira, que eles sabem que não tem essa química”.

É notório que “toda linguagem humana pode ser decifrada, lida. Lemos um filme, uma obra de arte, a arquitetura, lemos as pessoas, lemos o mundo que nos rodeia” (MELO, 2002, p. 259). Desse modo se procurou ler o trabalhador do cacau, sua arte, sua labuta. E a partir daí conhecer melhor essas pessoas e sua própria cultura.

Eles, os trabalhadores rurais, estão certos nas afirmações que fazem. Cavalcante (2003, p. 151) chama a atenção para o fato de que “o turista quer conhecer o cotidiano, aquilo que é típico. As experiências de oferecer produtos regionais revelam-se de grande propriedade”.

Essas pessoas não sabem como calcular sua margem de lucro e, inquiridos sobre isso nenhum deles soube responder tal pergunta. Todos eles, na época do paradeiro, vivem do artesanato que produzem, exceto um, cuja esposa tem participação nas despesas da casa. Eles compram não o quilo do cacau seco, mas a arroba, que corresponde a 15 quilos, e separam as amêndoas estragadas, torram as boas, descascam para, então, trabalhar com elas.

Eles trabalham, em média, 8 horas por dia, mas há casos de carga horária bem maior.

Alguns depoimentos são bem interessantes:

“Minhas filhas já estão formadas às minhas custas. Eu falei pra elas: a professora, a que era não alfabetizada, é minha mãe, passou pra mim e eu passei para vocês. E elas (as filhas) sabe outra criatividade, que aprendeu em São Paulo”.

É possível perceber que eles valorizam o que produzem. Em alguns casos, há uma forte tradição aglutinando as identidades, a avó, a mãe, as filhas; contrariamente, pode haver um sentimento de reificação, que faz beirar a fronteira da exclusão, quando falta algo que poderia existir e aglutinar, e esse algo não foi passado.

O pai dos dois filhos de uma entrevistada, que hoje mora em São Paulo e é alcoólatra, não passou para os rapazes, seus filhos, os seus conhecimentos — ele é pintor e mecânico. “E as crianças tem esse sentimento; o pai não ensinou”. A transmissão faz parte do processo de identificação.

Bhabha (1998, p. 83) afirma que seu “propósito é definir o espaço da inscrição ou da escrita da identidade”. E a identidade pode ser fortalecida com a valorização do trabalho apresentado, com a arte, com o ensinamento daquilo que se aprendeu a fazer, com os laços afetivos capazes de produzir sentimentos de pertença, enfim, com a própria melhoria da qualidade de vida na mais pura acepção das palavras. Mas o mesmo autor adverte: “o próprio lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo, é um espaço de cisão” (*Ibid*, p. 76).

Há um provérbio indígena, aparentemente simplório, mas muito verdadeiro, especialmente para aqueles que não conseguem suprir suas necessidades básicas. É ele: “Alegria de índio está na tripa”. É a maneira que eles encontram de dizer que, com fome, é impossível ser minimamente feliz.

4.4 Do que o turismo em Ilhéus precisa cuidar e o que tem sido feito em outros lugares para promover a inclusão social

É o desejo de reconhecimento de outro lugar e de outra coisa que leva a experiência da história além da hipótese instrumental.

Homi K. Bhabha

Antes de pensar em turismo que promova a inclusão social, há que se preocupar com o turismo em si, que precisa ser melhor explorado em Ilhéus, e há que se preocupar com seus aspectos essenciais, que seriam, segundo Lucas (2003): os recursos históricos e arqueológicos, os recursos culturais e os recursos naturais.

☞ dentre os recursos históricos e arqueológicos que Ilhéus possui, pode-se citar os que poderiam contribuir com o fortalecimento do seu turismo (muitos deles foram pesquisados por Heine (2003)):

- Museus – o da Piedade, da Igreja Matriz de São Jorge, do Cacau (este desativado);
- Propriedades e prédios de relevância histórica (tombados ou não) – Igrejas – A Matriz de São Jorge, a Catedral de São Sebastião, a do Rio do Engenho (3ª igreja rural construída no país), a de Nossa Senhora da Piedade, a de Nossa Senhora da Vitória, a de Nossa Senhora de Lourdes, no outeiro de São Sebastião;
- Palacetes – Misael Tavares, sede de uma loja maçônica, o Paranaguá, sede da Prefeitura Municipal, o da Associação Comercial, o Solar dos Pimentais ou Palacete dos Berbert;
- Biblioteca e Arquivo Público de Ilhéus;
- Fórum Epaminondas Berbert de Castro;
- Bar Vesúvio, antigo Bar Maron;
- Universidade Estadual de Santa Cruz, Maramata (Universidade Livre do Mar e da Mata), CEPLAC;

- Esculturas do Cristo Redentor, de *Sapho*, de Inverno;
- Fazendas – nas estrada Ilhéus – Uruçuca: Fazenda Terezinha de Jesus, Rio do Braço, Estrela da Manhã, Remanso, Norma, Riachuelo, Provisão; na estrada Ilhéus-Itabuna: Fazenda Alegrias, Diva, Porto Novo, Primavera (CAIRO, 2003).

☞ Quanto aos recursos culturais, ainda conforme Heine, (*op. cit.*):

- artistas, que são muitos e de muitas áreas;
- artesãos, muitos trabalhando no Mercado de Artesanato;
- grupos folclóricos – temos os ligados à cultura negra, como o Dilazenze, Mini Congo, Rastafari, o dos remanescentes dos índios de Olivença, que festejam todo ano a Puxada do Mastro, festa religiosa em louvor a São Sebastião;
- casas de cultura – a Concha Acústica, o Bataclã, Academia de Letras de Ilhéus, Instituto Histórico e Geográfico de Ilhéus, Casa de Jorge Amado, Casa dos Artistas e o mais importante, já citado por sua beleza arquitetônica, o Teatro Municipal de Ilhéus, e finalmente o Centro de Convenções Luiz Eduardo Magalhães;
- as festas populares e as religiosa – a de São Sebastião, a da Puxada do Mastro (já citada), a Lavagem da Catedral, a festa de Iemanjá, o Carnaval, inclusive o Carnaval Cultural, a festa de São Jorge, a de Nossa Senhora da Vitória;

☞ No que se refere aos recursos naturais: as praias do sul, do norte, a Lagoa Encantada, o Rio do Engenho, a estrada parque Ilhéus-Itacaré,

a estrada Ilhéus-Itabuna com uma das maiores biodiversidades vegetais do mundo, Estância Hidromineral de Olivença, a Mata da Esperança, o Centro de Recuperação do Bicho Preguiça.

Ao se pensar na inclusão social, é conveniente citar Coriolano (2003, p. 26), que alerta para o conceito de desenvolvimento como muito mais exigente e ético que o de crescimento econômico, pois o primeiro beneficia as pessoas de um modo geral, transfere os benefícios sociais para todos, elevando o poder aquisitivo e a qualidade de vida da sociedade, enquanto o segundo pode referir-se apenas ao crescimento da economia, do PIB, ainda que a concentração de renda permaneça, pois “a construção social do desenvolvimento exige o envolvimento de toda a sociedade, uma revalorização da cultura e uma base ética”.

Muitos são os exemplos de inclusão social através do turismo no Brasil, entre eles cinco cooperativas de turismo no Ceará (a realidade estudada por Coriolano), situadas em Icapuí, Beberibe, Ubajara, Fortaleza e Maracanaú, logo em quatro cidades do interior e uma na capital do Estado.

Embora as cooperativas citadas sejam consideradas como do setor turístico, pelas suas denominações pode-se perceber que elas abrangem diferentes categorias sociais, como profissionais em serviços turísticos, de trabalho e prestação de serviços gerais, de trabalhadores e serviços hoteleiros, de transporte alternativo, o que evidencia como o turismo é complexo e demonstra a possibilidade que pode ter o trabalhador rural de outros tipos de formas de obtenção de renda, através do sistema cooperativo que geraria empregos e renda complementares.

É citada ainda como exemplo de cooperativa bem sucedida, a de bordadeiras, na comunidade de Prainha, cujas artesãs produzem e comercializam

coletivamente, tendo inclusive o cuidado de fornecer o material necessário para os bordados (*Idem*); a autora citada, Coriolano, e Abreu (2003) referem-se aos centros de romaria e ao turismo religioso como possibilitadores de benefícios para pessoas ligadas à economia informal e para pequenos empresários.

Maranhão (2003) cita o município de Paraipaba, Ceará, e o setor de alimentação explorado, em sua totalidade, por empresas de pequeno porte e de caráter familiar; e cita o artesanato, rico e pouco explorado, pouco lucrativo para os artesãos, podendo vir a ser uma forma de melhoria de renda.

Oliveira (2003) comenta sobre os pescadores da praia de Cumbuco, Ceará, tornando-se jangadeiros e levando os turistas para passear, o que é mais atraente, pela possibilidade que os turistas têm de ser conduzidos “pelo nativo” e pela possibilidade de uma renda advinda do turismo.

Outra forma de inclusão dessas pessoas tem sido através de microcrédito, e Crisóstomo (2003, p. 300) narra a experiência de *Bangladesh*. Esse autor cita reunião “realizada em Washington, sobre o microcrédito no mundo, [onde] foi ressaltada a importância da luta contra a pobreza”.

Foram identificadas sete diretrizes concernentes ao microcrédito baseadas nas experiências práticas:

- Os mais pobres são um “bom risco”;
- É possível implementar programas sustentáveis nos países em desenvolvimento;

- Os modelos de microcrédito podem ser facilmente reaplicados em outros países;
- Os programas se ampliam para atender às necessidades de pessoas muito pobres;
- Programas de microcrédito ajudam os pobres a sair da miséria;
- Programas de microcrédito estimulam a poupança e a acumulação dos ativos;
- Os programas de microcrédito estimulam um amplo leque de progressos sociais (CRISÓSTOMO, 2003, p. 304).

“No tocante a políticas públicas, o importante seria saber, não qual a política de uma Secretaria ou de um Ministério da Cultura, para os teatros, a música, o cinema, a literatura, o patrimônio cultural, os museus e arquivos, o folclore, a culinária tradicional, o artesanato, o lazer e os espetáculos populares etc. etc. Mas qual a dimensão cultural nas políticas de habitação, de saúde, transportes, na política econômica, administrativa ou previdenciária e assim por diante. Como pode uma política educacional eximir-se de explicitar os valores culturais sobre os quais se assenta ou que pretende trazer à tona?” (MENESES, 2003, p. 88).

A inclusão social proporcionada pelo turismo rural tem acontecido através de alguns insumos, de alguns fatores, como a atividade rural produtiva, (ordenha; marcação do gado; tosquia; banho dos animais; colheita; plantio; manejo da horta; agricultura alternativa; fabricação de queijo; cozimento de doces; fabricação de lingüiça; preparação de pães e biscoitos; fabricação de bebidas — vinho, licor, cachaça etc.) (MOLLETA, 1999); através da gastronomia, com sua culinária tradicional, das cavalgadas, dos rodeios, da convivência entre turistas e nativos, dos artefatos e utensílios, como cangalhas, redes, panelas de barro, de ferro, dos centros de artesanato, com a possibilidade de assistir à execução das peças. E

ainda com pescaria, passeios de charrete, passeios a pé, em trilhas; banhos de açude; observação de pássaros; visitas a pontos históricos da região.

Souza (2003, p. 12) apresenta como entretenimentos oferecidos pelas propriedades ligadas ao turismo rural na Bahia os seguintes: passeio a cavalo; quadra de esportes; piscina; trilhas ecológicas; charrete; pesque-pague; espaço para congressos, seminários, eventos etc.; e outros, como restaurante, mini-zoo, ciclovias, teleférico, sauna, pomar, caiaque, sala de tv, sala de ginástica, pedalinho, trenzinho, casa de farinha, passeio de barco etc.

Todas estas atividades são acessíveis e facilitadoras da inclusão social, e os trabalhadores podem ser preparados para auxiliar em todas as tarefas elencadas.

É preciso estar atento à denúncia do professor Milton Santos, de que “nos tempos atuais é a primazia do econômico sobre o político, do instrumental sobre a finalidade e do dinheiro sobre o homem” (FOLHA DE SÃO PAULO, 3/08/1997, *apud*: CORIOLANO, p. 147) Não se pode aceitar o homem a serviço da economia, o homem explorando o homem, o homem algoz do homem.

As relações de trabalho são determinantes para o tipo de distribuição da riqueza e da exploração. A atmosfera de incerteza que envolve as relações de trabalho, o recuo dos direitos adquiridos através da Legislação Trabalhista, a diferença entre a inflação e o aumento salarial, tudo isso gera o sentimento de insegurança, de ameaça e abandono.

4.5 Algumas dificuldades para promover a inclusão social no turismo

Pois ainda agora vocês me olham, mas não me vêem.

Homi K. Bhabha

Como é possível aproveitar todo o potencial da cultura do cacau e do trabalho com derivados do cacau, numa perspectiva de inclusão social?

Quais seriam algumas das dificuldades encontradas para trabalhar o turismo de inclusão? Sabe-se da importância que pode chegar a ter o turismo cultural e, em especial, o turismo cultural rural.

Por que as dificuldades em relação à inclusão social no turismo?

Apesar de o lazer, hoje, já ser reconhecido como necessário à saúde mental, e de Domenico de Masi haver salientado que o ócio é criativo, no Brasil, pelo fato de ainda ocorrer uma péssima distribuição de renda e algumas necessidades básicas, de grande número de pessoas, não serem supridas, o turismo é visto como lazer e esse lazer do turismo, segundo Coriolano (2003, p. 104), visto como “um lazer mais sofisticado e elitizado, não se constituindo um produto de primeira necessidade”.

O próprio governo e os diagnósticos por ele encomendados contribuem com essa percepção: segundo Queiroz (2002, p. 175), a empresa Monitor Group, de Michael Porter, foi contratada para dar assessoria visando à formulação do projeto do *Cluster* de Entretenimento na Bahia (*Cluster* são concentrações de organizações e instituições de um determinado setor, em uma área geográfica. Abrangem desde instituições governamentais até universidades, institutos de normas técnicas, celeiros de idéias, empresas de treinamento e as associações comerciais). A Monitor Group detectou que, na última década, o crescimento do fluxo de visitantes teria aumentado em 10%, ao passo que a receita turística aumentara em 8%. Por isso, sugeriu a “estratégia de alto preço e alta diferenciação”, verificada em destinos como Paris e Mônaco (Idem).

Outra dificuldade de promover o turismo de inclusão social, é advinda do próprio governo: a Política Nacional de Turismo, conforme o Decreto nº448/92, define entre outros sete objetivos, o de difundir novos pontos turísticos com vistas a diversificar os fluxos entre as Unidades da Federação e beneficiar especialmente as regiões de melhor nível de desenvolvimento.

É por propostas desse tipo que se tem dois brasis: um que abrange o sul e sudeste, outro que abrange o norte, nordeste e centro-oeste.

Vale lembrar que os valores sociais ou culturais não são espontâneos, não são inatos. Eles vêm da e retornam à sociedade. Essas apreciações, com forte valoração, decorrem da sociedade, e a sociedade são todos os atores sociais. Conseqüentemente, ficará difícil a inclusão se o tipo de turismo buscado pelo Governo do Estado, ou pela empresa por ele contratada, é o da “estratégia de alto preço e alta diferenciação”, que é altamente excludente. Cristóvam Buarque, analisando o que foi proposto, ainda na década de 1950, pela Comissão Econômica para a América Latina, CEPAL, para se atingir o desenvolvimento econômico, elenca dez causas pelas quais o Brasil não atingiu determinados resultados. A primeira delas interessa particularmente, pois denuncia a falta de uma política de inclusão para o homem que habita a zona rural: “pretendeu-se industrializar sem mudar a situação social no campo” (CORIOLANO, 2003, p. 21).

Ilhéus precisa, urgentemente, aprender a planejar e a executar um plano para o turismo que objetive a inclusão social. Tem-se o mais complexo e o mais difícil, como foi citado: história (foi capitania hereditária), beleza natural (pois tem um belo litoral, rios, cachoeiras), divulgação (Jorge Amado anunciou Ilhéus ao mundo) e aspectos culturais muito próprios, singulares, particulares a essa chamada civilização do cacau.

É preciso gestão participativa, em que governos, estadual e municipal, comunidade, aí incluídos o trabalhador rural e o empresário do turismo, possam planejar juntos e, se possível, propor uma integração entre os municípios da região para um planejamento mais amplo no que se refere a sistema viário, saneamento básico, proteção de bacias hidrográficas, tipo de atrativos e até mesmo de turismo mais afeito a cada município etc.

O planejamento e a implementação, dentro de uma proposta de gestão participativa, são etapas que devem ser desenvolvidas de maneira integrada. Trata-se de um planejamento baseado na cooperação. O planejamento é realizado com as pessoas e não para elas. Todos os envolvidos devem participar do processo, no qual a ética, os valores morais e o profissionalismo são elementos importantes e reconhecidos como pressupostos para a eficácia do método (DENKER, 2001, p. 230).

Evidentemente que se precisa de política e regulamentação ambientais, visando a um desenvolvimento sustentável. Considere-se desenvolvimento sustentável “a gestão de todos os ambientes, de modo a atender às necessidades econômicas, sociais, vivências e estéticas, enquanto que a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais e a diversidade biológica dos meios humano e ambiental são mantidos através dos tempos” (GLOBE, 90 in LAGE E MILONE, 2000, p. 72).

Segundo Abreu *et alii* (2003, p. 132), o planejamento estratégico no turismo foi adotado a partir do momento em que se constatou que todo o sistema pode gerar problemas através da forma como afeta a população, os agentes econômicos e sociais, quando se dá no início do seu funcionamento, ocorrendo no momento em que as pessoas passam a buscar um produto turístico. Esse

planejamento objetiva a promoção de uma melhoria nas condições de bem estar dos visitantes, porém cumprindo os princípios do desenvolvimento sustentável, melhorando em primeiro lugar as condições de vida das localidades afetadas.

A política e a regulamentação ambientais fazem-se necessárias para que crescimento econômico e condições ambientais possam se estimular e não se prejudicar mutuamente, buscando atingir o duplo dividendo.

Pelo que foi afirmado quanto à gestão participativa e à política e regulamentação ambientais, fica evidenciada a necessidade de traçar e cumprir metas e prazos com a flexibilidade necessária à própria dinâmica da velocidade da mudança no mundo moderno.

É necessário saber vender a natureza e a história, tão bela uma e rica a outra. O turismo pode ser uma narrativa da cultura. Avighi (2000, p. 104-105) conduz a uma nova concepção de turismo, onde há interesse por bens culturais e estilos de vida, e que tem por eixo a representação simbólica, “a expressão e a articulação do que o turismo significa para o turista e para os que o recebem”. Esse turismo é arte e comportamento, pois é vida sociocultural, meio ambiente, cultura material, mentalidade, instituições, política e religião.

É necessário e urgente uma política que se preocupe em valorizar principalmente o homem que faz a festa, que cuida do rito, que conta a história, que toca a viola, a rabeca, que dança no boi, que brinca no coco. Somente uma valorização significativa contribuirá para que os filhos dos seus filhos revivam e repassem a tradição (MACENA, 2003, p. 65). Há o aval de Kiperstok (2003, p. 143):

O turismo é uma das atividades mais relevantes, especialmente em termos de geração de emprego e renda, e bastante potencializada quando ocorre em um espaço geográfico de belezas naturais, onde o patrimônio histórico e a sua população exibem uma diversidade cultural e artística que atrai e cativa o visitante.

Uma proposta de valorização da cultura do cacau e de um turismo que incluísse o trabalhador rural estaria amparada na Política Nacional de Turismo, cujo Decreto nº 448/92 traz as seguintes proposições:

- I. Democratizar o acesso ao Turismo Nacional, pela incorporação de diferentes segmentos populacionais, de forma a contribuir para a elevação do bem-estar das classes de menor poder aquisitivo;
- II. Reduzir as disparidades sociais e econômicas de ordem regional, através do crescimento da oferta de emprego e melhor distribuição de renda;
- III. Aumentar os fluxos turísticos, a taxa de permanência e o gasto médio de turistas estrangeiros no País, mediante maior divulgação do produto brasileiro em mercados com potencial emissor em nível internacional;
- IV. Difundir novos pontos turísticos, com vistas a diversificar os fluxos entre as Unidades da Federação e beneficiar especialmente as regiões de melhor nível de desenvolvimento;
- V. Ampliar e diversificar os equipamentos turísticos, adequando-os às características sócio-econômicas regionais e municipais;
- VI. Estimular o aproveitamento turístico dos recursos naturais e culturais que integram o patrimônio turístico, com vistas à sua valorização e conservação;
- VII. Estimular a criação e implantação de equipamentos destinados a atividades de expressão cultural, serviços de animação turística e outras atrações com capacidade de retenção e prolongamento da permanência dos turistas. (DECRETO nº 448/92, art. 3º).

Tudo isso visando a um melhor índice de desenvolvimento humano e a uma democracia forte que, segundo Unger, (2001, p. 419) possibilitarão dar

a nossas ligações, nossos laços, nossas convivências as qualidades do amor: a conquista de uma vulnerabilidade mútua; a aceitação imaginativa de outros indivíduos que rompe a superfície de imagens, papéis e posições estereotipados; e a atenuação do conflito entre nossa necessidade dos outros e nosso medo da ameaça que os outros representam. Essas qualidades do amor representam o aspecto menos ilusório e mais duradouro de nossos ideais comunitários: a parte mais capaz de superar os desapontamentos da vida e as surpresas da história.

Poder-se-ia imaginar que é chegado o tempo, como desejou o poeta amazonense, Thiago de Mello, em que o homem confiará no homem como um menino confia em outro menino, ou, quando nada, que seja chegado o tempo de o homem respeitar o outro homem e contribuir com a melhoria da sua qualidade de vida.

4.6 Como o turismo em Ilhéus poderia incluir o trabalhador rural

*Residir no além é ser parte de um tempo
revisonário e tocar o futuro em seu lado de cá.*
Homi K. Bhabha

No turismo, o mais importante não são bens, sentido e valores. São as relações entre os homens. O tipo de turismo que se vier a abraçar e praticar vai depender do tipo de relações que forem construídas.

O que se poderia propor num roteiro turístico de Ilhéus que divulgasse a cultura do cacau e incluísse o trabalhador rural?

Talvez o mais importante fosse proporcionar ao trabalhador rural condições de apresentar o seu dia a dia na “labuta com o cacau”, como ele próprio costuma dizer, dar-lhe condições de preparar e comercializar artigos alimentícios derivados do cacau, e dar condições de aprimorar, produzir e comercializar seus produtos e sua arte. Justificando essas considerações, poder-se-ia trazer Menezes (1999, p. 97):

Acredito que a melhor forma de neutralizar uma redutora conceituação de uso cultural e abrir espaço para irrigar todo o tecido vivo da existência é fazer com que a ação cultural passe, precisamente, pelos terrenos mais importantes dessa mesma existência. Dois eixos, assim, me parecem prioritários: o universo do cotidiano e – parte dele, mas com personalidade própria – o universo do trabalho.

Essa apresentação do dia a dia do trabalhador rural passa pelo plantio, colheita e beneficiamento do cacau. Para o plantio as etapas a serem mostradas ao turista seriam, segundo um dos entrevistados: preparar a terra, fazer o balizamento (que é o cálculo do espaçamento entre uma árvore e outra), cavar o buraco, adubar, por a muda, já preparada anteriormente no viveiro. Daí em diante, é preciso dar os tratamentos exigidos pelo cacau: limpeza, raleamento, adubação. Vêm, então, os cuidados pertinentes à colheita: colher o cacau, juntar em pequenos montes, o que é chamado de embandeiramento, quebrar, tirar as amêndoas do fruto, transportá-las para o cocho, deixar fermentar, secar (na barcaça ou no secador). Na barcaça, o processo é muito bonito, pois tem o pisar e passar o rodo para espalhar as sementes e limpá-las das impurezas. É quase uma dança.

O beneficiamento envolve o torrar, descascar e moer o cacau, para obter matéria prima a fim de fazer o chocolate. E hoje pode-se apresentar a clonagem, que é a enxertia de uma haste (um galhinho) proveniente de um cacaueiro mais resistente à vassoura de bruxa, que será enxertada numa árvore adulta. Corta-se a

casca do cacau numa forma de T maiúsculo invertido, suspende-se a casca, põe a haste, põe a casca no lugar e amarra. Tudo com muita higiene, para não contaminar a enxertia.

O trabalhador rural pode ainda ser incentivado a preparar produtos derivados do cacau, como tablete, geléia, polpa, licor, cocada, mel de cacau etc.

O trabalhador que lida com os produtos citados, e produz ainda chocolates finos, chocolates eróticos, diversos tipos de licor e trabalha com o artesanato de barro e de madeira (chaveiros, o pé do cacau, o fruto, o chocolate) poderia se reunir e, com o auxílio do governo municipal, ter acesso ao microcrédito, formar cooperativas, reciclar-se com cursos oferecidos pelo SEBRAE, SENAI, INSTITUTO MAUÁ, CEPLAC (que está fazendo várias experiências com doces e chocolate), UESC, entre outros, e melhor comercializar o seu produto. O próprio processo de fazer o artesanato poderia ser uma atração turística.

Como forma de apoiar ações turísticas para a inclusão social, o *trade* turístico de Ilhéus poderia divulgar a cultura do cacau através de uma melhor divulgação e exploração das obras de Jorge Amado. Fontes (2001) estudou a utilização da literatura amadiana por parte do turismo de Ilhéus e encontrou o seguinte resultado: 53,8% dos turistas consideraram ruim, 38,5% regular e 7,7% boa.

Segundo Simões (2002), o leitor-turista é impulsionado a visitar o local, conviver com a gente, perceber a cultura, sentir, da sua perspectiva de leitor, aquela região ficcionalizada. Passando de leitor a turista, o tornado turista-leitor desloca-se em busca de reconhecer a região nas páginas de Jorge Amado.

Esse estudo do cacau visa a tornar tal produto agrícola, que é também traço cultural e, como tal, fator de identidade, acessível ao leitor-turista e ao turista-leitor.

Sobre um roteiro que incluísse fazendas produtivas de cacau, Cairo (2003) fez um estudo e já indicou, inclusive, alguns deles, com visitação à UESC, com seus laboratórios e com seus estudos sobre a vassoura de bruxa, ao Instituto Biofábrica de Cacau, criado a partir de convênio entre a Secretaria de Agricultura do Estado, a CEPLAC e as cooperativas regionais, onde são produzidas as hastes a serem clonadas, obra de grande porte e pouco conhecida da população regional, a Maramata – Universidade Livre do Mar e da Mata.

Também é sugerido o planejamento de *city tours* que incluíssem o quarteirão Jorge Amado, casas de antigos coronéis, o Bataclan, o Vesúvio, a Fundação Cultural de Ilhéus, o Museu Casa Verde, em Itabuna, que retrata o cotidiano do coronel do cacau; e que fosse reativado o Museu do Cacau.

Apresentações artísticas que tenham por temática o cacau — como a Rapsódia Grapiúna, composta pela Prof^a Zélia Lessa, a peça Gabriela, dançada por Mônica Tavares, a peça Terras do Sem Fim, escrita e dirigida por Ramayana Vargens e apresentada pelo Núcleo de Arte da Universidade (NAU) da UESC compõem as sugestões.

Poderiam ser criados o Museu do Trabalhador Rural do Cacau, a Casa do Cuscus, o Casa do Beiju, alimentos tão representativos da zona rural, ateliês com todo o material necessário para que o artesão pudesse fazer o seu trabalho.

Algo que poderia ser feito pelo trabalhador rural é proporcionar-lhe as condições de aperfeiçoar o tablete de chocolate que fabrica.

Do *site* da Folha de São Paulo, em 11.04.04, foi tirada a reportagem — Chocolate a peso de ouro — que traz a auspiciosa notícia: “o ramo da gastronomia em chocolate é a mais nova vertente da obsessão pelo bem viver”; e cita quatro marcas de grife, todas situadas em São Paulo. São elas, a *Neuhaus Chocolatiers*, a *Payard*, a *Chocolat du Jour* e a *Pati Piva*.

O grande trunfo desse mercado é trabalhar com 100% de manteiga de cacau pura, que assegura “maciez, ductibilidade, cremosidade e firmeza”.

Para se ter idéia dos preços destes produtos, um ovo de chocolate fica por R\$695,00 e 150 ovinhos, de 30 gramas cada, numa armação em forma de galinha, custam R\$1.054,00.

Será que se poderia sofisticar um pouco o chocolate produzido? Usa-se o chocolate puro e faz-se um produto gostoso, mas extremamente simples.

A inclusão social promove o desenvolvimento humano, índice mais importante que qualquer outro e, segundo a Organização das Nações Unidas, a classificação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é avaliada a partir de três indicadores: educação, expectativa de vida da população e poder de compra. Melhorar a vida de um segmento social é contribuir com a qualidade de vida e com a melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano. E, para isso, é preciso que as pessoas tenham oportunidades, de educação, de se reciclar, de acesso ao sistema financeiro.

Pela Constituição Federal de 1988, todos têm direitos. Mas, segundo Unger (2001, p. 381), “um direito que não é cumprido não é um direito [e] a recusa em fazer cumprir certos direitos enfraquece o sentido em que se entende como institucionalizada a parte da vida social a que se referem esses direitos”.

Na Agenda 21 — Ilhéus, algumas propostas permitem pensar na inclusão social, e um projeto que possa vir a ser elaborado propondo a inclusão do trabalhador rural e do artesão teria sustentação para fazer uma efetiva cobrança junto ao governo municipal a partir delas, dessas propostas. São elas:

Implementar programa de revitalização da zona rural e preservação dos remanescentes da Mata Atlântica;

Desenvolver um trabalho junto à população de baixa renda valorizando a mão-de-obra;

Preservação dos sistemas de cabruca, principalmente na zona cacaueteira tradicional;

Sensibilizar agricultores e sociedade em geral, para a necessidade da organização social comunitária (associações e cooperativas), visando a convergência de esforços neste intento;

Realizar a educação no meio rural promovendo a conscientização coletiva para o exercício da cidadania e da organização social;

Desenvolver a extensão rural em sua plenitude, mantendo-se sua característica técnica e potencializando sua ação social;

Buscar financiamento para implantação de pequenas agroindústrias;

Incentivar a organização das agriculturas de base familiar e propiciar assistência técnica;

Buscar alternativas de mercado para comercialização da produção agrícola familiar, como, por exemplo, o consumo na merenda escolar.

A Agenda 21-Ilhéus elenca dois problemas que interessam particularmente a essa pesquisa, pois abordam, indiretamente, as conseqüências da não-inclusão

social: o aumento dos bolsões de miséria no município aliado aos inexpressivos investimentos dos governos na agricultura; insuficiência de linhas de crédito e geração de tecnologias voltadas para os agricultores familiares.

E em sua conclusão, reconhece como algumas das ações prioritárias: agricultura familiar e reforma agrária; estudo da população que vive dos setores informal e de serviços possibilitando articulação de propostas de apoio; programas de qualificação para o trabalho; preservação da Mata Atlântica cacaueteira e seus ecossistemas associados.

Enfim, será preciso cobrar do governo o que ele próprio propõe, e aproveitar essa abertura para oferecer condições ao trabalhador rural e ao artesão de buscarem sua inclusão social.

Santo Tomás de Aquino alerta: é necessário um mínimo de conforto para a prática da virtude. Inclusão é, portanto, possibilidade de melhor assunção das virtudes. E “o que mais podemos pedir à sociedade além de uma oportunidade melhor para sermos grandes e ternos?” (UNGER, 2001, p. 421).

Poder praticar a virtude, poder ser grande e terno... E sendo essas oportunidades, não de um grupo, mas de todos. Se o homem é um ser em construção, ele pode ir se construindo com os limites próprios da sua natureza, mas aproveitando um potencial de solidariedade que está sendo sub-utilizado.

*Não canto onde não seja o sonho livre, onde não haja ouvidos limpos e
almas afeitas a escutar sem preconceito. Canto apenas quando
dança nos olhos dos que me ouvem a esperança.*

Geir Campos

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já é ponte em princípio a idéia no ar.

Geir Campos

Ao longo deste estudo, alguns aspectos da história do cacau, perspectivados pelo trabalhador rural ilheense, em contraponto com a visão dos intelectuais pesquisados, evidenciaram a subjetividade desse homem do campo e indicaram a sua mundividência. Esse conhecimento baseou as sugestões aqui apresentadas sobre formas de incluí-lo sócio-economicamente no roteiro turístico da cidade de Ilhéus.

A análise das entrevistas concedidas pelo trabalhador rural permitiu, no âmbito pesquisado, o reconhecimento de um tipo humano ético, politizado e com sólidos valores morais, coerentes com o seu universo cultural. Os dados apurados indicaram que, apesar das dificuldades da vida, os ruralistas são donos de um peculiar humor e uma certa sabedoria diante dos problemas derivados da crise econômica que se abateu sobre a região.

A pesquisa pela ótica dos ex-cêntricos tornou possível perceber que, às vezes, uma postura oficial interpreta mal a fala do outro, permite ruído na comunicação, conforme interesses ideológicos ou de classe. Até que ponto subestima-se aquele saber ou observam-se as questões gramaticais, deixando de perceber a riqueza que traz determinado discurso? Assim como existem os objetos que servem como símbolo de *status*, que nem sempre simbolizam tanto, o domínio da linguagem pode dar a impressão de uma consistência, uma erudição que nem sempre estão presentes naquela fala. Por outro lado, uma fala simples, que não atende à

norma culta pode trazer conteúdos significativos, mas pouco valorizados pela avaliação viciada nos ditames oficiais. Como não valorizar respostas que afirmam ser certo fazer aquilo que é preciso? Como não considerar quando as pessoas dizem fazer o que devem, o que é lógico? Quando elas afirmam que errado é não saber andar em cima do mundo, que a sabedoria, a educação e a inteligência andam juntas; que, às vezes, existe sabedoria numa pessoa muito simples, que existem pessoas que estudaram, mas não têm sabedoria, que tolo é o que não sabe se situar, se adequar, se avaliar?

Algo que pôde ser percebido é que há uma originalidade nesse pensar. Será por serem eles menos influenciados? Será pelo fato de a vida no campo ainda favorecer uma certa contemplação, tempo para pensar? Por ser o ritmo menos acelerado? Será por tudo isso que eles sabem fazer uma crítica sem grosseria, sabem escutar e dão tanto valor à gentileza? Como é rico, para um pesquisador, encontrar uma narrativa como a de João Morais de Almeida ao opinar sobre a valentia. A história de João Canguçu, contada por ele, é digna de destaque.

Outro fato que ficou claro é que há uma relação muito forte entre eles e o cacau, e uma preocupação com a sua recuperação. Isso, que poderia ser atribuído apenas ao proprietário da fazenda, é encontrado também no trabalhador rural. A pesquisa sinalizou que o cacau, nessa região, é configuração cultural. Ele contribuiu para dar uma “feição”, uma “cara”, uma personalidade a esse povo, a essa gente. Talvez por causa disso, haja, hoje, além de uma crise econômica, uma crise de identidade; Há ameaça de que, se o cacau desaparecer, fará desaparecer não somente uma atividade agrícola, econômica, mas uma “civilização do cacau”. Nesse aspecto, a cacaucultura seria mais importante que o cacaucultor.

Ao tratar de Ilhéus e da cultura do cacau, pôde-se evidenciá-la como um das cidades mais antigas do país, com características naturais e culturais singulares e propícias ao turismo. A comparação da percepção do trabalhador rural sobre o cacau e sobre seus hábitos, costumes e percepções com os estudos feitos pelos intelectuais permitiu conhecer uma realidade pretérita e compará-la a dos dias atuais, identificando no pensar e nos fazeres do trabalhador, formas de valorização da cultura e alternativas de contribuição ao desenvolvimento do município, através de um turismo de inclusão.

O conhecimento oficial foi especialmente acrescentado e enriquecido pelo foco do trabalhador rural quando esse respondeu a perguntas que não haviam sido feitas pela oficialidade. Algumas lacunas foram preenchidas: sobre seu trabalho, sua vida, suas perspectivas para o cacau. O que surpreendeu positivamente foi a percepção que eles têm da importância da prática e da relatividade da teoria. Isso permite que se percebam mais valorizados. De certa forma, é na contra-mão da ideologia que eles formulam conceitos que resguardam sua auto-estima.

A pesquisa concluiu que a proposta de inclusão social do trabalhador rural no turismo de Ilhéus é realizada ainda com bastante timidez. O exemplo de experiências bem sucedidas em algumas cidades do Brasil e de alternativas identificadas nas falas dos trabalhadores rurais autorizaram as sugestões de como Ilhéus poderia fazê-lo, inclusive valorizando a singularidade do trato agrícola do cacau e estimulando a fabricação e comercialização de produtos derivados do cacau feitos pelo homem rural.

Foi analisado o turismo na Bahia e em Ilhéus e, de certa forma, ficou claro que as políticas públicas voltadas para as ações turísticas tanto podem ajudar quanto atrapalhar a inclusão, tanto incluem quanto excluem. Se por um lado, o Governo do

Estado percebe o filão que é a cultura popular, conforme afirmou o Secretário de Cultura e Turismo, Paulo Gaudenzi, por outro contrata uma empresa para planejar o turismo na Bahia, buscando fazer desse estado um dos maiores pólos receptores do Brasil que, com toda a sua inegável competência, preocupa, pois em sua filosofia está explícita a exclusão, quando propõe para o turismo da Bahia a estratégia de alto preço e alta diferenciação, verificada em destinos como Paris e Mônaco.

Ficou evidenciado que Ilhéus, com o potencial que tem no que se refere à história, à beleza, aos recursos arqueológicos, culturais e naturais, e com a divulgação propiciada pela obra de Jorge Amado (novelas e filmes ambientados nessa cidade), não logrou o êxito esperado no desenvolvimento do seu potencial turístico. Por falta de planejamento e de formatação, suas vantagens comparativas, em potencial, não chegaram a se tornar vantagens competitivas, bem exploradas, formatadas.

Constatou-se que há necessidade de serem realizados novos estudos, porque, com a crise do cacau, causada principalmente pela *Crinipellis perniciosa*, a vassoura de bruxa, a situação desse produto agrícola, do fazendeiro, do trabalhador, das fazendas passa por um processo de mudança ainda não analisado. Situações reveladas nas entrevistas - como a da sazonalidade no trabalho, a das casas das fazendas sem condições de moradia, a do fazendeiro preocupado por não saber como irá pagar suas empregados - são completamente novas e, provavelmente, merecem estudos aprofundados.

A pesquisa constatou que a história das pessoas comuns é um rico manancial, que buscar a história da e nas pessoas simples é ampliar o ângulo de visão. E isso talvez tenha sido o melhor de todo esse estudo.

Quero abordar a cultura do cacau a partir do trabalhador rural e conhecer também esse trabalhador, o ex-cêntrico de que fala Linda Hutcheon, fazendo referência àqueles que estão fora do centro, que foram marginalizados, não estão contemplados, ou estão nas bordas, deslocados.

Isso vai permitir a reflexão sobre algumas lacunas dessa história da cultura cacauera, e preencher parte do vazio do homem do campo enquanto narrador. Aplica-se ao cacau o epíteto de “o fruto da sombra”, no sentido de que é uma árvore que exige sombreamento e que, até por isso, ajudou a preservar parte da Mata Atlântica; mas pode-se deslocar o sentido e considerá-lo fruto da sombra porque foi nessa condição que ficaram os trabalhadores — sem luz que os focasse, sem foco que os mostrasse, sem oportunidade de se apresentarem como sujeitos da história, pela condição de pouca visibilidade, de um certo obscurecimento a que foram submetidos.

Por isso este livro. Para quem foi silenciado.

É preciso fazer o que muitos estão fazendo pelo mundo a fora com base nos estudos culturais: erguendo o paradigma da inclusão social, quebrando o contínuo da história, com sua predileção pelos “heróis”, pelo primeiro mundo e pelos vencedores, e passando a produzir história e cultura à luz do povo marginalizado, abraçando a descontinuidade, o contingente, o tempo, o agora; recontando a história a partir da experiência da pessoa comum, com a valorização das histórias populares e das pessoas simples.

De certa forma, a história está sendo humanizada com a inscrição dos nomes populares, com a reinterpretação do passado a partir de novas percepções, novas chaves, pela relativização das antigas hierarquias.

Sabe-se que a seleção do que se vai narrar, de um fato histórico, é ideológica, e a construção simbólica é também representação da realidade, e trabalha com o entre-lugar, as bordas, o deslizamento dos sentidos e não mais o essencialismo.

Sabe-se que é preciso respeitar as diferenças culturais e permitir que a dicotomia, a oposição dêem lugar ao encontro e à valorização das diversas histórias e das diferentes culturas. A história da vida cotidiana apresenta-se como reação contra o estudo de grandes tendências sociais, a sociedade sem uma face humana, e considera que cabe ao estudioso não apenas o relato dos grandes feitos ou dos feitos dos grandes, mas também o relato do cotidiano e da história das pessoas comuns, que sempre participaram, mas não têm sido consideradas.

Enfim, evitou-se, da grande história,

A relativa pobreza das análises, em que situações históricas complexas se viam reduzidas a um simples jogo de poder entre grandes homens ou países ignorando que, aquém e além dele, deste jogo, se situavam campos de força estruturais, coletivos e individuais, que lhe conferiam densidade e profundidade, incompatíveis com o que parecia ser a frivolidade dos eventos (BURKE, 1997, p. 7).

Era dessa maneira que se excluía o homem da narrativa da história, da sua história e do próprio exercício da cidadania.

É preciso, no entanto, ter a preocupação de não pretender ser porta voz dos que haviam sido colados. É aconselhável uma certa humildade por parte da Academia e da Ciência. Já não são bem vindos os donos da verdade, e cada escrevinhador sabe, ou deveria saber, que é apenas mais um a contar uma história, sob um ponto de vista influenciado por seu olhar e por sua própria história. Sendo

assim, é aconselhável que, sempre que possível, o intelectual passe a palavra a outro, para que esse possa falar do que sabe e de si mesmo. Como alerta Beatriz Sarlo, é preciso ultrapassar o tempo em que os intelectuais

pensaram que estavam na vanguarda da sociedade, que eram a voz dos que não tinham voz [...]. Acharam que podiam representar os que viviam oprimidos pela pobreza e pela ignorância, sem saber quais eram seus verdadeiros interesses ou o caminho para alcançá-los [...]. Sentiram-se heróis, guias, legisladores [...]. Fundaram seu poder no saber.

Quando se ouve o povo, encontra-se uma riqueza de idéias até certo ponto inesperada, vez que comumente relaciona-se conhecimento com educação formal, e desvaloriza-se aquele conhecimento que a vida, a experiência e o pensar menos influenciado lhes proporcionam.

A escuta do trabalhador como um resgate importante de aspectos dessa cultura e de registro dessas falas quer afirmar que ele tem “o direito de se expressar” ainda que “a partir da periferia do poder e do privilegio autorizado”¹. Essa expressão “proporciona um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história”². Com esse propósito eles foram ouvidos, e também para que com eles pudéssemos aprender.

O que se pretende é apresentar a mundividência dos trabalhadores rurais quanto às relações de trabalho, à cultura, sua ideologia, suas crenças, seus costumes, sua vida familiar, sua percepção de si mesmo.

¹ BHABHA, 1998, p. 21.

² BURKE, 1992, p. 59.

Apresentaremos a listagem dos trabalhadores entrevistados e, sobre cada assunto, um texto costurado com várias opiniões, conceitos, percepções, tendo o cuidado de, através da numeração, identificar quais os que contribuíram com aquele item abordado ou citá-los nominalmente. Vale salientar que, nesta “costura”, nada foi acrescentado, tudo veio deles. Muito foi suprimido, é evidente, mas o relato é fiel.

ASSIM FALARAM OS TRABALHADORES RURAIS DO CACAU

Sobre eles mesmo, ao ser pedido que esses trabalhadores se descrevessem, que dissessem como se percebem:

Eu sou trabalhador, sou honesto (1). Gosto de trabalhar com os meus deveres direitinho, não gosto de enrolada, tenho o meu ritmo, sempre proso, todo mundo gosta de mim (2). Eu sou direito, cumpro meus deveres. Quando compro, pago. Mentira eu não gosto, e gosto de meus negócios tudo certinho (3). Sou acostumado a trabalhar. Tem pessoas... Num tô agravando o saber, mas tem pessoa que só quer trabalhar pelo estudo, mas tem pessoa que não sabe letra, mas ele entra na roça e... O trabalho eu acho que é uma prática (4). Não fui no meu passado, mas hoje sou uma pessoa calma, tranqüila. Acho que sou uma pessoa boa. Convivo bem com todo mundo, não tenho inimigos (6). Sou analfabeto, num tenho leitura nenhuma. E de vez em quando eu tomo uma pinguinha. Negócio de confusão não presta. Tomo minha cachacinha em casa (7). Pra mim eu sou uma pessoa boa. Trato todo mundo direito. Sou educado com todo mundo; gosto de cuidar do que é meu e não me meto com ninguém (8). A vez a senhora podia pensar até que eu era um vagabundo. Mas aí eu dizia quem era eu, onde era que eu trabalhava, dizia meu nome, dizia que eu

era gente boa e pronto. Aí a senhora ia ficar conversando comigo, mesmo porque sabia que eu não era vagabundo (11). Eu sou meio suspeito pra dizer um negócio desse, mas eu me acho uma pessoa inteligente. Acho que descobri isso um pouco tarde porque vim parar na roça e a gente não escolhe o destino (12). Muitas vezes eu já fui uma pessoa violenta, no tempo de mais novo. Mas eu acho que não existe uma lei melhor do que a gente mesmo se concordar com a gente. A gente mesmo se concordar, o que já fez, o que já praticou, pensar isso (13). O que eu não gosto em mim é eu não saber ler, nem fazer meu nome eu sei. Isso aí... eu não gosto desse lado. Mas... daí eu gosto tudo de mim. Saber ler é importante. A pessoa que sabe a leitura ela sabe explicar coisas que eu não sei (14). Eu sou uma pessoa que trabalho, há muito tempo. Não tive nada porque é a sorte. Ninguém nasce sem sorte, mas a vez eu não pude arranja nada por enquanto. Comecei a trabalhar com a idade de 7 anos, larguei pai e mãe com 13. Vim sozinho com um companheiro. O companheiro foi embora, fiquei aqui, Barro Preto. Depois passei 8 anos em Itajuípe. Nunca voltei. Depois eu escrevi pra lá, aí um irmão meu veio. Aí nós foi lá, fui mais ele, passei oito dias no norte. Eles, os pais, já num tavam mais lá, tavam em Umbaúba. Já moram lá em Umbaúba, hoje. A veia fartou, só tem o veio hoje (16). (Sr. José Raimundo estava, na época da entrevista, com 66 anos). Eu recebo as pessoa tudo bem, ajudo, gosto de ajudar; o povo me chama de besta, mas não é, é o meu pensar mesmo (17). Sou um pouco cismado, sou companheiro, sou amigo (18). Sei conversar com meus amigo, e dar atenção, prestar atenção no que eles estão falando comigo (23). Eu dizia que eu era uma pessoa de médio a bom, pelo que eu acho que eu venho fazendo. Eu não gosto muito de confusão, não gosto de aborrecer, então sou uma pessoa meio pacatazinha, que não tive leitura pra ser uma pessoa bem desenvolvida, mas através de rádio, televisão, de conviver no meio de gente experiente passei a ser uma pessoa

mais bom que ruim. O ruim que eu acho é roubar, matar, desonrar (24). Procuro sempre fazer muita coisa de modo que eu vejo que não prejudico ninguém (26). Eu me vejo assim, como uma pessoa ótima. Já num digo boa, ótima. Eu tenho amigos, não maltrato os amigos, eu só faço amigos. Eu, eu me acho ótimo. Isso é muito bom, né? A gente consegue ser um pouquinho mais feliz quando a gente se acha gente boa (27).

Ao descrever sua mulher:

É uma pessoa que trata as pessoa bem. É uma boa companheira, que gosta de fazer amizade (1). Pra mim é uma mulher direita. Já tenho uma filha com ela de 26 anos. Casei no civil, não troco ela por mulher nenhuma (3). Direita, me respeita, respeita todo mundo, não é mulher de fofoca, cuida dos que fazer dela em casa (5). É morena. Não é calma; qualquer coisa, se dana. Zela tudo bem zelado (7). Ela é inducada, direita, casa arrumada, comida pronta (8). Olhei bem o comportamento. Bonita, até hoje, porque se não fosse bonita e fosse direita não taria comigo. E sinto ela bonita, criando os filhos dela. Até hoje eu gosto de olhar, ver a paciência dela criar os filhos, o carinho dela, isso me traz assim como uma parte de pessoas amorosas. E uma preocupação que tanta ela tem comigo como eu tenho com ela (9). Minha mulher é uma pessoa servideira, cuidadora (10). Eu acho que ela é boa por isso, porque eu entendo e ela me entende (11). Nós temos 12 anos de casados, nunca tivemos uma discussão. Apesar de viver no interior, nós somos muito participativos um com outro. Somos meio divergentes na crença, mas não atrapalha. Ela é crente e eu não sou (12). Peguei ela no certinho, em 71, 70. Nós tamo esse tempo convivendo, me respeitou até a data, pode inté amanhã... mas já tá veia, num vai fazê (16). Vamos deixar isso... não tá relembrando coisas (27). Essa era que era minha companheira.

Morreu com 25 anos (13). Era uma dona disposta, gostava de trabalhar. Se acabou de hora pra outra. Problema no coração. Mas pra mim é uma pessoa boa. 100% (2).

Sobre algumas crenças e superstições:

Existe aquela que aconselha a que não se colha cacau na sexta-feira, pois traria azar.

Tinha um fazendeiro aqui perto, Nilo Calazans, na roça dele ninguém tocava dia de sexta-feira. Ele era místico. E tem mais gente, porque o meu avô, lá da região de Itororó, também não colhia, e ele não era místico, ele era crente. Faz parte da mística, porque dá azar, é ruim. O dia não é próprio, é mais ou menos por aí (12). Dá azar. Sexta-feira vai roçar, fazer outro serviço qualquer, mas colher não colhe (16). Tem uns fazendeiro que não gosta, diz que dá azar (2). É porque sexta-feira, quando está na colheita, é dia de tá apurando ele, pra ele vim pras barcaças (4). A maioria do povo larga pra quebrar quinta e sexta-feira, e sábado, agora não sabia que era por causa disso não (17). Isso é superstição (27).

E a de que o macaco Jupará, pelo fato de também usar amêndoas de cacau na sua alimentação, acaba por plantar cacauzeiros?

Jupará planta (2). Tem muito lugar na mata que é eles; a senhora encontra o cacau na mata (7). Tem, o cacau do jupará (9). Jupará come o cacau. Planta no brejo, no lugar que não tiver plantio; eles faz os trabaio deles lá e nasce os pé (10). Ele chupa a fruta. Logicamente ele é um semeador (12). Antigamente plantou muito. Hoje acabou até esse negócio de jupará, ninguém nem vê falar de jupará (13). O jupará tá acabando. É difícil ver ele (17). Isso é uma história que vem dos antigos. O morcego também semeia várias sementes na mata (24).

Que dar três surras de pau, no feto (uma espécie de samambaia), que fica fixado ao cacauero e é muito difícil de ser exterminado, durante três sextas-feiras seguidas, acaba com ele?

Sete sexta-feira. Acaba tudo. Bater sete vezes (2). É. Tanto o feto como a taboa (3). Acaba, tem que ser sexta-feira (5). Já vi falar da surra de pau e mata também, mata porque ela azeda, vai esbagaçando, começa a azedar, mata (8). Desde quando você deu a surra, ela vai azedar. Não é por causa da sexta-feira (9). Sempre às quartas-feiras e às sextas-feiras. O feto e a taboa é assim. Se cortar ele, pode olhar, três dias depois ele tá brotando. Por que se faz essa meta de quebrar? Porque amassou ele, ele vai demorar, ele vai adoecer e muitos vai adoecer a raiz e não vai brotar mais (24).

A lua interfere no plantio?

Influi. Tem que plantá na quadra certa. Nova, sem medo. Crescente pra crescer. A lua cheia pode, mas boa é a nova (2). A lua boa é de acordo com a planta. A nova e a crescente é a melhor. A batata não pode plantar na lua cheia. A madeira tem que tirar no escuro (3). Lua nova, a forte (4). Minguante não (5). Influi muito, com certeza. A minguante, eu falo pela experiência: na clonagem, ela demora muito para se desenvolver. Ela fica raquítica. Uma boa é a cheia (6). Lua errada a cana dá brocada. Qual a lua boa? Três dias depois da nova, ou três dias depois da cheia (9). Eu não sei qual é a lua boa, mas eu sei que influi. Negócio de lua eu não entendo, eu vou perguntando (11). Eu planto quando a lua não tá clara, não aparece pelo dia (13). Pessoa da roça tem muito preconceito com isso e é certo. Hoje, se eu fosse plantar uma horta, eu ia procurar uma quadra de lua nova, a crescente. No minguante eu ia evitar. Cacau, de enxertia, também, lua nova até crescente (24). Podar a roça, quanto mais na lua nova mais os pé carrega (28).

E assombração, existe mesmo?

Assombração pode até existir, agora, eu não acredito, eu nunca vi (1). Existe. Eu já vi minha sogra, tava acordado. Minha filha também via, uma criança com 4 anos, via a avó (3). A perturbação sempre existiu de toda maneira (10). Do jeito que eu tenho medo de assombração, pra mim existe. Eu já vi sombra, já ouvi voz também (15). Eu acho que não existe porque eu confio em Deus (16). Bom, existe, porque a palavra diz que das nuvens pra baixo o inimigo tem poder. Mas aquele servo que obedece a Deus, ele não teme (18). Pode ser que existe. Agora... Pra mim, graças a Deus, nunca chegou nem vai chegar. Mas existe, existe... A pessoa não deve é encasquetar naquilo. Tem que chamar por Deus e enfrentar (19). Falam muito, mas eu nunca fui incomodado, graças a Deus. Procuro sempre rezar, nas horas certas. Sair... Também não sou muito de sair nas horas errada, pra que também não aconteça. A pessoa sabe que aquilo ali tem uma coisa que não é bom, não vou passar ali (24).

A resposta de José Dória é sintetizadora:

“Existe. Pra quem tem fé em Deus, não. Agora, pra quem chama pelo que não presta... Só vai pra quem chama pelo que não presta, mas quem tiver fé em Deus, não. Assombração é pra quem não tem fé. Eu já vi. A vez andando na estrada, tarde da noite, a vez vem outras pessoa conversando, já vi jogá pedra, areia, e não é gente. Só dá mais também em lugar de bambu, lugar de cruziada. Esses negócio, né? A vez ouve uma voz chamando, mas sabe que não pode responder, tem que deixar chamar uma vez primeiro, e a pessoa responde se chamar duas ou três vez. Mas não é bom responder” (8).

O que habita o imaginário do povo da zona rural e o que contribui para que ele em relação a essa crença, seja tão forte? A sozinha, a escuridão à noite, os

casos narrados, que passam de geração em geração, que acabam se constituindo num legado de memórias, numa vontade de perpetuar a herança que se recebeu? Ou será o fato de que o medo faz ver, como afirmaram alguns deles?

E a valentia? Por causa dos rodeios e os filmes de faroeste, esperava-se uma certa admiração por essa característica tão cara a algumas pessoas. Para eles, é algo quase sempre negativo, abrindo-se exceção apenas para “o valente no trabalho”, “o valente na dignidade”. No mais, é bebida, maconha, tem o “valente de brigar”, “não é uma coisa boa”, “bom é ser humilde”, “o valente vai andar corrido”, “é violência”, “é falta de cultura”, “agressividade”, “maluquice”.

Talvez essa seja uma das questões que melhor mostra a percepção, o perfil do trabalhador rural. O caso contado por João Morais de Almeida é um caso para estudo, de tão bem narrado e pelos aspectos psicológicos que vêm à tona com essa narração:

Eu acho que parte da ignorância porque antigamente eu vou dizer à senhora, existia mais gente ignorante do que está existindo hoje. Eu trabalhei numa região, aí de Ubatã, eu morava em Ubatã, mas eu tangia tropa, nesse tempo não ia carro para Ibirapitanga, que antigamente era Cachoeira do Pau, essa mata era uma coisa séria. A senhora só via aqueles homens com cada um facãozão, naquelas porta de venda, com uma pistola daquelas dois canos. Aquilo era uma ignorância que eu vou dizer à senhora... tinha um cara mesmo dessa região aí de Ibirapitanga, hoje é Ibirapitanga, que antigamente era Cachoeira do Pau. (conta a história de um valente que chegou em Cristal, Camamu, e acabou sendo morto por Zé Mendes. Interessante a história e o jeito de contar). Então tinha um cara aí nessa região que era falado, eu morava aqui embaixo, em Banco Central, e não conhecia esse cara. Aí eu fui pra Ubatã, né, foi quando eu fui pra Ubatã que apareceu esse cara, num lugarzinho chamado Cristal,

num comercinho que tinha lá, no município de Ibirapitanga mesmo, município de Ibirapitanga não, era Camamu (Ibirapitanga era do município de Camamu, agora tá emancipada, não é?), então, tinha um lugar por nome Cristal, esse lugar hoje tá debaixo da represa da barragem, quer dizer que ficou debaixo da água esse lugar, e então chegou esse cara, chamava João Canguçu. Era falado esse homem. Diz que batia facão, furtava, mas não tinha negócio de furtar não, o negócio dele é que ele era veloz, ele era veloz. Então ele foi pro Cristal, ficou lá no Cristal, um pretinho baixo do bigodão, camaradeiro, né, muito camaradeiro, e tinha um guarda do município de Ubatuba, por nome Zé Mendes, que ficava lá na cabeça da ponte pra fazer cobrança de carga que passava, esse negócio. O Zé Mendes veio pro Cristal, aí teve uma discussão com ele. Ele deu um talho em Zé Mendes que o talho daqui da orelha, aqui dentro da boca, ainda arrancou dois dentes de Zé Mendes... O Zé Mendes tava com um revólver 38 na cintura, correu... correu e ele enrabou Zé Mendes. Chegou numa ponte que tinha na passagem de uma pequena de uma lagoa que tinha pra sair na cabeça da ponte onde Zé Mendes morava, quando Zé Mendes olhou, que viu ele, ele já vinha perto, Zé Mendes rançou o revólver atirou nele. Ele voltou e voltou e caiu na porta de uma mulher por nome Maria que o povo chamava Maria Peitão, aí pegaram ele botaram numa Rural, levaram pra Ipiaú. Morreu na estrada. A fama de João Canguçu acabou. Chamava João Canguçu. Ele era muito facãozeiro e deles lá nessa região tinha demais, demais, na região de Ibirapitanga. Hoje tá um lugar muito, como é que diz? Menos violento, não é? Menos violento, donde que eu digo que a valentia parte mais da ignorância.

Por que esta percepção da valentia? O que foi pensado, depois de muita análise, foi que, nas relações de poder, o trabalhador rural está quase sempre numa situação de desvantagem. Valente é o outro. Ele atura o valente. Muitas vezes é

humilhado e raramente pode revidar. Há um desequilíbrio de forças nas relações de poder que envolvem o trabalhador rural, seja com o patrão, seja com o gerente, com o dono da venda, do armazém, que faz com que ele se retraia diante da valentia, e tenha aversão a ela.

A percepção deles quanto ao que é um homem direito demonstra a visualização do homem em relação à vida, ao trabalho, à ética, à família. É o homem no mundo. Já a percepção da mulher direita está muito relacionada ao marido, aos filhos, à casa e ao comportamento sexual. É a mulher no lar. E ainda muito depende economicamente.

Isso se expressa em suas declarações: “ser um homem direito é ser honesto, cumprir com seus deveres” (2); “o que trata as pessoas bem” (4); “o respeitador” (5); “o homem trabalhador” (10); “o que paga o que deve” (8); “o que não toma boca com os familiares de ninguém” (7); “educado” (13); “o que anda certo com seu patrão” (16); “o que não rouba” (28); “o que tem responsabilidade” (5); “o que vive bem com sua família” (19); “o que tem caráter” (20); “o que não bebe e não fuma” (21); “o que está sempre dentro da lei” (22); “o que vai em busca do seu direito” (23); “tudo de melhor na vida de um homem, menos o amor” (25).

Os valores que perpassam tais respostas sinalizam comportamentos, cultura e atitudes éticas. Consideradas as incidências das respostas, percebe-se que aquilo que define um homem direito para esses trabalhadores rurais da região do cacau é “o cumprimento do dever, a honestidade e o respeito”. Já sobre o que seria uma mulher direita: “a que trata o marido direito” (3); “respeita o marido” (18); “cuida da casa” (2); “faz tudo o que o marido quer” (11); “a menos ‘rodada’” (6); “a que anda na linha” (11); “a que não é uma vagabunda” (21); “a bem comportada” (24); “a que se dedica muito aos filhos” (23); “a parte melhor na vida de um homem” (25). As resposta

dão uma visão machista. No entanto, também é valorizado o respeito ao próximo, ao outro: “a que trata as pessoas direito, a vizinhança direito” (13); “a que cumpre com as suas obrigações” (9); “a trabalhadora” (19); “a que não se mete com a vida dos outros, não fala da vida dos outros” (2); “que tem caráter” (16); “a que respeita os filhos” (13); “a honesta” (3). Quase sempre, no universo masculino, aparece o homem como referencial da mulher. A percepção do que pode ser considerado uma mulher direita, segundo os entrevistados, está muito associada às suas funções de esposa, mãe, dona de casa, como fica evidenciado em respostas que abrangem 47,6% da amostra estudada. Algumas das respostas aqui registradas permitem o debruçar-se sobre elas e captar uma realidade que parecia longínqua. Estará?

Certas paisagens culturais facilitam que as pessoas se localizem como indivíduos sociais. As respostas obtidas levam a perceber que a mulher da zona rural do cacau não sente desconforto em relação a essas percepções sobre ela própria. Talvez isso aconteça devido ao bem-estar advindo de uma paisagem cultural que lhe é familiar, embora, em certos aspectos, adversa. Queira-se ou não, a tradição, a sensação de continuidade oferecem segurança, e muitas vezes impedem um avanço que poderia ser altamente positivo, mas que amedronta, justamente por ser novo, desconhecido.

Quando se fala, nos estudos culturais em relação à cultura dos colonizados, pode-se, infelizmente, transferir essa hegemonia, ou tentativa de hegemonia, para outras situações em que há um desequilíbrio de forças. De certa forma, em certos aspectos, a mulher no meio rural é o “colonizado”, e essa situação revela uma geometria do poder. Quando um dos trabalhadores rurais afirmou que “o marido tem que mandar, porque a pessoa dá a comida, [...] a mulher tem que saber

isso. O serviço dela não é igual ao de nós, home, nós enfrenta qualquer coisa”, ele está balizando o porquê do seu domínio.

Quanto ao questionamento sobre a crença religiosa, Deus e a importância dele na vida de cada um, a totalidade das respostas deixa clara a espiritualidade dos entrevistados. Há uma relação de reverência deles em relação a Deus.

Acredito em Deus, só não sou crente. Toda noite eu lembro de Deus e o caminho é Deus mesmo (3). É sobre tudo (4). Deus em minha vida é tudo (6). Sem Deus não vai nada pra frente (7). Deus é muito bom. Sem ele como é que a gente vai viver? (11). O que vale é a fé (16). Tudo o que eu faço é direcionado para o que Deus quer para um filho seu (20). Eu sou mais cristão do que católico. O católico ele praticamente pode tudo, o cristão não, ele tem que viver dentro do regime da igreja (12). Já passei quatro anos na crença, quatro ano salvo, mas a gente é como um barco, vai, volta. Mas eu nunca fui contra Deus (17).

Como foi observado, o trabalhador rural é um ser espiritualizado. Sua relação com Deus é de respeito, temor, reconhecimento, gratidão. Pode-se afirmar que ele tem o senso do sagrado, a veneração por algo superior.

Ao serem perguntados se faziam oração, constatou-se que todos responderam afirmativamente, sendo que um terço desses trabalhadores afirmaram orar e não rezar. Uma dessas respostas revela a diferença que consideram existir entre as duas situações: eu oro. A reza é uma oração repetitiva, é como se a pessoa estivesse pedindo a mesma coisa todos os dias. A oração é uma súplica, onde você pede por você e mais pessoas que estão ligadas a sua pessoa. A oração eu digo com as minhas palavras. Uma reza é uma repetição de palavras, a oração é falar o necessário para chegar até Deus. Como se fosse uma intimidade (6). O Pai Nosso é uma coisa natural. Eu gosto de rezar o Pai Nosso (14). Não é todo dia, mas a vez eu

dou uma rezadinha também (11). Rezo, faço minha prece, peço muito para que me proteja do mal, e todos aqueles que está ao meu redor, pra ser protegido e bem cuidado. A maior proteção que a gente tem é a Providência Divina (24).

Um outro aspecto explorado na pesquisa e que tentou compreender esse universo ético, moral, comportamental diz respeito às questões sobre o que é certo, o que é errado, que é sabido e quem é tolo, que exigiram outras reflexões. De modo geral, os entrevistados pensavam um pouco antes de responder. Algumas respostas são antológicas, ou poderão ser. Quanto ao que é certo, vários informaram: “é andar direito”; “que existe Deus no céu/amar a Deus”; “trabalhar, o tipo de trabalho que se faz”; “ser amigo, ter amizade com todo mundo”; “não mentir”; “a palavra certa” (7); “não roubar” (13); “amar minha mãe, meus filhos, meu marido” (15); “o que a própria pessoa acha que deve fazer” (20); “é fazer aquilo que é preciso” (23).

Para melhor embasar tais respostas, transcrever-se-ão três delas que denotam diferença de percepção e sabedoria. Disse o entrevistado Miranei: “o certo é amar a Deus. Aprendendo a amar a Deus você aprende o certo da vida”. O outro entrevistado, Raimundo, afirma: “é o que a própria pessoa acha deve fazer”. E ainda outro, Girlan: “é fazer aquilo que é preciso”.

A primeira resposta mostra a espiritualidade do trabalhador rural; a segunda, a busca da individualidade e a fuga da massificação; e a terceira sinaliza o senso de responsabilidade quando expressa que certo é fazer o que é preciso — mostra o limite da independência e o tamanho da responsabilidade. Afinal, como eles mesmos afirmam: “a gente faz o que deve, quem faz o que quer é doido”.

Quanta concisão neste “certo é fazer o que é preciso”! Durante esta pesquisa houve a oportunidade de, entre bons filósofos, discutir exatamente essa afirmação, o que levou a uma excelente oportunidade de pensar. Mas essa frase, de

certa forma, resume o que foi dito. Será que se poderia ter sido mais objetivo? Como anda a capacidade de síntese dos que filosofaram? Até que ponto o trabalhador rural Girlan exercita mais que o grupo de filósofos as propostas de Calvino, feitas para este milênio em relação à linguagem?

Ainda continuando nessa análise, perguntou-se sobre o que eles pensam ser errado; e responderam: “é agir mal”; “é não acreditar, não amar a Deus”; “é ser desonesto”; “é roubar”; “é o erro”; “é beber”; “é usar droga”; “é mentir”; “é inimizade”; “é negar que faz errado”; “é desrespeitar a lei”; “muitas coisas”; “é procurar briga”.

Por sua carga poética e por ser uma frase digna de ser proferida por um dos personagens criados por Guimarães Rosa, vale chamar a atenção para a resposta do entrevistado Manoel: “Errado é não saber andar em riba do mundo”.

Segundo *Williams*, (apud HALL, 2003, p. 135) “a maneira de vermos as coisas determinará a nossa maneira de viver. Logo, essa visão do que é certo e do que é errado revela um retrato desse trabalhador rural quanto a sua ética, seus princípios morais e, conseqüentemente, permite deduzir sua maneira de viver. Revela também sua hierarquia de valores, hierarquia essa que constrói o ser humano. Lembrando Hall (2003, p. 44): “a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. Essa afirmação lembra que se está sendo, tornando-se, logo, mudando um pouco a maneira de ver, alternando a posição dos valores em sua hierarquia pessoal, seguramente muda cada ser que está sempre em processo. Conforme o mesmo autor, o sujeito pós-moderno é percebido

como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Outra proposição analisada referiu-se a quem é sabido.

Embora correndo o risco da repetitividade, transcreve-se algumas das respostas, para não incorrer em traição do processo enunciativo. Sobre a questão, diz o entrevistado Martins: “Sabido é a pessoa que entra no colégio, aprende ler, faz qualquer serviço sem precisar dar dor de cabeça na pessoa”. E Miranei: “Eu descrevo a sabedoria de uma maneira muito diferente de muita gente [...]: tem vez que existe a sabedoria em uma pessoa tão simples. E um super bem dotado, que estudou em uma universidade e tudo e muitas vezes ele acaba se passando como, digamos que tenha um pouco de falta de inteligência. [...] Eu conheço um cidadão aqui mesmo que eu acho que ele é uma pessoa super dotada. Não sabe nem escrever o nome, mas ele vê fazer uma coisa, ele vai e faz. E tem o outro tipo de sabedoria que é a parte da ignorância. Para mim, a sabedoria e a inteligência andam juntas, juntamente com a educação”. E Raimundo: “Eu acho que existe aquelas pessoas que não tem a leitura, mas tem aquele saber, aquele controle sobre o que fala, e aquelas pessoas que se dá bem com as palavra, consegue se expressar bem”. E ainda Adelson: “É aquele que trabalha e cuida das obrigação certa, e não é de cachaça, não é de briga. Sabe aproveitar seu dinheirinho, pega, faz sua feira certinha, pra comer em casa durante a semana com seus filho. Pra mim esse é que é o sabido (risada)”.

Vale salientar que duas respostas foram dadas por vinte dos entrevistados. Foram elas: “sabido é Deus”; “sabido é quem estuda, tem conhecimento”. Nessa questão, percebe-se que eles valorizam o conhecimento, o doutor, a professora, mas também valorizam “quem não é estudado”, a experiência, a sabedoria. E a resposta de Miranei — “tem vez que existe a sabedoria em uma pessoa tão simples” — mostra que o povo tem as suas defesas, conseguindo se preservar, preservar sua auto-

imagem, seu auto-conceito. As respostas mais significativas a essa pergunta insinuam crenças e concepções do social: “tem quem não é estudado e é sabido”; “são os homens”; “não tem sabido”; “é quem procura ser mais sabido ainda”; “é quem não quer perder”; “o médico”; “os professores”; “aquele que sabe administrar seu direito”; “é quem tem a sabedoria da experiência”; “é quem tem a sabedoria dada por Deus”; “a sabedoria e a inteligência andam juntas”.

Com relação às opiniões a respeito da pergunta: “E quem é tolo?”. “Semo nós que somo tolo. Eu mesmo pelejo pra ficar sabido, mas não consigo”, diz Leolino. “Não existe o sabido completo nem o tolo também. Muita vez o tolo dá no sabido”, afirma Paulo. “Tem o analfabeto inteligente”, opina João. “Quem vive bestando pelo mundo”, pensa Raimundo. “(Tem gente que) não tá se fazendo de tolo, as vez é tolo mesmo”, conclui Carlos José. E a resposta que é um primor, pelo que encerra de sabedoria, capacidade de síntese e evocação poética: “Tolo é aquele que não tem a sua medição”, diz Miranei.

Aqui, observa-se o contraponto entre Leolino e João, em que o primeiro considera tolo o trabalhador rural e o segundo fala no analfabeto inteligente. Mas, como existem muitas leituras possíveis, talvez Leolino perceba sua categoria como excluída dos benefícios sociais. Talvez sinta-se realmente tolo por permitir passivamente tal situação. E Miranei? Não conhece Sócrates, mas sabe da importância do “conhece-te a ti mesmo”.

Além das respostas apresentadas, outras, referentes à mesma pergunta, podem ser sintetizadas: “é quem não sabe nada”; “ninguém é tolo”; “é quem não sabe fazer nada”; “mal do sabido se não fosse os bestas”; “é aquele que se faz de tolo”; “quem tem conversa tola”; “do tolo todo mundo quer se apoderar”; “nós”; “o analfabeto”; “a criança”; “quem não sabe nada sobre alguma profissão”; “o valente”;

“quem não sabe o que faz”; “aquele que só leva prejuízo”; “quem não procura ver o que é ruim”; “quem se conforma com tudo”.

Ficou claro que houve cuidado, nessas respostas, para não ofender quem quer que fosse. Era como se percebessem o risco de pisar “aquele lugar perigoso onde a identidade e a agressividade se enlaçam” (BHABHA, 1998, p. 100). Alguns consideraram tolos eles mesmos, como transcrito, mas a grande maioria evitou citar alguém, alguma categoria social como tal. A impressão que ficou é que eles sabem habitar um espaço onde as diferenças são respeitadas e que não têm necessidade de arranhar a imagem do outro para ter a sua valorizada, situação tão diferente daquela gerada pela competição existente no mercado de trabalho das grandes e médias cidades. Para eles, a alteridade, o respeito à diferença são naturais.

Outros questionamentos da pesquisa referiam-se às qualidades do bom administrador e do bom trabalhador rural, com a pretensão de saber sobre seus valores e as relações patrão-empregado. Por isso, foi perguntado ao próprio trabalhador rural quais seriam as qualidades que uma pessoa deveria ter para ser escolhida como administrador de uma fazenda. Obteveram-se as seguintes respostas: “respeitar o trabalhador”; “conhecer a prática do serviço”; “ser honesto”; “ter boa conduta”; “ser atencioso, educado”; “saber mandar”; “ser competente”; “manter o respeito; não ser bom demais (com o peão)”.

Essa questão mostra uma hierarquia de valores segundo o trabalhador rural. As três qualidades mais citadas — respeitar o trabalhador, conhecer a prática do serviço (experiência) e ser honesto — atingiram 67,28% das opiniões.

Por curiosidade, e para observar até que ponto os valores poderiam mudar quando seus interesses financeiros, particulares, estivessem em jogo, questionou-se: “se você, um dia, vier a ter sua roça, que qualidades deveria ter o seu administrador?”

As primeiras respostas foram: “Conhecer a prática, o serviço”; “ser honesto”; “respeitar o trabalhador”; “eu mesmo ia ser o administrador”; “ser trabalhador”; “não deixar a roça à toa”; “ter curso”; “ser meu amigo”; “saber plantar”; “se comunicar bem com o patrão”; “ser uma pessoa boa, ser calmo”. As três qualidades mais citadas foram as mesmas, atingindo, 58,64%. Respeitar o trabalhador, com 27,84%, agora passa para 17,20%; conhecer a prática, o serviço, de 23,20% passa para 20,64%; e ser honesto, de 16,24% vai para 20,64%. Como fica constatado, os valores persistem. Os trabalhadores rurais demonstraram perceber a propriedade alheia com as mesmas exigências que teriam com a sua.

Ao se perguntar a eles próprios pelas qualidades de um bom trabalhador rural, os entrevistados responderam: “o que cumpre com suas obrigações”; “o bem mandado”; “pontual nos horários”; “que gosta de trabalhar”; “direito”; “não seja preguiçoso”; “não seja de briga”; “faça o trabalho satisfeito”; “não beba”; “não coloque o patrão em dificuldades”. Contudo, houve quem considerou difícil o reconhecimento das qualidades por causa da rotatividade do trabalhador rural, na atualidade.

As quatro primeiras qualidades mais citadas corresponderam a 76% das respostas dadas. Ser obediente é algo muito citado. Percebe-se que, no mundo rural, uns ordenam e outros obedecem, sem questionamento. Talvez pela ausência das decisões mais participativas seja tão importante o “saber tratar, respeitar o trabalhador”, a opção mais citada nas qualidades do administrador.

Sobre os meios de comunicação de massa (rádio e tv), em 1981, 30,7% dos trabalhadores rurais não possuíam rádio. Hoje, todos os entrevistados possuem. A facilidade do sistema de crédito e o barateamento desses produtos provavelmente permitiram essa mudança.

As questões relativas à televisão foram feitas no intuito de saber se assistem a TV e quais os programas que mais gostam de assistir. 75,27% assistem, 17,85% assistem de vez em quando, e 7,14% não assistem.

Quanto ao que mais gostam de assistir, responderam, nessa ordem: jornalismo, programas de auditório, novela, esporte, filmes, programas educativos, documentários, programas humorísticos. Um dado interessante foi que mais de 50% dos entrevistados preferem o jornalismo entre os programas da TV: 16 entre os 28 pesquisados.

Por algumas respostas, pode-se deduzir que os meios de comunicação de massa ajudam aos trabalhadores rurais entrevistados a fazer a leitura do mundo: “sempre gosto de ouvir as notícias que passam pelo mundo” (Edmundo).

“Ouço rádio. Pra ficar bem informado, saber o que tá passando lá fora. O jornal na televisão é fundamental. Não tem que assistir porque gosta, mas por obrigação. Eu entendo assim” (Walmir).

“É bom, a pessoa sabe de alguma coisa” (Florisvaldo).

“Às vezes ouço rádio. É um meio de comunicação muito útil” (Silvan).

“Você fica sabendo das notícias que tá correndo na região” (Paulo).

“Por incrível que pareça, (prefiro) o programa que tem mais crítica. Crítica de política, crítica de empresários, dos latifundiários. Ouço muito a Voz do Brasil” (Miranei).

“Gosto do educativo, com informação, que traga algum benefício” (Martinho).

“Eu gosto da Rádio Globo, daqui de Itabuna eu ouço muito a Jornal. Gosto mais de notícia, tanto que eu não ouço muito FM. FM é mais música. Eu gosto mais de notícia” (José).

Dessa forma, fica claro também que, na zona rural, atribui-se ao rádio uma importância maior que à TV. A sintonia com o mundo, a difusão das notícias são provenientes do rádio, mais até que da televisão; mesmo porque os rádios portáteis vão com ele, o ouvinte trabalhador, seu local de trabalho.

Sobre como gostam de se distrair, divertir, como é o lazer, eles responderam: “ficar com a família ou sair com ela; sair com os amigos; ver televisão; ouvir rádio; tocar violão; ir à praia; ir à igreja; ir à cidade; passear; pescar; plantar; queimar uma carnezinha; prosar; jogar bola; cuidar da casa”.

Somente um entrevistado, Carlos José, respondeu que, por trabalhar no secador de cacau, fica pouco voltado para o lazer, pois essa função não permite folgar no domingo ou feriado se tem cacau para secar.

Cinqüenta por cento dos pesquisados gostam de se distrair ficando ou saindo com a família, vendo televisão e jogando bola.

Fica claro que esses trabalhadores rurais não dispõem de muitas opções de lazer ou distração, devido a vários fatores: distância dos centros onde existem formas diferenciadas de lazer, seus hábitos pessoais, ausência ou custo do transporte ou dificuldade de pagar outros tipos de divertimento, falta de oportunidade. Isso, apesar de o lazer, hoje, ser reconhecido como necessário à saúde mental.

Em geral, o sábado ou domingo é um dia reservado, para o homem que vive no campo, ir à feira, ver coisas novas, passear pela cidade, mesmo que seja uma vila. Sobre esse fato perguntou-se: a feira é importante? Por quê?

De modo geral, foi considerado que a feira é uma atividade importante, mas quanto ao porquê dessa importância as respostas variaram muito: “para ver amigos, comprar, vender, conversar, se alimentar, porque é novidade, faz o dinheiro girar, é um meio de sobrevivência, é área de lazer”. Sobre a importância da feira como possibilitadora de convivência, oportunidade de ver amigos, apenas duas pessoas falaram sem serem perguntadas, espontaneamente.

Transcrevendo uma das respostas:

A feira é importante e alguns anos atrás era uma feira melhor, corria mais dinheiro. Hoje... no caso da vassoura-de-bruxa, de uns 7 anos pra cá, 8, a maioria do povo tá trabalhando fora. [...] Matava 15 reses no distrito onde moro, hoje mata 3, 4 reses. Hoje, só a criançada. Os homens, que é os pai das criança, tão tudo fora, São Paulo, Porto Seguro, Itamaraju, e aí vai acabando tudo. A feira hoje começa às 6 hora, às 9 hora já acabou. Antigamente rolava direto. Hoje está 70% a menos, a feira (Antonio Menezes).

A feira serve de medida para a crise. É um parâmetro confiável e Tonhão faz sua análise. E essa análise faz um retrato da crise na medida em que compara duas épocas diferentes com suas diferentes feiras. E para as pessoas que moram nessa região, e freqüentam a feira das cidades menores, dos distritos, isto é muito claro.

E sobre a escola, se é importante, todos concordaram que sim: “com certeza é muito importante, responderam todos”; “escola é educação, sem a escola é difícil até para viver”; “ela dá o saber e o trabalho”; “é sabedoria, instrução”; “se não tiver o estudo não tem nada na vida”; “é o centro”; “a computação invadiu, quem não

sabe computação hoje em dia é burro”; “a pessoa estudado, sabido tem uma ciência dada por Deus”; “sem escola é difícil a vida dele pra ele romper”.

A valorização da escola fica clara também no que se lastima: “eu acho que eu não aprendo mais nada” (Florisval). “Eu não sei porque meu pai achou que eu tinha de ficar burro mesmo, aí eu não aprendi nada” (Gilson). “Eu acho que um dia eu fui tolo. Deixei de estudar para vir trabalhar no campo” (Silvan), (respondendo sobre quem é tolo). “O que eu não gosto em mim é eu não saber ler, nem fazer meu nome eu sei. Isso aí... eu não gosto desse lado, mas... daí eu gosto tudo de mim. Saber ler é importante, né, a pessoa que sabe a leitura [...] ele sabe explicar as coisas que eu não sei” (Maria Anita, descrevendo-se).

A resposta de Gilson, responsabilizando o pai por não ter freqüentado a escola e, por isso ter ficado “burro”, faz com que se questione um espaço para o livre arbítrio, proposto por Burke (1992, p. 135): “toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretação e liberdade pessoais”, versus um certo determinismo proposto por Marx ao afirmar que não é a consciência que determina as condições de existência, mas as condições de existência determinariam a consciência.

Esses dois pensamentos, até certo ponto antagônicos, e que podem causar polêmica, são aqui colocados propositadamente. Burke, trazendo um ser humano agente de sua história, com suas possibilidades de liberdade, confirma as idéias que a autora abraça. A grande preocupação, agora já olhando a realidade à volta, é considerar como provável uma força e uma determinação que são de alguns, não de todos.

Até que ponto uma criança que não foi mandada à escola, mais tarde, por si mesma, irá recuperar o que estava perdido? Não é cômodo considerar que o espaço de liberdade está colocado? Embora exagerado, radicalizando em alguns aspectos, o pensamento de Marx não desestabilizaria mais e faria com que se buscasse melhores condições de existência para todos? Fica a provocação.

A autora desse trabalho quer deixar registrado que foi possível aprender muito com os entrevistados, inclusive a respeitar e a valorizar sua vida, sua maneira de ser, sua sabedoria e sua percepção. Descobre-se que eles têm muito a dizer e sabem como fazê-lo, por isso é preciso dar início ao exercício da escuta. Daquela escuta respeitosa, que eles dominam com maestria.

Sobre a denominação dada por Asmar (1983, p. 69-71), de “pobre região rica” — muito conhecida e muito utilizada pelos habitantes locais, ela seria rica (fazendo uma síntese das considerações desse autor) pelas razões de

relativa abundância de recursos naturais: mata, minérios e rios; pelo cacau; seus artistas, poetas e romancistas, alguns internacionalmente conhecidos; Universidade Estadual de Santa Cruz; número de habitantes que possui; organizações como o Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau, CEPLAC, Instituto de Cacau da Bahia, SUDHEVEA; por ter o verde durante todo o ano; pelos produtos de subsistência plantados com o cacau; seus rios, que lavam e alimentam as camadas marginalizadas; mar, praias, frutos tropicais; sua gente alegre e pelo manejo das tarefas do cacau, tão exótico, sendo tudo isso bom para o turismo; porque sua população é, predominantemente, jovem e por seus médicos e hospitais aparelhados.

E essa mesma região é pobre porque

seus recursos são mal aproveitados (o desmatamento é um crime, o potencial piscoso e energético dos rios é desperdiçado e os minérios continuam sob a terra); quase toda a riqueza sai da região; porque a arte aqui produzida não sensibiliza os homens que têm poder para uma melhor distribuição da renda e da riqueza, tão altamente concentradas; porque a UESC não é reconhecida e não impede os jovens da região de irem estudar em Salvador; porque não conseguimos eleger deputados e, quando o fazemos, eles não nos representam e também pelo fato de não termos os filhos da terra escolhidos para ocupar postos no alto escalão do governo estadual; porque CCPC, CEPLAC, ICB, SUDHEVEA não superam o nosso subdesenvolvimento; porque quinze dias sem chuva significam seca; porque a população consome o que é produzido em outras terras e o que aqui se produz não é consumido pelos filhos da terra; pobre por não haver proteção para as cidades e as populações contra as enchentes dos rios, pelo fato de os turistas retornarem as suas terras falando mal da sujeira e dos preços abusivos; porque seus jovens estão com dificuldade de se inserir no mercado de trabalho; porque não tem hospitais no interior, e tem uma média alta de mortalidade infantil (*ibidem*, p. 70-71).

Os trabalhadores rurais analisaram as razões dessa situação singular, e consideraram que seria rica, principalmente, pelo cacau ou por algo ligado ao cacau. Como o universo deles é muito afeito ao cacau, acredita-se que isso pode ter influenciado nas respostas. Mas seria rica também pela chuva, pelo café, especialmente o conilon, largamente plantado na região, porque oferece trabalho na safra, pelos terrenos etc. E é pobre pelo salário, porque o cacau decaiu, por causa da vassoura de bruxa, porque os outros produtos, como coco, mandioca, não têm valor, pela falta de união e de diversificação, pela falta de documentação das propriedades, porque tem que produzir com recursos próprios, porque muitos foram embora da região, porque, depois do cacau seco, a gente perde o contato com ele, pois o contato daí em diante é com os exportadores; por causa do preço do cacau; porque se precisava de incentivo do governo e não tem.

Esse assunto mostrou que os trabalhadores rurais têm percepção da desigualdade social, da enorme distância entre empregadores e empregados, do descaso do governo, do prejuízo em não industrializar o chocolate etc.

A resposta de Sr. Walmir, trabalhador rural entrevistado, fala da exclusão social, da injustiça ocorrida na época de ouro do cacau e da crise atual:

Ela já foi rica, em produção, e pobre em salário, porque, na verdade, produzia bastante e o salário era muito pequeno. Hoje eu já não diria, porque, hoje, o salário tá compatível com a região, a região não oferece certas condições de trabalho, então, a gente vê mesmo que, hoje, o fazendeiro aqui, nessa região, ele não pode pagar mais do que o salário mínimo.

Três outras respostas dos trabalhadores rurais fizeram referência às desigualdades sociais: “é rica para os grandes, para os latifundiários”; “porque ela dá mais para quem tem”; “porque os fazendeiros são ricos”.

Ainda baseados em estudos de Asmar, interessou, nesta pesquisa, saber porque não existe representação política, porque não se vota nas pessoas da região, e se a responsabilidade por essa situação seria do povo ou do político.

Dentre os 16 trabalhadores rurais que consideraram o político o grande responsável, as razões foram: “só vêm à região para se eleger”; “prometem e não cumprem”; “só querem tirar vantagem”; “nada fazem pelo pobre”.

Dos 9 que atribuíram a culpa ao próprio eleitor, “foi por não se conseguir votar corretamente, seja na urna comum, seja na eletrônica”; “por se vender o voto”; “se fragmentar o voto entre muitos candidatos”; “votar nos mais conhecidos e mais ricos”; “por não se analisar o passado do candidato”; “pela influência da boca de urna”.

Três trabalhadores rurais responsabilizaram tanto os políticos quanto os eleitores. Considera-se, desse modo, análise bem feita, vez que as principais razões aí estão elencadas. Os entrevistados analisaram e souberam analisar.

Segundo Bhabha (1998, p. 43), “existe uma pressuposição prejudicial e autodestrutiva de que a teoria é necessariamente a linguagem de elite dos que são privilegiados social e culturalmente”. Contudo, segundo as respostas, pôde-se perceber que o povo analisa corretamente assuntos que se julga serem acessíveis apenas aos acadêmicos e literatos. E não é o que acontece. O discurso dos trabalhadores rurais entrevistados é consistente e até coincidente, em muitos aspectos, com o discurso da academia.

Observou-se que os entrevistados expressaram seu pensar de que, embora já tenha sido maior, a distribuição de renda nesta região é perversa.

Roberto Mangabeira Unger, um brasileiro que mora nos Estados Unidos, vem apresentando estudos sobre teoria social de estruturas profundas, teoria social construtiva, projeto democrático radical, teoria da mudança social e o programa de reconstrução social, e movimento transformador. Embora, evidentemente, não caiba, neste trabalho, um aprofundamento sobre estas idéias, pode-se afirmar que ele “reconhece que nossa liberdade de resistir, reimaginar e reconstruir os mundos sociais que habitamos é, ela própria, uma variável acessível na história [e] representa uma dupla rebelião: contra uma teoria social clássica, com sua herança funcionalista e determinista, bem como contra as ciências sociais positivistas” (UNGER, 2001, p.11). Entretanto algumas das suas idéias interessam para uma análise das opiniões expressas:

As pessoas entendem as diferenças entre padrões de vida material, interessam-se por elas e as aceitam ou rejeitam, em grande parte pelo que essas diferenças revelam acerca do ordenamento das relações humanas e do lugar que cada pessoa nele ocupa (*ibidem*, p. 269).

Tal proposição vem corroborar as queixas dos trabalhadores rurais entrevistados: “é rica porque os grandes latifundiário enricaram”; “o trabalhador simples ficou à margem”; “é pobre devido ao salário do trabalhador”; “o salário não dá, às vezes, para sobreviver”.

Ainda segundo Unger,

o primeiro grande problema da política transformadora está ligado à relação entre o esforço de reconstrução das disposições sociais e a tentativa de mudar o caráter dos acordos práticos ou pessoais diretos entre indivíduos (*ibidem*, p. 268).

Essa foi uma das queixas dos trabalhadores rurais estudados, ou seja, o não cumprimento dos acordos práticos, como ficou claro nas observações referentes aos políticos: “só querem tirar vantagem”; “não fazem nada pelo pobre”; “prometem e não cumprem”; “depois não aparecem mais”; “não dá ligança à pobreza”. Outra queixa é não cumprimento dos acordos pessoais: “depois que pegam o voto deixa a gente de escanteio”; “não liga mais pra gente”; “mais tarde quer passá até o carro por riba (de nós)”.

Espera-se um benefício, uma retribuição que não vem. [...] “homens e mulheres mostram como esperam atingir uma medida de redenção por meio de suas transações mútuas” (*ibidem*, p. 269). Observa-se, de modo geral, que a política não tem dado ao povo a contrapartida. Não é uma transação — é um jogo com cartas marcadas e já se sabe quem será beneficiado. Por isso, a redenção não acontece.

Para saber sobre as relações de trabalho, algumas perguntas foram feitas aos trabalhadores rurais envolvendo salário, trabalho por empreitada, sindicato e cooperativa.

Surpreendentemente, quase 50% dos entrevistados consideraram que os salários já foram piores. Mas alguns deles responderam que eram melhores. Talvez essa resposta tenha a ver com o que disse Sr. Walmir, um dos trabalhadores rurais entrevistados: “hoje é o que se pode pagar”. Será que esta afirmativa foi considerada como mais justa, pela crise, e pelo conseqüente empobrecimento do cacauicultor? Ou realmente consideraram melhor?

Quanto ao trabalho por empreita, que Heller Silva (1986, p. 104) aponta como uma “primária” forma de extração de mais valia, não só do “empreiteiro, mas, via de regra, da mulher e dos filhos que compõem a turma da “empreitada”, pode-se afirmar que a região está tão mais pobre que a empreitada deixou boas lembranças. E isso fica expresso na fala dos trabalhadores rurais entrevistados: “Era melhor. Ganhava um pouquinho mais” (Manoel). “Melhor, melhor demais. Eu ganhei muito dinheiro com empreita. Trabalha mais, né, mas o lucro é mais” (José).

Embora as vantagens da empreitada em tempos passados tenham sido muito citadas, há vozes discordantes quanto a ela na atualidade entre os entrevistados, como coloca Antônio: “Hoje em dia, depois de medir a roça com topógrafo, nunca que dá lucro a empreitada. Eu não sei qual é a medição deles”.

Heller (1986, p. 104) já percebia “uma queda bastante acentuada nas empreitadas, notadamente em Ilhéus/Itabuna”. Hoje essa queda é de tal forma que se fala na empreitada como coisa do passado, “no tempo da empreitada”, como se este tempo já houvesse passado.

Quanto à participação em cooperativas e sindicatos e ao papel de cada instituição dessas, estudados por Sauer em 1981, percebeu-se um desconhecimento deles em relação às cooperativas (57,12%), encontrando-se apenas um trabalhador

rural com experiência cooperativista. Quanto ao sindicato, a participação é pequena, mas há o reconhecimento de que ele tem uma função importante.

Diante dessas colocações, a autora da pesquisa supõe que o desemprego e a sazonalidade provavelmente inibiram a associação do trabalhador rural ao sindicato. Tal pressuposição decorre da resposta de um dos informantes, que foi emblemática:

Sindicato... não faz parte. Quem faz o fazendeiro é o trabalhador e quem faz o trabalhador é o fazendeiro. Eu acho que não precisa de sindicato na hora de acertar a conta, resolve por aqui mesmo. Mais tarde, o trabalhador volta, as porta tá aberta, ele torna a trabalhar e assim por diante”.

A sazonalidade foi algo muito citado, é algo que os preocupa. Alguns fazendeiros contratam um número de trabalhadores maior entre junho/julho e novembro/dezembro e, na época do “paradeiro”, dispensa-os. No “paradeiro”, eles fazem “bicos” — são ajudantes de pedreiro, de sapateiro, trabalham na feira, numa horta, fazem tablete de chocolate, bombons, artesanatos — procurando sempre deixar a porta aberta para retornar ao emprego rural nos seis meses em que o serviço aumenta e é possível absorvê-los.

Talvez haja um fenômeno mundial referente às mudanças no mundo do trabalho e nas suas relações, mas nessa região sul baiana a sombra do desemprego, e como ela se reflete nas pessoas, tornou o trabalhador rural muito inseguro, considerando que “o salário, hoje, é o que se pode pagar”, que “não conhece o sindicato, nunca procurou” (45% dos entrevistados), assim como mais da metade

(57%) “não conhece, nunca participou de uma cooperativa”, e considera que as grandes qualidades do trabalhador rural é “ser bem mandado, cumpridor de suas obrigações”, citadas por quase 85% deles (24 em 28 dos trabalhadores rurais analisados).

Isso parece demonstrar que esses trabalhadores sabem fazer a leitura da realidade, mas tudo indica que, no momento, a sobrevivência ameaçada exige que sejam muito discretos e, até, que legitimem um recuo, como é o caso de aceitar trabalhar 6 meses, parar 6 e voltar para trabalhar mais 6 meses. Isso há uns anos atrás era impensável; mas hoje, na ótica deles, é o menos mal.

O cacau na ótica dos trabalhadores rurais

O que deve ser deixado em aberto é como
haveremos de nos repensar.
Bhabha

Como já foi dito e acontece em tantos outros lugares, na Região Cacaueira, a história do cacau é conhecida através da versão oficial. Somente alguma ficção trata o tema da perspectiva do ex-cêntrico, como em *Tocaia Grande* (Amado, 1984).

Analisar o cacau a partir da ótica dos trabalhadores rurais é, de certa forma, fazer uma ruptura significativa, aquela em que, segundo Hall (2003, p. 131), “velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas”. Sair da análise do cacau feita por mestres, doutores, agrônomos, economistas, sociólogos e entregá-la aos trabalhadores rurais é tentar a ruptura significativa.

Essa parte da pesquisa focou o cacau ontem e hoje. A intenção inicial foi que o trabalhador rural fizesse uma comparação entre a situação do cacau nos tempos dos “frutos de ouro” e nos tempos da “vassoura de bruxa” e analisasse a clonagem.

Nessa comparação, a maioria dos trabalhadores rurais entrevistados considerou que ainda está difícil, mas já esteve pior. A questão da capacidade de oferta de emprego, diretamente atrelada às pragas, fez evidenciar o pensamento quase unânime de que os tempos mais antigos eram excelentes, gerando inclusive muitos empregos e que hoje está bem difícil. Outros consideram que ainda está difícil, mas já esteve pior. José Dórea da Silva Filho, num outro tipo de raciocínio, considerou estar mais fácil ser fazendeiro depois da baixa do valor das roças. Essa resposta conduz à mobilidade social ocorrida. Como afirma quem vive na região, o

dinheiro mudou de mãos. Em alguns casos pode-se perceber comerciantes, profissionais liberais que conseguiram comprar propriedades com as quais nunca ousaram sonhar. É interessante a motivação que leva alguém a comprar uma fazenda que está dando prejuízo, cuja despesa é maior que a receita. Um desses novos proprietários justificou: “vale a pena, primeiro porque ser o dono dessa fazenda dá prestígio. Depois, porque existe a esperança do controle da vassoura de bruxa e dos resultados da clonagem”.

Na sua percepção sobre a situação do cacau ontem e hoje, esses trabalhadores rurais assinalam a vassoura de bruxa como vilã; como isso se refletiu no “lado da parte mais fraca” com o desemprego; a queda vertiginosa da produção; a dificuldade de combater a praga; a produção do cacau clonado como menor que a do fruteiro; a preocupação constante, do fazendeiro, com a “folha de pagamento” do trabalhador. E foi considerado também que a clonagem está dando bons resultados; o cacau está começando a se recuperar.

Isso se torna expressivo na fala de Silvan, um trabalhador rural que faz sua análise: “Há 40 anos, o proprietário da roça onde trabalho estava em Miami, telefonava para o administrador e dizia: eu quero tantas arrobas de cacau – e vendia até mesmo o cacau no pé, em flor. Hoje é diferente, hoje ele tá dentro, mete a mão no arado, ele sua a camisa pra manter o padrão que ele está”.

Como se pode perceber, houve uma grande mudança quanto à situação do fazendeiro e ao valor do cacau.

Segundo dados técnicos publicados na revista *World Watch*, (vol. 14, nº06), “Na esfera da invasão fúngica, a colheita despencou do seu pico de quase 400.000 toneladas, no final dos anos 80, para 105.000 toneladas, hoje. [...] O valor da exportação de alguns daqueles anos de pico atingiu US\$ 900 milhões. Em 1999,

conforme a Organização para Alimentos e Agricultura das Nações Unidas (FAO), chegaram a apenas US\$ 4,9 milhões (ambos os valores são em dólares de 2000). De acordo com a CEPLAC, atualmente, cerca de 90.000 trabalhadores rurais perderam seus empregos. A área de produção também encolheu, de aproximadamente 600.000 hectares, para, talvez, 450.000 hectares”.

O Brasil atualmente produz apenas 4% do cacau mundial contra 24% em 1983 segundo Bright, que afirma ainda:

“A fim de superar a vassoura de bruxa, muitas roças de cacau terão que ser substituídas por árvores mais resistentes. A CEPLAC lançou, em 1997, sua primeira geração de cultivares resistentes de cacau. Essas árvores estão começando a produzir e os resultados são encorajadores” (p. 24).

Editorial do Jornal Agora, de 28 a 30 de junho de 2003, Ilhéus quer a recuperação da lavoura cacaeira:

O secretário – executivo do Comitê do Programa de Recuperação da Lavoura Cacaueira, Fernando Florence, acredita que já foram recuperados até agora, na região produtora da Bahia, mais de 130 mil hectares com variedades resistentes à vassoura de bruxa, isto em áreas financiadas, sem levar em conta fazendeiros que vêm fazendo a renovação das plantações com recursos próprios, o que pode representar um adicional de 20% em relação ao estimado, o que considera um resultado positivo para os produtores (p. 4).

Como fica claro, o trabalhador rural tem uma percepção da queda da produção, do desemprego e do início da recuperação com a clonagem. Ele tem a vivência, sabe do cacau. Vale transcrever a opinião do Sr. Walmir sobre o conhecimento do cacau por parte do trabalhador rural e do agrônomo ou técnico agrícola da CEPLAC (foi citado o pessoal da CEPLAC, mas refere-se aos que têm apenas a teoria).

Porque... tem muitos que se formou através de livro, mas na prática ele não sabe quase nada. Eu conheço muitos deles aí que praticamente... tem pessoas hoje da CEPLAC que ele é especializado através do próprio trabalhador. Porque aí ele deu pra ir pro campo lidar dia a dia com o trabalhador. Aí ele aprendeu. Se ele ficar só na teoria, ensinando por livro, eu acho que ele não aprendeu. Aquele que tem que ensinar é aquele que vive no campo, dia a dia. Ele tem alguma coisa pra traçar pra outras pessoas que não sabe.

Tal postura é indicativa do valor que tem a prática em relação à teoria e sobre esse assunto. Hall (2003, p. 143) observa quando trata da formação das identidades:

São reunidos dois elementos – consciência e condições – em torno do conceito de experiência, supondo condições de vida, domínio do vivenciado e é atribuído papel central ao papel da experiência. Daí se conferir a experiência posição autenticadora da própria cultura.

Em relação à dinâmica das identidades atrelada às condições de trabalho nas roças de cacau, cabem aqui duas abordagens. Uma sobre o desemprego gerado pela crise do cacau, em que alguns trabalhadores rurais verbalizam sua preocupação com aqueles que foram para outras cidades, e que vivem até debaixo de viaduto, dos pais de família que deixaram mulher e filhos e querem voltar. Embora dentro de um mesmo país, de dimensões continentais, diga-se de passagem, há um sentimento de desterritorialização causado pelo deslocamento, pelo afastamento da “terra natal”, como a ela se referem. A segunda abordagem é sobre a grande preocupação com a época do paradeiro, assunto recorrente — é a descontinuidade no tempo do trabalho, é a contingência. É a fragilização do poder de barganha do trabalhador rural. Ele está muito mais assujeitado e percebe que, em relação ao trabalho, mudaram alguns paradigmas, alguns quadros de referência. Direitos cobrados há alguns anos atrás, já não são mais. O discurso é o da concordância. Há muita compreensão em relação às dificuldades econômicas por que passa o fazendeiro, mas há também muito medo. Eles percebem a necessidade de reelaborar as relações de trabalho.

Foi acrescentado ao estudo o tema da clonagem, pois é um assunto sempre presente quando se fala sobre cacau atualmente. Ao se perguntar sobre o assunto, eles observaram: “é bom clonar, dá resultado”, foi a resposta de 18 dos trabalhadores rurais; mas também há aqueles que não acreditam na clonagem; aconselham que não vale a pena cortar o cacau velho; que é melhor plantar o parazinho, o nativo. Disseram eles: “a clonagem exige muito zelo, muitos cuidados, por isso é cara”; “lasca muito, o clonado”; “vai se ver daqui a 8, 10, 20 anos”; “é bom o clonado e o parazinho”; “é melhor zelar do cacau que clonar”; “é mais resistente, mas produz menos”; “não tenho certeza (sobre a clonagem); tem que saber fazer”.

Alguma desconfiança em relação aos resultados positivos da clonagem é compreensível e justificável, devido ao fato de a experiência ainda ser muito recente e sem uma análise científica do seu resultado.

O Programa de Recuperação da Lavoura Cacaueira Baiana foi implementado em 1995, sem o suficiente apoio tecnológico, fazendo com que as duas etapas iniciais se constituíssem num tiro no escuro: os recursos liberados foram dispersados em práticas agrícolas que se mostraram insuficientes para debelar a vassoura-de-bruxa. Só na terceira etapa, em andamento, a CEPLAC teve condições mais objetivas de oferecer aos produtores a tecnologia compatível, que justificasse, como justifica, a continuidade dessa política de crédito. Pacto do Cacau. (2001, p. 10).

E no que se refere ao custo da clonagem, “os técnicos calcularam o valor médio por hectare em R\$4.300,00” (*Idem*, p. 12), no que a percepção do trabalhador rural está correta. E sobre as afirmações de que a clonagem exige muitos cuidados e tem que saber fazer são perfeitamente compreensíveis para quem já assistiu a uma enxertia da haste na planta mãe, cujo sistema radicular irá servir ao novo cacauero. É uma verdadeira pequena cirurgia.

Conscientemente, houve, nesse trabalho, uma opção por apresentar certos aspectos culturais desse grupo sem fechar as interpretações numa única interpretação que seria sempre reducionista, a da visão da autora da pesquisa. Certas respostas foram tão ricas que valem por si mesmas. E houve esse cuidado pela compreensão advinda dos estudos culturais e pela concordância com Hall (2003, p. 211-212) quanto à concepção de que

A metáfora do discurso, da textualidade, representa um adiamento necessário, um deslocamento, que acredito estar sempre implícito no conceito de cultura. Se vocês pesquisam sobre cultura [...] têm de reconhecer que irão sempre trabalhar numa área de deslocamento. Há sempre algo descentrado no meio cultural, na

linguagem, na textualidade, na significação; há algo que constantemente escapa e foge à tentativa de ligação, direta e imediata, com outras estruturas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cristiano Buhamara *et al.* Fundamentação teórica do produto turístico. In: MARTINS, Clerton (Org.). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.
- ACERENZA, Miguel Ángel. **Administración del turismo – conceptualización y organización**. México: Trillas, 1991.
- AMADO, Jorge; FILHO, Adonias. **A nação grapiúna**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1965.
- AMARAL, Maria Virgínia Borges. Análise do discurso: língua, história e ideologia. In: **Leitura**. Maceió-AL: UFAL, n.23, p. 25-44, jan/jun., 1999.
- ARENDDT, Hannah. **A condição Humana**. RJ SP: Forense Univeristária, EDUSP, 1981.
- ASMAR, Selem Rachid. **Sociologia da microrregião cacaueira**. Itabuna: Itagrafe, 1983.
- AVIGHI, Carlos Marcos. Turismo, globalização e cultura. In: LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.
- BACAL, Sarah; MIRANDA, Sonia Marli de Arruda. Política e Estratégia de Desenvolvimento Regional. Planejamento Integrado do Turismo. In: **Turismo – Desenvolvimento Local**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARRETO, Margarida. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 2. ed. Campinas: Papius, 1997 (Coleção Turismo).
- **Turismo e Legado Cultural**. Campinas, SP: Papius, 2000.
- BARROS, Aidil de Jesus; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projetos de Pesquisa: Propostas Metodológicas**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- BARROS, Francisco Borges de. **Memória sobre o município de Ilhéus**. 2. ed. Ilhéus: Prefeitura Municipal de Ilhéus, 1981.
- BENFICA, Gregório. O museu e o turismo: a ação educativa para o desenvolvimento sustentável. **Revista da FAEBA-Educação Contemporânea**. Salvador, v. 11, n. 18, jul./dez., 2002.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BRIGHT, Chris. O chocolate pode resgatar a floresta. In: **World Watch**. Salvador: UMA, s.d., v. 14, n. 6.

BRIGHT, Chris; MATTOON, Ashley. A recuperação de um hotspot. In: **World Watch**. Salvador: UMA, v. 14, n. 6.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989**: A revolução francesa da historiografia. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1997.

——— A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. de Magda Lopes. 7. ed. São Paulo: Unesp, 1992.

CAIRO, Thiana de Souza. **Turismo cultural rural**: uma alternativa de desenvolvimento para a Costa do Cacaú. 2003. Dissertação (Mestrado em Cultura & Turismo). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2003.

CAMMARATA, Emilce Beatriz; CELMAN, Luiza. Turismo em áreas protegidas. Conflictos para su desarrollo en el Cataratas del Iguazú, Argentina. In: **Turismo – impactos Sócioambientais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO SOBRE DESERTIFICAÇÃO, REDESERT, FGEB, EMBRAPA, UFPE, 1998.

CAVALCANTE, Antônio Mourão. O guia de turismo como mentor da cultura local. In: CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premium, 2003.

CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. O turismo e o movimento cooperativista. In: CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premium, 2003.

——— A produção da imagem dos lugares turísticos. In: CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premium, 2003.

——— Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premium, 2003.

CRISÓSTOMO, José. Microcrédito: uma alternativa para o desenvolvimento local – o Banco Palmas no Conjunto Palmeiras. In: CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premium, 2003.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

——— **Sociologia**: uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do Projeto de Pesquisa. In: **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIAS, Camila Carneiro. **Complexos Agroindustriais – conflito, cooperação e aprendizado**: o caso do Instituto Biofábrica de Cacau. 2000. Dissertação de Mestrado em Administração. Escola de Administração, UFBA, Bahia.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. SILVA, Benedicto (Coord. Geral). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

EASTERBY-SMITH, Mark; THORDE, Richard; LOWE, Andy. **Pesquisa gerencial em administração**. São Paulo: Editora Pioneira, 1989.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Trad. G.C.C. de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1999 (Coleção Estudos).

FALCÓN, Gustavo. **Os coronéis do cacau**. Salvador: CED/Ianamá, 1995.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Fundamentos de Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONTES, Maria Josefina Vervloet. **Turismo em Ilhéus**: vantagens comparativas versus vantagens competitivas. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Turismo Contexto).

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim; FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de. **História econômica e social da região cacauífera**. Rio de Janeiro: Carto-Gráfica Cruzeiro do Sul, 1975.

GASPARETTO, Agenor. **Cacau, mitos e outras coisas mais**. Itabuna: Proplan, 1986.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Rio de Janeiro: DP e A, 1999.

——— **Da diáspora:** identidades e meditações culturais. Liv Sovic (Org.). Trad. Adelaine La Guardiã Resende *et al.* Belo Horizonte-Brasília: UFMG-UNESCO/Brasil, 2003.

HELLER SILVA, Osvaldo. **Produção familiar:** proletarização à frente – o caso da cacauicultura baiana. 1986. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1986.

HOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber.** São Paulo: Contexto, 2000.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ILHÉUS 2000. **Nós sabemos para onde vamos.** Ilhéus: Prefeitura Municipal de Ilhéus, n. 2, p. 5-7, jun. de 2000 (Entrevista do Prefeito Jabes Ribeiro).

KIPERSTOK, Asher (Coord.) et al. **Inovação e meio ambiente:** elementos para o desenvolvimento sustentável na Bahia. Salvador: CRA/Neama, 2003 (Série Construindo os Recursos do Amanhã, v2).

LAGE, Beatriz Helena Gelas, MILONE, Paulo César. Turismo: teoria e prática. In: LAGE e MILONE (Org.). São Paulo: Atlas, 2000

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber:** Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: ARTMED, Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **A história nova.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEITÃO, Cláudia Souza. A produção cultural: os desafios da cultura no Ceará. In: CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local.** Fortaleza: Premium, 2003.

LE MOS, Amália Inês G. de. (Org.). **Turismo: Impactos Sócio Ambientais.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MAIA, Newton Freire. **A ciência por dentro.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MARANHÃO, Maria Lucilene. A recuperação do entorno da lagoa da Canabrava e o Centro de Promoção Turística e Ambiental em Paraipaba-CE. In: CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local.** Fortaleza: Premium, 2003.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. (Org.). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MENDONÇA, Rita. Turismo ou Meio Ambiente: uma falsa oposição? In: **Turismo: Impactos Socioambientais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, *et al.* **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MILIBAND, Ralph. Análise de classes. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs.). Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Unesp, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOLETTA, Vânia Florentino. **Turismo rural**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1999. (Série Desenvolvendo o Turismo).

MORAES, Reginaldo C. Correa de. **Atividade de Pesquisa e Produção de Texto**. São Paulo: UNICAMP, 1998. (Coleção Didáticos, nº33).

NASCIMENTO, Fernando Rios do (Coord.). A crise da lavoura cacaueteira: sua natureza e sua solução. Rio de Janeiro: IPEA. In: **Estudos de política agrícola**, n. 26, outubro, 1994. (Projeto PNUD/BRA/014).

OLIVEIRA, Antonio Pereira. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

OLIVEIRA, Rosaline Ferreira de. Capacidade de carga na trilha do Parque Nacional de Ubajara-CE. In: CORIOLANO, L. N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premius, 2003.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

PACTO DO CACAU. Programa de Recuperação da Lavoura Cacaueteira. [s.l.]: ABC/CNPC/Coopercacau, maio de 2001.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PÓLVORA, Hélio; PADILHA, Telmo (Org.). **Cacau em prosa e verso**. Rio de Janeiro: Antares, 1978.

PRADO, Heloisa de Almeida. **Organização e Administração de Bibliotecas**. 2. ed. Rev e ampl. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

QUEIROZ, Lúcia Aquino de. **Turismo na Bahia: estratégias para o desenvolvimento**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2002.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e Pesquisa Científica**. Campinas, SP: Papirus, 1996. (Coleção Turismo).

———. **Pesquisa Acadêmica em Turismo no Brasil (1975 a 1992) Configuração e Sistematização Documental**, 1993. Tese de Doutorado da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990 (Coleção polemicas do nosso tempo, V.38).

ROCHA, Rui. O futuro da mata atlântica: um olhar sobre o sul da Bahia. In: **World Watch**. Salvador: UMA, v. 14, n. 6, 2000.

ROCHA FILHO, Gustavo Neves da. O Planejamento da Estância de Amparo, SP. In: **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. (Coleção Geografia: Teoria e Realidade).

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo e Desenvolvimento Local**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. (Coleção Geografia: Teoria e Realidade).

RUSCHMANN, Doris van de Meene. Gestão da capacidade de carga turístico-recreativa como fator de sustentabilidade ambiental – o caso da ilha João da Cunha. In: LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **O perfil feminino na obra de José Lins do Rego**. São Paulo: Grupo Editorial Cone Sul, 2001.

SANTIAGO, Silvino. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna – intelectuais, arte e vídeo – cultura na Argentina**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SAUER, Adeum Hilário. **Participação social na região cacauera da Bahia: uma análise regional e uma investigação empírica com produtores de cacau em dois municípios**. 1981. Dissertação (Mestrado em Economia e Sociologia Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre, 1981.

SILVA, Odete Rosa da. **Os homens do cacau: seus grupos sócio-econômicos, seus caracteres diferenciais, sua participação na empresa agrícola do cacau**. 1975. 2. v. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1975.

SILVEIRA, Marcos Aurélio Talombani. **Planejamento territorial e dinâmica local: bases para o turismo sustentável**. São Paulo: Finep, 1997 (Coletânea do Desenvolvimento Local).

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. Rio de Janeiro: Abralic, 2002, p. 177-184.

SOUZA, Mauro Wilton de. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. Trad e transc. Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense/ECA, USP, 1994.

SOUZA, Regina Celeste de Almeida. **Turismo rural na Bahia**. Separata da Revista Cadernos de Análise Regional, v. 10, n. 10, 2003, Salvador-Bahia.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas**. Campinas/SP: Papirus, 1999.

TRIPODI, Tony; FELLIN, Phillip; MEYER, Henry. **Análise da pesquisa social**. Tradução de Geni Hirata. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

UNGER, Roberto Mangabeira. Política – os textos centrais. São Paulo: Boitempo; Santa Catarina: Argos, 2001.

VALADARES, Ricardo. Um retrato do telespectador. **Veja**. São Paulo: Abril Editora, 1831, ano 36, n. 48, dezembro de 2003.

VINHÁES, José Carlos. **São Jorge dos Ilhéus: da capitania ao fim do século XX**. Ilhéus: Editus, 2001.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana F. A.; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (Orgs.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. (Coleção Geografia: Teoria e Realidade).

——— Vandalismo, Paisagem e Turismo no Brasil. In: **Turismo-Espaço, Paisagem e Cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. (Coleção Geografia: Teoria e Realidade).

WORLD WATCH. Vol. 14, nº6, Tradução de Henry J. Mallet. UNESCO. (2001, p. 381)

APÊNDICE C – Entrevista 01

1. Sr. Walmir Alves de Oliveira
2. 42 anos.
3. Casado.
- 4.
5. Potiraguá.
- 6.
7. Ilhéus
8. Itabuna, Uruçuca, Ubaitaba, Potiraguá.
9. 14 irmãos.
- 10.02 trabalham com o cacau. Pai trabalhava com o cacau.
- 10a. Palavras que definem o cacau: Bons tempos do cacau.
11. Não existia bruxa, não existia a vassoura de bruxa que foi o maior vilão para a região cacauzeira. Isso afetou mais o lado da parte fraca, porque para a gente que sobrevivia do cacau isso foi um baque muito grande, né, pra gente. Porque há 13 anos atrás, a gente nesse grupo de fazenda colhia 52 mil arrobas. Tinha emprego para 600 pessoas. Há 10 anos atrás, a gente se viu numa situação,... que colhia 500 arrobas num grupo de 6 fazendas, com dois mil hectares. Então,... faltou emprego, né? para o pessoal. Gente que se deslocou daqui, foi pra outra cidade, hoje... vive até debaixo de viaduto precisando voltar pra terra natal. Hoje tá voltando, né, as origens, não 100%, mas eu acho que 50% eu acho que melhorou. Muita gente querendo voltar pra sua terra e não consegue.
12. Estufeiro, roçador de cacau, tropeiro é troperagem de cacau.
13. Pobre região rica. A região, hoje ela pode não ser rica, mas ela já foi rica, em produção, e pobre em salário, porque na verdade, produzia bastante e o salário era muito pequeno. A pessoa trabalhava muito pra ganhar pouco. Hoje eu já não diria porque, hoje, o salário tá compatível com a região, a região não oferece

certas condição de trabalho, então a gente vê mesmo que, hoje, o fazendeiro, aqui, nessa região, ele não pode pagar mais do que o salário mínimo.

14. Só vem aqui se eleger e esquece da região (o político). Isso já aconteceu aqui... então é a origem de acontecer esse tipo de coisa.

15. Roça do começo...

Já plantou assim, do começo. É difícil porque as despesa fica muito alta, pra plantar e dá a manutenção até ela chegar a, ao nível de produção a despesa fica bastante alta.

Pergunta. E o trabalho, para o trabalhador, é muito pesado?

Resposta. Até que não, entendeu? É um trabalho constante, agora não é tão pesado.

Pergunta. Quando pega uma roça assim do começo, o que é que tem de fazer?

Resposta. Tudo que tem de fazer: do começo, primeiro a gente tem que preparar a terra, depois fazer um balizamento, após o balizamento, a gente cavar o buraco, adubar, sendo que em primeiro lugar a muda. O viveiro, ele tem que ser feito muito antes de preparar a terra, depois que ele já tá com 4/5 meses, aí a gente começa a preparar a terra, limpar, balizar, cavar, e já deixa tudo pronto, após 8/10 mês a muda já está no ponto de plantar. A gente planta, depois que planta ali, ali sempre, de 3 em 3 meses tem que dá a manutenção de limpeza, tem que limpar, esse é que é essencial, aí a tela, e produzir. Depois que ela tiver produzindo a gente pode continuar dando duas limpa, por ano, três; enquanto ela estiver naquele estágio de crescimento, tem que cuidar dela 4,5 limpeza, no mínimo, por ano.

Meu pai começou com 7 anos de idade, fazendo serviço grosso, rural e morreu trabalhando no serviço rural com 65 anos.

16.

17. Trabalhador, se mora na cidade?

Tem, tem vários, tem. Hoje, na região da gente aqui, a maioria dos trabalhador, todos ele vem trabalhar pela manhã, volta pela tarde. Até porque a fazenda não oferece nem, né, uma certa condição de morar. No passado, que cacau produzia bastante, o fazendeiro tinha como zelar da sede, cuidar da sede, hoje não tem nem como, aí quem tem casinha na rua arruma um emprego, vem, trabalha e à tarde retorna pra suas casa.

18. Ida à cidade. O mais original é a pé. Quando tem um pouco de condição a gente vai numa moto (mototaxi), vai num ônibus, paga a passagem, no caso (são 2.000m de distância)
19. Colher na 6ª feira. Não, isso eu acho que na área de trabalho não existe.
20. Sim.
21. Nunca ouvi falar.
- 22.
23. Valentia não existe. Existe o homem valente no trabalho, na dignidade.
24. É ser respeitador.
25. Desde quando ela é fiel ao marido, ela já é uma grande mulher. Eu sigo pela mesma (H. direito)
- 26.
27. Sindicato. Não faz parte. Quem faz o fazendeiro é o trabalhador e quem faz o trabalhador é o fazendeiro. Eu acho que não precisa de sindicato na hora de acertar a conta, que eles resolve por aqui mesmo. Mais tarde ele volta, as porta está aberta, ele torna a trabalhar e assim por diante.
28. Cooperativa. Não, nunca fiz (parte). É viável, eu acho.
29. Assistir uma televisãozinha, brincar uma bolinha, também.
30. Mulher. Ah, eu ia dizer que ela é uma pessoa que trata as pessoas bem, né? É uma boa companheira, que gosta de fazer amizade.
31. Filhos. Ah, meus filhos eu vejo como uma peça fundamental da minha vida. Gosto muito dos meus filhos.
32. Ah, com certeza, saúde e educação em primeiro lugar.
33. Deus eu vejo como um Pai de todos. Sem ele eu acho que ninguém sobrevive.
34. Religião... A minha religião é fé em Deus. A pessoa tendo fé em Deus ele já é uma pessoa religioso. Porque Deus em primeiro lugar.
35. Rezo o Pai Nosso.
36. Assombração pode até existir, agora eu não acredito, eu nunca vi, né?
37. (Certo) Que existe Deus no céu.
38. (Errado) Eu vou pelo mesmo caminho. Tem gente que diz que não tem fé em Deus porque não existe. Então pra mim tá errado.
39. (Sabido) Sabido são os homens.
40. (Tolo) É aquele que se faz.

41. (Feira) O mais importante é comprar, tomar mais conhecimento, rever os amigos que as vezes tem tempo que não vê, faz bem até pra saúde.
42. Eu sou trabalhador, sou honesto.
43. (Gerente) O decorrer do tempo que a gente vem trabalhando com as pessoas, ele vê o trabalho da gente, né, vê a competência da gente e aí escolhe pra seguir aquela função.
44. (Qualidades do trabalhador) O bem mandado. Aquele que tudo que se manda fazer ele vai alegre e satisfeito e faz; terminei, tá pronto, esse é o bom trabalhador.
45. (Gerente) Eu queria um gerente que tratasse bem o trabalhador. Isso em primeiro lugar. Porque se ele trata bem o trabalhador, ele cumpre com o trabalhador, ele vai fazer as coisa do patrão tudo direitinho. E até o próprio trabalhador vai ajudá ele. Se ele tratar o trabalhador mal, o próprio trabalhador vai condenar ele.
46. Ouço rádio. Pra ficar bem informado, saber o que vai passando lá fora. O jornal na televisão é fundamental. Não tem que assistir porque gosta, por obrigação, eu entendo assim.
- 47.
- 48.
49. Jornal Nacional, Brasil Urgente, Repórter.
50. 60% a gente nem põe em conta, porque isso aí ela leva, a bruxa.

No temporão a gente põe até uma quantia de trabalhador a mais. Justamente pra poder cuidar do cacau que a gente tira bom.

Pergunta: E esse trabalhador que põe a mais, depois ele vai ser despedido?

Resposta: Aí ele vai ter que ser despedido, porque quando chega a safra aí o cacau começa a adoecer todo. O que se colhe não dá pra cobrir as despesa, então é melhor tirar esse trabalhador do que deixar ele e depois não ter o dinheiro pra pagar. Então, é o que a gente faz.

Pergunta: E ser trabalhador do cacau, hoje, tá difícil?

Resposta: Hoje o que tá mais difícil é arrumar o emprego, agora pra trabalhar no cacau não é difícil.

Agradecimento da entrevistadora

Agradecimento do Sr. Walmir

Certo, eu estou aqui a seu dispor, eu fico até agradecido, porque é a primeira vez também que a gente faz uma entrevista. Eu fico muito agradecido porque a gente dá algumas palavras que muita vez vai servir até pra alguém lá fora, né?

Tem o doutor do cacau porque... tem muitos que ele se formou através de livro, mas na prática ele não sabe quase nada, entendeu, quase nada, eu conheço muitos deles aí que praticamente, tem pessoas hoje da CEPLAC que ele é especializado através do próprio trabalhador. Porque aí ele passa a ir pro campo, lidar dia a dia com o trabalhador.

Pergunta: Aí que ele aprendeu, mesmo?

Resposta: Aí que aprendeu. Aí ele pode dizer que sim. Eu sei, porque se ele foi dia a dia, lá no campo, com o trabalhador, aí ele aprendeu. Se ele ficar só na teoria, ensinando por livro, eu acho que ele não aprendeu.

Aquele que tem que ensinar é aquele que vive no campo, dia a dia [...] ele tem alguma coisa pra traçar pra outras pessoas que não sabe.

(No final da entrevista Sr. Walmir falou em cacau clonado, cacau parazinho, a vassoura de bruxa, para ele vale mais a pena plantar o parazinho porque quando a vassoura ataca mais fortemente – setembro – a produção do parazinho já está terminando. A bruxa ataca mais o clonado, segundo ele).

APÊNDICE D – Entrevista 02

1. Sr. Manoel Rosário dos Santos.
2. 56 anos
3. Viúvo
4. Teófilo Nascimento dos Santos
5. Maria Germina
6. Nilo Peçanha
7. Ilhéus.

8. Nova Esperança, Camacã, Jaguaquara e Sul da Bahia (a vida toda trabalhou com cacau)
9. 8 irmãos
10. Trabalham com cacau, seringa.
11. O cacau hoje tá meio devagar devido ao problema da vassoura. [...] Antigamente existia o mela, o mela que é a podridão parda.
12. Barcaceiro – que seca.
13. É pobre – farta do cuidado; se não funciona, como é que a gente pode produzir?
Rica – é dividido ao problema do cacau, né?
14. O problema na minha mente está no político, né? [...] Só quer o voto da gente, depois que pega o voto deixa a gente no escanteio, não liga mais pra gente [...] Ligando pra gente, todo mundo tem influência de acompanhar e votar nele.
15. Muitos tirou e muitos raleou a mata pra poder plantar o cacau.
16. Na fazenda.
17. É contado os que mora na fazenda. O fazendeiro só quer saber mais de... só o trabalhador que vem pra trabalhar lá dentro, né?
18. Ônibus da universidade.
19. Tem uns fazendeiro que não gosta. Diz que dá azar.
20. Jupará planta.
21. 7 sextas-feiras acaba tudo. Bater 7 vezes.
22. Lua influi, tem que plantá na quadra certa. Nova, sem medo. Crescente para crescer. A lua pode, mas boa é a nova.
23. Valentia, eu não tenho bem assim para explicar a senhora direito. Não adianta valentia, pra que valentia, só leva desvantagem.
24. O honesto, que cumpre com seus direitos direitinho.
25. É tá o mesmo problema quase que o homem, cuidando do dever da casa dela, não andar se envolvendo com a vida dos outros... isso aí é uma dona direita.
26. Salário era muito mixa.
27. Nuns ponto é bom. Vem cuidando dos interesse da gente.
28. É boa também. De primeiro cuidava mais.
29. Vê televisão.
30. Era uma dona disposta, gostava de trabalhar. Se acabou de hora pra outra. Problema no coração. Mas pra mim é uma pessoa boa, 100%.
31. Nunca mais vi. Outro está dentro de casa mais eu.

32. Hoje se o camarada não tiver o estudo não tem nada na mão.
- 33.
34. Tem umas que é boa.
35. Rezo.
36. Diz que existe, mas eu não vi assombração ainda não.
37. Certo é a gente cuidar na obrigação da gente.
38. Errado é não saber andar em riba do mundo. Tem muitos que não sabe andar em cima do mundo.
39. Não tem sabido.
40. Tolo, tem a conversa de tolo.
41. Tem novidade, na feira. Conversar não é bom.
42. Eu posso explicar que eu gosto de trabalhar com os meus deveres direitinho, não gosto de enrolada, tenho o meu ritmo, sempre proso, todo mundo gosta de mim.
- 43.
44. Um trabalhador que não deixa a toa, não virar baderna, tem que botar uma pessoa de confiança.
45. Que não seja de bebedeira, de confusão, cuida com a obrigação dele direito.
46. Ouço rádio.
- 47.
48. Assisto.
49. Gugu, Sílvio Santos, Faustão.
50. Clonar é bom. Fazer o viveiro também é bom. Agora do modo que tão fazendo com a clonagem tá saindo bom. Agora, não é cacau muito aturativo, porque já é feito na madeira, né, qualquer coisinha tá caindo, lascando. Nunca é que nem plantar.
51. Geléia, polpa é boa também.

Após a entrevista ter sido dada por finda, ele acrescentou.

O problema do cacau é esse aí. A gente planta uma roça, tem que podá ela toda, tem que tirar a bassoura, tem que tirar a chupadeira, os brotos, se deixar aqueles broto toma conta, mata a roça, né? Vira chupão, né? Tem roça que só pega a limpeza mais fraca, vai do terreno. O terreno mais fraco a poda tem que ser mais maneira.

APÊNDICE E – Entrevista 03

1. Florisvaldo de Oliveira Freitas
2. 57 anos
3. Casado
4. Deoclides
5. Deolina
6. Iguaí
7. Ilhéus.
8. Floresta Azul, Ibicaraí, Água Doce, Poções, tudo já morei. Depois de adulto Floresta Azul, Ibicaraí, Coquinhos.
9. 4 irmãos.
10. Um trabalha com cacau (irmão).
(Tem 6 filhos. O menor tem 13 anos)
11. Antigamente o cacau a gente dizia é cacau porque todos tinha produção, né? A produção caiu muito. Tá difícil combater essa praga. Tá combatendo mas eu digo que é por elas mesmo. Clonagem é boa. A produção é que eu não acho que dá a mesma que dá o cacau fruteiro, né?
12. Tropeiro, barcaceiro, estufeiro.
13. Pobre... rica. Por causa do cacau, ela não é pobre, decaiu. Eu acho, não sei se é.
14. (Políticos) Como meu pai dizia: que a pessoa veve na ilusão. Tá pensando que a pessoa vai fazer uma boa coisa e no fundo aquela pessoa não faz nada do lado do pobre. A pessoa vai, elege ele, ele promete o mundo e o fundo e no fundo o pobre é quem fica lá embaixo. Eu voto certinho, pra mim eu tô votando certo, mas aquele camarada ganha e não faz nada. Meu filho de 20 anos não acha trabalho. Cacau tá dando tão pouco que muitos fazendeiro tá dando de meia.
15. Um amigo meu começou uma roça da mata.
16. Mora na roça.
17. Morando na rua. A não ser o camarada que pegou uma roça de meia, aí ele pega a família pra ajudar, num sabe?
18. Para Itabuna, Ilhéus, de ônibus.
19. (Não ouviu falar sobre a sexta-feira)
20. Jupará, nasce.

21. É, tanto o feto como a taboa.
22. A lua influi. A lua boa é de acordo a planta. A nova e a crescente é melhor. A batata não pode plantar na lua cheia. A madeira, tem que tirar no escuro.
23. (Valentia) Eu acho que mais é um problema de uma ignorância.
24. Cumprir com os deveres, andar direito, pra todo mundo gostar [...] Quando eu vim pro Salobrinho disseram que era meio de gente ruim, ignorante, tinha muito vagabundo, tem... tem muito vagabundo aí, mas eles me trata bem, eu trato eles bem. Uma hora que eles precisa de um trocozinho, também eu calço eles também. [...] Eu dou, uma hora eles me livra do perigo.
25. É tratar as pessoa direito, ser honesta, tratar do marido direito e tratar também as vizinhança direito também, né? [...] E que a mulher for errada e ela chegar em casa e o marido der apoio, no erro dela, fica todos dois errado.
26. Era melhor, que naquele tempo eu ganhava salário. Trabalhava só em empreita, seja por tarefa, seja por bistunta, na semana eu ganhava o dinheiro que ganho no mês hoje. O salário num ponto era pior, mas ninguém ganhava só o salário.
27. Num ponto é bom, eles orienta a pessoa, eu tenho que procurar entender pelo sindicato. Não é uma coisa muito importante demais, mas eu acho que é importante para o trabalhador.
28. A cooperativa eu tô por fora. Eu não tenho leitura. Fui criado assim pela roça, criado no mundo, eu com a idade de 13 anos tava no mundo, trabalhando. E tinha pai e mãe. Mas via que meu pai não tinha condição de me dá, desertei no mundo.
29. Cervejinha, televisão, só não gosto muito é de som. Me dá uma zoada no rabecho.
30. Ela, até então, pra mim é mulher direita. Já tenho filha com ela de 26 anos. Casei no civil, não troco ela por mulher nenhuma.
31. Até então tá indo bem. Crio duas netinha. Uma não tem pai. É como se não tinha... (filhas das duas que estão no Rio).
32. Pra mim é... eu acho que eu não aprendo mais nada.
33. Acredito em Deus, só não sou crente. Toda noite eu lembro de Deus e o caminho é Deus mesmo. Minha esposa é crente. [...] Eu gostei da Cristã do Brasil (Religião).
- 34.
- 35.
36. Existe. Eu já vi. Eu já vi minha sogra, tava acordado. Minha filha também via, uma criança com 4 anos (via a avó).

37. Andar direito.
38. E a pessoa sendo errada nenhuma pessoa quer saber daquela pessoa que é errado.
39. Quem é sabido procura ser mais sabido ainda. Porque já é sabido.
40. Quem é tolo todo mundo quer apoderar, que já sabe que é tolo, né?
41. Importante. Não é lugar de bate papo.
42. Eu sou direito, cumpro meus deveres. Quando compro, pago. Mentira eu não gosto. E gosto de meus negócios tudo certinho.
Coisa que eu gosto de fazer eu não tenho condição. [...] Isso aí é um sonho, né? Eu gostaria de ser... mais melhor, ter um nível melhor, ter uma arte melhor, que essa arte pra mim eu sei que não é boa, só é boa porque tô vivendo dela, né? Eu não tenho leitura, mas eu queria ser um pedreiro bom, ou um motorista de ônibus... Eu não tenho usura por nada. Quem tem muito dinheiro é porque tem condições, ms eu não tenho usura por dinheiro. Só tem uma coisa que eu tenho usura. É a pessoa pegar numa caneta e botar o que quer fazer... E eu não sei de nada. [...] Hoje em dia as aula é diferente. Porque eu já estudei... Naquele tempo lia o ABC, a cartilha era melhor. Via aquelas letra grande, toda coberta, fazia um buraco no papel.
43. Para mim era um trabalhador direito também.
44. Que seja direito também.
45. É bom, que a pessoa sabe de alguma coisa.
- 46.
- 47.
48. TV assisto, mas num sou muito chegado.
49. O Jornal, pra mim não é importante porque quando termina eu não sei quase de nada mais. Um bocado de coisa eu esqueço.
50. Qualquer pessoa tinha uma burarinha e ele vivia numa boa. Hoje, quem tem roça grande, deu até de meia.
É, dá resultado. Agora do jeito que a turma tá vendo já diminuindo mais a vassoura de bruxa, muita gente não tá querendo mais nem clonar. [...] O cacau velho tá voltando a produzir.
51. Dava (pra ganhar dinheiro). Polpa, toti, cacau em pó.

Desculpa eu não falar alguma coisa mais, porque eu não tenho leitura...

APÊNDICE F – Entrevista 04

1. Leolino José de Souza.
2. 54 anos.
3. Casado, não legalmente.
4. Jovelino.
5. Laurinda.
6. Gabiá, Santa Cruz de Cabrália.
7. Ilhéus.
8. Morei em Eunápolis, Arataca, agora moro no Salobrinho.
- 9.
10. Nenhum trabalha com cacau, 10 irmãos. Eu tive notícia que agora eu só tenho 5.
O resto já morreu.
11. É o seguinte: teve uma situação, hoje tá tendo uma boa recuperação. Eu dizia, quando ia em Minas, vai acabar, vai acabar, mas hoje eu vejo o cacau bem recuperado. Hoje, o cuidado tem que ser maior.
12. Tudo tem que ter seu nível. É o podador, que faz a desbrota.
13. Mais é o cacau mesmo. No meu pensar é por isso, porque é só cacau.
14. De quem é votado. Todo mundo confia nele, depois...
15. Peguei, não é difícil. Faz uma limpeza, abre um pouquinho em lugar de sombra muita.
16. Se ele larga a roça dele e vem pra cidade ele está com medo de algumas coisas, a situação está muito difícil. Um bocado de bandido por aí. É só mesmo correndo disso. [...] O administrador tem que ser ele, mas...
17. É dividido. Na roça facilita mais, mas tem muitos que quer manter o nível da cidade.
18. Moro em Arataca. Vou de 15 em 15. Vou de ônibus.
19. Sexta-feira, quando está na colheita, é dia de tá apurando ele, pra ele vim pras barcaças.
20. Sim.

21. É. A gente combate bastante.
22. Sim. Lua nova, a forte.
23. Eu acho que é no trabalho dele.
24. A gente mesmo do meu nível eu acho que direito é trata as pessoas bem, cumprir com meu dever.
25. As mesmas coisas.
26. Naquela época tinha muita empreita. Era melhor. A gente ganhava melhor, eu acho.
27. Eu não tô a parte. É importante, ser orientado por ele. É o lugar da gente procurar saber.
28. Muita gente diz que é importante, agora eu mesmo não tenho conhecimento de cooperativa.
29. Eu gosto do meu trabalho, me distrair com meus filhos, com minha mulher. Nós somos pessoas pobres, mas graças a Deus eu me dou bem com minha família, junta mesmo os meus meninos lá, a gente fica brincando, a gente ganha o dia todo.
30. Legal, me ajudando, dando força, eu vejo... luta por mim.
31. São honestos, pra mim é bom ter filho.
32. Acho que sim, acho que sim, não, a escola é importante, mais do que importante. Sem a escola é difícil até pra viver. Eu mesmo é o seguinte, eu não tenho saber. [...] Mas mesmo nessa idade, 54 anos, eu acho que vale a pena insistir.
33. É sobre tudo.
34. Católico.
35. Rezo.
36. A perturbação sempre existiu de toda maneira.
37. O mais certo é amar a Deus; tá com Deus, tá com tudo.
38. O errado é a pessoa desonesta, pensar mal...
39. Eu acho que sabido mesmo é Deus.
40. Semo nós que somo tolo. Eu mesmo pelejo pra ficar sabido, mas não consigo; eu acho que os tolo são nós mesmo.
41. Sim. As pessoas a gente encontra.
42. Sou acostumado a trabalhar. Tem pessoas... num tô falando, num tô agravando o saber, né, mas tem muitas pessoa que só quer trabalhar pelo estudo, mas nós

num vai, aí, tem pessoas aí que não sabe letra, mas ele entra na roça... o trabalho eu acho que é uma prática.

43. O mais importante é o trabalho dele mesmo.

44.

45.

46. Sim.

47.

48. É bom

49. Globo Rural. Eu gosto do campo, sempre gostei.

50. Com certeza que tá (valendo a pena). Aí tinha roça que eu conhecia que tava acabada, hoje tá produzindo cacau, um cacau bom.

51. Não tem essa pessoa que não gosta de uma geleinha de cacau, tablete também.

APÊNDICE G – Entrevista 05

1. Edmundo Alves dos Santos.

2. 51 anos.

3. Casado, bem casado.

4. Alvino Alves dos Santos.

5. Leonilda Cunha.

6. Pau Brasil.

7. Ilhéus.

8. Pau Brasil.

9. Treze.

10. Três trabalham com cacau.

11. Hoje tá mais difícil um pouco.

12. Empreiteiro.

13. Por causa do produto, cacau, o cacau é a riqueza. Pobre por causa da vassoura.

14. Culpa do político. Eles depois não dá valor. Não aparece mais. Não dá ligança a pobreza. Só quer ganhar, ir lá pros palácio...
15. Brocar a mata... depois tirar as árvores. É pesado, já comecei da mata.
16. Veve dentro da terra dele.
17. Hoje em dia mora mais na cidade porque o fazendeiro não tem mais empreita.
18. A pé, no carro, na perna.
19. Sexta-feira é ilusão, sempre o povo fala, mas eu não acredito.
20. Ele plantou também.
21. Acaba com três sexta-feira, tem que ser sexta-feira.
22. Lua nova boa, minguante não.
23. Eu acho que é a pessoa ser um ignorante, né?
24. É ter responsabilidade na vida dele, tratar bem, respeitar os mais velhos.
25. Ela respeitar o marido, a humanidade.
26. Não recebia férias e 13º.
27. Sindicato dá uma força.
28. Não conheço.
29. Trabalhar, jogar bola.
30. Direita, me respeita, respeita todo mundo, não é mulher de fofoca, cuida dos que fazer dela em casa. Estou há 27 anos com ela.
31. Respeita o pai, a mãe, os irmão, todo mundo.
32. É sabedoria, instrução.
33. Deus vem no sonho, mas a gente nem tem o poder de vê ele.
- 34.
35. Rezo.
36. Não existe não. É o medo que faz ver.
37. É ser direito.
38. É ser errado, bandido.
39. É Deus, que dá a sabedoria à pessoa, para ele ser sabido.
40. Quem não sabe de nada.
41. É importante também para ver amigos.
42. Vivo do meu trabalho. Minha preocupação é no meu trabalho.
43. De boa conduta, é administrador, é respeitador, direito.
44. O que trabalha e não dá preocupação aos patrão. Não bota em dificuldade.
45. Ia ser eu e os filhos.

46. Sempre gosto de ouvir para vê as notícia que passa pelo mundo.
- 47.
48. Mais ou menos.
49. Futebol, jornal.
50. Penso que eu tô vendo tá sendo um ótimo serviço. Vai se ver (se é bom) daqui a 8, 10, 20 anos. Vai se vê se ela vai suportá igual ao cacau velho. [...] Com o tempo a vassoura se acaba.
51. Fazer o chocolate (em pó). Do cacau, vale fazer produtos pra vender.

APÊNDICE H – Entrevista 06

1. Silvan Ramos de Oliveira.
2. 23 – 24 anos (segunda feira que vem).
3. Solteiro.
4. Sinvaldo Sabino de Oliveira.
5. Maria Jozina Nunes Ramos.
6. Camacan (Trabalhei em hotel, fábrica de portas).
7. Ilhéus.
8. Rio de Janeiro, Belo Horizonte.
9. Três irmãos.
10. Todos trabalham na prefeitura.
11. Cacau é o centro, a maior fonte de renda. Antes era melhor. Hoje a coisa aberta pro patrão e também pro trabalhador.
12. Clonador.
13. Rica porque temos o cacau, mas ao mesmo tempo pobre porque veio a vassoura e o dinheiro é mal aplicado.
14. Os políticos, quando eles se elege, eles são uma avalanche, um avarantes, eles se preocupa consigo próprio.
15. Não.

16. Mora mais na fazenda.
17. Em certos casos, por causa da escola, 70% escolhe morar na cidade.
18. De carona, de ônibus, mando a moto vim me pegar.
19. Nunca ouvi falar.
20. Concordo.
21. Soube disso hoje, pela senhora.
22. Influi muito, com certeza. A mingunte, eu falo pela experiência na clonagem, ela demora muito para se desenvolver. Ela fica raquítica. Uma boa é a cheia.
23. Valentia é uma pessoa realmente ignorante e que não é manso.
24. É alguém que aonde ele passa, ele passa de cabeça erguida. Respeitar e andar com honestidade em todos os afazeres, negócios e ninguém tem o que falar dele em relação a personalidade, caráter.
25. É também de personalidade, caráter, menos rodada, de poucos homens, mais na dela, ali, e que não tem o que as pessoas comentarem, falar dela.
26. Não tem férias, tem 13º.
27. Não conheço, nunca procurei. Vejo (utilidade no trabalho do sindicato).
28. Também não conheço.
29. Sou cristão, não tenho como lazer, mas eu gosto de estar sempre na igreja, aos domingo, mesmo semana quando o tempo me dá oportunidade. Tirando do meu trabalho, é estar sempre na casa de Deus. só me distraio quando estou junto com os amigos. Pessoas boa, papo sadio.
- 30.
- 31.
32. Escola é o centro. Hoje até pra ser gari se torna difícil. Eu me arrependo de não ter aproveitado a oportunidade que eu tive, de não ter estudado. E não estou desesperado, tenho apenas 24 anos, tá em tempo de correr atrás.
33. Deus... em minha vida é tudo.
34. Tenho.
35. Eu oro. A reza é uma oração repetitiva, é como se a pessoa estivesse pedindo a mesma coisa todos os dias. A oração é uma súplica, aonde que você pede por você e mais pessoas que estão ligadas a sua pessoa. A oração eu digo com as minhas palavras.
36. Existe espíritos decaídos, que andam vagando ao nosso derredor e podem se manifestar e a gente contemplar a olho nu.

37. (Pausa) Correto é o homem temer a Deus antes de todas as coisas.
38. Errado é o homem descrê na existência de Deus.
39. Sabido é Deus, sabido é... no termo de que é aquele que quer ficar por cima de todas as coisas, e não quer perder, só quer ganhar.
40. Tolo... pessoa tola... a gente encontra, mas talvez não se encaixem na pergunta. Eu acho que um dia eu fui tolo. Deixei de estudar para vir trabalhar no campo.
41. A feira... acho que é um meio bom... eu não faço feira, mas vou sempre, gosto muito de estar na feira, é um lugar bom, eu vou sempre, converso com algumas pessoas, é um lugar movimentado, eu gosto de estar onde tem muitas pessoas e é um lugar bom... onde gira dinheiro e aonde gira dinheiro gira emprego.
42. Falar de nós mesmos é uma coisa muito fácil. Não fui no meu passado, mas hoje sou uma pessoa calma, tranqüila, é... tenho 24 anos, moreno claro e acho que sou uma pessoa boa, sabe? Convivo bem com todo mundo, não tenho inimigos nos dias de hoje e procuro sempre andar direito com meus negócios. Eu acho que eu seria uma pessoa boa (Silvan já foi usuário de drogas e tem muito orgulho de ter dado uma guinada na sua vida).
43. Ter caráter, trabalhar, ele deve trabalhar como se ele estivesse sendo sócio de seu patrão e não simplesmente um empregado.
44. O trabalhador... o administrador é mais chegado ao patrão. O trabalhador deve ser pontual nos seus horários, não bagunceiro, que o vício dele não venha interferir no trabalho dele (se ele tiver, porque eu não vou excluir ele).
- 45.
46. Ouço som, às vezes ouço rádio. É um meio de comunicação muito útil.
- 47.
48. Não convivo. Eu acho que a televisão tem sido usada pra mostrar mais o que é ruim. Se a gente soubesse aproveitar só o que é bom da televisão. Mas não...
- 49.
50. Existe pessoas que acha que é uma porta sem futuro. Antes eu aprovava a tese de clonar e decepar. Hoje não aprovo porque a clonagem demora muito tempo pra ela produzir, dar um carrego bom. A clonagem e o cacau parazinho; o que a bruxa comer no parazinho o clonado vai repor no lugar.
51. A clonagem, a CEPLAC com as plantas pequenas com cacau, isso atrai as pessoas para visitar e ver. Hoje eu não vejo (como o trabalhador ganhar dinheiro).

APÊNDICE I – Entrevista 07

1. Elpídio José dos Santos Silva.
2. 55 anos
3. Casado
4. Santos Morato
5. Enedina Maria de Jesus
6. Pedra Azul – Amenara
7. Castelo Novo, Ilhéus.
8. São João do Sul, Guaratinga, Itabela, Eunápolis, Santa Rosa, Jussari, Itabuna, Ilhéus.
9. Sete comigo.
10. Dois trabalham com o cacau
11. Quebrou, né, depois da vassoura de bruxa, mas hoje tá melhorando a situação pra eles. Foi fazendo clonagem. Antes o cacau carregava muito, o fazendeiro era barão mesmo.
- 12.
13. A região aqui não é pobre, é uma região rica, todo mundo conveve aqui dentro, tira daqui de dentro, é como o moço diz: O Brasil é fracassado; não é. O Brasil tem toda a fortuna. Agora, é que muitos não sabe fazê as coisa direito...
14. Muitas, quer dizer, na categoria, muitos não merece não. No fim da conta, mais tarde quer passá até o carro por riba. Outros merece.
15. Num peguei não (do início).
- 16.
17. Aqui mesmo, mora tudo na roça.
18. Ônibus para Ilhéus, de pé para Castelo Novo.
19. Bom, isso eu posso dizer à senhora, eu já vi dizer que não é bom colher mesmo não, da boca dos mais velhos.
20. É, tem muito lugar da mata, que tem eles, a senhora encontra o cacau na mata.

21. É. São três sextas-feira.
- 22.
23. Valentia é ignorança, né, pra mim é ignorança.
24. Bom, um homem direito é aquele que veve a vida dele tranqüilo e calmo, não anda tomando boca com os familiares de ninguém, né? Tipo de coisa assim.
25. Mulher direita é a mesma coisa que eu tô dizendo, porque se ela tem o esposo dela, ela tem que se concentrar pra poder respeitar ele, que é pra ele também respeitar ela.
26. Antigamente era mais mal pago. O que a gente ganhava não dava pra nada, tinha vez que a gente trabalhava até descalço. Hoje em dia não.
27. Uns diz que os sindicato é uma parte boa, outros diz que num presta.
28. Não conheço.
29. Saio pra dentro do mato ou no fundo de casa plantando um quiabo, um maxixe.
30. É morena, né, é morena. Não é calma, qualquer coisa, se dana. Zela tudo bem zelado.
31. Os filhos... tem vez que eu vou na casa deles, eles vem cá em casa, tem um que todo dia vem em casa, desde pequeno é apegado comigo. Oxem, adoro, gosto dele pra dizgrama (ao ser perguntado se gosta mais desse filho).
32. Escola é educação pras criança.
33. Deus é a primeira coisa. Sem Deus não vai nada pra frente.
34. Não.
35. Rezo muito.
36. Eu mesmo nunca vi não. Diz o povo mais velho que tinha.
37. Certo é um caso as vezes um tá conversando com o outro um tá errado, outro tá certo. A palavra certa.
- 38.
39. Pra mim, só Deus.
40. (Rindo) Pra mim agora não dá, sei não.
41. Feira, gosto não. Lá quem faz a feira é a mulher.
42. Num vô dizê a senhora porque eu sou analfabeto, num tenho leitura nenhuma. Eu... de vez em quando eu tomo uma pinguinha, né? E trabalhá eu gosto de trabalhar. E crio minhas amizades com todo mundo. Negócio de confusão não presta. Eu não gosto nem de sair, por causa de confusão. Eu tomo minha cachacinha em casa.

43. Atencioso, gosta de batalhar a vida também, respeita o trabalhador.
44. Trabalhador, que gosta de trabalhar. Porque tem muitos que vai pro serviço e se recolhe um pouco, né? (risada).
45. Tomar informação (sobre o seu administrador). Zelar o que a pessoa tiver. Tem que procurar uma pessoa direita.
46. Pra mim é um divertimento.
- 47.
48. Às vezes assisto
- 49.
50. Se não zelar, com poucos tempo ela arreia. Ela é rápida, mas a muda é melhor.
51. Geléia, polpa.

APÊNDICE J – Entrevista 08

1. José Dórea da Silva Filho.
2. 43 anos.
3. Casado.
4. José Alves da Silva Filho.
5. Lídia Maria de Jesus
6. Ribeira das Pedras, Ilhéus.
7. Ilhéus.
- 8.
9. Nove.
10. Três trabalham com cacau. Três filhos. É importante ensiná como é, às criança, a se desenvolverem, saber ler, é isso.
11. Hoje em dia é mais fácil ser fazendeiro. Porque hoje a coisa tá melhor, tá mais barato.
- 12.

13. A maior riqueza própria é do cacau. Pobre... o que não tem muito valor, coco, mandioca.
14. É do político, pro seguinte, todo mundo quer ser vereador e só quer puxar, só puxa mais pro lado deles.
15. Nunca fiz do começo, não.
- 16.
17. Quem mora na roça tá com a família na roça e quem mora na cidade tá com a família na cidade.
18. De ônibus (pra Ilhéus), a pé (pra Castelo Novo).
19. Não, que é isso? Nunca ouvi não.
20. É verdade.
21. A taboa, já vi falar. Agora, se arranca, ela, eu sei que ela morre. Já vi falar da surra de pau e mata também, mata porque ela azeda, vai esbagaçando, começa a azedar ela, mata.
- 22.
23. Valentia? É quando a vez tem uns home que é valente demais, né? As vez uns home, as vez uma mulher. Acho que é ruim,... porque é muito agressive. Que nada de valentia presta. É chamar por Deus.
24. É ele ser direito, é a vez pagar o que deve, é muita obrigação, pagar o que deve, e ele andá tudo em cima da linha, certo. É isso.
25. Mulher direita é ela ser muito... ser boa pro marido. O marido ser bom pra ela, dentro de casa ela ajuda ele...
26. Antigamente era pior.
27. Não conheço não (o trabalho do sindicato).
28. Também não conheço não.
29. Serviço... eu gosto de fazer tudo. Só não faço roubar. Pra me distrair, pra não ficá dentro de casa, eu gosto, a disistimiação, eu gosto de a vez ir pra roça, vê tudo bonitinho, tudo limpo. A vez saio, vô na rua, na cidade, andar pra distrair a vida, é isso...
30. Ela é o jeitinho da senhora. Cabelinho mermo. Ela é inducada. É direita, casa arrumada, comida pronta.
- 31.
- 32.

33. A importância de Deus é quando a gente quer uma coisa, só no pensamento que a gente a vez quer uma coisa, entendeu? Meu Deus, chama por ele, que ele ajuda, só no pensamento.
34. Não.
35. De vez em quando, quando eu chego em casa eu rezo. Na hora de sair também. Peço saúde, vida, trabalho.
36. Existe. Pra quem tem fé em Deus, agora, pra quem chama pelo que não presta... só vai pra quem chama pelo que não presta, mas quem tiver fé em Deus. assombração é pra quem não tem fé. Já vi. A vez andando na estrada, tarde da noite, a vez vem outras pessoa conversando, já vi jogá pedra, areia é não é... gente. Só dá mais também em lugar de bambu, lugar de cruziada. Esses negócio né? A vez ouve uma voz chamando, mas sabe qui a gente não pode responder, tem que deixar chamar uma vez primeiro e a pessoa responde se chama duas ou três vez. Mas é bom responder.
37. Ter amizade cum todo mundo, consideração, é isso.
- 38.
39. Quem é sabido é o que estuda muito, faz muito curso... é os homem que entende mais.
40. Ninguém é tolo, eu acho...
41. É importante. Quem tem uma mercadoria traz pra vender na feira.
42. (Pausa grande) Pra mim eu sou... uma pessoa boa, trato todo mundo direito. Sou educado com todo mundo, gosto de cuidar do que é meu, não me meto com ninguém.
43. Porque ele entende. Já foi estudado pra isso, né?
44. Ele tem que trabaiá. Porque se botá no serviço e ele não fazê nada, não adianta. A vez quer chama o dinheiro da pessoa qui paga...
45. Tinha que ter curso, e ver o que ele ia fazer.
46. De vez em quando eu ouço. O rádio ajuda muita notícia, que vai, como é que fala, como é que faz.
47. Assisto, mas não sou muito chegado não.
- 48.
49. Jornal é bom.
50. É bom. Eu já fiz muito lá na minha roça... eu tô fazendo, tá dando resultado.
- Pergunta: O senhor tem roça ou é a que o senhor é responsável?

Resposta: Eu tenho mesmo uma roça, mas é pequena, 6 hectares e pouco...

51. Pra mim mais que é o chocolate.

APÊNDICE K – Entrevista 09

1. Paulo Conceição Pinto
2. 38 anos
3. Casado.
4. Manuel Araújo Pinto.
5. Geraldina Maria da Conceição.
6. Ilhéus.
7. Castelo Novo, Ilhéus.
8. Não
9. Doze comigo.
- 10.
11. Produção baixa, esperamos um bom preço, não está um bom preço. Hoje é mais difícil ser fazendeiro. Hoje ele tem dor de cabeça, do trabalhador trabalhando e ele imaginando como é que vai pagar o trabalhador.
12. Clonador, colhedor de cacau.
13. Olha, eu acho que a região nossa é rica, pelo menos a região que chove bem. Nós não temos, hoje, é um pessoal unido, porque se forma aqui um grupo pra tomar um empréstimo... Seja todos fazendeiros aqui organizado. Dinheiro vem pra ser emprestado e volta por falta de reunião. Não é porque o pessoal não queira o dinheiro. Falta o que acontece com nordestinos pra plantar o feijão. Nisso ela é pobre. Nós temos, hoje, na região, vários objetivos que é a pecuária, o cacau, o peixe, cadê as cooperativas pra gente se reunir, sentar todo mundo, vamos se reunir pra pegar esse dinheiro pra aplicar no peixe, tomar empréstimo pra aplicar na pecuária...Nós não temos união... Não adianta a gente ter o conhecimento, mas a gente não tá em dias com a documentação, com uma cooperativa organizada

- pra poder a gente produzir mais... Hoje a gente vai produzir com o que a gente tem no bolso.
14. Eu acho que seja por causa da gente, porque se todo mundo pensar igual tem que ter Hoje o que se dá na política é se dividir.
 15. Já peguei do começo, da mata, pra depois ir até a cabruca, o raleamento, pra chegar até a colheita. Primeiro se chama a cabruca, depois de chama a raleação, aí depois vem o balizamento, pra poder depois vim a cova, aí se for algum terreno que precisa de adubo tem que colocar alguma mistura de adubo na cova pra poder chegar até a muda, mas antes do balizamento a gente tem que tá com o sementeira pronta.
 - 16.
 17. A família mora na roça.
 18. Vou de ônibus, tenho meu carro, mas mode a despesa é mais forçado ir de ônibus pra Castelo Novo a maior parte eu vou amontado.
 19. Já ouvi falar, mas nunca cumpri.
 20. O Jupará...sim, o cacau do Jupará.
 21. Aí não pode ser nem só a sexta-feira. De 8 em 8 dias. Volta a acabar porque azeda. Desde quando você deu a surra dentro da taboa, ela vai azedar. Não é por causa da sexta-feira.
 22. Influi, eu acho que influi. Lua errada, a canoa da brocada. Qual a lua boa? Três dias depois da nova ou três dias depois da cheia. Porque se plantar em cima da cheia, a lua tá forte.
 23. Rapaz, eu acho que faz parte da ignorância, do homem, já mulher, do animal...
 24. Cidadão direito é cumpridor com todos os seus deveres. Ele compra, ele paga, bom comportamento, respeitador.
 25. É uma cidadona que ela tem todo o seu respeito, não dá lugar a ninguém tá falando dela... cumprir todas as suas obrigações.
 26. Eu ganho melhor do que ganhava; agora, só que hoje meus sonhos são mais altos.
 27. Acho. Ajuda porque o sindicato, além dele ter o poder de cobrar, é um grupo de pessoas unido.
 28. Gosto, ajuda.

29. Eu, se pudesse, só queria compra e venda de gado com minha família. Eu gosto de levar todo mundo pra passear. Sentar e tomar minha cervejinha num ambiente que não seja muito movimentado.
30. Uma pessoa... olhei bem o comportamento. Bonita, até hoje, porque se não fosse bonita e fosse direita não traria comigo. E sinto ela bonita, criando os filhos dela... Até hoje eu gosto de olhar, ver a paciência dela criar os filhos, o carinho dela ter, isso me traz assim como uma parte de pessoas amorosas. E uma preocupação que tanto ela tem comigo como eu tenho com ela.
31. A coisa mais linda do mundo.
- 32.
33. Muito importante.
34. Não, mas fui criado dentro do evangelho, até a fase de 15 anos.
35. Rezo.
36. Acho que existe desde quando a pessoa tenha assim aquele preconceito. Ah... não você passar naquele lugar que é mal assombrado. Não é da cabeça da gente. Existe.
37. No tipo de trabalho.
- 38.
39. Sabedoria...vem do dom de Deus. A pessoa mais sabida do mundo é Deus, que fez esse mundão, maravilhoso pra gente, né?
40. Não existe o sabido completo nem o tolo também. Muita vez o tolo dá no sabido.
41. A feira é, desde quando seja organizada, importante pra todo mundo que vai vender, pra todo mundo que vai fazer a feira. Mas que seja limpa, organizada.
- 42.
43. Confiança, conhecimento naquela hora.
44. O amor que ele se dedica, que ele trabalha. Hoje, estão colhendo o que os tronco velho plantou. As pessoa analfabeta plantou. Todo trabalhador rural hoje ele poderia ser mais valorizado pelo amor que ele tem de trabalhar na região cacauera. E de nós todos é um salário baixo, que não tem condição nem de educar filho, entendeu? E muitos já foi mordido pela cobra, pelo escorpião. Muitos até perdeu sua vida, veja o desconto de três dias por ter perdido um dia, o ter que comprar bota, facão.
45. Conhecimento, que já venha da roça, nem tanto uma pessoa estudada.
46. Ouço.

47. Você fica sabendo as notícias que tá correndo na região.
48. Também, muito importante.
49. Os jornais.
50. É uma experiência... mas eu mesmo não acredito que seja a solução para a região cacauera... desde quando nós não temos a garantia, nós tá desassegurado. Alguns clone dá a mesma doença. Esse ano o cacau nativo produziu mais do que o clone.
51. Artesanato, chocolate

APÊNDICE L – Entrevista 10

1. Martins Alves de Jesus Oliveira
2. 41 anos.
3. Tenho mulher, mas não sou casado não.
4. Alvelino Alves dos Santos.
5. Maria Antônia dos Santos.
6. Camacan.
7. Ilhéus.
8. Ilhéus, mesmo.
9. Oito, comigo.
10. Todos trabalham com o cacau.
11. Muito fraco. Já foi boa, quando não tinha a vassoura.
- 12.
13. Ela é rica, é uma região boa, tudo sai daqui. Não tem nada ruim, nada fraco.
14. É do político. A gente vota pra pessoa, na hora eles bota quem eles querem botar.
15. Já. Faz os saquinhos.
16. Na fazenda.
17. Ele num pode morar um na cidade outro na roça, tem que morar tudo junto, mora logo tudo na roça.

18. Castelo Novo, de pé.
19. Tem muitos que num colhe não. Outros não liga pra isso.
20. Jupará come é o cacau. Planta no brejo, nos lugar que não tiver plantio, eles faz os trabaio dele lá e nasce os pé.
21. Pra mim só mata se arrancá ela.
22. Influi. Boa é a crescente.
23. Valentia, é a pessoa ignorante, que tudo é pra brigar.
24. É trabaiaá direito e não dá o direito de ser reclamado, não pega no que é dos outros.
25. É a mulher que a gente bota dentro de casa, ela deixa tudo direitinho, faz a obrigação certa.
26. Tá a mesma coisa.
27. Ajuda, tem muitas coisa que a gente a vez tá por fora e o sindicato orienta.
28. Não, cooperativa não conheço.
29. Domingo, tô fazendo nada, vou pescar, passear por aí, levá os meninos.
30. Minha mulhé é uma pessoa boa, servideira, serve todo mundo, cuidadora, faz suas obrigação direito.
31. Também, calmo, não gosta de briga, estuda.
32. É muito importante. Colégio educa muito as pessoa. Tem muita gente que não sabe das coisa, entra no colégio, aprende.
33. Vê Deus, a gente tem vontade de vê Deus, a gente chama muito por ele, mas não vê ele. Deus é uma pessoa que ajuda muito a gente, livra a gente do perigo, do que é ruim.
34. Católica.
35. Rezo.
36. Existe, pra quem já é medroso. Porque é o medo que faz a assombração.
37. Certo é a pessoa cuidar das coisa direito.
38. Não fazer nada errado, isso é certo.
39. Sabido é a pessoa que entra no colégio, aprende ler, faz qualquer serviço sem precisar dor de cabeça na pessoa.
40. Tolo é aqueles que não sabe fazer nada. Manda fazer as coisa, é mesmo que não falar nada.

41. É a gente pegá o dinheirinho, vai pra feira, compra os trezinho... É importante, é porque tem muita gente, que a gente não vê uns amigos de muitos tempo, e na feira a gente se encontra.
42. Eu sou uma pessoa boa, não bulo com ninguém, não brigo. Do meu trabalho pra casa.
43. Saber o serviço, tem que ser educado pra saber levar os trabalhador.
44. Ele tem que cumprir as ordem do administrador. O que o administrador mandá fazer ele ir fazer. Pegá, sabê o horaro de arriá.
- 45.
46. Gosto.
47. O programa da Gabriela FM. É música.
48. Assisto.
49. Jornal Nacional, BA TV.
50. Vale.
51. Chocolate, a fruta do cacau mesmo.

APÊNDICE M – Entrevista 11

1. Gilson Pereira Santos
2. 45 anos.
3. Solteiro (5 filhos), tem uma companheira.
4. Crispim Pereira dos Santos.
5. Maria Josefa da Silva.
- 6.
7. Ilhéus.
- 8.
- 9.
10. Trabalham na roça, não de cacau.

11. Tá melhorando. Tava bem fraquinho. A bruxa tava castigando mesmo, mas agora tá melhorando. Eu vejo alguns pés, por aí, que eu vejo, pé velho, tá bem carregado.
- 12.
13. Pobre porque está maltratada. Rica por causa do cacau.
14. Tá na gente, não sei nem porque, mas tá na gente. Muitos num sabe votar, a vez vai lá e vota em branco. Cabá, quando chega por aqui, diz eu votei, mas num sabe em quem. Num votou certo.
15. Não. Não conheço quem fez isso.
16. Burareiro mora mais na roça.
17. Tem. Eu acho que tem muitos morando na cidade, porque meu irmão mesmo é dos primeiros.
- 18.
19. Eu nunca vi isso não.
20. Planta.
21. Taboa, se fazê isso ela cai e acaba acabando. O feto também é a mesma coisa, que eles são fraco.
22. É, eu não sei qual é a lua boa, mas eu sei que influi. Negóço de lua eu não entendo, eu vou perguntando.
23. Valentia do homem? Bom o que eu vejo os outros falar... porque eu mesmo não sei nem nunca vi. Aquele que bebe muito, fica valente ou aquele que tá com umas duas maconha na cabeça fica valente também. Eu mesmo não sou valente.
24. Que eu sei é aquele homem que gosta de todo mundo, todo mundo gosta daquela pessoa e ele também não bebe.
25. É uma mulher que cuida bem da gente, e tudo que a gente pede para ela fazer ela faz, cuida bem da gente. Porque se ela não cuidar bem da gente ela nunca é direita. E anda também na linha, né?
26. Como a situação tá eu acho que hoje é melhor.
27. Eu não conheço não, agora eu acho que é bom.
28. Cooperativa também eu não conheço.
29. Só gosto mesmo de bola, se distrair é a coisa mais difícil.
30. Eu acho ela uma mulher bem, porque quando eu digo vou ali ela não diz ah você não vai. Então, eu vou. Até a vez, até ela diz não veste essa camisa, não, veste essa daqui, então eu acho que ela é uma mulhé pra mim decente. Se ela dizê eu

vou ali, se eu vê que ela pode, eu digo vai, se eu vê que ela não pode ir, não deve ir, eu digo não, você é bom nem ir. Então eu acho que ela é boa por isso, porque eu entendo e ela me entende.

31. Filho pra mim todos são bons. Gosto muito deles, eles também eu acho que gostam de mim.
32. É importante. Eu não sei porque meu pai achou que eu tinha que ficar burro mesmo, aí eu não aprendi nada, só que foi também minha culpa, porque tinha que ir mesmo.
33. Ah, Deus, é muito bom, sem ele como é que a gente vai viver?
- 34.
35. Não é todo dia, mas a vez eu dou uma rezadinha também.
36. É, [...] eu nunca vi, não sei bem se existe não.
37. Bom e bem. Correto... O bem é bom, correto também é bem.
38. É, o errado, o errado é aquelas pessoa que sempre vai errando.
39. Sabido... é... sabido é aquele que é bem estudado. Bem estudado que é sabido. Tem um também que não é estudado e é sabido.
40. É, agora tem um dizer... mal do sabido se não fosse os bestas. Porque o sabido... eu sou trabalhador, né, aí tem o sabido e eu vou pedir ajuda aquele sabido... aí, depois eu mesmo posso dizer, é... mal do sabido se não fosse o besta. Porque ele me ajudou... eu sou meio bestão.. Mas a vez eu tô me fazendo. Ah... a vez a pessoa se faz, agora, o besta, quem é o besta, é o tolo? Essa aí me pegou...
41. A feira é importante porque na feira a gente encontra muita coisa barata. É, isso é.
42. A vez eu ficava conversando, a senhora ia perguntar quem eu era, eu dizia quem eu era. A vez a senhora até pensava que eu era um vagabundo, né? eu dizia quem era eu, onde era que eu trabalhava... tal... dizia meu nome, dizia que eu era gente boa e pronto. Aí a senhora ia ficar conversando comigo, mesmo porque sabia que eu não era um vagabundo.
43. Ele tem que tá só tentando ajudar a gente e a gente tentando ajudar ele também.
44. Um trabalhador vai por a gente. A gente que diz que é boa, dá a dica aquele fulano é bom de trabalho.
45. Um amigo, porque se eu fosse um amigo, um administrador eu não queria.
46. Bem difícil, meu negócio só é televisão.
- 47.
48. Sim

49. Filme.
50. Vale a pena.
51. Ali, só aquele suco, a polpa.

APÊNDICE N – Entrevista 12

1. Miranei de Jesus Oliveira
2. 41 anos
3. Casado
4. Raimundo Amorim de Oliveira.
5. Dalva Teresa de Jesus Oliveira.
6. Vitória da Conquista.
7. Castelo Novo, Ilhéus.
8. Ibicaraí, Buerarema, Itabuna, Ilhéus.
9. Não tenho irmão.
- 10.
- 11.
- 12.
13. Bom, a minha opinião nesse caso é a seguinte. Eles dizem que ela é rica porque os grandes latifundiários foi que enricaram com ela e o trabalhador simplesmente ficou à margem. Então é por isso que eles comentam que ela é rica pros grandes, pros pequeno ela nunca foi. Só é uma fonte de trabalho.
14. Eu ainda acho que tá no povo, o povo é muito esquecido, votam pra ganhar alguma coisa. Ganhei alguma coisa de fulano vou votar nele, eu sempre acho que não é por aí. Não gosto de político, porque só aparece em época de política, mas a região tem esse problema. Não elege gente da região porque os maiores vêm e compram.
15. Não.
16. Em geral, dentro da burara eles moram.

17. Não. As condição é muito pouca. Separar, né?
18. De ônibus, para Ilhéus.
19. Já vi gente daqui da nossa região. Tinha um fazendeiro aqui perto, ele já faleceu, Nilo Calazans, ele, na roça dele ninguém tocava dia de sexta-feira. E pra colher um fruto ele era místico. E tem mais gente, porque o meu avô, lá da região de Itororó, ele também não colhia cacau sexta-feira, e ele não era místico, ele era crente. Mas a roça dele era colhida até quarta-feira, nem quinta nem sexta-feira. Faz parte de mística, porque dá azar, porque é ruim. O dia não é próprio, é mais ou menos por aí.
20. O Jupará ele chupa a fruta. [...] Logicamente ele é um semeador.
21. Pra mim também isso é mística. Eu já ouvi falar...
22. Em todas as frutas (não sabe qual é a lua boa *****) No geral é no minguante.
23. Valentia... Em que sentido? Tem um cidadão aqui que eu digo: esse homem, é um homem valente porque ele é um monstro pra trabalhar. Já tem o valente que gosta de briga.
24. Ele tem que ser honesto em primeiro lugar, cumprir com todas as obrigações dele. Acho que em geral é isso aí.
25. Se torna pra mim a mesma coisa, porque quando eu me refiro a homem direito eu já tô me referindo ao todo.
26. O salário eu tenho uma divergência quando se fala de salário. Quando o salário foi pra 100 dólares as coisas ficou boa para o trabalhador. O salário tá de 240 reais, mas o poder de compra tá lá embaixo. Eu sempre analiso que com o salário de um trabalhador rural ele não vive, ele vegeta. O trabalhador rural hoje em dia ele só come farinha com jabá, essa que é a verdade. Come um feijãozinho à noite, quando chega e pra comer uma carnezinha fresca, só no final de semana. Isso pra mim não é viver, é vegetar.
27. Sindicato... Eu nunca me envolvi com sindicato não, mas eu acho que tem certas situação que o sindicato atrapalha mais do que ajuda. Inclusive o problema de greves. Greve nunca foi a saída. A grande saída hoje em dia é os políticos se conscientizar que tem alguma coisa errada, né? Agora, os políticos deviam fazer alguma coisa pra melhorar a situação do agricultor, isso sim, do agricultor e do trabalhador rural, que é quem sustenta o agricultor.
- 28.

29. Hoje em dia meu hobby é em casa mesmo. Final de semana, queimar uma carnezinha com a família mesmo.
30. Minha esposa eu acho uma pessoa... pra mim, simples, educada, além de ser uma ótima companheira, vivemos uma comunhão muito boa, sempre acho que tem muita gente que fala que somos quase perfeitos porque não existe perfeito. Nós temos 12 anos de casado, nunca tivemos uma discussão. Apesar de viver no interior, nós somos muito participativos um com o outro. Somos meio divergente na crença, mas não atrapalha. Ela é crente e eu não sou...
31. Minhas filhas foi duas dádivas de Deus, uma mais meiga, outra mais grossa, mas é a natureza...
32. É, quem estuda... super importante. E eu ainda digo mais, a computação invadiu, quem não sabe computação hoje em dia é burro.
33. Com certeza (acredita em Deus). Eu sou mais para cristão do que para católico. Quando católico ele, praticamente ele pode tudo, o cristão não, ele tem que viver dentro do regime da igreja. Não é no regime do pastor. O pastor não manda. Toda religião tem o seu regime, então você vive no regime da religião.
- 34.
35. Não, oro. A reza é repetitiva, a oração não.
36. Não.
37. O que é certo é amar a Deus. Aprendendo a amar a Deus, você aprende o certo da vida.
38. Hoje em dia o erro pior que existe é a droga.
39. Eu descrevo a sabedoria de uma maneira muito diferente de muita gente... tem vez que existe a sabedoria em uma pessoa tão simples. E um super bem dotado, que estudou em uma universidade e tudo, e muitas vezes ele acaba se passando como digamos que tenha um pouco de falta de inteligência. [...] Eu conheço um cidadão aqui mesmo, que eu acho que ele é uma pessoa super dotada, não sabe nem escrever o nome, mas ele quer fazer uma coisa, ele vai e faz. E tem o outro tipo da sabedoria que é a parte da ignorância. Pra mim, a sabedoria e a inteligência andam juntas, juntamente com a educação.
40. Rapaz, eu acho que o tolo, em geral, não existe ninguém besta. O tolo é aquele que não tem a sua medição.

41. Acho, é importante porque é um meio de sobrevivência. No geral, eu vou na feira só pra despachar. Depois que acostumei no interior eu não gosto muito da cidade. Eu passo dois dias na cidade, eu fico maluco.
42. Eu sou meio suspeito pra dizer um negócio desse, mas eu me acho uma pessoa inteligente. Acho que descobri isso um pouco tarde, porque vim parar na roça e a gente não escolhe o destino, a gente... quando eu cheguei aqui na minha região eu não sabia fazer nada, hoje em dia eu sei um pouquinho de cada coisa, não me profissionalizei em nada porque não tive oportunidade... então, eu me descrevo nesse ponto, minha esposa me acha uma pessoa boa, meus parentes também. Existe sempre a divergência que a gente não pode agradar a todo mundo, não é? Nem Jesus agradou.
43. Bom, ele tem que conhecer primeiramente da roça, ter um bom tratamento com os trabalhadores... e ser pulso forte porque trabalhador não é brincadeira, se abrir mão ele trabalha pouco e o principal é ter o conhecimento do que ele vai fazer.
44. O trabalhador rural ele tem que cumprir com as obrigações dele, né? de acordo com o que manda o administrador. Acho que o bom é o que chega no horário certo, tem que ser bem mandado porque eu tiro por mim, eu não sou mal mandado... ele sendo bem mandado, o resto... compensa.
45. Entender do serviço, ter bom desempenho, ser honesto, porque tem muito administrador que passa a mão no dinheiro do patrão e do peão também, e ver o grau de instrução que ele tem.
46. Ouço.
47. Por incrível que pareça, o programa que tem mais crítica. Crítica de política, crítica de empresários, dos latifundiários. Ouço muito a Voz do Brasil.
48. Assisto.
49. Futebol. Esporte em geral. Programa de humor que eu adoro, faz bem à saúde.
50. Vale.
51. Particularmente... acho que chocolate em geral é uma realidade que encontra hoje em dia em todo canto. A não ser que a pessoa faça um tipo de chocolate caseiro. As pessoas conhecem chocolate, mas doce, poucas pessoas conhecem chocolate amargo. Não sei se convinha fazer isto, mas conhecer justamente o chocolate. Há muitos tempos atrás, na roça do meu avô, a gente fazia batido no pilão, aquele bolo para tomar de manhã. Muito melhor do que esse que a gente compra refinado. Era um produto artesanal.

APÊNDICE O – Entrevista 13

1. João Moraes de Almeida.
2. 68 anos.
3. Separado.
4. Oclides – Euclides Moraes de Almeida.
5. Almira Alves dos Santos.
6. Jequié.
7. Ilhéus.
8. Itabuna, Coaraci, Ubatã, Ilhéus, Uruçuca.
9. Nove irmãos comigo.
10. Nenhum trabalha com cacau.
11. Teve muito pior do que tá hoje [...] tá melhorando, o problema foi a vassoura de bruxa, né? Esse ano já melhorou bastante.
- 12.
13. Porque ela já foi rica. Agora com a vassoura de bruxa ela até caiu mais de 100%. Ela era pobre por causa da área pecuária que não tinha como tem hoje. O café não tinha.
14. Eu acho que uma parte é dos político, outra parte é dos eleitor porque não é todos os que quer votar num candidato daqui da região, não é todos que vota. Muitos políticos não reaparece na região da gente.
15. Já vi quem fez isso. Pra plantá na cabruca não precisa derrubar a mata, raleia ela.
16. Mora mais na rocinha.
17. Tem, isso tem, trabalhador que mora na roça e a família na cidade.
18. Ônibus para Ilhéus, de pé para Castelo Novo.
19. Tinha uns fazendeiros que tinha esse negócio. Tenho pra mim que não tem isso não, né. Não colhia cacau, não colhia outras fruta... tem gente que nem fruta não colhia.

20. Antigamente plantou muito... Hoje acabou até esse negócio de Jupará, ninguém nem vê falar de Jupará.
21. O povo falava, na sexta-feira.
22. A lua? Escolho. Eu planto assim no escuro. É quando a lua não tá clara, não aparece pelo dia.
23. Eu acho que parte da ignorância porque antigamente eu vou dizer à senhora, existia mais gente ignorante do que está existindo hoje. Eu trabalhei numa região, aí de Ubatã, eu morava em Ubatã, mas eu tangia tropa, nesse tempo não ia carro para Ibirapitanga, que antigamente era Cachoeira do Pau, essa mata era uma coisa séria. A senhora só via aqueles homens com cada um facção, naquelas porta de venda, com uma pistola daquelas dois canos. Aquilo era uma ignorância que eu vou dizer à senhora... tinha um cara mesmo dessa região aí de Ibirapitanga, hoje é Ibirapitanga, que antigamente era Cachoeira do Pau. (conta a história de um valente que chegou em Cristal, Camamu, e acabou sendo morto por Zé Mendes. Interessante a história e o jeito de contar). Então tinha um cara aí nessa região que era falado, eu morava aqui embaixo, em Banco Central, e não conhecia esse cara. Aí eu fui pra Ubatã, né, foi quando eu fui pra Ubatã que apareceu esse cara, num lugarzinho chamado Cristal, num comércinho que tinha lá, no município de Ibirapitanga mesmo, município de Ibirapitanga não, era Camamu (Ibirapitanga era do município de Camamu, agora tá emancipada, não é?), então, tinha um lugar por nome Cristal, esse lugar hoje tá debaixo da represa da barragem, quer dizer que ficou debaixo da água esse lugar, e então chegou esse cara, chamava João Canguçu. Era falado esse homem. Diz que batia facção, furtava, mas não tinha negócio de furtar não, o negócio dele é que ele era veloz, ele era veloz. Então ele foi pro Cristal, ficou lá no Cristal, um pretinho baixo do bigodão, camaradeiro, né, muito camaradeiro, e tinha um guarda do município de Ubaitaba, por nome Zé Mendes, que ficava lá na cabeça da ponte pra fazer cobrança de carga que passava, esse negócio. O Zé Mendes veio pro Cristal, aí teve uma discussão com ele. Ele deu um talho em Zé Mendes que o talho daqui da orelha, aqui dentro da boca, ainda arrancou dois dentes de Zé Mendes... O Zé Mendes tava com um revólver 38 na cintura, correu... correu e ele enrabou Zé Mendes. Chegou numa ponte que tinha na passagem de uma pequena de uma lagoa que tinha pra sair na cabeça da ponte onde Zé Mendes morava, quando Zé Mendes olhou, que viu ele, ele já vinha perto, Zé Mendes rançou o revólver atirou

nele. Ele voltou e voltou e caiu na porta de uma mulher por nome Maria que o povo chamava Maria Peitão, aí pegaram ele botaram numa Rural, levaram pra Ipiaú. Morreu na estrada. A fama de João Canguçu acabou. Chamava João Canguçu. Ele era muito facãozeiro e deles lá nessa região tinha demais, demais, na região de Ibirapitanga. Hoje tá um lugar muito, como é que diz? Menos violento, não é? Menos violento, donde que eu digo que a valentia parte mais da ignorância.

24. Eu acho que tem muita coisa num homem direito... Muita vez num precisa nem ele ser sabido da leitura, né, mas a pessoa educado vale muito. Porque muitas vez o homem direito ele é educado, ele cumpre bem com o dever dele... Respeitador... eu acho que isso faz parte do homem direito.
25. Uma mulher direita tem que ter todo respeito também. Tanto numa parte como por outra. Saber respeitar o esposo dela, saber respeitar os filhos. Saber respeitar tudo. Eu acho que uma mulher direita seja essa. Que não vive em bebedeira, bandalheira.
26. Olha, salário, antigamente não existia salário, era melhor porque a gente pegava uma empreitada, assim a bistunta não era hoje que se pega por tarefa, ali já tá tudo planejado... [...] Outras pagava a caixa do cacau, a gente colhia por caixa... hoje, esse negócio de salário mínimo é só o salário mesmo e se a pessoa não tiver outro gancho, aquele salário não dá pra passar. Agora, também naquele tempo não existia o direito que tem hoje, né? Não existia naquele tempo, não existia férias, não existia 10^o, a gente pegava de 7 às 5 arriava meio dia, pegava 1 hora e aí ia até 5 horas. Hoje a gente pega de 7 às 4, tem salário. Naquele tempo, o empregado ou o fazendeiro chegava, se se aborrecesse com o pião, botava o pião pra fora, não tinha nada disso, não existia nada disso.
27. Ajuda.
28. Ajuda.
29. Antigamente eu bebia uma cachaça, mas hoje eu, é dentro de casa, não saio pra canto nenhum. Não ando mais em porta de venda. Já bebi cachaça por camaradagem, nunca tive vício de bebida.
30. Essa era que era minha companheira. Morreu com 25 anos.
31. Eu gosto deles tudo.
32. Escola é. Eu não sei ler, eu só sei assinar meu nome, mas eu acho que é a coisa mais importante pra uma pessoa é saber a ler. Porque eu acho que a pessoa estudado, formado, sabido, tem uma ciência dada por Deus.

33. Acredito.
34. Católico
35. Rezo.
36. Olhe, eu não acredito muito em assombração. Nunca vi nada.
37. É não mentir, não pegar no que é dos outros.
38. Errado é o contrário.
39. Sabido eu acho que só existe Deus. Agora depois de Deus tem o médico, a medicina, que hoje tá muito avançado mesmo.
40. (rindo) Quem é tolo eu acho que é aquele cara que é analfabeto. Que não conhece de nada. Por que tem o analfabeto inteligente, né, mas tem o analfabeto que não entende de nada mesmo. E tem também o que tem escola e não entende de nada? Eu penso pra mim que tem.
41. Nuns ponto é importante. [...] é mais barato.
42. Fica difícil, né? Mas eu acho que eu dizia... muitas vez eu já fui uma pessoa também violenta, no tempo de mais novo... mas eu acho que não existe uma lei melhor do que a gente mesmo se concordar com a gente. A gente mesmo se concordar, o que já fez o que já praticou, pensar isso...
43. Ele não maltratar o pião e também não ser bom demais, porque se ele ser bom demais ele não presta... porque se ele ser bom demais e ele largar tudo na mão do pião, o pião tem aquela confiança que ele tava dando... e vai fazer coisa que não deve fazer... tem que saber zelar do trabalhador, não maltratar, e também não deixar tudo na mão do trabalhador.
44. Ele tem que cumprir com o horário dele, se tiver doente mandar avisar e saber respeitar a ordem de trabalho, porque muitas vezes não liga. Muitas vezes o outro pensa que ele tá lá trabalhando, ele tá sentado. E tem o pião que é esforçado, tanto é esforçado pra dar o nome dele, que é trabalhador, como pra ganhar o dinheiro. O trabalhador deve ser isso.
45. Se eu tivesse uma rocinha eu mesmo era meu administrador.
46. Ouço.
47. Jornal.
48. Gosto.
49. Jornal. As vez eu assisto uma novelinha também.
50. A clonagem, eu nunca clonei, mas eu acho que numa parte tá valendo.

51. Só se fosse a geléia. Eu acho que (o meeiro) não tem que fazer outra coisa a não ser vender. Se ele soubesse lutar com esse tipo de coisa, chocolate, tivesse o maquinário, tudo bem, mas ele não tem.

APÊNDICE P – Entrevista 14

1. Maria Anita dos Santos.
2. 60 anos.
3. Solteira, mas já tive companheiro. Vivi 10, 11 anos.
4. Germano dos Santos.
5. Maximiliana Maria de Jesus.
6. Teolândia.
7. Ilhéus.
8. Camacan, São Paulo.
9. Nós somos em 5 irmãos.
10. Eles trabalha com negócio de cereais.
11. A situação hoje, de acordo com o que era, diminuiu bastante. Esse problema da vassoura de bruxa que derrotou o cacau. Antigamente era maravilhoso, dava muito cacau.
- 12.
13. É pobre. Eu acho que se mais gente trabalhasse seria mais rica. Rica, aí agora não sei explicar.
14. Eu acho que tá no político. Porque ele promete muito e não faz o necessário.
15. Meus pais, já trabalhei com meu pai assim.
16. Na rocinha.
17. As vezes, ele mora na cidade e trabalha na roça.
18. A pé, pra Camacan.
19. Ainda não ouvi falar não.
20. Aparece, nasce cacau.

- 21.
22. Não.
23. Eu acho que não é uma coisa boa não. Não é muito boa, não é boa. Acho que ser humilde que é bom.
24. Homem direito é uma coisa muito boa, né? Ele vai agir com boas maneira, de bom humor.
25. Eu acho que se dá o mesmo problema.
26. Era melhor, porque tinha bastante cacau, pra todo mundo. Às vezes para o tempo de hoje se ganhava menos, mas tornava a mesma coisa. Porque o custo de vida era de acordo o que ganhava, e hoje diminuiu mais o cacau e as coisa aumentou.
27. Aí eu não sei.
28. Não, também não.
29. Aí eu gosto muito de ficar em casa.
30. Bem. Era bom.
31. Maravilha.
32. Ah é, porque a escola ela dá tudo, ela dá educação, e saber, e trabalho.
33. Deus é maravilha.
- 34.
35. Eu rezo. O Pai Nosso é uma coisa natural. Eu gosto de rezar o Pai Nosso.
36. Em meu modo de pensar eu acho que não.
37. O que é certo, é certo.
38. Errado é erro, o erro não tem... quem tá errado não tem.
39. Não sei... tem Deus, que é o sabido, e aqui na terra ele deu saber pra muitas pessoa.
40. Tolo... a criança.
41. É. Porque na feira a gente vai vendo de tudo, vai comprar.
42. O que eu não gosto em mim é eu não saber ler, nem fazer meu nome eu sei. Isso aí... eu não gosto desse lado. Mas... daí eu gosto tudo de mim. Saber ler é muito importante, né? A pessoa que sabe a leitura é fácil de ter um emprego, ele sabe explicar as coisas que eu não sei.
43. Isso agora eu nem sei explicar porque é uma vida que não aproximo muito.
44. Tem que ser correto, obediente, obedecer as ordens do administrador, trabalhar direito, pra não falhar.
45. Ser correto, saber plantar.

46. De vez em quando.
47. Notícia.
48. Assistido.
49. Gosto mais de noticiário e jornal.
50. Eu acho que vale. O cacau que o povo clona aí tá muito bom, muito bonito, valoriza.
51. Não sei. O cacau tem muita utilidade, mas eu não sei. Não sei explicar além do chocolate. Desculpa eu não saber explicar.

APÊNDICE Q – Entrevista 15

1. Nelci Pereira Santos.
2. 37 anos.
3. Casada.
4. Ilídio Pereira da Silva.
5. Flora Pereira Santos.
6. Itapebi.
7. Ilhéus.
8. Itapebi e Camacan.
9. Nós somos 7 irmãos.
10. Todos já trabalharam. Hoje tem 1 só que trabalha.
11. A situação tá pior do que antigamente.
- 12.
13. Tá pobre pelo cacau. E a riqueza hoje tá pelo café.
14. Eu acho que é dos políticos, porque quando eles quer se eleger eles promete muito, aí quando eles tá eleito, eles não cumpre nada.
15. Não.
16. Na roça.
17. É difícil. Mora mais todo mundo na cidade.
18. Ônibus.

19. Num ouvi dizer não.
20. Nunca ouvi dizer que é ele que planta não.
- 21.
22. Não.
23. Valentia pra mim é ruim.
24. É aquele que cumpre com seu dever em casa, com sua mulher, seus filhos, parente.
25. Pra mim também é a mesma coisa.
26. Salário... antigamente mesmo que fosse pouco, mas a coisa tava melhor pra gente comprar. Hoje o salário tá alto e as coisa tá mais ainda do que o salário. Antigamente era melhor.
27. Ajuda.
28. Não.
29. Cuidar da casa, assistir televisão, gosto de rádio, som.
30. Pra mim ele é muito bom, uma pessoa muito boa, direito, por sinal não bebe, não fuma, não gosta de festa... pra mim é uma pessoa muito boa.
31. Também. Ave Maria. Eu adoro meus filhos.
32. É, porque a pessoa tem que aprender a ler, que a pessoa que não sabe ler não pega um trabalho.
33. Muito importante, muito.
- 34.
35. Rezo.
36. Do jeito que eu tenho medo de assombração, pra mim existe. Eu já vi sombra, já ouvi voz também.
37. A certeza maior que eu tenho é amar a Deus, amar minha mãe, amar meus filhos e o meu marido.
38. Pra mim o que é errado é as pessoas viver brigando, viver sem falar com os outros, viver falando da vida dos outros, falando mal dos outros, pra mim o erro é aí.
39. Deus, né?
40. (rindo) Sei não.
41. É importante para a pessoa que trabalha, que chega o dia de sábado já vai pra ali fazer suas compras e tal.

42. Se eu fosse dizer como eu sou. Ah, eu não sei... como é que eu falo? Sou uma pessoa assim, muito tímida... eu gosto de amizade com as pessoas. Não gosto de brigar com ninguém. Eu sou um tipo de pessoa assim.
43. Eu me esqueci. Meu pai foi administrador. Ele não era de reclamar com o trabalhador nenhum.
44. Aí eu acho que ele tem que obedecer bastante o administrador, né? Fazer tudo aquilo que ele manda. Quando o administrador manda, ele tem que dizer que sim.
45. Fosse bom, fosse de confiança e soubesse lidar com os trabalhadores.
46. Sim.
47. FM, música.
48. Assistido.
49. Novela e filme.
50. Eu acho que sim, que vale a pena.
51. Tem o chocolate, né? A polpa.
- Algum erro que tiver aí, desculpe, nunca fui entrevistada, é a primeira vez.

APÊNDICE R – Entrevista 16

1. José Raimundo Santos.
2. 66 anos.
3. Tenho família, mas sou solteiro.
4. Ezequiel dos Santos.
5. Maria de Jesus
6. Eu nasci no estado de Sergipe. Cidade de Boquinho (Boquim).
Saí de lá com 13 anos.
7. Ilhéus.
8. Itabuna, Barro Preto, Coaraci, Camacan. Foi em 1957 que eu vim pra aqui pra Camacan.
9. Nós somos... 6 irmãos e 2 mulheres.
10. Ninguém trabalha com cacau, 4 filhos trabalham com cacau.

11. A bruxa derrubou muito a produção do cacau. Esse ano melhorou, tava ruim mesmo.
- 12.
13. Ela ficou mais pobre depois que apareceu essa doença e o cacau caiu, né? O cacau morreu... ela ficou fraca. Ela é rica porque o cacau nunca perde o nome, é verdade.
14. Eu acho... eu não sei, não é o eleitor a vez ele não sabe assinar bem, mas a pessoa vai ensinando, ele aprende.
15. Já, eu acho que ele hoje não é mais vivo. É até do norte, ele morou na região de Barro Preto.
16. Bom, o pequenininho deve morar mais na roça, né? Se morar na cidade ele não tem condição de romper. Ele na roça passa mais folgado.
17. É... umas poucas pessoa fica na roça... mas de noite ele vai pra casa.
18. Para Jacarici... vou de pé. Vou, com o patrão, de carro.
19. Dá azar. Já... não colhe cacau sexta-feira. sexta-feira vai roçar, fazer outro serviço qualquer, mas colher não colhe. Eu conheço muitas fazendas. Cacau acabou, não é? Mas não colhia.
20. É verdade, ele come mesmo, depois vai construir o cacau e nasce na roça, no mato.
21. Caba. Vai indo, vai indo, ele morre de vez.
É bom sexta-feira, pra matá, pra acabá com ele. Outro dia ele não morre não.
22. Eu acho influi mesmo. O povo gosta muito de plantá mais na nova.
23. Valentia é ignorância, não é, cumade? Eu acho que seja ignorância.
24. Homem direito é a pessoa andá com seus negócios tudo certinho, andá certo com seus patrão, não andar com desarmonia com os empregado, com pobre, trabalhador mesmo, de dentro da fazenda, e com o povo de fora também, todos os negócio dele ser certinho, ele se torna home direito. Mas se ele fizer um negócio errado, aí ele compra ali não paga, compra acolá não paga, aqui o empregado fala alguma coisa ele salta com 4 pedras na mão. Depois sai fugido, é errado, é até ladrão, não é? Porque ele roubou.
25. A mulhé direita é a que mora com um homem. Ali procura jeito para o direito do homem e ali torna uma mulher direita.
26. O trabalho... Podei, ainda podó bem. Já balizei. Secar cacau, até hoje estou secando. Salário bom, o salário hoje tá bom, não é? Eu nasci em 1939, naquele

- tempo a gente ganhava muito pouquinho, não é? Ganhava 2mil réis. Ninguém conhece hoje, e hoje o dinheiro é grande, ganha 8 conto a diária.
27. Ajuda o trabalhador, porque ele tem a sua carteira assinada, tem a carteira do sindicato, ele paga certinho o sindicato. Tem que pagar todo mês. Também ele não pagando, cai fora, daí se ele pagar tem tudo.
28. Tenho experiência de cooperativa.
29. É porque eu sou... a senhora vai me desculpando... eu sou preto, graças a Deus, eu não vou... pro fim do mundo... agora à igreja... eu podendo ir, eu vou, para a igreja.
30. Peguei ela, no certinho, em 71, 70... nós tamo esse tempo convivendo, me respeitou até a data, pode até amanhã, mas já tá veia, num vai fazê. Uma pessoa que tem capacidade, uma pessoa direita, merece o respeito.
31. Num vejo numa situação muito boa, não. Tem uma que já pegou 4 marido. Aí quando não se dá bem se larga, agora mesmo tem uma largada... tá com 29 anos.
32. Ah, é. Escola é bom, bota seu filho pra estudá, aprendê, desenvolvê a vida dele. Sem sabê nada é muito ruim. Difícil a vida dele para ele romper.
33. Deus é muito importante na minha vida. [...] O que vale é a fé.
34. Sou crente.
35. Eu oro, converso com Deus.
36. Rapaz... asombração... acho que não existe não porque eu confio em Deus, não tem salvação, porque só tem um Deus. Santo, não existe santo. O santo que existe é Jesus.
37. O que é certo, eu acho, é a pessoa andando direito. Até o próprio patrão se ele não andá certo todo mundo diz que ele é atrapaiado.
- 38.
39. Sabido... só quem é sabido é Deus. Porque ele sabe mesmo. Nós tamo conversando aqui, ele tá escutando [...] Agora tem uma coisa, Deus deu o saber ao homem.
40. O tolo é aquele que não sabe nada. Tem muito tolo, tem. Os caras chega assim, enrola aquele cara, aquele é tolo. Aquele que não sabe fazer nada, vive bestando pelo mundo.
- 41.
42. É fácil. Porque eu sou uma pessoa que trabalho, tô trabalhando, né, há muito tempo. Não tive nada porque é a sorte. Ninguém nasceu sem sorte, mas a vez eu

- não pude arranjar nada, por enquanto. Comecei a trabalhar com a idade de 7 anos, larguei pai e mãe, com 13 anos larguei pai e mãe. Vivi sozinho com um companheiro. O companheiro foi embora, fiquei aqui, Barro Preto. Depois passei 8 anos em Itajuípe. Não, depois eu escrevi pra lá (falou forte) aí um irmão meu veio. Aí nós foi lá, fui mais ele, passei 8 dias no norte. Eles já num tavam mais lá, tavam em Umbaúba. Já moram lá em Umbaúba, hoje. A véia fartou, só tem o véio hoje.
43. Ele tem que colher a roça certinho, correr o serviço de acordo, saber trabaiaá com o pessoal.
44. Tem que ser a pessoa direita, combinar com ele (o administrador) e com o dono também.
45. Pela banda do trabaio que vem trabaiano, sabia escolher pelo costume do trabalho eu via...
46. Sempre tem em casa.
47. Notícia. Música não. A não ser música de crente.
48. Não senhora (TV).
- 49.
50. Eu acho que vale, porque quando o cacau faltou, né, tem muita bruxa, então pensando pro patrão tem que clonar o cacau. Ele é mais favorável a zelar do cacau que clonar.
51. Pra quem não conhece não dá não (pra ganhar dinheiro com produtos derivados do cacau).

APÊNDICE S – Entrevista 17

1. Carlos José dos Santos.
2. 25 anos.
3. Solteiro, já tive companheira.
4. José Raimundo dos Santos.
5. Almerinda Ribeiro da Silva.

6. Canavieiras.
7. Ilhéus.
8. Panelinha (Pimenta)
9. Três irmãs, tive um irmão, morreu com 21 anos, tá com uns 5 anos.
10. Ele trabalhou com cacau, a irmã trabalhá com cacau.
11. Tá acabando [...] Agora deu uma melhoradazinha. Já foi muito melhor.
- 12.
13. É assim, na força do cacau, né, é rica. Quando tá fraco ela é pobre. 6 meses ela é rica, 6 meses ela é pobre.
14. É nossa, tem muitos que vota errado. Tá sabendo como tá a pessoa porque a pessoa é mais forte, a pessoa tem vitória aí, pra ajudar o mais pobre. Tem gente que vota mais pra aquele rico, só quer ajudar o mais rico.
15. Não.
16. Na rocinha dele.
17. Conheço. Aqui mesmo na fazenda de Luiz Alves. A mulher mora na cidade, e eles mora aqui. Vai no fim de semana porque tem o seu direito, seu dever.
18. Bicicleta, a pé (não passa ônibus da fazenda até Jacarici, mas são 2 km. Passa para Camacan, Santa Cruz da Vitória).
19. Não ouvi não, mas a maioria do povo larga pra quebrar quinta-feira e sexta-feira, sexta-feira e sábado, agora não sabia que era por causa disso não.
20. Não, sabia não. (Conhece?) Sei, já vi. (Está acabando, o Jupará?) Pode dizer que tá, viu, é difícil ver ele.
21. Não, já demos, mas não é sexta-feira não, a semana toda.
- 22.
23. Rapaz, valentia... acho doente esse povo dizer que é valente. Eu não sei que é valente, valentia eu sou contra a pessoa dizer que é valente. A pessoa valente vai andar corrido, né? Já sabe que aprontou, essa daí tá pesada... porque fez isso, as vez maltratou alguém. A pessoa não devendo, ela anda melhor, folgado.
24. Eu acho que o homem direito é esse, que não caça briga, anda na boa, faz seu serviço, resolve.
25. Rapaz... a mulher direita é saber receber o marido. É o marido dizer você não vai pra tal canto, ela aceitar, não ir [...] Eu acho assim, o homem tem de mandar na vida da mulher, dentro de casa, né? Aí quando fala com ela... Ah, você tem que

- mandar, porque a pessoa dá a comida, né, a mulher tem que saber isso... O serviço dela não é igual ao de nós, home, nós enfrenta qualquer coisa.
26. Eu acho melhor num lado, mas tá pouco ainda. Subiu pra 240, mas a mercadoria também sobe. [...] 4 pessoa come um saco de farinha por mês (60k), vai da pessoa, né? Esperdiça... porque a gente bota, mas não come aqueles prato todo, mas bota lá, pro cachorro, pra galinha. Mas não é perder, porque o animal vai comendo, bicho tem que comer, não é? Desse jeito que eu tô achando.
- 27.
- 28.
29. Eu não tenho tempo, porque trabalho no sacador, tem tempo que trabalho no sábado e no domingo.
- 30.
- 31.
- 32.
33. Já passei 4 anos na crença, já fui batizado na crença, 4 anos salvo, mas a gente é como um barco, vai, volta. Mas nunca eu fui contra Deus.
- 34.
35. Nós não fala rezar, crente fala orar (Você acha que é mais forte que a reza?) Eu acho que sim, você me desculpe.
36. Diz o povo, mas eu nunca vi não. Se eu acredito? Num acredito não.
37. Certo é quando a pessoa vive certo.
38. É o que faz errado e morre dizendo que não fez.
39. Sabido... eu sei assim, tem gente que quer ser sabedor demais. Tem outros que a inteligência dele entende mais que outros. Isso que eu acho sabido.
40. Tem [...] O tolo nós tá falando com ele, ele não tá nem aí. Ou ele sabe que é a memória dele que não entende. Não tá se fazendo de tolo, as vez é que é tolo mesmo.
41. Eu acho importante. Se não fosse a feira nós se perdia no mundo, saco vazio não se põe em pé (rindo muito).
42. Rapaz, meu jeito de ser... eu acho assim, eu recebo as pessoa tudo bem, ajudo, gosto de ajudar, o povo me chama de besta, mas não é, é do meu pensar mesmo (contou o caso de uma amiga dele que engravidou, pensaram que era dele, mas não é, ele ajuda). Eu mesmo me acho bom.
43. Tem gente que trabalha mais que outros. Sabe mandar.

44. O que faz o serviço direito, porque nós precisa do homem, o homem precisa de nós.
45. Eu vou olhar que sê trabalhadero.
46. Ouço.
47. Quando eu estava na crença, gostava mais de programa evangélico, agora gosto de FM.
48. Assisto.
49. Novela, jornal.
50. Eu achava... porque esse dinheiro que ele tá gastando pra clonar, ele podia gastar também para podar [...] muitos se arrepende de ter clonado cacau. Não vele a pena arrancar o cacau velho.
51. Eu acho que não. Só se ele for meeiro. Sei fazer não (produtos com o cacau).

APÊNDICE T – Entrevista 18

1. Raimundo de Jesus Medrado
2. 17 anos
3. Solteiro
4. Edson Rocha Medrado
5. Josefa Maria de Jesus
6. Itabuna
7. Ilhéus.
8. Itabuna e Camacan.
9. 10 irmãos
10. Dois trabalham com cacau.
11. Já foi melhor a situação do cacau.
- 12.
13. Rica porque de junho em diante tem trabalho. De agora em diante (novembro) tem desemprego.

14. Primeiro olhar o candidato, se tem promessa e um bom passado a gente vota nele.
15. Conheço quem fez isso.
16. Na rocinha dele.
17. Conheço, ele vai só fim de semana pra cidade.
18. A pé, pra Jacarici. São 2.700 metros.
19. Não (rindo).
20. Não (viu Jupará).
21. Também não.
- 22.
23. Se for levar pro lado da violência, a valentia é aquela pessoa grosseiro, que não sabe como tratar as pessoas, então ele leva para o lado brutal, né?
24. É cumprir com as obrigações. Se ele tem uma família, ele tem que suprir as necessidades daquela família.
25. Pra mim é respeitar seu marido, assim como o marido a mulher também.
26. Não sei comparar.
27. Não conheço.
28. Não conheço.
29. Vou ao campo, vou à quadra de esportes, ali onde eu brinco com os amigos, jogo futsal, futebol.
- 30.
- 31.
- 32.
33. É importante. Eu sou um cristão.
- 34.
- 35.
36. Bom, existe, porque a palavra diz que das nuvens pra baixo o inimigo tem poder, mas aquele servo que obedece a Deus ele não teme.
37. É fazer as coisas corretamente. Andar na sociedade com responsabilidade.
38. É ele fazer o que não é certo aos olhos da lei.
39. Sabido... a pessoa sabido... aquela que sabe das coisas, que entende bem sobre muitas coisas.
40. Tolo... é aquele tipo de pessoas que geralmente não sabe lidar com as coisas do estudo, não sabe nada sobre alguma profissão.

41. Sim.
42. Bom, eu sou aquele tipo de pessoa... sou um pouco cismado, sou companheiro, sou amigo, e vivo assim, a minha vida levando.
43. Entender sobre aquilo que ele vai cuidar, ele tem que saber administrar bem aquele lugar.
44. Tem que cumprir aquele a quem ele está servindo.
45. Saber lidar com aquele tipo de plantação.
46. Sim.
47. Programa da Tropical Site, notícia, música, variado.
48. Também.
49. Jornal.
50. Eu acho que não. Onde eu passo vejo o cacau comum carregado e o cacau clonado ele já vem no finalzinho.
51. Bom, depende, se ele souber usar. Não dá, não rende (produtos para turistas).

APÊNDICE U – Entrevista 19

1. Antônio Menezes, apelido Tonhão.
2. 57 anos.
3. Casado, bem casado.
4. José Dantas de Menezes.
5. Maria Idalina de Oliveira.
6. Itaju do Colônia.
7. Ilhéus.
8. Itaju e Camacan (nas outras cidades não demorou, passou meses).
9. Somos 10.
10. Não.
11. Pro que era antes, hoje tá mais ruim. [...] Com a clonagem nós nunca vamos ter a produção que já tivemos. O cacau comum taí, tá dando mais produção que o clonado, agora vamos ver daqui pra frente, né? O que vai acontecer.

- 12.
13. No caso como ele falou, pobre, rica. Eu acredito que sim. Ela é rica no caso do cacau e pobre, no caso, as expectativa tá aí, né, eu acho que é devido ao salário do trabalhador. O salário não dá as vezes pra sobreviver...
14. Do próprio político. Porque todo mundo sabe votar e sabe pra quem vai dar o voto dele.
15. Já vi aqui mesmo. Hoje não tá mais por causa da vassoura de bruxa.
16. Na roça dele. Agora, quando chega uma certa idade, por motivo dos filhos, depois dos 60, ele vai pra cidade. Mas não deixa a rocinha, sempre tá na rocinha.
17. Tem, vários que mora na roça e a família na cidade. No caso daqui ele vai todos os dias.
18. A pé.
19. Já ouvi falar. Aqui mesmo, nem podava nem colhia, depois foi indo, com a continuação, rolou tudo. Tá rolando direto.
20. É difícil ver Jupará. O povo fala isso (não conhece cacau que aparece em lugar que o homem não plantou).
21. Na sexta-feira. Que não seja três, seja mais. No caso dele e da taboa. Um pedaço de pau. Chegou lá, bateu, amassou... com a continuação ele se acaba.
- 22.
23. Valência? Valência nasce da ignorância, né? [...] Se a pessoa não souber o que vai conversar, o que vai ouvir.
24. Primeiro lugar... tratar seus colegas de serviço bem. Segundo lugar viver com a família dele bem. Isso aí é muito bom, né? E ter todos os seus negócios em dia. Isso é muito bom também.
25. Mulher direita... respeitar seu marido, né? Trabalhadora, não viver de porta em porta conversando a vida de alguém, do particular, isso é muito feio...
26. (pausa) Hoje é melhor. Porque antigamente, final do ano, não tinha décimo e férias, isso influi no salário. No final do ano tem mais dois salários. A gente tira as férias descansando, tem 40% em cima das férias... hoje tá melhor.
27. Bom... no meu caso, como eu nunca precisei, então não tem nada contra. Agora alguém que já procurou, no caso coloca em questão, uns acertam, outros....
28. Não, conheço nada de cooperativa.
29. Em primeiro lugar eu não paro de trabalhar. Só sábado e domingo fico em casa com a família, no fundo da casa consertando um quintal, lascando um pau de

- lenha. Eu só tomo uma cerveja. Cachaça tem dois anos que eu não bebo, agora bebia muita cachaça. Muita mesmo. Não vou negar.
30. Minha esposa? Primeiro caso, a senhora quer saber o que, cor? (Não, o jeito dela a maneira de ser). Ela me trata bem, trata bem também as colega de serviço. (Quantos anos tem que o senhor está casado?) 23 anos. Eu casei em 81, vai fazer 23.
31. Falo bem de meus filhos. Meus filhos hoje estão criados, um tá com 20 anos, outro tá com 19. A caçula tem 14 anos. Nunca trisquei o dedo num filho meu, nunca bati. A mãe sempre aconselhou, batia quando era menor, até hoje, mãe é mãe, não é? Eles sai pra rua, chega mais tarde, a mãe fica preocupada. É assim... meus filhos são 3 filhos ótimos.
32. Importante... abaixo de Deus, saúde e escola. Se a gente puder dar aos filhos é muito bom, né? Meus filhos, hoje, dois é formado e a menina, com fé em Deus, com 16 anos se forma.
33. Toda a vida. Eu acho que quando ele me colocou na face da terra, chamo por Deus a toda hora, todo instante. Isso é bom...
34. Sou católico, não perco missa.
35. Rezo... Ave Maria... no deitar e no levantar. Quando abro minha porta de manhã já fiz o sinal da cruz.
36. Pode ser que existe, agora.... pra mim, graças a Deus, nunca chegou nem vai chegar. Mas existe, existe... A pessoa não deve é encasquetar naquilo... [...] Tem de chamar por Deus, e enfrentar.
37. O que é certo é assumir nas obrigações, andar direito, né, e ter amigos de confiança pra... qualquer coisa, se a gente tiver precisão, desabafar alguma coisa, chegar para eles, desabafar, porque a gente pode ouvir um conselho também. Conversando é que se entende.
38. Errado... errado já é errado e não tem explicação.
39. Sabido... eu não sei lhe responder, não... não existe sabido... sabido só existe um... é Deus. No caso também de rico, rico só é Deus.
40. Ah, tem muita gente tolo. E tem aquele ditado: se não fosse os tolo muita gente não tava por cima da situação, hoje.
41. A feira é importante e anos atrás era uma feira melhor, corria mais dinheiro. Hoje... no caso da vassoura de bruxa, de uns 7 anos pra cá, 8, a maioria do povo tá trabalhando fora. [...] Matava 15 reses, aqui em Jacarici, hoje mata 3, 4 reses.

Hoje, só a criançada... os homens, que é os pai das criança, tão tudo fora, São Paulo, Porto Seguro, Itamaraju e aí vai acabando tudo. A feira hoje começa às 6 hora, às 9 hora já acabou. Antigamente rolava direto. Hoje está 70% a menos, a feira.

42.

43. Primeiro lugar, ele tem que ter as qualidade dele, mas segundo lugar o fazendeiro tem que procurar as informações dele, não é? Onde ele já trabalhou.

44. É até difícil, hoje, saber. Hoje, por exemplo, o fazendeiro pega gente avulso, 3 meses, 15 dias. [...] Acabou aquele negócio do trabalhador ficar 2, 3, 4, 5 anos na fazenda.

45. Se eu tivesse uma fazenda era muito fácil... em primeiro lugar o melhor administrador seria eu. Segundo, uma pessoa de confiança, que é difícil.

46. Não.

47.

48. Assisto televisão.

49. Jornal, mas novela não assisto não. É difícil assistir novela.

50. Cacau maduro na clonagem tem direto. A amêndoa é grande, mas é pouca. O cacau comum tem amêndoa, caroço. Sou mais a favor de cuidar do cacau velho do que clonar. Clonar é até bom, tem uma vantagem, agora, deixa o cacau velho, o antigo. Com a continuação vai podando o velho. Deixa os dois.

51. Se tivesse aqui uma indústria, se desse emprego.

APÊNDICE V – Entrevista 20

1. Raimundo Matos Costa.
2. 21 Anos
3. Solteiro
4. Iraci Dias da Costa
5. Aldaci Dias de Matos Costa
6. Itatingui – Una.

7. Ilhéus.
8. Cidade mesmo só aqui, agora, zona rural, próximo a Pau Brasil, próximo a Itatingui somente. Só mesmo em Jacarici.
9. Cinco
10. Mais um trabalha com cacau.
11. Hoje o povo mais antigo fala que já foi melhor. Eu acho que ainda vale a pena ter roça de cacau. A renda é menor, mas ainda vale.
- 12.
13. Eu acho que define muito bem, porque essa região ela dá renda mais pra quem tem, pra quem paga ao trabalhador. No sul, sudeste, o pessoal que trabalha em indústria tem uma renda maior, não vai receber somente salário mínimo. A profissão deles são mais valorizada que a nossa.
14. As vezes muita mais em quem vota, porque é muito fácil para o político comprar o voto de qualquer pessoa, desde que a pessoa queira votar. [...] As vezes o político tá provando que é corrupto, só porque ele tem um nomezinho, tá sempre ganhando a eleição.
15. Conheço quem já teve com a pessoa que plantou a roça do começo.
16. Normalmente na rocinha dele.
17. Mais na cidade que na roça. Também tem casos que o trabalhador fica na roça e a família na cidade e o trabalhador vai só no fim de semana.
18. Vou a pé, todo dia, pra Jacarici ;é perto.
19. Já ouvi.
20. Não ouvi falar, mas é possível que isso aconteça.
21. Já (Já mandaram você fazer isso?). Já.
22. Eu acredito que não, mas os mais velhos acreditam que sim.
23. Valentia é... o ato da pessoa querer induzir outra pessoa a brigar sem a pessoa querer.
24. É ter caráter, eu acho que define muito bem o que é ser direito.
25. Da mesma forma, ter caráter e principalmente respeitar um marido, um namorado, as pessoas, a maior parte das pessoas vai responder isso, ter respeito às pessoa que ama.
26. A cada dia vai melhorando, mas eu já ouvi contar sobre pesquisas que, por exemplo, no tempo de Getúlio Vargas, o salário era melhor. Eu não sei comparar, mas... [...] comenta-se que nos tempos antigos era melhor de se viver porque acho

que a moeda, junto com a inflação, tudo isso... possibilitava uma melhor forma de vida.

27. Ajuda, bastante, pra saber os direitos, o que ele tem direito, isso ajuda bastante.

28. Conheço, ajuda também bastante.

29. Eu gosto muito de tocar violão, é o que eu mais faço, todo o tempo de sobra é pra música.

30.

31. Deus é tudo. Tudo o que eu faço é direcionado para o que Deus quer para um filho seu.

32. Muito importante. A escola já dá a oportunidade maior da visão da pessoa. A escola dá essa possibilidade.

33.

34.

35. Eu oro, uma reza é uma repetição de palavras, a oração é falar o necessário para chegar até Deus. Como se fosse uma intimidade.

36. Bom... eu acredito que exista, porque pelo que é contado, existe.

37. Cada pessoa tem uma coisa que eu acho que é certo, agora, é o que a pessoa acha que deve fazer. A pessoa não vai fazer uma coisa que ela não gosta só porque a sociedade quer.

38. Errado... é o crime, um dos conceitos mais errado. Ninguém vai considerar um criminoso como certo. É o pior caminho que a pessoa segue é o crime.

39. Eu acho que existe 3 conceitos. Aquelas pessoa que não tem a leitura, mas tem aquele saber, aquele controle sobre o que fala, e aquelas pessoa que se dá bem com as palavra, consegue se expressar bem... (Você é assim). Muito obrigado.

40. Tolo é o valente.

41. Acho, porque as pessoas podem comprar os preços, olhá a qualidade.

42.

43. O que ele precisa é tratar bem as pessoas.

44.

45. Basta ele comunicar bem com o trabalhador. E com o patrão.

46. Rádio....sim.

47. Musical.

48. Sim.

49. Normalmente jogos, filmes e...

50. É porque a clonagem ela foi feita com o intuito de diminuir a vassoura de bruxa, agora muitos dizem que o cacau antigo dá uma produção maior que o clonado. A vantagem do clonado é a resistência dele à vassoura de bruxa.
51. Só falta mesmo a idéia, porque até os produtos indígenas são aproveitados.

APÊNDICE X – Entrevista 21

1. Derenilson Dias Santos (Derenilson tem um pouco de dificuldade de falar).
2. 23 anos.
3. Solteiro.
- 4.
- 5.
6. Camacan.
7. Ilhéus.
8. Já morei numa fazenda perto de Itabuna chamada Boa Nova.
9. 16.
10. Nenhum trabalha com cacau.
11. O cacau tá indo bem, tá dando emprego pros trabalhadores. Já foi melhor.
- 12.
13. É rica porque os fazendeiros é que é rico e é pobre porque tem gente pobre e gente rica.
14. É por causa do eleitor (é porque um influencia o outro na hora de votar).
- 15.
16. Mora mais na roça.
17. Tem alguns. Vão só fim de semana (ver a família).
18. A pé. Vou todo dia e volto.
19. Não, nunca ouvi falar não.
20. Não, nunca vi (Jupará).
- 21.

22. Nunca vi também não.
23. Valentia é ignorância, é tudo querer se vingar do outro.
24. É a pessoa que não bebe, não fuma, que é educado com as pessoas, que trata as pessoas bem.
25. É uma mulhé, assim... que não seja vagabunda na rua, geralmente...
26. O salário já foi melhor.
27. Nunca vi não.
28. Também não.
29. Gosto de jogar futebol, na quadra... eu gosto também de ir pra roça mais o meu pai (vai passear na roça, cortar um cacho de banana).
- 30.
- 31.
32. É, é importante para nós depois a gente conseguir alguma coisa na vida, um emprego mais decente.
33. Tem importância.
34. Católica.
35. Rezo.
36. Não.
37. Esse resposta eu não sei não.
38. A pessoa faz umas coisa errado, ela tá agindo errado.
39. Sabido é aquelas pessoa que entende de alguma coisa.
40. Quem é besta? Quem não sabe nada da vida.
41. É, porque ali na feira a gente compra verdura barata.
- 42.
43. Deve ser honesto com a gente, tratá a gente como outra pessoa.
44. Tem de trabaiá para o patrão dele, ver que é uma pessoa trabalhador.
45. Uma pessoa... (pausa longa) uma pessoa boa, uma pessoa legal, que trata as pessoa bem.
46. Ouço.
47. FM Sul, música, notícia.
48. Gosto.
49. Tem vezes que eu assisto Malhação, filme.
50. Eu acho que não vale a pena. Não vai adiante, tá tendo bruxa.
51. Dá (Não sabe, não conhece quem saiba fazer algum produto derivado do cacau).

APÊNDICE W – Entrevista 22

1. José Carlos de Jesus Medrado
2. 19 anos.
3. Solteiro
4. Edson Rocha Medrado
5. Josefa Maria de Jesus
6. Camacan
7. Ilhéus.
8. Só aqui mesmo, Jacarici (Camacan).
9. Dez
10. Raimundo trabalha com cacau.
11. Tá, tá dando emprego, quando tá começando a dar emprego tá bom. No caso, de junho pra cá, né?
- 12.
13. Bom, ela é pobre porque de janeiro até junho tem muita gente desempregado. Agora, ela é rica porque o cacau dá emprego até dezembro, aí depois começa a piorar.
14. Eu acho que é dos políticos, porque eles prometem, prometem, e quando é eleito pelo povo não cumprem o que prometeu.
15. Não.
16. Mora mais na cidade, alguns que moram na roça mesmo.
17. Tem. A família dos meeiro, por exemplo, moram na cidade. Eles vão ver a família de semana em semana.
18. A pé, pra Jacarici, de ônibus pra Camacan.
19. Não, aqui é rotina (colher sexta-feira).
20. Não conheço. Já ouvi falar que planta cacau.
21. Não.

22. A lua influi que ela também ajuda, né, na germinação das sementes. Pra mim é a lua cheia, a boa.
23. Valentia, pra mim, é uma pessoa ignorante, que leva pro mundo da ofensa, tudo o que a pessoa fala ele se ofende.
24. Que tá sempre dentro da lei.
25. Uma mulher direita também, que não traia seus filhos, seu marido, tal.
26. Ah, hoje é melhor, nunca o salário foi de 8 reais (por dia).
- 27.
- 28.
29. Eu gosto de ficar lá em casa tirando um lazer, assistindo esporte, futebol. O esporte é a maior distração.
- 30.
- 31.
- 32.
33. Tem (importância Deus em sua vida). Principalmente nas coisas boas da vida, né, como lá fora tá muito pior, como 2 namorados que saíram para fazer uma viagem, foram mortos.
34. Até agora não (tem religião).
35. Eu oro.
36. Não.
37. Certo, pra mim, é nunca estar errado.
38. Errado... é aquela pessoa inocente que não sabe o que faz. Tá sempre indo no caminho do mal. Matando, roubando.
39. Sabido é aquela pessoa que tem conhecimento. No caso, os professores, quem tá mais adiantado.
40. Pra mim, hoje, tolo não existe não, mas tolo é aquela pessoa besta, que não sabe o que faz.
41. Como assim? Ah, é, sempre tá distraído, e ir pro comércio também é bom.
- 42.
43. Nunca perder a cabeça com os trabalhadores, não é?
44. Fazer tudo o que manda.
45. Tem que ser uma pessoa calma, que sabe fazer o trabalho também.
46. Muito.
47. Eu gosto mais de ouvir o programa das músicas.

48. Assisto.

49. Eu gosto mais do programa do Faustão.

50. Pra uns é, pra outros não. Pra mim eu fico meio em dúvida. Porque o cacau comum dá de junho até agosto, mais ou menos, o cacau clonado, tá dando agora. Quem dá mais é o cacau clonado, mas ultimamente tá dando muita bruxa também.

51. Dá, é muito concorrido, principalmente pras pessoas que gostam de chocolate, por exemplo, os obeso, né, adora.

APÊNDICE Y – Entrevista 23

1. Girlan Bispo dos Santos

2. 17 anos.

3. Solteiro.

4. Eleutério Bispo dos Santos.

5. Rita Xavier da Silva.

6. Jacarici (Camacan)

7. Ilhéus.

8. Jacarici

9. Doze comigo.

10. Cinco trabalham com cacau.

11. Tô achando assim... que tá bom, né, tem emprego aí pro povo, não tem do que reclamar, com muitos trabalho aí dá pra gente sobreviver. Já foi melhor, o cacau. Eu acho que já.

12.

13. Porque tem muito trabalho mais no tempo do cacau, mas quando acaba assim tem mais desemprego... paradeiro.

14. Acho que é do político. Porque muitos tem que ensinar, né? Que ensinar as pessoa que não sabe nem votar e a pessoa tem que ir se dedicando, ajudando as pessoa.

15.

16. Na cidade.
17. Conheço. Vão de 15 em 15 dias, de mês e mês (visitar a família na cidade).
18. As vezes de bicicleta e de pé mesmo. De ônibus, para Camacan.
19. Não.
20. Também não.
21. Não, nunca ouvi, nunca mandaram fazer.
22. Acho que influi. É a lua cheia.
23. É uma ação muito violenta.
24. Aquele que vai em busca do seu direito, que luta sempre pelo melhor.
25. Aquela que sabe se cuidar e se dedica muito aos filhos e sabe se apresentar.
26. Acho que hoje é melhor.
27. Acho que ajuda.
28. Não.
29. Muitas vezes com os amigo, do campo, tal, brincando mais eles.
- 30.
- 31.
32. É, porque nos ensina muitas coisa boas.
33. É.
34. Não, mas sempre eu gosto de visitar as igreja Batista.
35. Não, eu oro, pra falar com Deus e pedir muitas coisa a ele pra ele transformar minha vida.
36. O povo de antigamente fala que existia muita assombração, graças a Deus.
37. Certo é a pessoa fazer aquilo que é preciso.
38. O que não devemos fazer.
39. Aquele que sabe administrar seu direito, visar o lucro dele.
- 40.
41. É porque ajuda na alimentação.
42. Sou uma pessoa assim muito legal, né, sei conversar com meus amigo, e dar atenção, prestar atenção no que eles estão falando comigo.
43. Ter paciência, conversar com os trabalhadores.
44. Não parar na hora de serviço, trabalhar bem, para que o patrão não chame ele na reclamação.
- 45.
46. Ouço.

47. Falando de música, aquelas música antiga.
48. Assisto.
49. Futebol, jornalismo.
50. É, é muito lucrativa a clonagem. Não dá cacau o ano inteiro, não.
51. Não sei fazer, minha irmã sabe fazer (produtos com o cacau).

APÊNDICE B1 – Entrevista 26

1. Manoel Batista Cardoso
2. 29 anos
3. Casado
4. Manoel Cardoso dos Santos
5. Adelaide Batista dos Reis
6. Uruçuca
7. Ilhéus
8. Em Itabuna
9. 4 irmãos, comigo.
10. Nenhum trabalha com cacau.
11. Tá meia difícil né? Por causa da vassoura.
- 12.
13. É pobre e é rica, ao mesmo tempo, deve ser por causa do cacau, não? É rica com o cacau e é pobre pela vassoura, cacau tá em crise.
14. Eu penso, pra mim, que deve ser dos políticos. Tem muitos políticos que promete fazer, uma coisa e quando entra lá dentro faz outra.
- 15.
16. Burareiro pequenininho ele tem de morar na fazenda.
17. O trabalhador ele tem que conviver na fazenda, né? As famílias, algumas. Tem família que mora na cidade e ele sozinho na roça.
18. Coletivo.
19. Não, nunca vi não.
20. Acabo acreditando.

21. Isso eu já ouvi falar.
22. Influi. Pra plantação, penso pra mim que é a lua cheia.
23. Valentia é uma pessoa agressiva.
24. Ser honesto e ser trabalhador.
25. É a mesma coisa, ser trabalhadeira, ser companheira com o esposo, se torna sendo uma mulher direita.
26. Segundo meu pai hoje tá melhor para o trabalhador. Antigamente era mais difícil.
27. Ajuda um pouco.
28. Gosto, de cooperativa.
29. Ouvir uma musicazinha.
30. Minha mulher, pra mim, é uma excelente esposa. Direita, trabalhadeira, uma grande companheira, não tenho o que dizer.
31. Meus filhos tem 2, 9 e 8 anos. É uma grande preocupação. E é uma grande alegria.
- 32.
33. Acredito
34. Católico.
35. Rezo
36. Penso pra mim que existe (Você já viu?) Não, graças a Deus, não.
37. É a gente confiar em Deus.
38. Muitas coisas tem de errado.
39. Pessoa formado. Teve uma formatura já tem uma sabedoria.
40. Não sei dizer.
41. É. Porque tem muitas coisa ali pra gente escolher. Comprar do modo que a gente pode comprar. Ver amigos é também importante.
42. Eu me sinto uma pessoa feliz, trabalhador, honesto, procuro sempre fazer muita coisa de modo que eu vejo que não prejudica ninguém.
43. Ele tem que ser honesto, primeiramente, ter uma boa esposa, que ajuda muito e ele dirige o encargo dele de acordo a confiança do patrão.
44. Ele tem que trabalhar direitinho, o que o administrador mandar ele fazer, fazer do modo que ele querer, que o administrador querer.
- 45.
46. Ouço.
47. Prefiro programa de Rivamar. Notícia.

48. Assisto.
49. Eu assisto novela, jornal, BA TV.
50. Em muitos lugares tão acreditando e dá certo. (O que é importante pra fazer a clonagem bem feita?) Tem que, primeiramente, o clonador tem que saber direitinho.
51. Poderia dar.
52. Era melhor. Ganhava um troquinho a mais.

APÊNDICE C1 – Entrevista 27

1. José Silva dos Santos
2. 55 anos
3. Solteiro, já tive mulher, mas nunca fui casado. 6 filhos.
4. Adio Augusto da Silva.
5. Adalgisa Silva dos Santos.
6. Ibicaraí, zona rural de Ibicaraí.
7. Ilhéus.
8. Itabuna.
9. Eu não sei. Minha mãe se separou de meu pai quando eu tinha 1 ano.
- 10.
11. Caótica... depois da vassoura de bruxa a produção caiu mais ou menos 80%. Roça que dava 1.000 arrobas hoje é 200, 250. Antigamente era beleza, emprego rolava solto, aí, meninos trabalhava, mulher.
- 12.
13. O que faz ela ser pobre eu acho que é o nosso governante, né? Que não olha bem pra região cacauieira. Se os nossos governante, governo estadual e federal, olhasse melhor um pouco, aí seria uma região rica. Ela é rica porque as terras são boa.
14. Eu acho que a culpa seja nossa. Pode vir político de outros estado pra aqui, candidato a deputado estadual, eu não vou dar meu voto a quem eu não sei nem quem é. Vou votar no político conhecido, da nossa região. Nas eleição passada,

mesmo, nós temos aqui um político, saiu deputado estadual, Dr. Renato Costa, muitos daqui da região votaram em outros, de outras cidades, pra deputado estadual. Não elegemos o homem, eu achava que ele era um ótimo deputado.

15.

16. O burareiro mora mais na roça.

17. Mais na cidade, a maioria deles na cidade. E vem trabalhar porque com essa crise da vassoura de bruxa, do cacau, até as casas foram demolidas, tá faltando casa pro trabalhador.

18. Ônibus.

19. Não, nunca trabalhei em lugar assim, mas já ouvi dizer isso. Isso é superstição.

20. Já ouvi falar, aliás é verdade.

21. A taboa eu sei, agora o feto não. Ela vai aniquilando, azeda. Tem que ser na sexta-feira. 3 sextas-feiras.

22. Muito. A lua boa é principalmente a lua nova.

23. É ignorância, eu acho que seja.

24. O homem direito é preciso que seja trabalhador, honesto, precisa muita honestidade. Este que é o direito. Se o patrão confia naquele empregado, o empregado tem de ser direito. Não ter olho gordo.

25. Mulher direita é mulher que respeita o marido, né, trabalhadeira, faça as coisa de casa e ser direita... respeitar o marido.

26. Do tempo que eu ganho salário, o salário mínimo nunca deu pra nada, tinha que fazer um outro bico. Salário mínimo nunca prestou. Desde menino que eu trabalho, salário só aquele reme reme, não dá pra nada. Hoje tá melhor um pouco, depois do plano Real, de Fernando Henrique. Melhorou, que ante, era péssimo.

27. Pouco importante. Eu mesmo sou associado ao sindicato rural, pago uma mixaria por mês, aliás tou com 1 ano e tanto atrasado. Nunca me trouxe benefício em nada, nem um médico... hoje em dia tudo é no SUS, não dependi em nada do sindicato até hoje.

28. Ah, seria bom demais, agora dependia de nosso governante também, o da cooperativa.

29. Eu gosto muito de praia.

30. Vamos deixar isso... não tá lembrando coisas.

(– Não teve alguma que agradou?)

(Só tive uma)

(– Ah, só teve uma. Essa não quer nem falar, deixa você pra lá, viu muié?) (Risada dele).

31. Não é mal, não. Meu filho nunca me deu desgosto. São 2 homens e 4 mulheres.
32. Escola? Como é importante. Porque educa.
33. Muito, muito, é único, é Deus mesmo.
34. Eu ando, freqüento a igreja Católica, mas eu não sou muito ligado, não, eu vejo coisa errada lá também.
35. Rezo o Pai Nosso.
36. Não existe, que eu nunca vi, Contam que já viu, mas não acredito não.
37. Certo na vida é crer em Deus.
38. (Rindo) O que é errado é não crer.
39. O sabido é aquele que tem a sabedoria dada por Deus.
40. Tolo... é quem não sabe nada.
41. É importante... vai comprar sua alimentação... É importante demais.
42. Como é que eu sou, né? Eu me vejo assim, como uma pessoa ótima. Já num digo boa, ótima. Eu tenho amigos, eu não maltrato os amigos, eu só faço amigos. Aquele que eu vejo que não é amigo, às vezes, meu, não digo nada, me afasto, não procuro encrenca. Eu me acho ótimo. Isso é muito bom, né? A gente consegue ser um pouquinho mais feliz quando a gente se acha gente boa.
43. Ele tratar os empregados direito, o empregado também parte dos dois, e ser honesto. Entender do serviço. Se ele não sabe fazer, ele não sabe mandar. Porque se eu sou administrador e o patrão diz — vamos podar essa roça, se eu não sei podar, quem está fazendo eu não sei se está fazendo certo ou errado. E a honestidade em primeiro lugar.
44. Cumprir com seus horário certinho, saber fazer o serviço, esse que é o trabalho rural.
- 45.
46. Ouço.
47. Daqui da região? Eu gosto da Rádio Globo, daqui de Itabuna eu ouço muito A Jornal. Gosto mais de notícia, tanto que eu não ouço muito FM. FM é mais música. Eu gosto mais de notícia.
48. Muito.
49. Jornal Nacional, o Jornal do SBT e algumas novelas.

50. É que a clonagem agora tá tendo resultado... aqui mesmo tem um pedacinho clonado, tá produzindo bem. Não cortar árvore quando clonar. Deixar crescer bastante pra poder cortar.
51. Muitos trabalhador não entende, pra fazer uma cooperativa, eu mesmo não sei nem como... e dinheiro.
52. Melhor, melhor demais. Eu ganhei muito dinheiro com empreita. Trabalha mais, né, mas o lucro é mais.

APÊNDICE D1 – Entrevista 28

1. Adelson Pereira da Silva
2. 63 anos
3. Casado
4. Jovelino Pereira da Silva
5. Gildecina Alves da Silva
6. Itabuna, Mutuns
7. Ilhéus.
8. Já morei em Sergipe, meus pais são de lá, já morei... Ibirapitanga... Ipiaú... Jequié, depois vim praqui pra Itabuna.
9. Doze.
10. Só trabalha eu com cacau.
11. A situação tava ruim, melhorou um pouco, mas agora tornou fracassar um pouco novamente. Ela teve até boa, há 2 anos atrás, agora esse ano fracassou mais, e a vassoura também aumentou mais... esse fim de ano aumentou.
- 12.
13. Bom, essa região pra mim ela é rica. É a região melhor que tem é a região do cacau. Porque não tem outra igual ao cacau, nunca existiu, nunca existiu... pobre mais por causa da crise da vassoura; eu acredito que é por causa da crise, da vassoura. O fazendeiro que ganhava uma quantidade de cacau grande, diminuiu.

14. Eu acredito que seja da gente, né? Porque a gente deve escolher qual é o que vota.
- 15.
16. O burareiro pequeno ele deve morar mais na roça, porque justamente ele tem mais condições de zelar aquela área.
17. Bom, hoje em dia a maior parte está morando no comércio. Mas sendo que morar na roça é melhor para o trabalhador rural. Porque os fazendeiro poucos tá querendo pra manter direto assim na fazenda. Pega assim, depois solta. Aí o cara morando na cidade é melhor.
18. Ônibus.
19. Não, eu nunca ouvi dizer isso não.
20. Já, acredito.
21. Acaba, acaba.
22. Influi. A lua nova, a lua de plantar qualquer verdura, e cacau na lua nova fica bom, e podar a roça, quanto mais na lua nova mais os pé carrega. Podando o pé de cacau na lua nova ele carrega bastante.
23. Valentia eu acho que deve ser ignorância (riu muito).
24. Homem direito é o homem que cuida nas suas obrigação certo. Pega em nada de ninguém, não procura encrenca, trabalha direito, não panha nada de ninguém. Isso pra mim que é um homem direito.
25. A mulher direita é a mulher que cumpre com as suas obrigação, manhece o dia, cuida na sua casa, na sua cozinha, beirando dentro de casa, pra mim essa que é a mulher direita.
26. Eu acho que tá melhor um pouquinho, porque antigamente quase os fazendeiro não pagava salário aos trabalhador rural, bem poucos, aí acho que agora tá melhor.
27. Eu mesmo acredito que quase não adianta. Eu mesmo sou trabalhador rural, trabalho desde novo, nunca mexi com negócio de sindicato não.
28. Ajuda, é bom.
29. Não tenho nada pra fazer, tô em casa ou ligando a televisão, deitar num canto e assistir. Tem nada pra fazer. Eu não bebo, não gosto de futebol, não gosto dessas coisa. Aí fico em casa mesmo.

30. Minha mulher sempre vive cuidando dos 2 filhos, tenho 2 filhos com ela. De vez em quando que ela vai na casa de um parente, mas vive mais em casa. Do rio pra casa. O rio daqui. Ela gosta muito do rio, de perto de casa.
31. Filho... eles tão pequeno ainda, porque essa mulher que eu tenho é a segunda mulher. Com a primeira mulher já tá tudo grande.
32. É, escola é. Porque ajuda a criança ter mais inteligência, a criança se cria sabida. Hoje, se o cara não souber ler não arranja nada. Hoje tá bem fácil, o negócio melhorou, resenha ao estudo, melhorou bastante.
33. Acredito
34. Não. Já estive na igreja Batista, mas desviei, mas acredito bem no Evangelho.
35. Rezo.
36. Se existe eu nunca vi. Muitas pessoa já viu assombração, agora eu mesmo nunca vi. Pra mim nunca apareceu, não sei se é porque eu não tenho medo.
37. O que é certo na vida pra mim é trabalhar, obedecer a Deus, quem é crente ir na igreja dia de domingo é bom.
38. Amanhecer o dia, ir pra porta de venda, tomar cachaça, procurar briga.
39. É aquele que trabalha e cuida das obrigação certa, e não é de cachaça, não é de briga. Sabe aproveitar seu dinheirinho, pega, faz sua feira certinha, pra comer em casa durante a semana com seus filho. Pra mim esse é que é o sabido (risada).
40. Quem é tolo é aquele que não sabe fazer nada.
41. É (sem muita convicção). Só pela compra mesmo. É mais barato.
42. Aí eu não sei responder essa pergunta. Como eu vejo é assim, trabalhando... o que ganha num mês, aqui mesmo nós gasta. Espera na próxima receber outra de novo.
43. O bom administrador de roça é aquele que amanhece o dia com a sua obrigação. Quando amanhecer o dia de segunda-feira ele já tem na idéia aquilo que aquele pessoal vai fazer. Você vai fazer isso, fulano vai fazer isso e corrigir o serviço pra vê se tá certo.
44. É o que chega 7 horas no serviço, o serviço que vai fazer é esse, ele pega mesmo, não dá direito a ninguém reclamar ele, faz o serviço direito, durante a jornada não pára toda hora, cumprir com a jornada certa, esse é que é o bom trabalhador.
- 45.
46. Ouço.

47. Eu só gosto mais, assim, de manhã; violeiro eu gosto.
48. Assisto, pouco.
49. Televisão só assisto jornal. Não gosto de novela.
50. A clonagem tá assim boa. Tem fazenda que tá dando resultado, se fazer e cumprir com o técnico. Porque a clonagem tem... se clonar com uma semente (seria haste a palavra) boa, material bom, acontece que dá mesmo. [...] Bem zeladinho dá resultado.
51. Dava.
52. Quem dava empreitada era bom para o trabalhador. Dava pra ganhar mais dinheiro, mas quanto à diária agora tá melhor.

APÊNDICE B – ROTEIRO BÁSICO PARA AS ENTREVISTAS

1. Nome
2. Idade
3. Estado Civil
4. Nome do pai
5. Nome da mãe
6. Cidade onde nasceu
7. Cidade onde mora
8. Cidades onde já morou
9. Número de irmãos
10. O que fazem?
Quantos trabalham com cacau?
11. Situação do cacau hoje.
Situação do cacau antes.
12. Tipos que trabalham com o cacau.
13. Pobre região rica, foi chamada a nossa região. Por que você diria que ela é, ao mesmo tempo, pobre e rica?
14. Há quem afirme que não temos representantes de nossa região entre deputados e senadores. A culpa é do político ou é nossa, dos eleitores? Por quê?

15. Plantio da roça do início, você pegou ou conhece quem o tenha feito?
16. O burareiro, mora na roça ou na cidade?
17. E o trabalhador, mora na roça ou na cidade?
18. Transporte para ir à cidade, quais os que você utiliza?
19. Cacau colhido na sexta-feira dá azar?
20. Jupará planta cacau, pelo fato de comer o fruto e, ao fazer suas necessidades fisiológicas, acabar plantando?
21. Surra de pau, no feto, 3 sextas-feiras seguidas, acaba com ele?
22. Lua influi no plantio? Qual é a boa?
23. O que é valentia?
24. O que é um homem direito?
25. E uma mulher direita?
26. Como eram o trabalho e o salário – antes e hoje?
27. Como você considera o sindicato?
28. E a cooperativa?
29. Como você gosta de se distrair?
30. Descrição da mulher/do marido.
31. E seus filhos?
32. Escola é importante?
33. E Deus em sua vida?
34. Você tem religião?
35. Você reza?
36. Assombração existe?
37. O que é certo?
38. E o que é errado?
39. Quem é sabido?
40. Quem é tolo?
41. Feira é bom? Ajuda na convivência, é uma possibilidade de encontro com amigos?
42. Descreva você mesmo.
43. Quais as qualidades do bom administrador?
44. E quais as qualidades do bom trabalhador?
45. Quais as qualidades que deveria ter o seu administrador, se você vir a ter uma roça?
46. Você ouve rádio?

47. Quais os programas de rádio de que você mais gosta?
48. E TV? Você assiste?
49. Que programas de TV?
50. O que você acha da clonagem?
51. Como o trabalhador rural poderia aumentar sua renda com o turismo? Que produtos derivados do cacau ele poderia vender?
52. O que você acha do trabalho por empreitada?

ENTREVISTAS COM TRABALHADORES RURAIS QUE NÃO ESTAVAM TRABALHANDO COM A LAVOURA DO CACAU NESTE PERÍODO

APÊNDICE E1 – Entrevista 29

1. José Gonçalves Ribeiro Neto, Miro.
2. 41 anos.
3. Casado, com 2 filhos.
4. Pai, João Gonçalves Ribeiro.
5. Mãe, Maria Caetana da Cruz.
6. Nasci em Mararú.
7. Moro em Ilhéus, há 6 anos.
8. Morei em Ubatã, Travessão, Coaraci, Itabuna.
9. Já trabalhei com cacau. Desde 8 anos de idade.
10. Situação do cacau antes era bastante cacau, tinha bastante cacau nessa região, mas hoje... veio a vassoura de bruxa e destruiu com tudo, né? Mas, graças a Deus, agora, está voltando cacau na região, por causa da clonagem, ta voltando, mas não ta 100% ainda, no máximo uns 50, 60%.
11. Ligado a cacau só faço uns chaveirinhos de madeira com entalhozinho.
 - Não fez outros objetos ligados ao cacau, com o tema cacau?
 - Outro tipo de chaveirinho?

— Não, não.

— Outras coisas que representassem cacau?

— Não, não.

— O tempo todo você trabalhou com isso?

— Foi.

— É o desenho do cacau inteiro ou é o cacau aberto no meio?

— Desenho do cacau inteiro.

— Como foi que você aprendeu a fazer esse chaveirinho, Sr. José?

— Rapaz, eu aprendi através do meu irmão, que meu irmão é um grande artesão aqui mesmo, dentro de Ilhéus, ele viveu muito aqui.

— Não mora mais aqui?

— Não mora mais aqui não, mora em Salvador, Praia do Forte. Mas eu aprendi com ele e graças a Deus estou vivendo até hoje com esse tipo de arte. Quero prosseguir mais ainda, né, pra frente.

— E seu irmão aprendeu com quem, você sabe, você tem idéia?

— Rapaz, ele aprendeu com um rapaz lá em Salvador, que chama o nome dele é Maicon. Ele aprendeu com ele, com aqueles taco de piso de casa. Entalhe com aquilo. Ele foi passando pra nós, eu aprendi, meu cunhado aprendeu. Graças a Deus.

— Você tem parentes sergipanos, ou índios, ou negros, que eu estou querendo ver essa mistura de raças e a influência no que você faz.

— Sergipano, não. Agora, mistura de índio nós somos porque minha mãe era cabocla, meus avós , meu avô paterno era tudo caboco,né? Minha mãe era cabocada.

— Teve alguma coisa que eles passaram pra vocês de mais artístico, de comida ligada a cacau?

— Não. Tem D. Alaíde, no final aqui, que ela faz esse tipo de coisa.

— Quem mais você conhece que trabalha com o tema do cacau? Fazendo escultura, pintura, entalhe?

— Conheço só... Ronaldo, que mora no Salobrinho, Sr. Elias, que mora em Olivença, atrás da Igreja.

— O que é que você sente quando você produz o seu chaveirinho de cacau? Você gosta, você tem prazer nisso?

- Tenho, tenho, gosto bastante, que é uma arte mesmo, maravilhosa, que é o cacau, que é regional mesmo, então eu me sinto alegre!
- O fato de ser regional pra você tem importância?
- Tem, tem, tem, coisa nativa é importante pra nós.
- Como é que você vê, em termos de mercado de trabalho, pra você colocar seu chaveirinho de cacau? É fácil colocar, vende bem?
- Rapaz, vende, vende. As coisas regionais, as coisas nativa, vende bem.
- O turista se interessa?
- Todas artes de cacau, interessa, tem mais saída, por ser daqui.
- Você acha que se vocês se reunissem, se vocês formassem uma cooperativa, Sr. José, ajudaria em alguma coisa, vocês ganhariam um pouco mais de dinheiro?
- Ajudaria, porque chama mais a atenção. Uma cooperativa é bom porque o trabalho é transportado para fora, então isso aí eu creio que sim, que chama mais atenção e a gente vai ter uma renda maior de que vender como nós vende.
- Dá pra viver com sua arte ou você faz outras coisas na época do paradeiro do cacau?
- Não, só faço isso. Dá pra viver. Dá. Passa a dificuldade que todo mundo passa, mas dá pra viver tranquilamente.
- Você falou que o fato de ser regional... você tem consciência de que você está divulgando sua cultura, fazendo seu cacauzinho, seu chaveiro? Que você está mostrando às pessoas de fora que você mora nessa terra, que essa terra tem um produto importante?
- Tenho... tenho consciência limpa bastante porque tudo o que nós produz é coisa da terra, mesmo, são coisas maravilhosas da terra, então, eu me sinto alegre, porque nós tamo fazendo a representação da nossa terra mesmo.
- Obrigada, sr. José.

1. Raimunita Cabral de Souza.
2. Casada
3. 6 filhos.
4. Pai, Raimundo Alves Cabral.
5. Mãe, Iria Nascimento de Jesus.
6. Nasceu em Itabuna.
7. Mora em Ilhéus.
8. Morou em Camacan e Salvador
9. 8 irmãos
10. Faz licores, mel de cacau, geléia, chocolate.

— Como consegue o cacau?

— O cacau eu compro a arroba, a semente. Já compro seco, ali eu vou torrar ele, vou selecionar, tirar o que está estragado, torrar, vou descascar, e colocar de infusão na cachaça por 45 dias. Aí é que sai o processo do licor de cacau.

— Inclusive você faz uns chocolates finos com cupuaçu, com pimenta.

— Faço a cocada com coco e amêndoa do cacau. Trituro ela no liquidificador e joga dentro do coco, pra dar o ponto de cocada. Aí chama cocada de cacau. Eu faço os tabletezinho também com o pó do chocolate, e os bombons finos, o recheio de cupuaçu, de pimenta com flocos e gotas de licores. Por enquanto o que eu trabalho é só isso. Tô querendo aumentar, fazer com sabor de jaca e com outras frutas que me interessa.

— Como você aprendeu a fazer isso, inclusive coisas que não são habituais?

— Veja bem, o chocolate com pimenta foi uma coisa de curiosidade da novela. Assim que a novela começou a lançar o bombom de chocolate, o cliente começou a procurar. Aí eu me interessei e comecei a fazer. E aí foi sucesso, hoje é fazendo e vendendo.

— Você faz uma espécie de geléia de pimenta para botar no chocolate?

— Não. A pimenta sempre eu misturo ou com cupuaçu para ficar só recheio no meio ou então cozinho algumas pimentas malagueta, de cheiro, tiro todas as sementes, tem o processo de você triturar e jogar dentro do chocolate. Aí ele ficar assim com aquele ardor, mas um ardor suave, suportável, que dá pra pessoa comer. E o chocolate sendo doce, tira um pouco do ardor, então fica um ardor que todo mundo come, não reclama. Criança também come.

— Você aprendeu isso com quem Nita?

- Eu não aprendi com ninguém, porque eu já faço ovo de páscoa há muito tempo, e aí o processo é a mesma coisa: levar em banho-maria, derreter, dar o choque térmico.
- E o licor?
- O licor simplesmente é uma curiosidade, você vai testando e você vê sempre reportagem numa revista, você lê, e você vai testando, aí vai dando certo. Mas ninguém nunca me ensinou.
- Sua avó, uma tia, uma mulher mais velha?
- Não. Sempre tem alguém, assim, que comenta. Tem receita que eu não conseguia fazer, teve uma senhora que passou aqui que me deu uma receita de vinho com maracujá que dá certo. Aí ela me uma receitazinha e eu fiz... Depois eu criei vinho com limão. Aí ficou o licor azedinho. Agora o licor de cacau não tem ciência não, porque isso vem do tempo de nossos avós. Só colocar a amêndoa de infusão na cachaça, e deixar 45 dias. Fazer a calda, filtrar e o licor tá pronto.
- No tempo dos avós da gente já tinha isso?
- Já. Muita gente já fazia muitos licores. Todo tipo de fruta; querendo você faz, a beribéri, carambola, banana, jaca.
- Percebe que os turistas que vêm visitar a sua lojinha, eles se interessam mais pelos produtos da região?
- Da região. Principalmente licor de cacau, licor de chocolate, e procura muito o fruto do cacau. Como nós tamo com dificuldade de encontrar, é difícil eu ter aqui na loja. Eles procura demais pra conhecer a amêndoa, a semente. Nós explicamos que aproveitamos tudo do cacau, só joga fora a casca que serve como adubo. Não é? Até a imbira do cacau eu faço um doce cristalizado.
- É mesmo?
- Eu tenho aqui, olhe, da imbira, pode pegar uma. É da imbira do cacau, tem um processo de cozimento, você escorre numa peneira, depois bota pra secar. Não desperdiça nada.
- Gostoso mesmo, nunca vi aproveitar a imbira.
- Eu fico doidinha catando, mas tá difícil a gente comprar.
- Você percebe que você é uma pessoa que ajuda a divulgar essa cultura nossa, do Sul da Bahia, a cultura do cacau, esse povo da gente, o jeito da gente, com seus produtos ligados ao cacau? Você tem essa consciência?

- Sim, porque desde quando você tá usando o produto, que você está adquirindo cliente para o seu produto, eu acho que isso é um crescimento, que desde quando você se dedica, como eu me dedico, pra fazer a minha mercadoria, eu me sinto assim satisfeita da pessoa chegar aqui e dizer “que licor maravilhoso”; aí vem outro, vem mais outro e diz “aquele licor é dez, é o melhor licor do mercado”. Então eu acho que a gente tá divulgando a nossa cultura pelo produto, apesar que está escasso, o cacau com a vassoura de bruxa que tá aí afetando todas as fazenda.
- Você acha que já esteve pior? O cacau?
- Já, já esteve pior. Agora tá melhorando. Agora com a clonagem ajudou muito os fazendeiro, porque a vassoura de bruxa deixou todos os fazendeiro aí pendurado com o Banco do Brasil.
- Você conhece outras pessoas que na época do paradeiro do cacau trabalham com o que é ligado ao cacau?
- Conheço, tem uma amiga minha que mora em Itabuna. Ela faz esse cacauzinho com argila. Ela é uma pessoa carente, pobre, e se sustenta com isso aqui, ela que faz. Ela faz tudo, faz o jenipapo, o cacau, o maracujá, coco, de argila.
- Da semente do cacau se faz várias coisas, é só querer. Eu faço pingas com o sabor do cacau. Aqui é a cachaça com a semente torrada do cacau, caninha do cacau. E tem com o mel do cacau também.
- Você compra essas garrafas onde?
- Em vários lugares, tem pessoas que me trazem na porta, e outras eu corro atrás. Essa é da Skol, a garrafa, ela é toda redondinha.
- Você tem parentes índios, sergipanos?
- Minha madrasta é sergipana.
- Tem alguma coisa que ela faz que você adaptou, mudou, aos produtos do cacau?
- Não.
- Como é que você vê o futuro desse tipo de comércio, ligado ao turismo, à divulgação da cultura? Porque a gente está passando o jeito da gente com esses produtos. Você acha que tem futuro? Que o turismo tende a crescer em Ilhéus?
- Vai depender, né, dos órgãos aí, investir mais, que na cidade nosso prefeito não investe. Quando chega a época de movimento a cidade lota, mas quando chega a noite não tem nada pra fazer. Então o turista não vem só pra querer descansar, ele vem também para gastar, ele quer vida noturna, quer se distrair, quer uma boate

decente, né, quer uma seresta decente, aqui em Ilhéus não tem, não tem nada pra oferecer. Então, se os homens aí se interessar e fazer pela cidade eu acho que a tendência é crescer o turismo em Ilhéus. Porque eu acho que aqui dentro do mercado, ninguém tem a reclamar, porque todo mundo aqui dentro quando chega a época do movimento, julho, dezembro, janeiro e fevereiro é muito bom. Eu mesma não tenho o que me queixar, porque eu trabalho dobrado e eu vendo meu produto muito bem.

— O que você mais vende?

— O mascote é o licor de chocolate e cacau. O licor em primeiro lugar, tem pinga também com caranguejo, tá vendo?

— Você tira o fundo para por o caranguejo na garrafa?

— Não, em cima ali, corta, e aí você cozinha o caranguejo. O pessoal compra muito pra beber e pra enfeitar. Eu acho que minha cidade tem tudo para ser uma cidade turística.

— Em que sentido? Por que você acha que ela tem tudo para isso?

— Veja bem. Umás praias maravilhosas que minha cidade tem, lindíssimas. E não tem nada; você chega nessa Avenida Soares Lopes aí essa cidade que só tem o quê, só tem aquele bostódromo, fedorento. Devia ter umas cabanas decente, né, pra um final de tarde sentar ali, ouvir uma musicazinha decente, não tem. A catedral ali no coração da cidade, né? Ilhéus tem história, Jorge Amado, a casa dele. Só depende dos homens.

— Você tem quem lhe ajude em casa?

— Tenho quem me ajude. Eu preciso de uma pessoa, primeiro para lavar garrafa, esterilizar.

— Esse licor aí, amarula, Nita?

— É de chocolate também. Leva vários ingredientes, castanha, leite condensado, creme de leite.

— Você vende por quanto?

— 25, 12, 50. Depende do tamanho.

— Amarula, menina, ó que sofisticada Nita tá ficando.

— Tem que ser. Se o cliente procura uma determinada coisa, uma mercadoria. Eu peguei a receita na Internet, só não consegui a fruta.

— Tem coisa que aprendeu com seus antepassados e tem coisas que você aprendeu com a internet? Você é uma mulher que está em dois mundos – o antigo...

- E o atual. Agora já vou fazer o chocolate com jaca, que é da nossa região.
- Quer dizer que você pega a garrafa, esteriliza, compra o enfeite, você faz o produto, enfeita com linha, cordão, você acha, que você trabalha muito, Nita?
- Trabalho.
- Quantas horas mais ou menos por dia?
- Umás mais de 8 horas. Eu também tenho um período que eu não faço tanto, como agora. Maio, junho, eu já não faço nada porque eu já tenho mercadoria até julho. Eu descanso até julho. Eu fico em casa. Só venho aqui, vender. Fico em casa. Eu gosto muito de fazer a minha produção porque eu sei o que estou vendendo. Eu quero uma aparência bonita e quero que o cliente retorne.
- Cachaça, você usa uma cachaça boa?
- Vodka. Cachaça eu não confio, não conheço. Com a vodka fica um licor mais suave. Eu trabalho um bocado e também ajudo minha família.
- E esse chocolate erótico, quem faz?
- Também sou eu. Isso aí também foi uma cliente que me incentivou. O Chocolate Caseiro faz, lá esse aqui é 25; aqui é 15, o Cacau do Nacib, tem o Peitinho da Gabriela. Aí ela fez com que eu criasse.
- Como você conseguiu a fôrma do chocolate erótico?
- A fôrma eu comprei na Festa em Si (FESTECI?). Eu fui comprar umas fôrmas de ovo de páscoa, lá encontrei, me interessei e aí comecei fazer e tem saída. Eles são feitos com chocolate de barra, e são recheados com leite condensado e também com cupuaçu. No meio eu coloco o recheio. Teve até uma moça que esteve aqui querendo que eu colocasse uma página na Internet, para divulgar o meu produto lá fora. Ela disse: você só vai pagar quando estiver saindo, 10 reais por mês pela manutenção. Eu disse: ah, eu me interesso. Porque ela disse – eu vou jogar na internet, o pessoal vai procurar, vai achar seus produtos e você vai crescer. Tem muitas pessoas que sabe fazer as coisas, mas não se dedica, quer somente fazer, vender o produto... eu não, eu me dedico, eu procuro sempre estar renovando, mudando.
- Você já ensinou sua arte a alguém, filho, irmão?
- Não. Só uma menina que trabalha comigo que ela vê como eu faço, mas detalhes, ela não sabe. Eu sou super organizada: se eu for fazer determinado licor, eu me organizo, eu trabalho cada dia em cima daquele tipo de licor. Não misturo serviço, não. Aí dou uma descansadinha, no outro dia já programo outra coisa.

APÊNDICE G1 – Entrevista 31

11. Antônio Carlos Cruz Oliveira.

12. Casado

13. 1 filho

14. Pai, Joel Sales Oliveira

15. Mãe, Maria José Cruz

16. Nasceu em Ilhéus

17. Sempre morou em Ilhéus

— Tem experiência com cacau?

— Um sítio, cacau pouco. Seca no plástico. Trabalho com o pó da torta do cacau. Faço tabletes. Já pensei em botar um pequena indústria, com mais 2 sócios, Napoleão e Marion, mas o lucro não era suficiente para os 3. Não era caro para colocar as máquinas, mas o lucro não compensava. Não deu. Eu fiz a experiência.

— Hoje, você faz que quantidade na alta estação?

— Na alta estação faço uma base de 120 a 140 pacote desse (ele entrega por 2 reais o pacote) por semana, quando tem turista. Agora, eu fiz 60 pacotes e ainda sobrou esses.

— Quem lhe ensinou a fazer isso?

— Foi a esposa de um amigo meu que teve a idéia. Que dosou essa quantidade. Aí o esposo me convidou para fazer o chocolate. Eu comecei com ele. Hoje eu me viro sozinho. O ponto eu sei dar. Na boa estação tem uns 40 que faz tablete aqui em Ilhéus.

— E os bombons, dão mais lucro?

— Me parece que só tem uma pessoa que faz aqui porque ela tem experiência e sabe fazer, que é Nita.

— Você sabe quanto ganha, 10, 20, 50%?

- Se eu fosse viver com esse chocolate pra pagar colégio de meus meninos, pra fazer minhas compras diárias, pras refeições, eu já tinha parado há muito tempo. Como eu tenho muitas ajudas, minha esposa aqui, que cursou a Universidade de Santa Cruz, logo no início, tem curso superior... Ela ajuda e é ajuda maior do que a minha (ela e uma outra estavam fazendo salgadinhos para um aniversário, de encomenda). A ajuda maior é a dela. Por sinal, ainda tenho um carrinho pra trabalhar, pra vender chocolate, foi através dela, foi uma herança que ela recebeu do avô, tem 20 anos, o Fusca.
- Você ensina a fazer o tabletinho?
- Eu ensino. A moça do Rio ou SP chegou aqui pra aprender a dar o ponto. Quem quer eu ensino. O chocolate do Iguape é muito bom, mas custa 80 reais o quilo. E não pode ser menos. Ele é feito com a amêndoa, não dá pra embalar assim, porque dá muito mais trabalho que esse. Torra, descasca, a amêndoa fica mais gostoso que esse, dissolve na boca. A banha de cacau contida na amêndoa não sai toda, não dá pra espremer. Eu trabalhei em um laboratório na Cargill, fazia esse tipo de análise, a gordura, a banha do cacau mesmo a gente não fazia nem um processo de medir a gordura, porque é 100% mesmo; a amêndoa tem 100%. Mesmo que ela perca na coloria uns 20%, ainda fica com 80. Com 5, 6 dias tá mofado, embolora, com essa gordura toda. Já esse guenta 30, 40 dias, porque é feito com o pó natural. Aí fica mais sequinho. Passa na prensa e tira a gordura.
- E se faz alguma coisa com essa gordura?
- A gordura vende e é muito cara. A torta é o pó, a gordura é a banha do cacau, a manteiga do cacau. Ela é extraída do cacau bruto, que é o líquido, que ele entra líquido na prensa e extrai toda a gordura. Aí fica a banha. A manteiga é mais pra exportação.
- Faz o que com a manteiga?
- Agora, você acredita que eu não sei, se é chocolate branco; eu sei que a Garoto deve comprar pra Vitória. Até eu vi ontem, no Jornal Nacional, que tão vendendo a Garoto. É um grupo até que Roberto Carlos faz parte, tem ações.
- Você tem parentes sergipanos, índios, que ajudaram a fazer o tablete?
- Não.
- Você sente que os turistas se interessam pelas coisas ligadas ao cacau?

- Não é só cacau não, é aquela cocada branca que é muito boa, até as que vende em Olivença, o atum (bala de banana), todos. Todos os produtos fabricados caseiros os turistas gostam muito. Com certeza.
- E ajudam a divulgar Ilhéus, o cacau?
- Com certeza ajuda. Porque o pessoal procura logo os canto que tem novidade, fabricação caseira, porque eles sabe que não tem essa química, aquela dosagem toda pra fazer mal ao estômago, dar espinha. Um chocolate desse aqui um menino come, não tem diarreia, não tem espinha. Não provoca reações na pessoa alérgica. No tempo de Napoleão e Marion trabalhava com a gente umas 4 ou 5 pessoas, mas eu me preocupava com o dinheirinho delas. E não é só o salário. A firma que a gente implantou é com esse rótulo aqui. Custa um dinheirão. Hoje eu tiro na xerox, pinto com lápis, fica feinho, mas o que é bom é o produto.
- Se houvesse uma cooperativa, vocês conseguiam ganhar mais dinheiro?
- Olhe, eu mesmo sou filho de Ilhéus, cooperativa é um negócio muito bom, ensina muita gente que está desempregado a criar uma maneira de viver. Só que aqui em Ilhéus é difícil ir pra frente. Já foi criada de leite, SAVIEM, lá no Iguape, foi formada uma aqui, agora, no Santo Antônio, mas o povo da cooperativa quer fazer pose, comprar carro novo. O negócio é botar gente que pense em andar. Uns trabalha, outros fica de braço cruzado, e muita exigência [...] Uma cooperativa talvez tenha até mais crédito, né?
- Quanto custa este pacote com os tabletes?
- O pacotezinho eu entrego a 60 centavos e o pacote maior a 2 reais.
Nita está fazendo a Gabriela e o Nacib. Ela cria as coisas. Vendeu tudo e os negócios dela é tudo direito, tudo decente. Porque ela faz tudo bom. Ela compra meu chocolatezinho desde o tempo que era na chuva, lá, na Praça Dom Eduardo e no Porto da Lancha, ali, vizinho ao Ilhéus Hotel. Mas o produto nosso a gente tem que cuidar direitinho pra não desaparecer, o cacau [...] Já melhorou bastante.
- Ô Antônio Carlos, você faz o tablete também com amendoim e com coco? Quem inventou isso?
- O invento foi desde o início, com os sócios, com o item coco o ponto sai até melhor, facilita o ponto. O amendoim também. A gente fez por experiência mesmo, mas o que sai mais é o natural. A castanha também fica boa. Mas só serve a que vem de fora, assada em forno elétrico. Essa nossa caseira não fica torrada e

termina não quebrando direito no moinho e dificulta até no cortar, porque tem de cortar mole. A castanha boa é a que vende em frente ao Banco do Brasil.

APÊNDICE H1 – Entrevista 32

1. Elias Souza Santana
 2. 59 anos
 3. Ipiáu
 4. Casado
 5. 5 filhos
 6. Pai, Durval Bispo de Souza
 7. Mãe, Júlia Augustinha de Santana
 8. Morou em Itapitanga, Itabuna
- Já trabalhou com cacau?
- Já trabalhei em fazenda.
- Quem lhe ensinou a fazer todos esses objetos?
- Eu antes já sabia fazer artesanato com gesso, mas é muito devagar. Um dia eu vi um garoto vendendo na feira, um cacau, há 25 anos atrás. Então perguntei e ele disse que era uma mistura de barro com cimento. Quando eu cheguei em casa o barro com cimento não deu. Aí eu fiz o teste só do barro puro. Deu certo.
- O senhor não chegou a ver ninguém fazendo a primeira vez?
- Ninguém. Aí eu peguei... fui melhorando, melhorando, e o resultado foi o barro puro mesmo, com cimento poça (estoura, arrebeta). A gente faz com o barro. Depois queima, queima no forno.
- Quebra muito, ao ir ao forno?
- Não senhora. Ele só quebra alguma 1 ou 2 peças quando o fogo tá muito forte, tem que dar um esquentado leve, pra depois se chegar à temperatura boa.
- Esse forno é de lenha?

- É lenha. É aqui mesmo. A gente chama fundo de quintal, porque é no fundo do quintal.
- E essa pintura que o senhor faz assim vitrificada? Como é que o senhor consegue?
- Dá o amarelo, o vermelho, dá o verniz. A gente usa a tinta esmalte sintético, é tinta muito boa.
- Vai ao forno já pintado ou sem pintar?
- Sem pintar. Primeiramente a gente leva ao sol pra secar, pra depois queimar. Aí depois que vem com pintura.
- O senhor não teve um professor, apenas viu o garoto e perguntou?
- Não tive. Perguntei... Não sei se alguém que mandou ele vender mandou que ele falasse que era de barro com cimento pra ninguém aprender. Não sei se foi isso. Só quem queima aqui sou eu.
- Aí é madeira?
- É barro. Parece madeira, né?
- Como é que o senhor faz essas ranhuras, parecendo madeira?
- Isso a gente faz com uns fiapinhos de vassoura.
- Quantas peças diferentes o senhor faz?
- Em torno de umas 30 peças diferentes.
- Tudo ligado a cacau?
- Tudo cacau.
- Lembra ao senhor seu tempo de trabalhador rural, de jovem?
- É, há 25 anos atrás, quando eu comecei.
- O senhor tem consciência de que o senhor está ajudando a divulgar sua cultura, a cultura do sul da Bahia, ligada ao cacau?
- Com certeza, que ainda é muito vendido quando chega o turista.
- O senhor vende em Itabuna também?
- Não, só vendo em Ilhéus. Uma ocasião fui a Porto Seguro, mas fiquei mais aqui, por perto.
- O senhor teve algum parente antes do senhor que gostava de arte? Escultura, pintura, entalhe?
- Teve um irmão meu, hoje em São Paulo que vendo eu trabalhar aprendeu também.

- O senhor já está passando sua arte, mas ninguém passou para o senhor na família.
- Ninguém passou. Meus filhos já tá fazendo algumas coisa. Já faz alguma coisinha.
- Se tivesse um centrozinho de artesanato vocês ganhavam mais dinheiro, você acha?
- Ganhava. Já chegamo a ter uma feirinha, funcionava ali na praia dos Milagres, depois veio pra pracinha, depois terminou. Nós vendia bastante mesmo. Na praça teve a Ilheustur, mas depois não foi à frente.
- E uma cooperativa, se tivesse em Ilhéus uma cooperativa do artesão, que não tivesse ninguém ganhando dinheiro em cima de ninguém, todo mundo dividindo as despesas e tirando seu lucro? Aumentava a renda?
- Ajudava. Aumenta. Esse material aí tá todo vendido.
- O senhor tem idéia de quanto o senhor gasta de material? Onde o senhor compra essa parte de metal do chaveiro?
- Esse material tá vindo de Belo Horizonte; eu tomo conta de uma casa de um turista, ele então, mora lá, compra e manda pra mim, compra 2, 3 mil.
- Quanto você vende um chaveirinho desses?
- O chaveirinho eu tô vendendo a 40 centavos. Lá eles passa a 1 real, né, mas é assim mesmo, eles tem o trabalho de vendê. (Ele bateu o cacau do chaveiro várias vezes na madeira e não quebrou). Queimadinho, né? Essa parte aqui é Durepox (onde põe a parte de metal); se for barro quebra.
- O senhor faz a conta de quanto gasta, seu Elias?
- Nunca fiz a conta não, a tinta a gente compra a lata grande, pinta várias coisa. Se é o barro, eu compro de Itajuípe. Tem um rapaz que me entrega. É só telefonar que ele traz assim uns 2 metros de barro. Dá uns 2 anos. Pega lá e tira a sujeira. E guarda.
- Como está o turismo em Olivença?
- O turismo tá um pouco devagar. Já foi melhor, não sei... a praia da Batuba não está pronta ainda, então turista foge pra outro canto.
- E a festa de São Sebastião, o senhor acha que já foi melhor?
- Já foi melhor, vai passando os tempo ela vai caindo. A cachaçada tem que ver como controlar. Até pra tirar o mastro lá no mato é muita cachaçada, é perigoso, já aconteceu de gente perder perna, já. Por causa da bebida.
- Esses saquinhos o senhor começou a fazer agora?

- Foi. Eu compro o tecido e minha filha faz os saquinho. Essas é semente de cacau de verdade. Só que as de baixo a gente completa com maravaia, pra não encher todo de cacau. Tem o porta-lápis, o facão, o saco de cacau, a base de madeira. Esse coco, a gente bota cola e pó de serra pra parecer a casca do coco. E parece mesmo.
- Essa idéia de botar pó de serra ficou genial.
- Genial. E tudo eu que criei e deu certo.
- Esses telefones públicos. Essa molinha?
- Essa mola é aqueles aramezinhos da Telebahia mesmo. Pego o fio e enrolo e vou cortando.
- Num lugar bem aproveitado o senhor ficava rico, seu Elias, muito interessante. Todo dia o senhor trabalha no artesanato?
- Todo dia eu trabalho, todo dia.
- Faz com prazer isso?
- Faço, porque eu gosto. Fico aqui até 11 hora da noite, vou assistir o Jornal e volto praqui. Eu gosto de trabalhar.
- O senhor também consegue fazer tudo isso porque o senhor vive na roça de cacau, não é, tem idéia da cor...
- Eu trabalhei bastante em roça de cacau, desde cedo.
- Embora o senhor faça umas 30 peças diferentes, quase que o senhor trabalha só com cacau, não é?
- É, sou apaixonado [...] olhe as folhas, os cacau, cada qual com sua cor. Por que eu conheço.
- Senhor Elias, eu lhe agradeço muito. Eu não encontrei ninguém que produzisse tantas peças de cacau como o senhor.

APÊNDICE

APÊNDICE A – RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

1. Walmir Alves de Oliveira (42 anos)

Data: 9 de setembro de 2003

FITA 1

2. Manoel Rosalvo dos Santos
Data: 30 de setembro de 2003
FITA 1
3. Florisval de Oliveira Freitas
Data: 30 de setembro de 2003
FITA 2
4. Leolino José de Souza
Data: 30 de setembro de 2003
FITA 3
5. Edmundo Alves dos Santos
Data: 8 de outubro de 2003
FITA 3
6. Silvan Ramos de Oliveira
Data: 8 de outubro de 2003
FITA 4
7. Elpídio José dos Santos Silva
Data: 24 de outubro de 2003
FITA 4
8. José Dória da Silva
Data: 24 de outubro de 2003
FITA 5
9. Paulo Conceição Pinho
Data: 24 de outubro de 2003
FITA 5 (2 fitas)
10. Martins Alves dos Santos

Data: 29 de outubro de 2003

FITA 6

11. Gilson Pereira Santos

Data: 29 de outubro de 2003

FITA 6

12. Miranei de Jesus Oliveira

Data: 29 de outubro de 2003

FITA 7

13. João Morais de Almeida

Data: 29 de outubro de 2003

FITA 7

14. Maria Anita dos Santos

Data: 8 de novembro de 2003

FITA 8

15. Nelci Pereira dos Santos

Data: 8 de novembro de 2003

FITA 8

16. José Raimundo dos Santos

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 8

17. Carlos José dos Santos

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 9

18. Raimundo de Jesus Medrado

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 9

19. Antônio Menezes

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 10

20. Raimundo Matos Costa

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 11

21. Derenilson de Jesus Santos

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 11

22. José Carlos de Jesus Medrado

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 12

23. Girlan Bispo Santos

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 12

24. Martinho dos Santos

Data: 11 de novembro de 2003

FITA 13

25. Antônio Carlos Oliveira Silva

Data: 10 de dezembro de 2003

Foto 10

FITA 14

26. Manoel Batista Cardoso

Data: 10 de dezembro de 2003

Foto 11

FITA 14

27. José Silva dos Santos (Sr. Zito)

Data: 10 de dezembro de 2003

Foto 12 (com o boné na mão)

FITA 15

28. Adelson Pereira (Sr. Dedé)

Data: 10 de dezembro de 2003

Foto 13

FITA 15

APÊNDICE A 1 – Entrevista 25

1. Antônio Carlos Oliveira Filho.
2. 41 anos
3. Casado.
4. Osvaldo Cardoso da Silva (ele tem filho no nome e não tem o nome do pai).
5. Maria da Glória de Oliveira.
6. Numa fazenda do distrito de Buerarema, Fazenda Paraíso, Ribeirão Grande.
7. Ilhéus.
8. Só Ferradas mesmo.
9. De pai e mãe são 3 irmãos comigo.
10. Não trabalham com cacau.
11. Eu acho difícil porque o preço tá baixo. Uma pessoa que tem uma fazenda com 5 trabalhador, 6, fica difícil até pra manter. A vassoura de bruxa tá demais. A gente não consegue controlar ela. Aí fica difícil se a pessoa não tiver, como é o caso de Jubal aqui, não tiver uma empresa, fica difícil manter a fazenda. Antigamente era melhor. Que não tinha a vassoura de bruxa, o camarada tinha uma fazenda de 10

hectares, dava pra viver. Todo mundo tinha seu carro, tinha seu gado... tinha animal. E hoje não dá pra fazer isso, conheço muitos, que tem fazenda pequena, que trabalha pros outros.

12.

13. Na região de São Paulo, a gente vê no Globo Rural, é mais fácil o pobre trabalhar... porque em São Paulo tem mais financiamento né, e na Bahia eu nunca eu vi dizer que tivesse... é por isso que ela é pobre. É rica porque os terreno daqui são bom, são bons. Se a pessoa tiver chuva, pronto, tem adubo, porque o adubo daqui é a chuva.

14. É da gente que não sabe votar. Porque muitas vez bota um político no poder, aí ele engana o povo, primeiros dois anos. Aí do segundo ano em diante ele não quer fazer mais nada. Aí o povo teima... quando é na próxima eleição ele engana o povo, o povo teima votar nele. Não quer trabalhar? Vambora tirar, vamo botar quem queira trabalhar.

15.

16. Mais na fazenda.

17. Eu moro na roça sozinho porque minha filha mais velha trabalha no comércio. Eu tenho uma tia que mora com a gente que o parente que ela tem só é eu. Minha esposa que toma conta. Ela tá já caducando e teve a aposentadoria e tem o emprego de minha filha se não não tinha como manter ela no colégio. Os outros, mais na cidade, uns fica na roça, outros vai todo dia.

18. Ônibus.

19. Não. Nunca ouvi falar isso.

20. Aí é, é verdade.

21. A taboa eu sei, agora o cacau não. Mata mesmo.

22. Tem. Pra mim, todo plantio que é bom é na lua nova. Sempre eu planto na lua nova.

23. Não sei (rindo muito). Isso aí eu tô fora. (Quando você vê um valente?) Eu acho ele maluco.

24. Pra mim um homem direito é tudo na vida de um homem. Porque... é tudo... menos o amor e outras coisas assim, mas... o camarada pobre... e vagabundo. Quem é que quer meia? Pobre já vive em outra parte e aí pronto, se for vagabundo. (Em que outra parte?) Em outra parte assim, porque o Brasil tem o racismo, o camarada foi pobre, não é em todo lugar que pode entrar, já viu... tem

- uma reunião de rico... o pobre não pode ir lá (risada) e aí se for vagabundo pior ainda.
25. Aí é que faz parte melhor na vida de um homem. Porque eu sou ciumento. Minha esposa, a gente sai, tudo bem, agora pra minha esposa ir beber com alguém no bar ou sair, tô fora desse negócio.
26. O trabalho hoje é mais difícil com a vassoura de bruxa, o que fazia em 10 dias hoje faz em 30.
27. Pra mim não. Pra mim nunca ajudou não. Pra outras pessoas vale a pena. Tem uns sindicalistas que não, ele puxa mais pro patrão, outros puxa mais pra o trabalhador rural. E ainda mais quem for associado. Se a pessoa se associar, pegar a carteirinha eles não quer nem saber.
28. Eu acho que era melhor porque todo mundo ganhava, sempre eu assisto o Globo Rural, sempre umas cooperativas que eles faz dá certo. Agora eu nunca vi cooperativa rural aqui na Bahia.
29. Eu gosto de praia, eu gosto de sair com a família, pra um aniversário, não sou bem chegado a ir pra bar beber.
30. Ela é muito rígida dentro de casa, com os filho. Se ela lavar, deixar tudo arrumadinho, moleque ir lá, sujar, botar na pia, não, tem que ir lá e lavar, deixar tudo limpinho. E, sei lá, ela é uma boa dona de casa, responsável.
31. Meus filhos são nota dez. São 3, uma mulher e 2 homens. [...] Todo mundo lá na rua gosta deles.
32. Acho, na vida de qualquer pessoa, porque a pessoa sem estudo não é nada na vida. Eu ainda penso em estudar.
33. Tem papel importante.
34. Sou católico.
35. Todo dia eu faço minhas orações, entrego a Deus, porque Deus ajuda muito.
36. Eu só acredito nas coisas que eu vejo. Eu nunca vi.
37. Honestidade, trabalhar, não enganar ninguém, não ser mentiroso.
38. É roubar os outros, dever aos outros e não pagar, beber demais, ser alcoólatra, pra mim não é certo, e várias coisas. Matar os outros também é errado, todo mundo precisa de viver.
39. Eu acho que só Deus (riu muito).
40. Tolo tem várias pessoa. Tem muita gente que se conforma com tudo na vida.

41. Acho. É os amigo, a convivência. Pra ir pra feira mesmo tá difícil, porque tá tudo caro.
42. Eu, eu sei lá, eu sou uma pessoa simples, humilde, eu me dou com todo mundo, no trabalho quero que as pessoas seja igual a mim, sei lá, eu não sei apertar ninguém. Eu quero assim, a gente viver igual a uma comunidade, todo mundo alegre, sem conversa, sem briga.
43. Manter o respeito, porque se eu não me respeito, eu não tenho como os outro me respeitar.
- 44.
45. Ele ser responsável. Porque tem gente que só trabalha pra ganhar dinheiro. Não é assim. É a pessoa cumprir com a obrigação, horário de serviço.
46. Ouço
47. Gosto mais de programa jornalista, show de calouro também eu gosto.
48. Assisto.
49. Globo Rural, Jornal Nacional, ao Faustão, Gugu e Raul Gil.
50. Ela dá certo. Deixa as 2, mas quando a clonagem já está produzindo, a gente vai rasgando ela, o pé de cacau. Clonar e cortar eu sou contra.
51. Dava certo.
- 52.** O salário é igual. O arrocho, pro trabalhador é sempre o mesmo. Hoje em dia, depois de medir a roça com topógrafo, nunca que dá lucro a empreitada. Eu não sei qual é a medição deles.

APÊNDICE Z – Entrevista 24

1. Martinho dos Santos.
2. 50 anos.
3. Não sou casado no papel, mas na minha mente sou casado.
4. Enedino Correa dos Santos
5. Maria Zulmira da Conceição.
6. Maragogipe.
7. Ilhéus.

- 8.
9. 11 comigo
10. Não trabalham com o cacau.
11. Não é muito boa, nem para o fazendeiro, nem para o trabalhador. Depois da vassoura de bruxa modificou muito, tirou os equilíbrio do fazendeiro e tirou também do trabalhador. O governo federal, o governo estadual e o governo municipal tinha que ter mais incentivo com o cacau, para que produzisse emprego para a região, porque o emprego está ficando escasso que nem em outras indústria. [...] O custo do cacau, hoje, pra trabalhar com a enxertia, é muito alto, e para o fazendeiro não dá pra segurar o povo nas fazenda, pra não deixar sair pra São Paulo, Vitória do Espírito Santo e outros lugares, Porto Seguro... De 95 a 99 foi pior. No início da vassoura de bruxa teve fazenda pra fechar, ou fechou. De 99 pra cá, começou a chover mais na região, foi erradicando mais a vassoura de bruxa. Isso veio dar um pouco de alimentação à região, novamente. Nós aprendeu a lidar com a vassoura de bruxa. Isso a CEPLAC vem orientando. Que nem aqui mesmo, sempre vem um técnico, formado. Eu venho trabalhando com o cacau desde 79. Fui pião, trabalhei com a limpa, poda, balizando, plantando, colhendo, secando, fiz de tudo.
- 12.
13. Ela é rica por causa do cacau. [...] nós cultiva ele do plantio até a secagem, daí em diante, a gente não tem mais contato com ele... Por isso não é mais rica. O contato daí em diante é com os exportadores. O que nós gasta de chocolate talvez é 1%, o que é pouco. Outra coisa, ela é pobre porque se nós tivesse ficado mais na região talvez podia ser uma região mais rica. Na safra, corre dinheiro, tem trabalho, tem movimento. Quando chega o paradeiro, de janeiro em diante, fica pobre. Muitas fazenda é mista, é gado e cacau, mas o gado ainda é pouco para agüentar os 6 meses de paradeiro. Hoje nós tamo vendendo a arroba de 50 reais... para os gastos que nós temos com cacau é muito pouco. Precisava de um incentivo para que os fazendeiro pudesse guentar os trabalhadores na fazenda.
14. Tá nos dois. A maioria do eleitor, hoje, ele vota pela necessidade e não pela vontade. No meu caso, tenho meu emprego, talvez não seja suficiente, mas eu sei me controlar com esse pouco que eu ganho, pra não precisar dar um voto... mas tem gente que precisa. O político corrupto ele vai usar dessa força, ou direta ou indiretamente.

15. Conheço, aqui nós temos um rapaz, Antônio Sergipano, esse rapaz chegou de fora, foi se ambientando, comprou um pedaço de mata ali em cima, derrubou os primeiros paus, ficou dentro dessa roça até colher os primeiros frutos. Hoje tá velhinho, dentro da roça dele, é vizinho nosso, aqui. Com toda dificuldade, passando alguma dificuldade, mas fez.
16. O burareiro já é chamado de burareiro porque ele vive dentro, e hoje essa história tá passando para o próprio fazendeiro, porque a maioria dos fazendeiros de 100, 200 hectares já tá fazendo isso também, morando na roça também. Essa fazenda aqui já produziu, um conjunto que se tinha aqui de pai e filho, chegou a produzir 75.000 arrobas de cacau. Hoje, ela foi reduzida, com a vassoura de bruxa, muito, não dá nem pra fazer um cálculo de um ano pra outro. Hoje os donos estão dando mais assistência, apesar que aqui o dono toda a vida deu assistência, ela era uma fazenda modelo aqui da região. [...].
17. Hoje, o que tá acontecendo é isso. O trabalhador tá com a família em Camacan, Jacarici, Pau Brasil, Jussari e tá trabalhando na roça. A maioria, quando recebe um dinheirinho, ele vai logo empregar numa casa. Pra no paradeiro ele ter um lugar onde morar e sair arranjando o dinheiro pra passar.
18. Pra Jacarici, montado, de carro, de pé. Pra Camacan, de ônibus.
19. Já trabalhei em propriedade que não deixava. De Almir Gama, morador em Ilhéus. Hoje, nessa propriedade grande, não dá pra fazer isso, na época da safra.
20. Isso é uma história que vem dos antigos. O morcego também semeia várias sementes na mata.
21. Eu uso isso. E sempre às quartas-feiras e às sextas-feiras. O feto e a taboa é assim. Se cortar ele, pode olhar, 3 dias depois ele tá brotando, a taboa, e o feto, ou 8 dias depois. Porque se faz essa meta de quebrar? Porque amassou ele, ele vai demorar, ele vai adoecer e muitos vai adoecer a raiz e não vai brotar mais.
22. Isso, pessoa da roça, tem muito preconceito com isso, e é certo. Hoje se eu fosse plantar uma horta, eu ia procurar uma quadra de lua de nova a crescente. No minguate eu ia evitar. Cacau, de enxertia, também, lua nova até a crescente.
23. Eu acho que valentia é falta de cultura, de saber, de entender as coisa. Na necessidade, pra se defender; não ser valente. Eu mesmo não sou muito chegado a valentia, mas sempre tem aquele negócio de defender aquilo que é meu, aquilo que eu tomo conta. Pra dar conta.

24. O que faz tudo certinho, não roubar, não iludir o patrão, não iludir meus trabalhador. Respeitar, cuidar bem deles que nem eu. Quero ser respeitado, pela família ao trabalhador.
25. A mulher direita que eu acho é ela ser bem comportada, respeitar marido, amiga, colega, seja o que for, o respeito é muito bom, isso já faz parte de ser direito, né?
26. Pelo uns lado, foi muito difícil e também já foi melhor. Devido às dificuldade que o fazendeiro tá passando, o fazendeiro cortou muitas coisa que ele fazia com o trabalhador dele, que hoje ele não pode fazer. Devido aos lucro que ele tá tendo com o cacau, ele reduziu muitas coisa. Não é por ele ser ruim ou ele não querer fazer. Porque antigamente nós chegou a trabalhar com 115 homem, dentro dessa propriedade aqui, já trabalhou 315, 320 homem. E tudo com carteira assinada. Hoje não dá pra trabalhar assim. Porque o custo pra manter uma pessoa registrada, pagando INSS, pagando fundo de garantia, tudo, tudo, o fazendeiro não pode. O que é que nós faz hoje? Contrata uma pessoa, dá uma empreitada a ele, pra ele livrar o dinheiro dele, pode até livrar mais do que a diária, mas não podemos guentar ele por muito tempo. Assina o documento quando ele sai, dá aquilo que ele tem direito, quando precisa chama de novo.
27. Sindicato tem uma parte boa e do outro lado pode ter uma parte ruim. Pode ter uns incentivo que prejudica o trabalhador, mas sempre é um órgão que veio pra proteger o trabalhador. [...] Se eu me sentisse prejudicado ia até o sindicato. Nunca precisei.
28. Não conheço muito, não, mas eu vejo falar alguma coisa de cooperativa.
29. É ficar os fim de semana com minha família, assistir um programa de televisão, rádio é cultura, né, então ouvir rádio, informação, jornais, esse tipo de coisa que deixa a pessoa bem informada.
30. É uma pessoa vulnerável, é uma pessoa que não é agressiva, comigo nem com os filhos, é uma pessoa que os outros se dão muito bem. 9 anos que está comigo. Num deixa de não ter aquele desencontro de marido e mulher, aquilo não tá no lugar certo, mas tudo volta ao normal, sem precisar se deixar, se largar.
31. Meus filhos não me dão muito trabalho, não. Porque eu tenho filho com 2 famílias, os mais velho estão estudando em Ilhéus, tem um aqui e tem 2 pequeno aí, mas que eu venho segurando, ensinando o melhor, pedindo pra fazer o melhor, pra ver se não dá trabalho, né, nunca filho ouve conselho de pai direitinho, mas se ouvir 80% já tá bom.

32. Eu acho que é. Não tive escola, fui criado sem isso, mas eu acho que é muito importante na vida do cidadão brasileiro. É o ponto pra ele partir pra uma vida melhor.
- 33.
34. Qualquer cidadão tem que ter uma religião, seja ela qual for... eu sou católico.
35. Rezo, faço minha prece, peço muito para que me proteja do mal, e todos aqueles que está ao meu redor, pra ser protegido e bem cuidado. A maior proteção que a gente tem é a providência divina.
36. Falam muito, mas eu nunca fui incomodado, graças a Deus. Procuro sempre rezar, nas horas certas. Sair... também não sou muito de sair nas horas errada, pra que também não aconteça. A pessoa sabe que aquilo ali tem uma coisa que não é bom, não vou passar ali.
37. Eu acho que é a pessoa fazer as coisa certa, agir certo [...].
- 38.
39. Eu acho assim, que tem vários tipos de sabedoria, porque quem estudou, quem se formou tem tudo pra ser sabido. Agora tem a pessoa que não se formou, que não passou pela faculdade, mas tem a sabedoria da experiência.
40. Tolo é a pessoa que não procura ver o que é ruim. Se passa por tolo porque muitas vezes não quer também se impor.
41. Hoje nós não vive sem a feira. É. Também, gente que faz da feira uma área de lazer. Lá ele encontra os amigo, vê parente, se encontra lá, é muito bom.
42. Eu dizia assim que eu era de médio a bom, pelo que eu acho que eu venho fazendo. Eu não gosto muito de confusão, não gosto de aborrecer, então sou uma pessoa meio pacatazinha, que não tive leitura pra ser uma pessoa bem desenvolvida, mas através de rádio, televisão, conviver no meio de gente experiente, passei a ser uma pessoa mais bom que ruim. O ruim que eu acho é roubar, matar, desonrar.
43. A leitura é muito bom, mas hoje, muitas vezes, na área da agricultura, nem a leitura fala mais alto. O que fala mais alto é ele conhecer, se qualificar com as pessoas que tem a leitura. É meu caso. Tem o Globo rural, que eu não perco, que me dá muitos ensinamento. E o patrão, pode dizer que é um técnico agrícola que conhece bem, que ele gosta daquilo que ele faz.
44. Ele ser obediente nas ordem, ou do fazendeiro ou do gerente, ele tem que cumprir 8 horas de serviço por dia, normal.

- 45.
46. Ouço.
47. Educativo, com informação, que traga algum benefício.
48. Assisto.
49. Globo Rural, Jornal e os fim de semana, Faustão, futebol.
50. Isso na minha região foi muito discutido, já foi muito falado. Se dizer a clonagem radicou a bruxa, radicou um pouco, melhorou muito. A clonagem vale a pena, nós não tá sofrendo os efeito que nós pretendia receber, ainda, de produção. Umas áreas porque as vez não é bem cultivado, outras porque também não é o local certo para elas. Tudo tem que ter seu local certo. Uma área que cultive enxertia tem que ser analisada antes. Hoje nós temos cerca de 750 mil clonados, aqui na fazenda. Em 80% desses clones, a gente já tá colhendo de 1 a 5 frutos, por ano. Chega a ter pé que colhe 20, 30, 40, mas não é por igual. Pra uns, trouxe resultado, pra outros, talvez não. Precisa de condições, tem que se tratar de clonagem que nem trata de uma criança... É por isso que eu disse que o governo federal, estadual, municipal tinha que dar mais chance, porque gasta muito. Porque se a pessoa tiver a clonagem e não tiver condições de cultivar ela, não vai dar resultado. O cacau comum, que nós já vinha cultivando ele há muito tempo, a gente começa a colher ele mês de abril até o mês de dezembro. O cacau clonado tem alguma diferença. No mês de janeiro muitas área ainda produzindo ou pouco ou muito ele fica produzindo. Não é o ano inteiro, mas produz. O clone, 1188, por exemplo, é o mais produtivo e o mais rendoso. Tem uma amêndoa graúda, com um total de 40 a 45 por fruto.
51. Pode ter alguém na região, nem todos vai se dar bem.